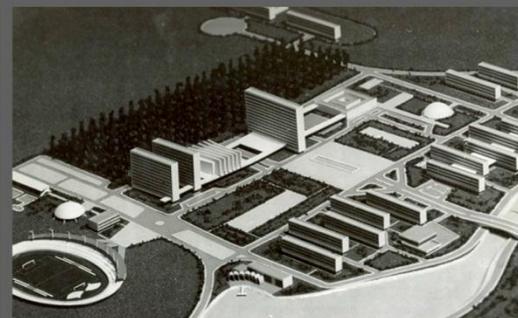
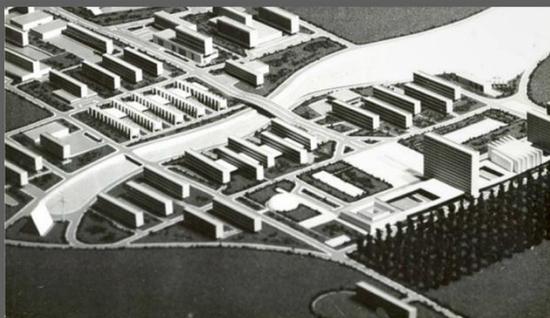


Campus da Universidade Federal de Santa Maria: um testemunho, um fragmento



Renata Venturini Zampieri

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura

Campus da Universidade Federal de Santa Maria: um testemunho, um fragmento

- Renata Venturini Zampieri -

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR), da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura

Orientação: Prof. Dra. Andréa Soler Machado

Porto Alegre, Setembro de 2011

CIP - Catalogação na Publicação

Zampieri, Renata Venturini
Campus da Universidade Federal de Santa Maria: um
testemunho, um fragmento / Renata Venturini
Zampieri. -- 2011.
218 f.

Orientadora: Andréa Soler Machado.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura,
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Porto
Alegre, BR-RS, 2011.

1. Campus Universitário. 2. Universidade Federal
de Santa Maria. 3. Arquitetura Moderna. 4.
Arquitetura Brasileira. I. Machado, Andréa Soler,
orient. II. Título.

Dedico esta dissertação aos meus pais, Valdir e Nilza Zampieri, pelo exemplo de vida e por fazerem com que sempre buscássemos o melhor para nosso crescimento; e aos meus irmãos, Fernanda e Eduardo, meus companheiros de toda a vida e para a vida toda.

Agradecimentos

Aos meus pais, pelo exemplo de luta e superação; e aos meus irmãos, que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando e apoiando minhas decisões.

Ao Guilherme Schneider, meu companheiro de vida, faculdade, discussões, e paixão pela Arquitetura, quem muito contribui para meu crescimento como estudante, arquiteta e pessoa, e sempre me apoiou.

À minha família materna e paterna, por serem grandes companheiros de sonhos e idealizações; e por incentivaram constantemente meu crescimento pessoal e profissional.

À Prof. Andréa Soler Machado, por acreditar em mim desde o início, me orientando e apoiando ao longo do desenvolvimento desta dissertação.

Aos meus colegas do PROPAP, por tornarem meu mestrado mais divertido e interessante.

A todos os professores do PROPAP, por acrescentar muitos conhecimentos à minha vida acadêmica.

Aos meus amigos, por tornarem minha caminhada mais leve.

Resumo

ZAMPIERI, Renata Venturini. **Campus da Universidade Federal de Santa Maria: um testemunho, um fragmento.** Orientadora: Prof. Dra. Andréa Soler Machado. Porto Alegre: UFRGS/FAU/PROPAR, 2011. Dissertação (Mestrado)

Em 14 de dezembro de 1960, um importante fato marcaria a história do município de Santa Maria, interior do estado do Rio Grande do Sul, e do ensino superior brasileiro. É a fundação da primeira universidade em uma cidade sem o status de capital, a Universidade Federal de Santa Maria, uma instituição inicialmente conformada pela reunião das faculdades então existentes no município. A partir da consolidação da Universidade, decide-se pela concentração de suas instalações em um *campus* universitário projetado especificamente para este fim. A criação da UFSM está inserida em um período de consolidação da arquitetura moderna brasileira, momento no qual esta já se tornara artifício para a conformação de uma imagem de renovação representativa do poder público. A cidade universitária de Santa Maria é concebida como território moderno, utilizado como representação do ideal de um tempo, consolidando um avanço em termos tecnológicos, arquitetônicos e sociais. Projetada pelos arquitetos mineiros radicados no Rio de Janeiro, Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti, no início da década de 60, o *campus* da UFSM configura-se como uma mini cidade moderna, é uma reprodução das ideias do urbanismo moderno da Carta de Atenas, e reproduz consagrados projetos urbanos de Le Corbusier e Lucio Costa. Utiliza noções de monumentalidade, hierarquia, separação funcional, organização das edificações em cidade-parque, e adoção de tipologias padrão para programas repetidos e soluções diversificadas para programas específicos. É a criação, evolução e consolidação deste *campus* universitário, os acontecimentos que levaram à concretização deste como tal, e as consequências de sua implantação; que são abordados nesta dissertação. O objetivo principal, na realidade, é levar ao conhecimento do público geral e específico este testemunho de importante período de nossa arquitetura nacional, e fragmento de cidade moderna ainda resistente, para a consolidação de um pensamento de preservação deste objeto arquitetônico.

Palavras-chave: *Campus* Universitário; Universidade Federal de Santa Maria; Arquitetura Moderna; Arquitetura Brasileira.

Abstract

ZAMPIERI, Renata Venturini. ***Campus of the Federal University of Santa Maria: a testimony, a fragment.***

On December 14, 1960, an important fact marked the history of the city of Santa Maria, in the state of Rio Grande do Sul, Brazil; and of the Brazilian higher education. It is the establishment of the first federal university in a city without the status of a Capital, the Federal University of Santa Maria (UFSM), an institution initially generated by the reunion of the existing colleges in the city. When the University was consolidated, it was decided by the concentration of its facilities in a *campus* projected specifically for this purpose. The conception of UFSM is inserted in a period of consolidation of the Brazilian modern architecture, moment when the modern architecture had already become artifice for the production of the image of the renovation of the government. The *campus* of Federal University of Santa Maria is projected as a modern territory, and is used as the representation of the ideal of a time, representing the technological, architectural, and social development. Projected by the architects Oscar Valdetaro and Roberto Nadalutti in the beginning of the sixties, UFSM's *campus* configures itself as a little modern city, being the representation of the Athens Charter's ideas of the modern urbanism and reproducing important urban projects of Le Corbusier and Lucio Costa. The *campus* uses the notion of monumentality, hierarchy, functional separation, edifications organized in a city-park, and adoption of standard typology for repeated programs and diversified solutions for specific programs. The creation, evolution and consolidation of this university *campus*, the events that made this possible, and the consequences of its completion; are analyzed in this paper. The main objective, in reality, is to inform the general and the specific public about this testimony of an important period of our national architecture, a remaining fragment of a modern city, for the consolidation of a thought of preservation of this architectural object.

Key-words: University *campus*; Federal University of Santa Maria; modern architecture; Brazilian architecture.

Sumário



*Campus da Universidade Federal de Santa Maria:
um testemunho, um fragmento*

INTRODUÇÃO	17
1. A constituição de uma história	27
1.1. A Universidade em um Panorama Geral	28
1.1.1. O HISTÓRICO DO ENSINO NA HUMANIDADE	28
1.1.2. A UNIVERSIDADE NO MUNDO	29
1.1.3. A UNIVERSIDADE NA AMÉRICA LATINA	31
1.1.4. A UNIVERSIDADE NO BRASIL	31
1.1.5. O ESPAÇO DE ENSINO DAS UNIVERSIDADES	34
1.1.6. O SURGIMENTO DO <i>CAMPUS</i> UNIVERSITÁRIO	37
1.1.6.1. O campus no Brasil	41
1.2. O município de Santa Maria	44
1.2.1. HISTÓRICO	46
1.2.2. POPULAÇÃO	47
1.2.3. ECONOMIA	47
1.2.3.1. A importância da Ferrovia para a economia municipal	48
1.2.4. O DESENVOLVIMENTO URBANO	49
1.3. Panorama Arquitetônico Brasileiro	53
1.3.1. O SURGIMENTO DO PENSAMENTO MODERNO NO BRASIL	54
1.3.2. O SURGIMENTO DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL	54
1.3.3. A REVOLUÇÃO NO ENSINO DA ARQUITETURA	60
1.3.4. A EXPERIMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA	62
1.3.4.1. O Ministério	64
1.3.4.2. A Universidade do Brasil	70
1.3.5. O PERÍODO DE CONSOLIDAÇÃO E EFERVESCÊNCIA	78
1.3.6. O EPISÓDIO DE BRASÍLIA	83
1.3.6.1. O Plano Piloto de Lucio Costa	86

2. A formação e o desenvolvimento da UFSM	93
2.1. A criação da Universidade Federal de Santa Maria	94
2.1.1. O CENTRO POLITÉCNICO E O INSTITUTO ELETROTÉCNICO	98
2.1.2. A PROCURA POR UM LOCAL PARA O CENTRO POLITÉCNICO E A USM	100
2.1.3. A CRIAÇÃO DA USM.....	103
2.2. A consolidação do espaço físico da Universidade de Santa Maria	107
2.2.1. OS ARQUITETOS RESPONSÁVEIS PELO PLANO PILOTO	109
2.2.2. O PROJETO PARA O CENTRO POLITÉCNICO.....	115
2.3. O Plano Piloto para o <i>Campus</i> da UFSM	118
2.3.1. OS PRIMEIROS ESTUDOS	121
2.3.2. O PLANO PILOTO APROVADO.....	126
2.3.3. OS ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS SIGNIFICATIVOS.....	140
2.3.3.1. Setor de Ensino: o Centro Politécnico	141
2.3.3.2. Setor de Ensino: o Centro Médico	145
2.3.3.3. Setor de Ensino: o Conjunto de Institutos e Faculdades	148
2.3.3.4. Setor de Ensino: a Biblioteca Central	154
2.3.3.5. Setor Residencial	157
2.3.3.6. Setor Comercial	161
2.3.3.7. Setor Esportivo e Recreativo	162
2.3.3.8. Setor Cívico, Cultural e Administrativo	165
2.3.4. A RELAÇÃO COM AS INSPIRAÇÕES E ANTECEDENTES	168
2.3.4.1. O Paralelo com a Universidade do Brasil	170
2.3.5. A CONSTRUÇÃO DO <i>CAMPUS</i>	174
3. O <i>Campus</i> hoje e seu futuro incerto	183
3.1. A evolução do <i>campus</i> de Santa Maria	184
3.2. O resultado de 50 anos de crescimento	194
3.2.1. A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA HOJE	194
3.2.2. A CONFORMAÇÃO URBANA DO <i>CAMPUS</i> DA UFSM HOJE.....	195
3.3. A importância da preservação	202
3.3.1. O ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE ACADÊMICA NA PRESERVAÇÃO	203
3.3.1.1. O Plano Diretor do Campus da UFSM	203
3.3.1.2. Outras ações desenvolvidas	205
3.3.1.3. Algumas barreiras para a preservação	208
CONCLUSÃO	209

Índice de ilustrações

Figura 01: Convento de Saint Gall, na Suíça.....	36
FONTE: RIBEIRO, 2008 p. 38	
Figura 02: Universidade de Coimbra	36
FONTE: http://jamilair.wordpress.com/2010/07/28/coimbra	
Figura 03: <i>Campus</i> da Universidade de Virginia.....	40
FONTE: http://cti.itc.virginia.edu/~jld5t/cww/1998/sup-rep2.html	
Figura 04: Universidade de Virginia	40
FONTE: http://faculty.virginia.edu/villagespaces/essay/	
Figura 05: Universidade de Virginia	40
FONTE: http://virtualandmemories.blogspot.com/2010/07/plano-central-do-campus-da-university.html	
Figura 06: Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro	43
FONTE: http://www.pr3.ufri.br/pr3/patrimonio.html	
Figura 07: mapa de localização de Santa Maria	45
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 08: vista da cidade de Santa Maria	45
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 09: vista da cidade de Santa Maria	45
FONTE: http://clubetrekking.wordpress.com/2010/09/05/142%C2%AA-trilha-morro-das-antenas-santa-maria-rs/	
Figura 10: Estação Férrea de Santa Maria	49
FONTE: http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/impressa/4,1304,3276414,16915	
Figura 11: planta da Freguesia de Santa Maria	50
FONTE: MARCHIORI, 1997 p.289 <i>apud</i> MELLO, 2002 p. 90	
Figura 12: planta da Vila de Santa Maria	50
FONTE: BELÉN, 1933 <i>apud</i> MELLO, 2002 p. 91, modificado pela Autora, 2011	
Figura 13: vista da Avenida Progresso	51
FONTE: MARCHIORI, 2008 p. 38	
Figura 14: vista da cidade de Santa Maria em 1940	51
FONTE: MARCHIORI, 2008 p. 46	
Figura 15: planta da cidade de Santa Maria	52
FONTE: MARCHIORI, 1997 p.84 <i>apud</i> MELLO, 2002	
Figura 16: imagem de satélite do município de Santa Maria	52
FONTE: Google Earth, manipulado pela Autora, 2011	
Figuras 17 e 18: fotos da Casa Modernista, de Gregori Warchavchik	58
FONTE: http://blog.surfacetair.com.br/misc/a-casa-modernista/	
Figuras 19 e 20: plantas da Casa Modernista, de Gregori Warchavchik	58
FONTE: BRUAND, 2008 p. 65	
Figuras 21 e 22: imagens da Casa Ernesto Fontes, de Lucio Costa	59
FONTE: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.022/798	
Figura 23: plantas e perspectiva da primeira proposta da equipe brasileira para o MES.....	67
FONTE: COMAS, 2002a	
Figura 24: croqui da primeira proposta de Le Corbusier para o MES	67
FONTE: COMAS, 2002a	

Figura 25: croqui da segunda proposta de Le Corbusier para o MES	67
FONTE: COMAS, 2002a	
Figura 26: foto do Ministério recém inaugurado	69
FONTE: http://www.papodearquitecto.com/2010/01/25/a-vida-de-le-corbusier-obras-teorias-e-projetos	
Figura 27: maquete do Ministério da Educação e Saúde	69
FONTE: http://www.educacional.com.br/reportagens/niemeyer/	
Figura 28: plantas do Ministério	69
FONTE: COMAS, 2002a	
Figura 29: implantação da proposta de Le Corbusier para a Cidade Universitária do Brasil	73
FONTE: OLIVEIRA, 2002	
Figura 30: vista da proposta de Le Corbusier para a Cidade Universitária do Brasil	73
FONTE: OLIVEIRA, 2002	
Figura 31: vista da proposta de Le Corbusier para a Cidade Universitária do Brasil	73
FONTE: OLIVEIRA, 2002	
Figura 32: implantação da proposta de Lucio Costa para a Cidade Universitária do Brasil	76
FONTE: OLIVEIRA, 2002	
Figura 33: vista da proposta de Lucio Costa para a Cidade Universitária do Brasil	76
FONTE: OLIVEIRA, 2002	
Figura 34: vista da proposta de Lucio Costa para a Cidade Universitária do Brasil	76
FONTE: OLIVEIRA, 2002	
Figura 35: Pavilhão de Nova York, 1939	79
FONTE: SEGAWA, 1999 p. 95	
Figura 36: plantas do pavilhão de Nova York, 1939	79
FONTE: BRUAND, 2008 p. 106	
Figuras 37 e 38: vistas do Pavilhão de Nova York, 1939	79
FONTE: SEGAWA, 1999 p. 95	
Figura 39: foto da fachada do Pavilhão de Nova York, 1939	79
FONTE: http://constelar.com.br/blog/index.php/dimitri/cat15/aniversariante_do_mes_oscar_niemeyer	
Figura 40: 5° colocado no Concurso de Brasília	85
FONTE: BRAGA, 2010 p. 53	
Figura 41: 5° colocado no Concurso de Brasília	85
FONTE: BRAGA, 2010 p. 73	
Figura 42: 5° colocado no Concurso de Brasília	85
FONTE: BRAGA, 2010 p. 90	
Figura 43: 3° e 4° colocado no Concurso de Brasília	85
FONTE: BRAGA, 2010 p. 105	
Figura 44: 3° e 4° colocado no Concurso de Brasília	85
FONTE: BRAGA, 2010 p. 126	
Figura 45: 2° colocado no Concurso de Brasília	85
FONTE: BRAGA, 2010 p. 141	
Figura 46: Plano Piloto de Lucio Costa para Brasília	87
FONTE: BRAGA, 2010 p. 157	
Figura 47: Plano Piloto de Lucio Costa para Brasília	90
FONTE: BRAGA, 2010 p. 157	
Figura 48: Plano Piloto de Lucio Costa para Brasília	90
FONTE: BRAGA, 2010 p. 230	

Figura 49: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição	97
FONTE: ISAIA, 2006 p. 115	
Figura 50: Vista aérea da Faculdade de Farmácia	97
FONTE: MARCHIORI, 2008 p. 77	
Figura 51: Vista aérea da Faculdade de Farmácia e Faculdade de Economia	97
FONTE: MARCHIORI, 2008 p. 90	
Figura 52: Faculdade de Economia	97
FONTE: Acervo da UFSM, 2010	
Figura 53: Faculdade de Farmácia	97
FONTE: Acervo da UFSM, 2010	
Figura 54: maquete Centro Politécnico.....	102
FONTE: SCHLEE, 2003 p. 4	
Figura 55: Instituto Eletrotécnico.....	102
FONTE: CARDOSO, 1962 p. 29	
Figura 56: Instituto Eletrotécnico.....	102
FONTE: Acervo da UFSM, 2010	
Figura 57: imagem de satélite da cidade de Santa Maria	102
FONTE: Google Earth, manipulado pela Autora, 2011	
Figura 58: Maternidade Escola Assis Chateaubriand	111
FONTE: http://www.meac.ufc.br/	
Figura 59: Maternidade Escola Assis Chateaubriand	111
FONTE: http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=709918	
Figura 60: Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto	111
FONTE: TOLEDO, 2002 p. 54	
Figura 61: Hospital Santa Mônica	111
FONTE: http://www.hospitalbelohorizonte.com.br/o-hospital/historia-do-hbh	
Figura 62: Hospital Santa Mônica	111
FONTE: TOLEDO, 2002 p. 35	
Figura 63: maquete do Hospital de Clínicas da UFRGS	113
FONTE: SILVA, 2006 p. 161	
Figura 64: Hospital Distrital de Brasília	113
FONTE: http://www.flickr.com/photos/gihsanches/4953167328/in/photostream	
Figura 65: Centro de Instrução Almirante Sylvio Camargo	113
FONTE: http://bp0.blogger.com/_H2QiDKx03fQ/SH6AAZGLmWI/AAAAAAAAAF0/QN0Gx3lw9G0/s1600-h/For.+Ciasc-1998.jpg	
Figura 66: Roberto Nadalutti.....	114
FONTE: http://www.fortunecity.com/oasis/seychelles/732/historia.htm	
Figura 67: Oscar Valdetaro.....	114
FONTE: Caderno UFSM 50 anos, 2010 p. 44	
Figura 68: Maquete do Plano para o Centro Politécnico	116
FONTE: ARRUSSUL, 2009 p. 92	
Figura 69: Maquete do Plano para o Centro Politécnico	116
FONTE: SCHLEE, 2003 p. 4, modificado pela Autora, 2011	
Figura 70: Implantação do <i>campus</i> do Fundão	116
FONTE: SEGAWA, 2006 p. 41	

Figura 71: Instituto Eletrotécnico	118
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 57	
Figura 72: Primeiro estudo para o Plano Piloto do <i>campus</i> da UFSM	124
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 33, modificado pela Autora, 2011	
Figura 73: Planta do Plano Piloto do <i>campus</i> da UFSM	127
FONTE: CARDOSO, 1962	
Figura 74: Perspectiva do Plano Piloto do <i>campus</i> da UFSM	129
FONTE: CARDOSO, 1962	
Figuras 75 e 76: Plantas do Projeto de Implantação do <i>campus</i> da UFSM	129
FONTE: Acervo da UFSM, 2010	
Figura 77: Implantação do projeto para o <i>campus</i> da UFSM	131
FONTE: Acervo da UFSM, 2010, modificado pela Autora, 2011	
Figura 78: Esquema compositivo do Plano Piloto para a UFSM	135
FONTE: Acervo da UFSM, 2010, modificado pela Autora, 2011	
Figura 79: Maquete do Plano Piloto	140
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 34	
Figura 80: Zoneamento do Centro Politécnico	143
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 81: Planta do Centro Politécnico	143
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 82: Construção do Centro Politécnico	143
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 83: Foto do Centro Politécnico finalizado	143
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 84: Zoneamento do Centro Médico e Biblioteca	147
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 85: Foto da construção do <i>campus</i>	147
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 86: Foto da construção do Hospital de Clínicas	147
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 87: Foto atual do Hospital Universitário	147
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 88: Foto atual do Hospital Universitário	147
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 89: Zoneamento das edificações dos Institutos e Faculdades	150
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 90: Planta de um dos Institutos	150
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 91: Foto da construção dos prédios dos Institutos	150
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 92: Foto da construção dos prédios das Faculdades	150
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 93: Foto atual dos Institutos	150
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 94: Planta do Centro de Ciências Naturais e Exatas	153
FONTE: A Autora, 2011	

Figuras 95 e 96: Fotos da construção do CCNE	153
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 87 e p. 110	
Figura 97: Fotos do CCNE recém inaugurado.....	153
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 98: Foto atual do CCNE.....	153
FONTE: A Autora, 2010	
Figura 99: Planta da Biblioteca	156
FONTE: A Autora, 2010	
Figura 100: Fotos da Biblioteca em construção	156
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 51 e p. 70	
Figuras 101 e 102: Fotos da Biblioteca em construção	156
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figuras 103 e 104: Fotos da Biblioteca recém inaugurada	156
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 100 e p. 112	
Figura 105: Foto atual da Biblioteca	156
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 106: Zoneamento do Setor Residencial	158
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 107: Construção dos Blocos Residenciais para estudantes	158
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 108: Construção dos Blocos Residenciais para estudantes	158
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 109: Foto aérea do conjunto de Blocos Residenciais para estudantes	158
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 110: Vista da Cidade Universitária na década de 1970	158
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 111: Planta da União Universitária	160
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 112: Construção da União Universitária	160
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 62	
Figura 113: Construção da União Universitária	160
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 63	
Figura 114: União Universitária em finalização	160
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 103	
Figura 115: União Universitária na década de 90	160
FONTE: http://sucuri.ufsm.br/_outros/visita_predios.php	
Figura 116: Construção do Estádio	164
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 117: Construção do Estádio	164
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 118: Construção do Estádio	164
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figuras 119 e 120: Construção do Estádio	164
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 100 e p. 112	
Figura 121: Estádio finalizado	164
FONTE: http://w3.ufsm.br/infocampus/?p=955	

Figura 122: Foto da maquete do <i>campus</i> , com detalhe na Praça Cívica	166
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 32	
Figura 123: Construção do Planetário	166
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 77	
Figura 124: Construção da Reitoria	166
FONTE: PAVEZI, 2010 p. 118	
Figura 125: Foto aérea do Planetário e Reitoria	166
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 126: Foto do Planetário atualmente	166
FONTE: A Autora, 2011	
Figuras 127 e 128: Fotos da Reitoria atualmente	166
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 129: Perspectiva proposta Le Corbusier para Universidade do Brasil	172
FONTE: OLIVEIRA, 2002	
Figura 130: Implantação proposta Le Corbusier para Universidade do Brasil	172
FONTE: OLIVEIRA, 2002	
Figura 131: Perspectiva proposta Lucio Costa para Universidade do Brasil	172
FONTE: OLIVEIRA, 2002	
Figura 132: Implantação proposta Lucio Costa para Universidade do Brasil	172
FONTE: OLIVEIRA, 2002	
Figura 133: Foto maquete Plano Piloto da UFSM	172
FONTE: A Autora, 2006	
Figura 134: Implantação Plano Piloto da UFSM	172
FONTE: Acervo da UFSM, 2010	
Figura 135: Fases para implantação da primeira etapa do <i>Campus</i>	176
FONTE: CARDOSO, 1962	
Figura 136: Planta do <i>Campus</i> projetado	176
FONTE: Acervo da UFSM, modificado pela Autora, 2011	
Figura 137: Foto aérea da UFSM na década de 1970	176
FONTE: SCHLEE, 2003 p. 10	
Figura 137: Foto aérea da UFSM na década de 1970	176
FONTE: SCHLEE, 2003 p. 10	
Figura 138: Fotos de lugares visitados pelos funcionários do Escritório de Obras da UFSM	179
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 139: lançamento da pedra fundamental da construção do <i>Campus</i>	179
FONTE: http://w3.ufsm.br/50anos/index.php?canal=oprincipio	
Figuras 140, 141 e 142: Fotos do início da construção do <i>Campus</i>	179
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figuras 143, 144, 145 e 146: Fotos da construção do <i>Campus</i> em 1969	181
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figuras 147 e 148: Fotos da construção do <i>Campus</i> em 1971	181
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figura 149: Foto da construção do <i>Campus</i> em 1971	181
FONTE: Acervo da UFSM, 2009	
Figuras 150 e 151: Fotos aéreas do <i>Campus</i> em setembro de 1970	182
FONTE: http://www.ufsm.br/memorialreitormariano/memorial.html	

Figura 152: Foto do <i>Campus</i> em 1974.....	182
FONTE: Caderno UFSM 50 anos, 2010 p. 6	
Figura 153: Planta com marcação das épocas de construção.....	185
FONTE: Acervo da UFSM, modificado pela Autora, 2011	
Figura 154: Incubadora de Empresas de Base Tecnológica	187
FONTE: A Autora, 2011	
Figuras 155 e 156: Centro de Educação	187
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 157: Edificações de apoio à Reitoria (CPD e COPERVES).....	187
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 158: Edifício da Turma do Ique	187
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 159: Agências Bancárias	187
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 160: Anexos dos Hospitais	190
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 161: Anexo do CCNE	190
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 162: Anexos do CT	190
FONTE: A Autora, 2011	
Figuras 163 e 164: Anexos do CAL e CCR	190
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 165: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais	193
FONTE: A Autora, 2009	
Figuras 166 e 167: Memorial Mariano da Rocha e Centro de Convenções	193
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 168: Quarteirão das novas edificações do CCSH	193
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 169: Novo Restaurante Universitário	193
FONTE: A Autora, 2011	
Figuras 170 e 171: Imagens de satélite do <i>Campus</i> atualmente	196
FONTE: Google Earth, 2011	
Figura 172: Implantação atual do <i>Campus</i> da UFSM	196
FONTE: Acervo da UFSM, modificado pela Autora, 2011	
Figura 173: Mapa figura-fundo <i>Campus</i> planejado.....	199
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 174: Mapa figura-fundo <i>Campus</i> atualmente	199
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 175: Evolução da ocupação urbana nos últimos 50 anos.....	199
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 176: Mapa figura-fundo <i>Campus</i> atualmente	201
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 177: Foto recente do espaço destinado à Praça Cívica	201
FONTE: http://jararaca.ufsm.br/websites/xxviiseurs/f4c790430819e0422cb78306d97d5873.htm	
Figura 178: Foto aérea do <i>Campus</i> em 2010	201
FONTE: Caderno UFSM 50 anos, 2010 p.7	

Figura 179: Foto aérea do <i>Campus</i> da UFSM em 2010	201
FONTE: http://salavipcom.blogspot.com/2011_02_01_archive.html	
Figura 180: Foto do quarteirão a oeste dos Institutos e Faculdades	201
FONTE: A Autora, 2011	
Figura 181: Páginas do caderno em comemoração ao cinquentenário da UFSM	207
FONTE: Caderno UFSM 50 anos, 2010	
Figura 182: Material para elaboração da maquete da Reitoria	207
FONTE: Projeto Cidade de Papel, encartado no Jornal Diário de Santa Maria, 2011	
Figura 183: Capa do livro <i>Concretizando um ideal: a cidade universitária da UFSM de 1960 a 1973</i>	207
FONTE: PAVEZI, 2010	
Figura 184: Capa do livro <i>UFSM - memórias</i> , de Luiz Gonzaga Isaia	207
FONTE: ISAIA, 2006	

Introdução



*Campus da Universidade Federal de Santa Maria:
um testemunho, um fragmento*

Enquanto satisfaz apenas às exigências técnicas e funcionais - não é ainda arquitetura; quando se perde em intenções meramente decorativas - tudo não passa de cenografia; mas quando aquele que a ideou, pára e hesita, ante a simples escolha de um espaçamento de pilar ou da relação entre a altura e largura de um vão, e se detém na procura obstinada da justa medida entre cheios e vazios, na fixação dos volumes e subordinação deles a uma lei, e se demora atento ao jogo dos materiais e seu valor expressivo - quando tudo isto se vai pouco a pouco somando, obedecendo aos mais severos preceitos técnicos e funcionais, mas também àquela intenção superior que seleciona, coordena e orienta em determinado sentido toda essa massa confusa e contraditória de detalhes, transmitindo assim ao conjunto ritmo, expressão, unidade e clareza - o que confere à obra o seu caráter de permanência: isto sim - é arquitetura. (COSTA, 1936 In: XAVIER, 1962 p. 80)

O ideal do *Campus* Universitário como uma síntese, e ao mesmo tempo experimentação do urbanismo moderno, precedido pela Carta de Atenas, estudado e elaborado internacionalmente por Le Corbusier, e no Brasil por Lucio Costa; é o ponto de partida para as análises e discussões desta dissertação. As Cidades Universitárias fundadas e idealizadas a partir da década de 30 no país foram uma grande fonte de experimentação da arquitetura e do urbanismo modernos brasileiros; e é perante este quadro que se estabelece a relação com o *Campus* da Universidade Federal de Santa Maria, projetado com base no urbanismo de caráter e discurso moderno, no início da década de 60, em uma cidade brasileira periférica. A ideia do projeto e obra construída como documento representativo de uma época também está presente, e torna de maior interesse o tema aqui proposto.

A motivação pelo estudo deste *Campus* Universitário tem início na própria relação entre a autora e a Universidade em questão. Minha primeira aproximação com o ensino e a aprendizagem, se deu justamente no *Campus* desta Universidade, através do estudo na Escola de Educação Infantil da Instituição. Por toda minha infância e adolescência continuei bastante vinculada à Universidade de Santa Maria por meio da profissão de minha mãe, professora na Instituição desde antes mesmo do meu nascimento. Ao finalizar o Ensino Médio, cursei a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na mesma Universidade, e foi neste período que iniciou minha relação maior com o *campus* propriamente dito, com suas edificações e o espaço urbano conformado. Ao longo da Faculdade, trabalhei em diversos projetos de pesquisa e extensão dentro da Instituição, fazendo com que eu olhasse ainda mais para todo

aquele espaço que me rodeava por maior parte dos dias dos cinco anos da faculdade de Arquitetura. Graduei-me no início de 2009, período em que se intensificava a construção de novas edificações na Cidade Universitária, e a intervenção nas edificações existentes também era intensa, e muitas vezes desastrosa. Desde então, uma das minhas maiores preocupações passou a ser divulgar este projeto de arquitetura moderna, para que comunidade acadêmica e sociedade santa-mariense em geral pudessem apreender sua real importância e, a partir daí, iniciar um pensamento acerca da preservação deste espaço urbano que em tanto representa um importante período da nossa arquitetura nacional.

Campus da UFSM, de 1960 a 2011

A história da Universidade de Santa Maria tem início em 1931, data da criação da Faculdade de Farmácia, primeira faculdade do município e que depois viria a fazer parte desta Universidade. Desde este ano até 1960, ano da fundação oficial da UFSM, mais seis faculdades seriam criadas: Faculdades de Ciências Políticas e Econômicas, de Direito, Medicina, Enfermagem, Letras e o Centro Politécnico. Em 14 de dezembro de 1960, através da Lei nº 3.834-C, assinada pelo então Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, é finalmente criada oficialmente a Universidade de Santa Maria. Posteriormente, a partir de uma lei federal de 1965, que dispõe sobre a denominação e qualificação das universidades federais, esta passa a denominar-se Universidade Federal de Santa Maria.

A UFSM tem uma importância estratégica muito grande, uma vez que está situada no centro do Estado do Rio Grande do Sul, abrangendo uma grande área territorial, dando assistência, atualmente, e desde sua fundação, a diversas cidades de todas as regiões do estado. Hoje a estrutura física da Universidade está dividida entre a Cidade Universitária Dr. José Mariano da Rocha Filho, objeto de estudo desta dissertação, três edificações no centro da cidade de Santa Maria, e ainda dois outros *campi* em três outros municípios, sendo estes o Centro de Educação Norte (CESNORS), em Palmeira das Missões e Frederico Westphalen, e a Unidade Descentralizada de Educação Superior de Silveira Martins, município localizado a 40km de Santa Maria. Atualmente a universidade possui um total de 24.604 alunos, 1.682 professores, e 2.685 técnico-administrativos.

Desde o início da concepção da Universidade, a ideia de um *campus* universitário que reunisse todas as instalações da instituição estava presente. A partir do ano seguinte da fundação, passam a ser elaborados os estudos para os planos pilotos da Cidade Universitária, sendo o quinto estudo o aprovado pelo Conselho Universitário, em 1962, mesmo ano no qual se dá início à implantação do *campus*.

O projeto do Plano Piloto para a Cidade Universitária de Santa Maria está inserido em um contexto de interiorização e expansão da arquitetura moderna brasileira. Desde 1936, com o projeto para o Ministério da Educação e Saúde Pública, e os estudos de Le Corbusier e Lucio Costa para a Cidade Universitária da Universidade do Brasil, a arquitetura moderna vinha consolidando-se como a linguagem oficial dos edifícios públicos e da alta sociedade brasileira. Em 1960, esta já havia consagrado-se como tal nos grandes centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e, principalmente, Brasília, recém-inaugurada. A utilização da arquitetura moderna estava muito relacionada ao artifício desta como uma imagem de renovação representativa do poder público. Segundo Curtis,

No Brasil, a arquitetura moderna foi adotada pelo governo para simbolizar políticas 'progressistas' de centralização e industrialização, e também para refletir uma preocupação antiga com os modelos 'universalizantes' de cultura, derivados do Iluminismo Europeu.
(CURTIS, 2008 p. 389)

Na década de 60, esta imagem já estava vinculada e presente em importantes obras públicas das capitais brasileiras, como: o Palácio Capanema, de 1936, da equipe liderada por Lucio Costa, e os projetos de Affonso Eduardo Reidy, no Rio de Janeiro; o Conjunto da Pampulha e o Conjunto Habitacional Juscelino Kubitschek, ambos projetos de Oscar Niemeyer, de 1940 e 1951, respectivamente, em Belo Horizonte; os Palácios da Justiça e da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, de 1953 e 1958, em Porto Alegre; e toda a cidade projetada e construída de Brasília, com Plano Piloto de Lucio Costa e edificações de Oscar Niemeyer.

Desde o primeiro projeto com características modernas no Brasil, o Palácio do Ministério, a presença do poder público, de governantes ou pessoas de renome à frente da idealização dos projetos é destacável. A atuação de Gustavo Capanema, juntamente com Getúlio Vargas, nos episódios do Ministério e da Universidade do Brasil, foi muito importante para o surgimento e aceitação da arquitetura moderna no país. Juscelino Kubitschek foi outro importante nome na consolidação da arquitetura

moderna brasileira, primeiramente em Belo Horizonte, e posteriormente no concurso e implantação de Brasília. Em Santa Maria, no caso da Cidade Universitária, sua idealização como território moderno, utilizado como representação do ideal de um tempo, também teve um importante nome a ela relacionado, o de José Mariano da Rocha Filho, médico idealizador e fundador desta Universidade. Certamente a presença do Dr. Mariano na liderança do Conselho Universitário e da Reitoria, sendo este a personificação da própria instituição, está intrinsecamente relacionada à elaboração de um projeto moderno para o *campus* de Santa Maria, uma vez que este tinha ideais bastantes claros, e entre eles, certamente, estava a intenção da Universidade representar um avanço em termos tecnológicos, arquitetônicos e sociais; e para tanto, a arquitetura moderna, neste momento de certa forma a “oficial” no país, tornava-se a linguagem mais apropriada a ser utilizada.

Além da importância simbólica da Cidade Universitária de Santa Maria, uma vez que esta é a primeira obra moderna desta envergadura construída em uma cidade no interior do estado do Rio Grande do Sul, há também uma relevância arquitetônica do projeto como um todo. O Plano Piloto da Cidade Universitária de Santa Maria é bastante interessante, ele realmente configura-se como uma mini cidade moderna, e é uma reprodução das ideias do urbanismo moderno da Carta de Atenas, de Le Corbusier e Lucio Costa, com a utilização das noções de monumentalidade, hierarquia, separação funcional, e a organização das edificações em cidade-parque. Ele transcreve soluções urbanas adotadas em projetos de urbanismo para as cidades construídas de Chandigarh e Brasília, e em estudos urbanos como a Ville Radieuse e as cidades universitárias da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Os arquitetos mineiros responsáveis pelo Plano Piloto de Santa Maria, Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti, deixam claro em sua memória justificativa a fundamentação das razões da arquitetura por eles formulada:

O nosso trabalho é baseado nas leis imutáveis da Grande Arquitetura de todos os tempos, e nos princípios da arquitetura moderna, frutos da técnica contemporânea: estrutura independente, plano livre, fachada livre (VALDETARO e NADALUTTI, 1962 p. 24).

Ao mesmo tempo em que o projeto para o *campus* de Santa Maria atua como difusor da arquitetura moderna no âmbito local, devido ao seu caráter institucional e de relevância para o município; ele coloca a cidade de Santa Maria em um panorama

nacional da arquitetura, uma vez que adota como sistema projetual a linguagem universal da arquitetura moderna. Por todas estas razões, pode-se dizer que este é um bom exemplo de conjunto urbano e arquitetônico moderno, e que, portanto, deve ser analisado e estudado, tendo como principal objetivo o conhecimento do mesmo para uma possível preservação.

A partir desta breve análise inicial, percebe-se que o *Campus* da Universidade Federal de Santa Maria pode ser visto como um **testemunho** das características sociais, econômicas e arquitetônicas do período em que foi planejado, do pensamento e idealizações de um momento próprio da história brasileira; e um **fragmento** de cidade e pensamento moderno em meio a uma cidade de configuração e mentalidade tradicional. Esta dissertação tem como principal objetivo a apresentação deste *campus*, desde seus primeiros estudos e projeto do Plano Piloto definitivo, até a implantação da Universidade, contendo também uma análise de suas edificações; podendo levar este projeto a conhecimento público e, a partir de então, se pensar na preservação deste espaço urbano e arquitetônico.

O sistema de abordagem

Para uma aproximação ao tema, e um entendimento de suas relações, fez-se necessário uma contextualização inicial dos aspectos que, de alguma maneira ou de outra, fizeram com que o *campus* se consolidasse como tal. Primeiramente foram estudadas as formas de ensino e os espaços universitários, como se deram suas concepções e evoluções históricas, e o que levou a educação superior ao cenário que se tinha no momento de criação da UFSM; tendo em vista demonstrar o porquê da decisão de criação de um *campus*, e não de faculdades isoladas, e das políticas pedagógicas utilizadas desde o início das atividades da Universidade de Santa Maria. Posteriormente é elaborada uma explanação acerca do município sede da Universidade, Santa Maria, no interior do estado do RS; para que se tenha um conhecimento das características sociais, políticas e econômicas do município que daria lugar à primeira Universidade brasileira em uma cidade sem o status de capital. Em um último momento desta contextualização inicial, foram abordados os aspectos arquitetônicos que influenciaram a elaboração do Plano Piloto, através de um panorama da arquitetura moderna brasileira, desde a reforma no ensino da

arquitetura, coordenada por Lucio Costa, em 1930; passando pelas primeiras edificações modernas, a partir de 1936; e realizando uma análise mais aprofundada dos elementos arquitetônicos que influenciaram de maneira mais explícita o Plano da Universidade de Santa Maria, como os estudos para a Universidade do Brasil, e o concurso de Brasília. Este panorama da arquitetura brasileira é de fundamental importância para o entendimento do contexto que levou à consolidação da Cidade Universitária de Santa Maria como tal, principalmente através dos elementos que acabaram sendo fonte da formação arquitetônica dos arquitetos responsáveis pelo Plano, Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti.

Após este contexto inicial, foi dado início às análises relacionadas mais diretamente ao tema de estudo e objetivo desta dissertação, o *campus* da UFSM. Primeiramente foram abordados os aspectos históricos da criação da Universidade e das unidades de ensino que posteriormente formariam uma única instituição. Em um segundo momento, foi dado ênfase à consolidação do espaço físico da Universidade, com uma abordagem em relação aos primeiros estudos para os planos da cidade universitária, e uma análise aprofundada do Plano Piloto aprovado, incluindo os contextos urbanos e arquitetônicos. Além disso, foram feitas apreciações em relação à construção do *campus*, como esta se deu, que elementos acabaram sendo consolidados, e quais nunca passaram de projeto. Por fim, para consolidar um dos objetivos da dissertação, o conhecimento para posterior preservação do elemento arquitetônico aqui analisado, é feito um relato em relação às alterações realizadas com o passar dos anos no *campus* da Universidade, as novas edificações construídas, as intervenções nos elementos históricos, e as descaracterizações causadas por estas. Além disso, são abordadas as ações que têm sido realizadas que, de alguma maneira ou de outra, acabam ajudando na consolidação de um pensamento preservacionista.

A dissertação, portanto, foi estruturada a partir de um esclarecimento das bases necessárias para a ampla compreensão do elemento arquitetônico analisado, a análise propriamente dita do objeto de estudo, e as possíveis ações para preservação do mesmo; ou seja, é dado o conhecimento do *campus*, a compreensão de sua importância histórica e arquitetônica, resultando na formação do pensamento de preservação, levando-se em consideração a máxima de que só se preserva o que se conhece.

As fontes bibliográficas

Foram utilizadas diferentes fontes bibliográficas ao longo do desenvolvimento desta dissertação, desde uma pesquisa acerca do histórico das universidades em termos globais e nacionais; passando pelo espaço de ensino destas, aí incluído o *campus* universitário; analisando o contexto local, a formação e os aspectos históricos e geográficos do município de Santa Maria; e ainda um panorama arquitetônico, que deixa clara a base teórica e a fundamentação da arquitetura brasileira, que levaram à formação arquitetônica e cultural dos arquitetos responsáveis pelo projeto de Santa Maria, e, por conseqüência, do próprio *campus*.

O primeiro texto que me aproximou ao tema de estudo foi o artigo do Prof. Andrey Rosenthal Schlee, publicado nos anais do 5º Seminário Docomomo Brasil, em 2003, sob o título “Reproduzindo modelos: o Plano Piloto para o *campus* da Universidade Federal de Santa Maria, RS”. No artigo, Schlee realiza uma análise muito esclarecedora dos Planos anteriores e do Plano Piloto definitivo para o *campus*, relacionando-os aos importantes projetos de Le Corbusier e Lucio Costa para a Universidade do Brasil, e ainda ao projeto de Jorge Moreira para o *campus* do Fundão. O artigo trás também esclarecimentos acerca dos tipos de *campi* universitários que foram sendo desenvolvidos através da história, e as conseqüências da utilização de um ou de outro para o próprio funcionamento das universidades. Este se tornou importante fonte de pesquisa desde os primeiros momentos da pesquisa até a elaboração definitiva desta dissertação. Foi a partir deste artigo que começaram a ser feitos os meus próprios questionamentos acerca do tema aqui proposto.

Para a elaboração do capítulo 01, que na realidade definiu-se como uma conceituação teórica e a própria revisão bibliográfica, fez-se uso de uma bibliografia bastante diversificada. A pesquisa foi iniciada tendo como ponto chave o histórico do ensino superior e das instalações físicas das instituições. Para tanto, foram válidas a dissertação e tese de Klaus Chaves Alberto, que abordam como tema principal, respectivamente, os projetos para a Universidade do Brasil e para a Universidade de Brasília; mas também relatam questões relacionadas ao ensino e educação de uma maneira geral. Também se fez uso da dissertação de Luciano Arrussul, que tinha como tema central também o *Campus* da UFSM, porém com outro enfoque, a relação deste

com o município de Santa Maria; sendo fonte importante tanto para o tema específico como para esta abordagem inicial. Além destas fontes, foram utilizados muitos outros artigos publicados em diferentes seminários ou livros da área da educação e da arquitetura (CUNHA, 1980; MENDONÇA, 2000; PRIETO, 2005; RIBEIRO, 2008; ROSSATO, 2005). Este apanhado de textos e dissertações fez possível a elaboração de um paralelo entre a história do ensino superior no país e o espaço físico que o abriga, permitindo o entendimento em relação ao processo de implantação dos *campi* universitários no país, e a adoção da linguagem moderna como referência política, arquitetônica e urbanística das instituições.

Ainda neste primeiro capítulo, a fim de se elaborar uma boa conceituação histórica e geográfica em relação ao município de Santa Maria, foram utilizados como base dois livros editados em períodos diferentes, sendo um deles o de João Belén, datado de 1933; e outro de Aristilda Rechia, de 1999. Outras fontes complementares ainda foram consultadas, como o livro de Neida Ceccim Morales, com memórias sobre a fundação do município, editado em 2008.

Em relação ao panorama arquitetônico, a base da pesquisa foi a tese de Carlos Eduardo Dias Comas, que organiza e relaciona de maneira bastante clara a arquitetura moderna brasileira como um todo. Além desta, foram utilizados os livros de Segawa, Bruand, de Ruth Verde Zein e Maria Alice Junqueira Bastos, e ainda os importantes livros de depoimentos, como os organizados por Alberto Xavier; Luis Paulo Conde, Julio Katinsky, e Miguel Alves Pereira; Edgar Graeff, Flávio Marinho Rêgo, Joaquim Guedes e João Filgueiras Lima. O recente “O Concurso de Brasília”, de Milton Braga, e o já consagrado “Sobre Arquitetura”, organizado por Alberto Xavier, também foram importantes fontes de pesquisa para as análises projetuais aqui apresentadas.

Para a elaboração do contexto histórico da própria Universidade Federal de Santa Maria, dois livros foram fundamentais. O primeiro deles é um livro escrito em 1962, organizado por Edmundo Cardoso, com relatos sobre o início da história da universidade; artigos do fundador da instituição, Dr. Mariano da Rocha; memorial de projeto dos arquitetos Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti; e ainda uma série de informações complementares, sobre o programa político-pedagógico da instituição, os cronogramas de obras do *campus* e o andamento do que já estava sendo feito na Universidade. A importância deste livro, acima de tudo, está em ele ser um relato da

própria época, uma leitura dos acontecimentos logo que haviam acontecido, e carrega consigo a intenção de modernidade, de avanço técnico e educacional, discurso tanto proferido pelos idealizadores da Universidade. Outro livro importante é mais recente, datado de 2006, e denominado “USM: memórias”, de Luiz Gonzaga Isaia. Este relata todo o histórico de formação da universidade, desde sua primeira faculdade, a criação da Associação Santa-mariense Pró Ensino Superior, a criação das demais faculdades, a fundação da Universidade, seu processo de implantação, e demais relatos históricos pertinentes. Foi fundamental para o entendimento de todo o processo evolutivo.

A análise arquitetônica e urbana do conjunto do *campus* universitário foi auxiliada pelas já citadas obras de Schlee e Arrussul, e de artigos publicados sobre o assunto específico. Outra importante fonte de pesquisa sobre o projeto do *Campus* foi o arquivo de plantas da Universidade, sob responsabilidade da Prefeitura da Cidade Universitária, que é fonte riquíssima de plantas históricas que denotam a evolução do processo projetual e de execução.

A constituição de uma história



*Campus da Universidade Federal de Santa Maria:
um testemunho, um fragmento*

Este capítulo tem como objetivo a abordagem do contexto histórico, econômico, social e arquitetônico que antecede a criação da Universidade Federal de Santa Maria e de sua Cidade Universitária. Para tanto, trata-se de uma explanação a respeito dos históricos das universidades no âmbito brasileiro e mundial e como isso reflete em seus projetos urbanos e/ou arquitetônicos. Além desta breve contextualização acerca do universo das instituições de ensino superior, apresenta-se como fundamental ao entendimento do processo de criação da universidade, uma abordagem acerca do município de Santa Maria e suas características físicas, geográficas, econômicas e historiográficas; que também se faz presente neste capítulo introdutório e contextualista.

1.1. A Universidade em um panorama geral

1.1.1. O HISTÓRICO DO ENSINO NA HUMANIDADE

A história da educação e do ensino de uma maneira geral confunde-se com a própria história da humanidade. O ensino mais remoto é o conhecimento passado entre mestres e alunos de forma direta, sem necessariamente um formalismo na educação; nas mais antigas sociedades, os mestres ensinavam o restante da sociedade a partir dos conhecimentos adquiridos com o passar dos anos. As primeiras escolas propriamente ditas teriam sido fundadas na Grécia Antiga, no século IV a.C.. *Sócrates iniciou sua primeira escola em 393 a.C. e Platão fundou a Academia em 387 a.C.* (RIBEIRO, 2008 p. 20).

Em 476 a Igreja Católica tornou-se a instituição mais importante da Idade Média, passando a educação a depender diretamente da religião, sendo esta desenvolvida em espaços fechados e introvertidos. Já no século II, nas cidades romanas, surgem as Escolas Paroquiais, ou Presbiterianas, que *limitavam-se à formação de eclesiásticos, sendo o ensino ministrado por um dos sacerdotes encarregados de uma paróquia, que recebia em sua própria casa os jovens rapazes* (RIBEIRO, 2008 p. 22).

A partir do século VI, os mosteiros beneditinos tornam-se espécie de centros culturais, que passam a desempenhar papel importante na história da civilização ocidental. Nos diversos mosteiros espalhados pela Europa, surgem as Escolas Monásticas, que em um primeiro momento serviam apenas para a formação de futuros monges, em regime de internato. Mais tarde, as Escolas acabam convertendo-se também em escolas externas, para a formação de leigos cultos, filhos de Reis e nobres.

Paulatinamente, nas cidades, começaram a surgir as Escolas Episcopais que funcionavam numa dependência da habitação do bispo. Estas escolas visavam, em especial, a formação do clero secular (parte do clero que tinha contacto direto com a comunidade) e também de leigos instruídos que assim eram preparados para defender a doutrina da Igreja na vida civil. (RIBEIRO, 2008 p. 24)

Entre 768 e 814, durante o reinado de Carlos Magno, este incrementa o número de escolas em mosteiros, conventos e abadias, e ainda funda, dentro do seu próprio palácio, a Escola Palatina, que posteriormente teve seu modelo seguido por

outras escolas que foram surgindo, principalmente na França. Para a organização do plano de desenvolvimento escolar, Carlos Magno denominou o monge inglês Alcuíno. Este implanta, a partir de 787, os decretos capitulares para a organização das escolas e os respectivos programas, ou seja, é a partir deste momento que o ensino passa a ser organizado por grupos de disciplinas, mais próximo do que posteriormente seria o ensino clássico nas escolas através dos séculos.

A partir do século XII, com o surgimento da burguesia urbana e mercantil, esta opera a renovação da ideia de escola e leva a mesma para além dos mosteiros e abadias rurais. Surgem assim as Escolas Catedrais, escolas urbanas originadas das antigas escolas episcopais, a partir do alargamento dos campos de estudo. Neste período há uma espécie de regulamentação da profissão dos educadores: *Instituídas no século XI por determinação do Concílio de Roma (1079), passaram, a partir do século XII (Concílio de Latão, 1179), a serem mantidas através da criação de benefícios para a remuneração dos mestres* (RIBEIRO, 2008 p. 26).

1.1.2. A UNIVERSIDADE NO MUNDO

Universidade, na enciclopédia: instituição onde se ministra o ensino de nível superior, a universidade é formada por um conjunto de escolas ou faculdades nas quais se incorporam e através das quais se difundem, de mestres a alunos, conhecimentos científico-tecnológicos e os valores da cultura nacional e universal.

Conforme o contexto no qual a Universidade está inserida, esta pode constituir-se como uma força conservadora ou como um espaço voltado à crítica e à transformação da sociedade. Este paralelo também pode ser feito pelo ponto de vista da arquitetura destas instituições de ensino. Conforme o projeto de suas edificações ou de seu *campus*, o espaço construído de uma universidade pode representar o conservadorismo das instituições mais clássicas, ou um manifesto de um pensar mais contemporâneo, de maior abertura a discussões e novos pensamentos acerca das mais variadas temáticas. A história demonstra a existência de diversos tipos de universidades ao redor do mundo, desde as mais antigas instituições européias até as mais novas instituições brasileiras, passando pelas tradicionais universidades americanas.

A primeira universidade teria surgido no século XI, em Salerno, na Itália, como forma de substituição do único ensino existente até então, as escolas catedrais e monásticas, que basicamente preparavam os alunos à carreira religiosa. Em Salerno, Constantino, o Africano, começou a dar aulas de medicina. Posteriormente, este ensino superior não-religioso estendeu-se a Bolonha, também na Itália, universidade fundada em 1088, focada no ensino do direito, com maior parte de seus estudantes estrangeiros. Após a Universidade de Bolonha, surgiu, entre outras, Pádua (1222), Nápoles (1224), Siena (1240) e Pisa (1343).

Para Verger (1990) o renascimento das cidades nos séculos XI e XII, o desenvolvimento das escolas catedrais e o aparecimento da burguesia contribuíram para o surgimento das universidades. (ARRUSSUL, 2009 p. 24)

Entre 1150 e 1170 surge a Universidade de Paris, dedicada em especial ao estudo da lógica; e que serviu de modelo para outras instituições. Esta foi *implantada dentro dos estabelecimentos religiosos, igrejas ou mosteiros, sendo submetida aos regulamentos e disciplinas da Igreja* (BOHRER, 2008 p. 3). Inspiradas nos modelos de Paris instituíram-se na Inglaterra, no século XII, as universidades de Oxford e Cambridge. Mais tarde, ocorreu a constituição de universidades por iniciativa papal ou real, como a de Coimbra, fundada em 1290. (RIBEIRO, 2008 p. 26). As demais universidades, em outros países, foram surgindo baseadas nestes modelos prévios, de acordo com a necessidade requisitada pelo próprio país. Na Europa Central a primeira universidade foi a de Praga, já em funcionamento no século XIII. A universidade de Cracóvia, na Polônia, data de 1364 e a de Viena aparece quase simultaneamente, em 1365.

O fim do feudalismo assinala os primórdios da universidade na sua conceituação moderna. Esta foi fruto da Revolução Industrial, cujas exigências deram origem e prioridade a um novo sistema de conhecimento. Este processo de renovação, no entanto, foi bastante lento para as universidades já existentes, uma vez que estas continuavam a desenvolver-se ainda estruturadas na antiga base. Por outro lado, a reforma estimulou o interesse pelos estudos universitários e novos centros de ensino e saber passam a surgir em toda a Europa Ocidental, sendo criadas as universidades de Barcelona, Copenhague, Valência, Sevilha.

No Reino Unido inicia-se em 1535 a verdadeira modernização das universidades, a partir de um brilhante grupo de professores, no qual se inclui Isaac Newton, que passam a valorizar as ciências exatas, que até então eram deixadas em segundo plano, em relação às ciências sociais e humanas.

1.1.3. A UNIVERSIDADE NA AMÉRICA LATINA

No início do século XVI, o sistema universitário espanhol foi trazido para a América Latina, com a criação de universidades no México, Guatemala, Peru, Cuba, Chile, Argentina. *Os mais antigos estabelecimentos de nível superior na América espanhola datam do século XVI (São Domingos, 1538; Lima e México, 1551); cerca de 20 instituições foram fundadas até o século XIX (nenhuma na área de domínio português), controladas por ordens religiosas e voltadas ao ensino de Teologia e Direito Canônico* (SEGAWA, 1999 p. 38).

O modelo de ensino adotado na América Latina foi a organização européia, em especial a francesa, que exercia grande influência em Portugal e Espanha. Dessa maneira, a educação superior acabou sendo destinada somente à elite dos países latinos. Até o final do século XVIII foram criadas dezenove universidades na América Latina, e mais trinta e uma no século XIX. *Quase todos os países latino-americanos já possuíam uma ou mais universidades, com exceção do Brasil* (ROSSATO, 2005 apud BOHRER, 2008 p. 5). No Brasil esta instituição só viria a surgir em 1920, após a proclamação da República Federativa Brasileira.

1.1.4. A UNIVERSIDADE NO BRASIL

O Brasil constitui uma exceção na América Latina: enquanto a Espanha espalhou universidades pelas suas colônias – eram 26 ou 27 ao tempo da Independência –, Portugal, fora dos colégios reais dos jesuítas, nos deixou limitados às universidades da Metrópole: Coimbra e Évora. (TEIXEIRA, 1999 p. 29 apud MENDONÇA, 2000 p. 132)

Enquanto a Espanha liberava e apoiava a criação de Universidades em suas colônias americanas, Portugal agia de maneira diferente, e em todo o período que o Brasil foi colônia, nenhuma universidade foi consolidada no país, tendo até a independência brasileira apenas 3 mil jovens formados, todos em instituições estrangeiras.

A inauguração do ensino superior no país, adotando o modelo francês de escolas profissionalizantes, atrasou o surgimento de universidades. E as que foram criadas, após 1920, na imensa maioria dos casos, se formaram através da reunião e incorporação de escolas e faculdades (unidades autônomas e isoladas). (PRIETO, 2005 p. 52)

É recorrente esta análise em relação à universidade brasileira, do surgimento tardio desta, principalmente quando comparado ao ensino superior na América espanhola. No entanto, há interpretações diferenciadas para esta inexistência de universidades no Brasil colônia. Cunha (1980 *apud* MENDONÇA, 2000 p. 132) discute esta afirmação, sugerindo se esta questão não seria apenas uma interpretação em relação à nomenclatura; e perguntando-se se os colégios jesuítas (do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Olinda, do Maranhão, e do Pará) e os seminários (de Mariana e Olinda) não se constituiriam em instituições equivalentes às universidades hispano-americanas, sendo que estes apenas nunca foram chamados de universidade. Fato é que, *se considerarmos a universidade como uma instituição específica da civilização ocidental, na forma em que se constituiu historicamente no contexto europeu, essa instituição não foi, ao longo do período colonial, implantada em nossas terras* (MENDONÇA, 2000 p. 132).

Mendonça (2000, p. 132) afirma que era o intuito da coroa portuguesa manter a dependência brasileira em relação à universidade portuguesa: (...) *tentativas sistematicamente frustradas de estender aos colégios jesuítas as prerrogativas universitárias nos dão conta da intencionalidade da coroa portuguesa de manter a dependência em relação à Universidade de Coimbra*. Villalta (1997 *apud* MENDONÇA, 2000 p. 133) reitera esta colocação, afirmando que *Portugal recusou-se, até 1689, a conceder todos os graus e privilégios universitários aos alunos dos colégios jesuítas*.

A partir da vinda da Corte Portuguesa ao Brasil, em 1808, *intensifica-se a criação de instituições de ensino superior, que estavam, na sua grande maioria, diretamente articuladas à preocupação com a defesa militar da colônia, tornada a sede do governo português* (MENDONÇA, 2000 p. 134). Ainda em 1808 é criada a Academia de Marinha, e os cursos de anatomia e cirurgia; e em 1810, a Academia Real Militar, para a formação de oficiais e engenheiros civis militares, todos no Rio de Janeiro. Ao curso de anatomia e cirurgia, acrescentou-se, em 1809, o curso de medicina, e a partir da unificação destes, foi criada a Academia de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro,

em 1813. Em 1816 é criada a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios, proveniente de uma missão artística francesa, em conjunto com a corte portuguesa.

A partir da segunda década do século XIX, após a independência de 1822, dá-se início ao funcionamento de Escolas de Nível Superior. *Por sucessivas reorganizações, fragmentações e aglutinações, esses cursos criados por D. João VI dariam origem às escolas e faculdades profissionalizantes que vão constituir o conjunto das nossas instituições de ensino superior até a República.* (MENDONÇA, 2000 p. 134)

Da independência até a Proclamação da República (1889), cinco faculdades foram criadas: duas de direito, em São Paulo e Olinda; duas de medicina, na Bahia e no Rio de Janeiro; e uma politécnica, também no Rio de Janeiro; totalizando 2.300 estudantes matriculados.

Em 07 de setembro de 1920, durante o governo de Epitácio Pessoa, foi finalmente criada a primeira universidade brasileira propriamente dita, a Universidade do Rio de Janeiro, a partir da fusão de três escolas existentes, a Escola Politécnica, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

A reunião em universidades dessas instituições, entretanto, não teve um maior significado e elas continuaram a funcionar de maneira isolada, como um mero conglomerado de escolas, sem nenhuma articulação entre si (a não ser a disputa pelo poder que se estabelece entre elas, a partir daí) e sem qualquer alteração nos seus currículos, bem como nas práticas desenvolvidas em seu interior. (MENDONÇA, 2000 p. 136)

Este mesmo modelo foi adotado posteriormente na Universidade de Minas Gerais, criada em 1927, por iniciativa do governo estadual, diferentemente da Universidade do Rio de Janeiro, que surgiu por iniciativa do governo federal.

Em 1931, o governo instituiu o Estatuto das Universidades Brasileiras, que dispunha sobre a organização do ensino superior no Brasil e adotava o regime universitário como padrão. Neste mesmo decreto, a Universidade do Rio de Janeiro passou a ter outros institutos a ela integrados.

Em 1934 foi criada a USP (Universidade de São Paulo), pelo grupo de intelectuais que se articulava em torno ao jornal *O Estado de São Paulo*, entre eles Fernando de Azevedo. E em 1935 é criada, por Anísio Teixeira, a Universidade do Distrito Federal (UDF), dentro da reforma de ensino por ele empreendida, como Secretário de Educação do Rio de Janeiro.

Em 1937 é fundada pelo então Ministro da Educação, Gustavo Capanema, a Universidade do Brasil, que seria composta pelas faculdades antes pertencentes à Universidade do Rio de Janeiro. Esta Universidade é criada como *universidade-padrão*, a cujo modelo se deveriam adequar todas as instituições similares existentes ou a serem criadas no país (MENDONÇA, 2000 p. 139).

A partir de 1950, sob o impacto do populismo, o ensino superior passou por seu primeiro surto de expansão no Brasil, o número de universidades cresceu de 5, em 1945, para 37, em 1964.

Em 1960 educadores e pesquisadores em ciências básicas e sociais, liderados pelo antropólogo Darcy Ribeiro, começaram a debater a ideia de criação em Brasília de uma universidade verdadeiramente integrada e sem vícios tradicionais das instituições já existentes. O projeto de lei resultante dessa discussão foi enviado ao congresso nacional, em maio de 1960, pelo então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Em 15 de dezembro de 1961, esta se transforma na lei 3.998, assinada pelo Presidente João Goulart, que autoriza a fundação da Universidade de Brasília. É também no Governo de Juscelino que a Universidade Federal de Santa Maria será criada, sendo esta a primeira instituição de ensino superior do interior do país, em uma cidade sem o status de capital.

1.1.5. O ESPAÇO DE ENSINO DAS UNIVERSIDADES

As primeiras instituições de ensino mais bem constituídas, estavam estritamente relacionadas à Igreja, estando os seus espaços físicos de ensino também normalmente vinculados a esta. As aulas eram dadas nas dependências eclesiásticas, em mosteiros, conventos e abadias, tanto no meio rural como no meio urbano.

Com o surgimento das primeiras Escolas Superiores e Universidades, dá-se início à construção de edificações específicas a esta finalidade. As primeiras universidades surgem como edificações dentro da malha urbana da cidade existente. É o que se vê nas Universidades mais antigas, como Bolonha, Paris, Coimbra, Cambridge, entre outras. Nestes casos, há uma série de edificações próximas, que formam conjunto, no entanto não se consolidam como um *campus* urbano, fechado e circundado em relação ao restante da cidade. O caso de Bolonha é bastante específico, como sugere o texto a seguir:

Durante os anos de desenvolvimento e de segregação funcional, foram oferecidos à velha universidade de Bolonha terrenos na periferia da cidade. Alguns centros, sobretudo os de ensino técnicos, concordaram com a mudança, mas a universidade, em conjunto, não apenas não quis sair, como prometeu criar um novo modelo de universidade urbana, além de contribuir para a reabilitação de toda a cidade histórica, mantendo lá boa parte de seus funcionários. Assim, o modelo urbano e universitário de Bolonha, em grande parte graças ao prestígio e à influência da Escola de Arquitetos e Urbanistas italianos, tornou-se um modelo difundido internacionalmente. Com o surgimento dos movimentos autodenominados pós-modernos, juntamente com as correntes de renovação urbana, o modelo de Bolonha tomou nova força. Os velhos edifícios universitários, que ainda eram mantidos nos centros das cidades, permitiram que e tomasse consciência do seu valor. Além disso, outros prédios obsoletos, reestruturados para outros usos, começaram a ser modificados para funções universitárias. (CARRERAS, 2008, p.1 apud ARRUSUL, 2009 p. 26-27)

Os modelos de ensino alemães, franceses e anglo-saxões também mantiveram o sistema de organização de edifícios inseridos nos centros urbanos.

No século XVIII a Inglaterra já possui um grande número de alunos em suas universidades, e essa força da educação é transplantada para as colônias americanas. No entanto, nos Estados Unidos, a partir da influência do capitalismo que estava nascendo, o modelo anglo-saxônico do sistema de ensino sofreu alterações, adquirindo características próprias. A principal mudança, e a de nosso maior interesse, é em relação à forma arquitetônica e urbanística destas instituições. Os norte-americanos acabaram rompendo com a tradição européia e localizaram suas universidades nos limites das cidades ou mesmo no campo, afastado destas. Segundo Arrusul, *o modelo norte-americano propunha um novo espaço de ensino superior, extenso e fechado, longe das cidades. Este espaço seria propício a reflexões, produção e transmissão de conhecimento* (2009 p.35).



Figura 01: foto do Convento Saint Gall, na Suíça, no qual eram ministradas aulas para alunos em regime de internato e para alunos externos. (FONTE: RIBEIRO, 2008 p. 38)



Figura 02: imagem da Universidade de Coimbra, localizada no topo da cidade, em edificações isoladas, integradas à malha urbana, sem conformar um *campus* isolado (FONTE: <http://jamilair.wordpress.com/2010/07/28/coimbra/>, acessado em 22/06/2011)

Schlee sintetiza muito bem o histórico dos espaços universitários brasileiros, subdividindo-o em três momentos principais:

- 1) *A construção de unidades acadêmicas isoladas (Faculdades) no interior da cidade tradicional. Exemplo da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (da atual USP).*
- 2) *A construção de campi universitários urbanos, caracterizados pela presença de um núcleo acadêmico no interior da cidade tradicional. Exemplo do campus original da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre. Em decorrência de sua implantação e de sua forte relação com o meio urbano, o campus passa a permitir uma grande integração com a população não universitária. Ele é parte integrante da cidade.*
- 3) *A construção de cidades universitárias isoladas, caracterizada pela implantação de um núcleo acadêmico planejado, que se pretende autônomo, distante do centro urbano. Exemplo da Cidade Universitária da Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Fundão. A universidade acaba isolada da sociedade. Por isso mesmo trabalhada como grande laboratório, inclusive de experiências urbanas. Exemplo da Cidade Universitária da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). (SCHLEE, 2003 p. 2-3)*

1.1.6. O SURGIMENTO DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO

Campus, no Aurélio: *conjunto universitário que agrupa unidades de ensino e residências*. Pelo parecer número 848, de 1968, do Conselho Federal de Educação, da Câmara de Ensino Superior:

Campus é o termo empregado na tradição universitária americana para designar uma área onde se encontram as instalações de uma universidade ou *College*, aí compreendidas as residências de estudantes e professores. O conceito está ligado a uma certa concepção da Universidade como todo integrado e formando uma comunidade de mestres e alunos, situada fora das grandes cidades. A tradição do *campus* universitário parece remontar à Universidade de Virgínia, cujo *campus* foi projetado por Thomas Jefferson, entre 1817 e 1825. Amplos gramados, pavilhões para aulas, residências para professores alternadas com dormitórios para estudantes e no centro a Biblioteca dominando a 'academical village'.

Independente desta concepção residencial da universidade, tipicamente anglo-saxônica, *campus* representa, hoje, a integração espacial que é uma condição altamente conveniente para realizar-se a integração estrutural e funcional da universidade, concebida como totalidade organicamente articulada, em vez de simples coleção de

estabelecimentos auto-suficientes. Assim, os princípios de integração e organicidade da atual reforma, só podem objetivar-se plenamente no campus ou seu equivalente, entre nós, a cidade universitária.

Atualmente, a ideia de campus tende a generalizar-se, sendo adotada também nos países europeus. As modernas universidades de Bochum, Constança, Bielefeld, Ulm, foram projetadas segundo o princípio do Campus universitário.

Para Fernandes:

Um campus é especialmente definido pelo conjunto dado de edificações destinadas ao ensino superior, somado aos seus equipamentos e aos serviços que em função de sua presença lhe são agregados naturalmente. Esta definição confere ao campus um caráter de continente, ou seja, de conter todos os elementos que formam a universidade oficialmente e, naturalmente, incluem-se aqui as edificações, ruas, praças e equipamentos urbanos que, mesmo não vinculados à universidade, encontram-se dentro de seus entornos, ou seja, em seu campus (FERNANDES, 1974 p.72 apud SCHLEE, 2003 p.2)

O conceito de *campus* universitário surge nos Estados Unidos, no início do século XIX. Para Paul Vernable Turner (TURNER, 1984 p. 305 apud ALBERTO, 2008 p. 115) a principal característica que se construiu nas universidades norte-americanas foi a de edifícios soltos em uma grande área aberta, ficando esta estruturação física conhecida como *campus*. Para ele, a partir da herança dos *closed-quadrangles* (edificações conformando quarteirões fechados, que resultam em pátios internos de utilização de alunos e professores) advindas do modelo inglês, os americanos foram aos poucos desenvolvendo uma implantação de edifícios feita com uma lógica prévia sobre as áreas verdes, praticamente grandes parques abertos. (ALBERTO, 2008 p. 115)

O primeiro *campus* norte-americano e, portanto, o primeiro com esta intenção em termos globais, foi implantado em Charlottesville, pertencendo este à Universidade de Virginia, fundada em 1819, por idealização de Thomas Jefferson, o qual projetou as edificações e o espaço urbano, organizou a grade curricular e as proposições gerais da instituição. Em 1825, quando esta foi aberta para as aulas, a Universidade de Virginia representou uma inovação dramática na educação americana. Em um momento no qual os estudantes eram treinados quase que exclusivamente para o ensino e para ministrar aulas, Jefferson dedicou sua Universidade a educação de líderes no sentido prático e ao serviço público¹. A proposta de ensino e de desenho urbanos deste

¹ informações retiradas do Official Site of University of Virginia Athletics, In: <http://virginiasports.cstv.com/school-bio/va-school-bio.html>, acessado em 17 de junho de 2011

campus foi sendo reproduzida pelo país como um todo, e posteriormente servindo de modelo para os países latino-americanos.

A partir da década de 1920, a América Latina passa a testemunhar o crescente número de *campi* universitários implantados seguindo o modelo americano: em 1925 têm-se os projetos para a Cidade Universitária da Universidade de Porto Rico; em 1931, para a Universidade de Concepción; de 1935 a 1937, os projetos para a Universidade do Brasil; ainda em 1937, destaca-se a Universidade Nacional da Colômbia; em 1945 a Venezuela inicia a implantação da Cidade Universitária de Caracas; e em 1947 foi desenvolvida a Cidade Universitária do México, onde se instalou a Universidade Nacional Autônoma do México (ALBERTO, 2008 p. 127).

Segawa destaca a importância da criação destes *campi* universitários como manifesto de uma modernidade pretendida e modelo para a arquitetura moderna em geral.

(...) três campi universitários se destacam por suas histórias e realizações, assinalando distintas visões e iniciativas, mas tendo todos eles um substrato comum: a criação de referências próprias de modernidade. As trajetórias das cidades universitárias do Rio de Janeiro, México e Caracas são narrativas destas tão peculiares manifestações de modernidade. (SEGAWA, 1999 p. 39, grifo nosso)

Assim como no Rio de Janeiro, com o *campus* do Fundão; na Cidade Universitária da Universidade Autônoma do México, na Cidade do México; e no *campus* da Universidade de Caracas, na Venezuela; o projeto para o Plano Piloto da Universidade Federal de Santa Maria, objetivo de análise desta dissertação, também é uma manifestação da modernidade arquitetônica, um testemunho da arquitetura de sua época, e um fragmento de cidade moderna em meio à cidade tradicional do interior do Estado do Rio Grande do Sul, periferia do Brasil.

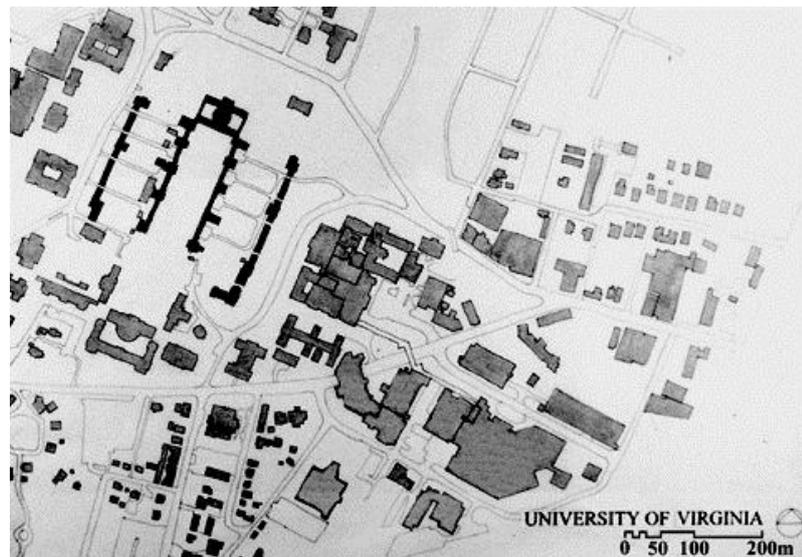


Figura 03: implantação do *campus* da Universidade de Virginia, de Thomas Jefferson – 1919/1925 (FONTE: <http://cti.itc.virginia.edu/~jjd5t/cww/1998/sup-rep2.html>, acessado em 07/07/2011)

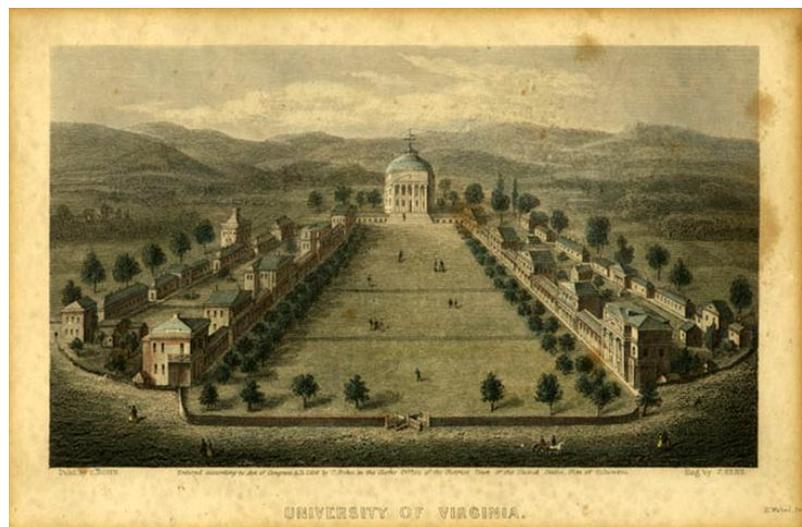


Figura 04: gravura do *campus* da Universidade de Virginia, o primeiro exemplar desta tipologia urbana (FONTE: <http://faculty.virginia.edu/villagespaces/essay/>, acessado em 07/07/2011)

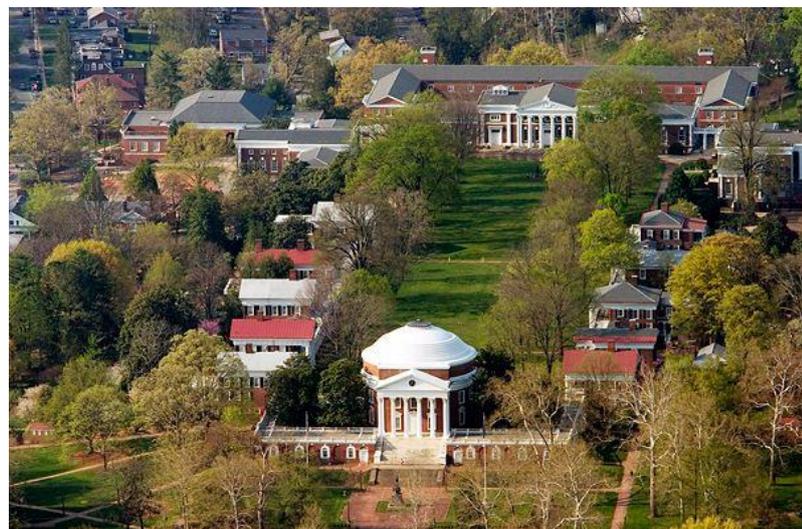


Figura 05: vista do *campus* da Universidade de Virginia (FONTE: <http://virtualandmemories.blogspot.com/2010/07/plano-central-do-campus-da-university.html>, acessado em 22/06/2011)

1.1.6.1. O campus no Brasil

O ensino superior brasileiro teve início a partir do modelo francês, de escolas superiores isoladas, sem que estas se consolidassem como uma universidade propriamente dita. Como já relatado nesta dissertação, o ensino superior no formato de Universidade nos termos que conhecemos hoje, foi inaugurado no Brasil em 1920, a partir da reunião de faculdades do Rio de Janeiro, sendo fundada a Universidade do Rio de Janeiro. Este modelo, da unificação de faculdades dando origem a uma universidade, foi seguido em muitos outros municípios, o que deu origem às primeiras universidades brasileiras.

Já o conceito de *campus* e cidade universitária, só aparece no Brasil a partir de 1929. Prieto diz parecer ter sido na III Conferência Nacional de Educação, ocorrida em setembro de 1929, na cidade de São Paulo, que a ideia de reunião das faculdades em um *campus* planejado foi lançada por Álvaro Osório de Almeida:

Agrupados os institutos num mesmo local, evitar-se-ia a duplicação de dispêndios nas instituições afins (...) Coloque-se, pois, todas as escolas ao lado umas das outras, junte-se uma biblioteca completa, providencie-se alojamento fácil e barato para alunos do interior, facilitem-se jogos e recreio, e ter-se-ia perfeita, embora se possa a partir de uma organização modesta, a instalação material da Universidade. (ALMEIDA apud PRIETO, 2005 p. 52)

Nota-se neste relato, que o *campus* torna-se referência para a instalação material da Universidade, como se a união das faculdades, em edifícios inseridos na malha urbana da cidade, por si só, não fundamentassem a Universidade como um todo. Fica implícito que a consolidação da Universidade como esta se propõe, está intrinsecamente relacionado à reunião física das edificações em um espaço comum.

Em 11 de abril de 1931, a partir do decreto 19.852, a Universidade do Rio de Janeiro é ampliada, com a criação de novas faculdades, e é decretada a transferência das unidades componentes desta universidade para a Cidade Universitária, a ser criada. A justificativa para a transferência das faculdades para um *campus* integrado coincide com a proposta de Almeida (1929), transcrita acima, e inclui a centralização das fontes bibliográficas; a facilidade de ligação entre o ensino e a pesquisa científica; mais possibilidade de intercâmbio entre estudantes e de material científico; a eliminação dos serviços duplicados; além da centralização dos esportes e a

possibilidade de maior controle da reitoria. O ano de 1931 marca, portanto, o início do pensamento acerca de *campus* universitário do Brasil. Os *campi* universitários brasileiros (assim como os da América Latina em geral) seguem claramente uma conceituação dos *campi* americanos, no entanto, recebem algumas alterações, conforme relata Alberto no fragmento a seguir:

Deve-se entender que embora o modelo físico de cidades universitárias na América Latina guarde relação direta com os campi norte-americanos, sua consolidação recebe uma forte influência do movimento moderno que lhe conferem, sob vários aspectos, uma imagem diversa, distante da original. (ALBERTO, 2008 p. 129)

A partir deste momento, iniciam-se os trabalhos para a consolidação daquela que seria a primeira cidade universitária do país, que alojaria as dependências da Universidade do Brasil. A Universidade do Brasil foi criada em 05 de julho de 1937, por Getúlio Vargas, em substituição à Universidade do Rio de Janeiro, esta *deveria estabelecer o modelo de educação superior a ser seguido em todo o país* (ARRUSSUL, 2009 p. 43). Em 1936 já se tinha iniciado as discussões acerca do projeto para a Cidade Universitária e a possível localização da mesma; a partir dos estudos de Le Corbusier e Lúcio Costa. No entanto, é só em meados da década de 40 que se decide pela implantação desta Universidade na Ilha do Fundão (aterrada especialmente para este fim), e finalmente em 1949 se iniciam as construções das edificações deste *Campus*. Uma explanação mais detalhada a respeito do histórico de fundação da Universidade do Brasil, dos estudos para sua implantação, e o projeto resultante, será abordada em um momento posterior desta dissertação, uma vez que é de suma importância para o entendimento das influências desta no *Campus* da Universidade Federal de Santa Maria.

Nome muito importante em frente ao grande projeto de elaboração de uma cidade universitária genuinamente brasileira foi Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde. Para Capanema, o projeto do *campus* estava intimamente relacionado à própria elaboração dos programas de ensino e da organização dos cursos e institutos.

O tema cidade universitária coincide com o pensamento paradigmático de um urbanismo moderno e inovador, servindo de suporte a um governo que desejava firmar valores culturais. Dessa forma não há dificuldades de se compreender que havia motivos suficientes para que o ministro tornasse a ideia da construção de uma

cidade universitária um dos seus principais projetos. (ARRUSSUL, 2009 p. 43)

O histórico da criação da Universidade de São Paulo e de sua cidade universitária é muito similar ao da Universidade do Rio de Janeiro. Em 25 de janeiro de 1934 nasceu a USP (BARROS, 2002-2003 p.165), a partir da unificação das faculdades de Direito e Medicina e da Escola Politécnica. Já a ideia de construção da cidade universitária data de 1935, a partir da reunião de uma comissão formada com o objetivo de definir o local onde seria implantada toda a universidade. A implantação do *campus* e de suas edificações, no entanto, só se deu no final da década de 40 e início da década de 50. Somente na década de 60 é que a cidade universitária passa a ser consolidada. Depois de Rio de Janeiro e São Paulo, outras cidades universitárias foram surgindo, a partir do modelo da então capital federal e da importante capital paulista.

Finalmente em 1960 é fundada a Universidade de Santa Maria, também a partir da reunião de faculdades existentes. A partir de 1961 iniciam-se os estudos para a sua Cidade Universitária e em 1962, esta começa a ser implantada.

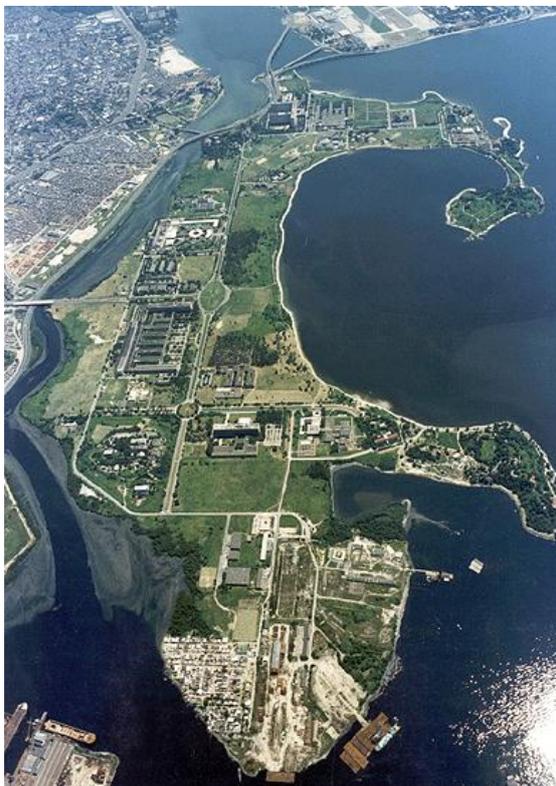


Figura 06: imagem aérea da Cidade Universitária do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão (FONTE: <http://www.pr3.ufrj.br/pr3/patrimonio.htm>, acessado em 22/06/2011)

1.2. O município de Santa Maria

Santa Maria é uma cidade de porte médio, com 261.031 habitantes – pelo censo de 2010, do IBGE. Esta se localiza no centro do estado do Rio Grande do Sul, na latitude $-29,68^\circ$ e na longitude $-53,8^\circ$, a aproximadamente 290 km da capital do estado, Porto Alegre; contendo uma área de 1.788 km².

Santa Maria faz divisa com outros 10 municípios da região central do estado, sendo estes: ao norte com São Martinho da Serra, Itaara, Júlio de Castilhos e Silveira Martins; ao sul com Formigueiro, São Sepé e São Gabriel; a leste com Restinga Seca e a oeste também com São Gabriel, além de Dilermando de Aguiar e São Pedro do Sul. A cidade apresenta um caráter regional muito forte, funcionando como centro de serviços de maior complexidade para todas essas cidades fronteiriças, além de tantas outras que conformam a região central do estado do Rio Grande do Sul.

O município insere-se na região denominada Depressão Central. Na parte norte da cidade, inicia-se o Planalto Meridional do Brasil. Os relevos e vales dessa formação topográfica constituem a Serra Geral (RECHIA, 1999 p. 48); o que forma uma paisagem urbana muito interessante, rodeada por morros com vegetação densa. Já na porção sul da cidade, tem-se a paisagem dos pampas, conformada pela planície gaúcha, possibilitando a visualização por grandes extensões de terra. A altitude do município, portanto, é bastante variada, tendo seu ponto mais baixo a cota de 41 metros, e seu ponto mais alto, 485 metros. A parte central da cidade está situada, aproximadamente, nas cotas de 100m a 120m.

A região é drenada pelas bacias hidrográficas do Rio Jacuí e do Rio Ibicuí, sendo o clima o subtropical úmido. A vegetação florestal é do tipo mata subtropical, na qual são encontradas árvores de grande porte, como angico, cedro, imbuia e outras espécies. A cobertura vegetal apresenta-se rasteira, do tipo savana, sendo propícia à pecuária (atividade econômica dominante em períodos da história do município). *O planalto norte do Município é considerado o limite meridional da Auracária Brasileira, que ainda é encontrada como vestígio nas áreas de maior altitude (RECHIA, 1999 p. 49).*

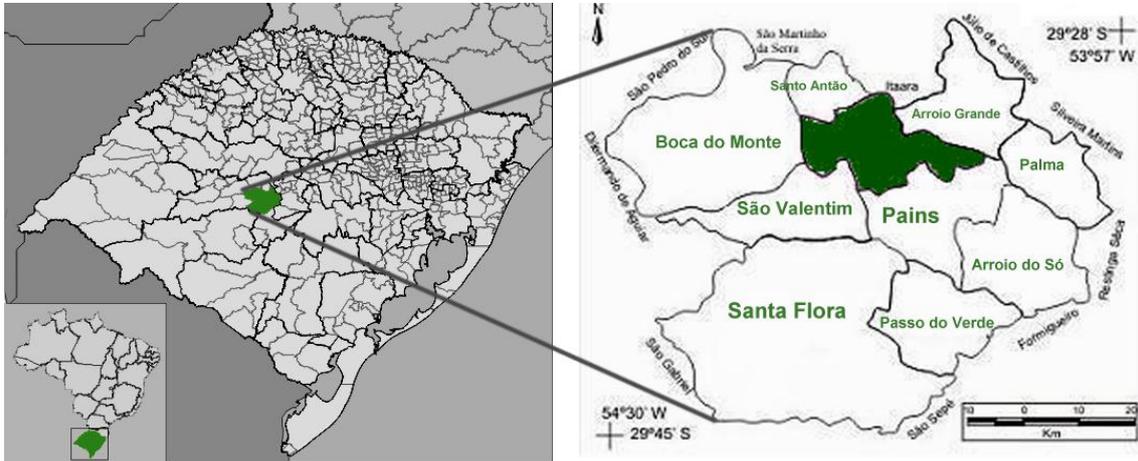


Figura 07: mapa de localização de Santa Maria (FONTE: A autora, 2011)



Figura 08: vista da cidade de Santa Maria, entre os morros da Serra Geral (FONTE: A autora, 2010)



Figura 09: vista da cidade de Santa Maria, vista do norte em direção ao sul do município (FONTE: <http://clubetrekking.wordpress.com/2010/09/05/142%C2%AA-trilha-morro-das-antenas-santa-marias/>, acessado em 22 de junho de 2011)

1.2.1. HISTÓRIA

Em 1787, uma comissão hispano-portuguesa passa a ocupar o território onde hoje se encontra o município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul; com o objetivo de demarcar os limites entre as terras de Portugal e Espanha, a partir do convênio firmado pelos dois países no ano de 1777, denominado Tratado Preliminar de Restituições Recíprocas, *que tinha por finalidade a devolução mútua de tudo o que fora ilegalmente arrebatado em guerras anteriores* (RECHIA, 1999 p. 23).

Após a retirada da missão, cerca de cinqüenta famílias guaranis, formadas por índios civilizados, agricultores e operários, procedentes das Missões Orientais, acabaram se instalando e constituindo o primeiro núcleo de habitantes do que viria a ser o município santa-mariense. O povoado contava com boa posição geográfica, ótimas pastagens e terras propícias ao cultivo de cereais, o que auxiliou para que o mesmo prosperasse, passando a ser chamado, a partir de 1812, de Santa Maria da Boca do Monte.

A partir de 1828 intensifica-se o povoamento da região, com a chegada do 28º Batalhão de Estrangeiros, constituído por alemães que lutavam contra os orientais. Mesmo depois da dissolução da Tropa, vários militares acabaram radicando-se na localidade, atraindo colonos de São Leopoldo e imediações, dando início ao ciclo germânico de colonização, que iria influenciar muito para o desenvolvimento da comunidade; dando início à vocação militar da cidade.

Em 1857, Santa Maria foi elevada à condição de vila, ocorrendo a instalação propriamente dita do município em 1858. Portanto, o Distrito de Santa Maria foi criado em 17 de novembro de 1837, a partir da Lei Provincial nº 6; já o Município, foi fundado em 16 de dezembro de 1857, pela Lei Provincial nº 400, vinte anos mais tarde.

Sua posição central propiciou a Santa Maria, desde 1900, comandar o tráfego de trens no Rio Grande do Sul, como ponto de cruzamento de todas as linhas férreas do Estado, ganhando, com isso, grande desenvolvimento econômico, social e cultural. (RECHIA, 1999 p. 45)

Atualmente o município é conformado pela sede e mais nove distritos, sendo estes: Santo Antônio, São Valentim, Pains, Arroio Grande, Arroio do Só, Passo do Verde, Boca do Monte, Palma e Santa Flora.

1.2.2. POPULAÇÃO

A população santa-mariense é formada pela união dos mais diferentes povos. Quando os portugueses e espanhóis da missão demarcadora aqui chegaram, já encontraram os índios; e junto com eles já vieram os negros, como escravos dos oficiais dos contingentes militares. O povoamento ali formado logo recebeu outros estrangeiros, como alemães e franceses, em 1828; e os italianos, que chegaram por volta de 1877. *Os árabes, os sírio-libaneses, os judeus aqui se dedicaram ao comércio* (RECHIA, 1999 p. 54).

O censo realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta a população total do município em 261.031 habitantes, além da população flutuante, que se estima ser de 30 mil pessoas, levadas ao município, principalmente, em busca do ensino superior, a partir das universidades e faculdades instaladas na cidade, sendo a maior delas a Universidade Federal de Santa Maria, seguida pela Universidade Franciscana, e pela Universidade Luterana do Brasil.

1.2.3. ECONOMIA

A economia do município, atualmente, baseia-se na prestação de serviços, sendo estes responsáveis por 81,92% do produto interno bruto do município, seguido pela indústria (14,63%) e agropecuária (3,45%). A presença de instituições públicas, como a Universidade Federal de Santa Maria, os quartéis militares e a Base Aérea de Santa Maria; é marcante no município, garantindo uma classe média consumidora, que de certa forma alimenta o comércio e a prestação de serviços em geral. O caráter regional do município, que funciona como pólo para toda a região central do estado, também contribui para tornar a prestação de serviços a principal fatia da economia.

No princípio da formação de Santa Maria, a agricultura apresentou-se como a base da economia; assim como a produção do gado, que se constituiu como uma das principais fontes de produção do final do século XIX. O comércio foi constituindo-se como a base forte do município desde o início do povoamento urbano, graças ao acampamento e à passagem das forças militares, que exigiam, de certa forma, um amparo comercial. No princípio, os espaços comerciais eram pequenas bodegas responsáveis pela venda de artigos essenciais para a sobrevivência, a partir de 1829, o comércio teve seu crescimento impulsionado, com a chegada dos primeiros alemães,

que passaram a montar fortes casas comerciais e abasteciam até lugares mais distantes, como Alegrete e São Borja. Já no final do século, *o comércio já havia atingido um desenvolvimento expressivo, com a presença de comerciantes italianos (...) que, aos poucos, foram superando os de origem alemã* (RECHIA, 1999 p. 58). Atualmente, o comércio de Santa Maria atende a, aproximadamente, quarenta municípios da região e do estado como um todo, de forma direta ou indireta.

1.2.3.1. A importância da Ferrovia para a Economia Municipal

Um grande impulso ao desenvolvimento do Município de Santa Maria certamente foi a presença da ferrovia na cidade, que aumentou a quantidade de pessoas que passavam e circulavam pelo município, aumentando também o mercado consumidor de comércio e serviços da cidade.

A linha Porto Alegre-Uruçuaiana teve início em 1873, quando o Governo Imperial sancionou a resolução da Assembléia Geral que autorizava a construção de estradas de ferro que ligassem a Capital da Província às suas fronteiras. O trecho Porto Alegre-Santa Maria foi aberto ao tráfego em 1885, dando início ao desenvolvimento da ferrovia na região. (MELLO, 2002 p. 52)

A partir de 1898, Santa Maria passou a constituir-se como centro ferroviário, de acordo com estratégias de militares, que consideravam a cidade ideal para o encontro das linhas férreas da metade sul do estado, por estar esta a uma distância protegida das fronteiras e por estar bem situada para funcionar como apoio logístico. A cidade passou então a abrigar as principais oficinas de manutenção do estado.

O telégrafo e o trem puseram a cidade, assim como outras localidades, em comunicação com todo o país. A melhora da comunicação alterou costumes, agilizou notícias e fez com que as regiões rompessem o isolamento, e isso possibilitou o ingresso da população na modernidade. A posição geográfica, que facilitou o comércio, inicialmente de tropas, fortaleceu-se com a chegada do transporte ferroviário. (MELLO, 2002 p. 52)

O número de empresas comerciais cresceu e se espalhou por toda a zona urbana, a cidade havia tornado-se ponto obrigatório entre as praças comerciais da fronteira, serra e capital; foram instalados diversos hotéis, a fim de garantir o pernoite de vendedores que tinha como destino Santa Maria ou que a tinham como escala para outras cidades do estado. Neste período, o centro comercial da cidade desloca-se para a Avenida Rio Branco, que ligava a estação ferroviária ao centro da cidade.



Figura 10: imagem da Estação Férrea quando em pleno funcionamento, por volta de 1920 (FONTE: <http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/imprensa/4,1304,3276414,16915>, acessado em 24/06/2011)

1.2.4. O DESENVOLVIMENTO URBANO

O município de Santa Maria originou-se, como aqui relatado, a partir de um acampamento para demarcação de terras. Este acampamento teria sido implantado em uma das partes de cota elevada da região do que viria a ser Santa Maria. A partir deste, com o passar do tempo, foi dando início à ocupação urbana da cidade, desde a atual Rua do Acampamento, Praça Saldanha Marinho, Avenida Rio Branco e Rua Doutor Bozano, espaços que configuraram ao longo do tempo, o centro comercial e cultural do município.

O acampamento militar que deu origem ao povoado foi erguido em sítio elevado e junto a um divisor de águas. Ao que tudo indica, foi levantado de forma disciplinada, regular e organizada, como mandava a tradição. Na parte alta e plana do terreno, foi definida uma espécie de praça; junto a este descampado, foi escolhido um local para a construção da capela; e, partindo do centro da praça, seguindo o espigão norte-sul, foi demarcada uma via, onde os povoadores armaram seus primitivos ranchos. (BELTRÃO, 1979 p. 64 apud ARRUSSUL, 2009 p. 67)

Em 1865, após a conclusão e aprovação da planta da vila, as autoridades municipais começaram a adotar medidas para estimular o crescimento e o desenvolvimento da futura cidade. *Foram demarcados os quarteirões e numerados os respectivos terrenos urbanos, os quais eram cedidos a quem os requeria, sob a condição de edificá-los no prazo máximo de um ano (ARRUSSUL, 2009 p. 71).* A partir deste momento, a cidade realmente passou por um crescimento considerável. Em



Figura 11: Planta da Freguesia de Santa Maria, desenhada pelo engenheiro alemão Johan Martin Buff, entre 1848 e 1849. (FONTE: MARCHIORI, 1997 p.289 *apud* MELLO, 2002 p. 90)

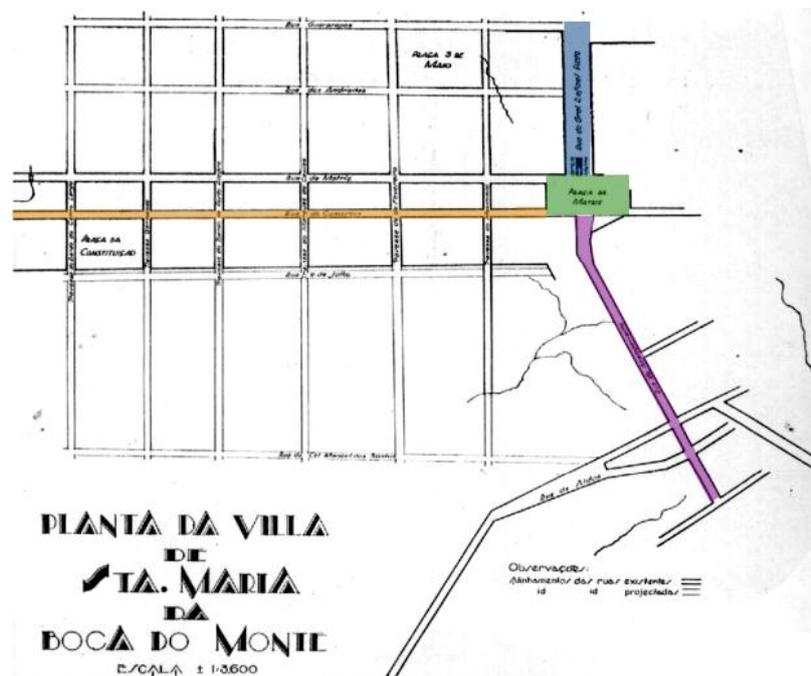


Figura 12: planta da Vila de Santa Maria da Boca do Monte, por volta de 1865, contendo as vias existentes e as projetadas (em tom mais claro). Em verde, a atual Praça Saldanha Marinho; em laranja, a rua Dr. Bozano; em roxo a Rua do Acampamento e em azul a Avenida Rio Branco (FONTE: BELÉN, 1933 *apud* MELLO, 2002 p. 91, modificado pela Autora, 2011).

1885 é inaugurada a linha férrea Porto Alegre-Santa Maria, e em 1899 é inaugurada a edificação da Estação da Viação Férrea, ao norte da cidade, ao final da então Avenida Progresso (atual Avenida Rio Branco). Estes fatos são responsáveis pelo povoamento da cidade em direção ao norte. Neste momento, inicia-se a implantação de hotéis e pontos comerciais entre a Praça da Matriz (atual Saldanha Marinho) e a Estação, passando a Avenida Progresso a ser a principal da localidade, tanto que foi nesta onde foi edificada a nova Catedral do município.

A planta da cidade de Santa Maria datada de 1902, já demonstra uma ocupação mais densa do município, e apresenta, inclusive, a demarcação de lotes, com o nome dos proprietários e o uso atribuído a cada lote. Nesta mesma planta, percebe-se que a ocupação da Avenida Progresso ainda não se deu por completo, uma vez que havia apenas três anos que a Estação havia sido inaugurada.

Depois da instalação da Viação Férrea em Santa Maria, o outro grande impulso ao crescimento da cidade foi a implantação das instituições de ensino, principalmente a partir da criação da Universidade Federal de Santa Maria, em 1960, e da implantação de seu *campus* universitário, a partir de 1962.

A partir deste momento, a cidade de Santa Maria passa a apresentar um crescimento territorial de sua malha urbana que se tornará tendência até os dias de hoje. Este crescimento destacado desenvolve-se de leste a oeste. *Esta característica de "cidade linear" é fortemente condicionada pela existência da cadeia de montanhas da Serra Geral ao norte e pelas grandes faixas de terras pertencentes ao exército ao sudoeste.* (SAURIM, 2005 p. 49). O mapa representado na Figura 16 pretende ilustrar esta relação de crescimento que vêm se confirmando com o passar dos anos.



Figura 13: Vista da Avenida Progresso, em 1935, a partir do norte, em direção ao sul, com a Praça na parte superior da imagem (FONTE: MARCHIORI, 2008 p. 38)



Figura 14: Vista da cidade de Santa Maria, em 1940, tendo a Avenida Progresso em primeiro plano (FONTE: MARCHIORI, 2008 p. 46)



Figura 15: Planta da Cidade de Santa Maria, desenhada por João Nehrer, em 1902. (FONTE: MARCHIORI, 1997 p.84 *apud* MELLO, 2002)

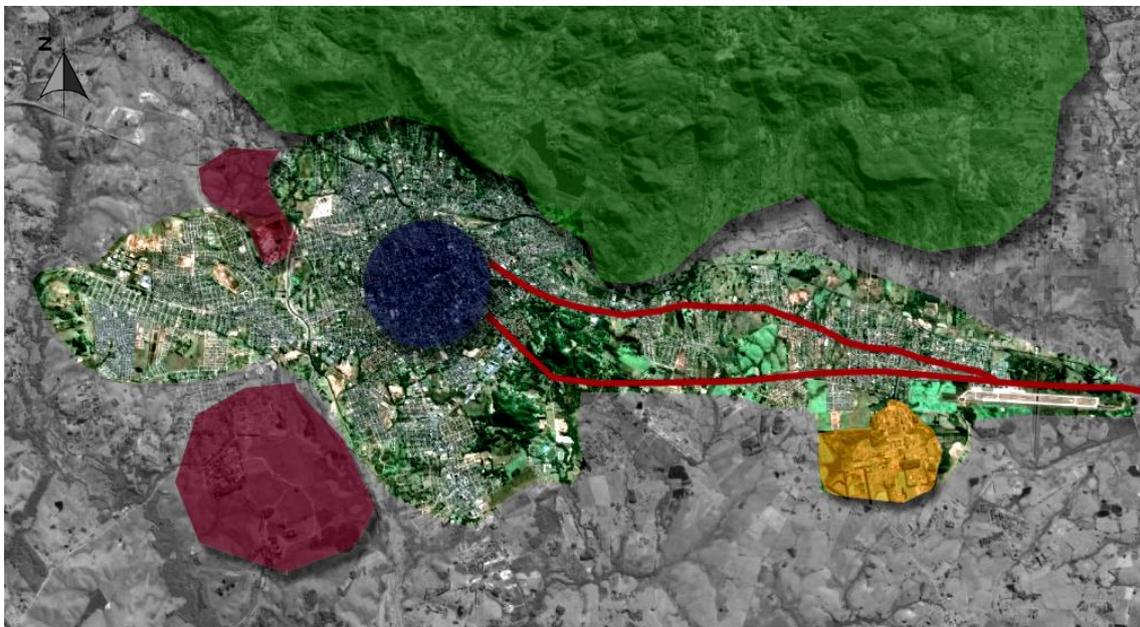


Figura 16: imagem de satélite do município de Santa Maria em 2011. Em azul, a localização do centro da cidade; em verde, ao norte, os morros da Serra Geral, que limitam o crescimento da cidade nesta direção; em rosa, as áreas militares; em laranja o *campus* da UFSM, que polariza o crescimento da cidade em sua direção; e as linhas vermelhas indicam as duas vias que ligam o centro da cidade à UFSM, são estas as duas vias principais de acesso e saída da cidade, em direção à serra, litoral e à capital. (FONTE: Google Earth, manipulado pela Autora, 2011)

1.3. Panorama Arquitetônico Brasileiro

A partir da implantação da República, em 1889, a imigração européia passa a ser estimulada e efetivada, o trabalho livre vai substituindo o trabalho escravo – abolido em 1888 – e a economia prospera, a partir do cultivo de cacau, algodão e açúcar, e a extração da borracha no norte. No sul, as charqueadas vão promovendo o crescimento de cidades como Porto Alegre e Pelotas, e no nordeste, as fábricas têxteis e as usinas de açúcar vão apoiando o crescimento de cidades como Recife e Fortaleza.

A maioria das obras importantes deste período são projetos urbanísticos ambiciosos e de planejamento das cidades já consolidadas como tal, em razão do crescimento existente no país. Belo Horizonte é inaugurada em 1897, sob projeto de 1894; o Rio de Janeiro é remodelado pelo prefeito Pereira Passos, a partir de 1903, com o plano de melhoramentos, embelezamento e saneamento da cidade, *a cidade (...) ganha feição neoclássica, Jardim Botânico, Imprensa e Biblioteca* (COMAS, 2002a p. 31). A maior intervenção arquitetônica no Rio fica por conta da implantação da Avenida Central (posteriormente rebatizada de Avenida Rio Branco), onde seria edificada a Biblioteca Nacional (1905-1910), a Escola Nacional de Belas Artes (1906-1908), o Teatro Municipal (1903-1909), entre outras edificações importantes para a cidade. São Paulo também passa por projetos de melhoramentos e saneamento, surgem elegantes bairros ao longo das avenidas Higienópolis e Paulista, o vale do Anhangabaú é remodelado com base em um projeto concluído em 1910, e parques são criados, como o D. Pedro II, em 1922. No Rio Grande do Sul, a partir de 1920, *Porto Alegre remodela o centro institucional da Praça da Matriz, requalifica o centro comercial e administrativo da Praça da Alfândega, constrói seu porto, consolida novos bairros residenciais* (COMAS, 2002a p. 32).

Em relação ao ensino, em 1889 é criado o Curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, que substitui a Academia Imperial de Belas Artes, de 1826; a partir de então são formados outros cursos e faculdades de arquitetura no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco. Neste período, o ecletismo predomina na arquitetura e no ensino, com composições urbanas montadas a partir da mescla de elementos clássicos e barrocos, em diferentes edificações, que acabam por conformar os centros civis, religiosos e históricos das principais cidades brasileiras deste período.

1.3.1. O SURGIMENTO DO PENSAMENTO MODERNO NO BRASIL

Entre 1918 e 1922, a literatura e as artes plásticas do país experimentam uma renovação estética contínua. O Brasil começa a redescobrir a sua arte, o que acaba culminando com um festival que reunia escritores, músicos e artistas plásticos do Rio de Janeiro e de São Paulo no Teatro Municipal de São Paulo, em fevereiro de 1922, o que acabaria sendo chamada de Semana de Arte Moderna. Além da mostra com trabalhos dos artistas envolvidos, o festival contava com palestras destes artistas e de convidados estrangeiros que de alguma maneira estavam ligados a este movimento que se iniciava. Em 1924, o movimento modernista nas artes se espalha pelo Brasil afora.

A integração de nacionalismo temático e internacionalização estética orientam um programa de ação. Estimula a pesquisa e a renovação iconográfica e léxica a partir do estudo da história e da terra brasileiras, da sua cultura popular e erudita junto à reconsideração de hierarquias convencionais na literatura e nas artes plásticas. Vocabulário e imaginário brasileiros alimentam a sintaxe vanguardista, que se serve da restauração seletiva do passado e da transgressão atualizadora ao instaurar uma nova legalidade compositiva. (COMAS, 2002a p. 49)

De 1918 a 1925, a arquitetura ainda permanece com base eclética. *Os estilos clássicos continuam sendo usados para edifícios públicos e residências de luxo, os estilos pitorescos regionais para casas (...), o neocolonial se dissemina rapidamente. (...) Embora não hegemônico e de distintos matizes, o neocolonial já triunfa em 1922* (COMAS, 2002a p. 50). Mas é o mesmo espírito do movimento moderno instaurado nas artes, descrito na citação acima, que posteriormente, de alguma forma ou de outra, dará início à arquitetura moderna no Brasil, esta mescla entre a cultura e as características brasileiras, com a sabedoria, a arte e a história estrangeira – principalmente a européia.

1.3.2. O SURGIMENTO DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL

Segundo entrevista concedida por Maria Elisa Costa, filha de Lucio Costa, no ano de 2008, a Fabio Jose Martins de Lima, e publicada em janeiro de 2009 na Revista Vitruvius; Lucio Costa teria passado a pensar em uma arquitetura diferenciada justamente no encontro com a arquitetura típica brasileira. Segundo a mesma, a

transição entre o arquiteto neo-colonial para a arquitetura moderna de Lucio Costa, teve início em 1924, a partir do encontro deste com a cidade de Diamantina.

Então para ele bateu uma coisa... opa, o que é isso, nós, neo-coloniais, fazemos um supremo esforço, você pega coisa de igreja e bota em casa, não é, e de repente chega aqui e é tudo normal, lindo e sereno e compatível com a tecnologia de construir; então isso instalou dentro dele uma perplexidade, digamos, um desconforto, extremamente poderoso, porque perdeu... ele continuou sendo arquiteto neo-colonial até 1929, mas aquilo começou a incomodar cada vez mais, ficou aquela referência de base, e eu tenho a sensação sempre de que esse encontro em Diamantina foi também o caminho de chegar à coisa moderna. (LIMA, 2009 p. 1)

Para Maria Elisa, este encontro teria despertado uma inquietação, principalmente no sentido das técnicas construtivas; Lucio Costa tinha claro que todas as épocas tinham uma cara correspondente ao modo de construir, e com *a mudança radical nas técnicas construtivas, em meados do século XIX, que davam a possibilidade de “vestir” a estrutura com as mais diversas fantasias, ficava tudo lá dentro escondido e ninguém estava preocupado com isso* (LIMA, 2009 p.1). Toda esta questão teria colocado Lucio Costa em frente a uma pergunta a si próprio “Qual seria o moderno do meu tempo?” e assim passou a desenvolver um pensamento acerca da modernidade do seu tempo, do seu país, das possibilidades que ele tinha ao alcance. O desenvolvimento desta arquitetura elaborada por Lucio Costa foi sempre levando em consideração a tradição brasileira, junto das influências estrangeiras, assim como aparecia nos relatos do manifesto da Semana de Arte Moderna de 1922, e na arte que vinha sendo desenvolvida desde então.

Mas o primeiro impulso para aquilo que viria a ser a arquitetura moderna no Brasil é de um estrangeiro, Gregori Warchavchik (1896–1972), arquiteto de origem russa, formado pelo Real Instituto Superior de Belas Artes de Roma, em 1920, que trabalhou com Marcello Piacentini e imigrou para o Brasil em 1923, para trabalhar na Companhia Construtora de Santos. Em 1927 este naturaliza-se brasileiro, funda um escritório próprio e casa com Mina Klabin, paisagista paulista. Por volta dos anos 30, foi sócio de Lucio Costa no Rio de Janeiro, e lecionou na Escola Nacional de Belas Artes a convite do próprio Lucio. Warchavchik publicou aquele que seria o primeiro manifesto da arquitetura moderna brasileira, “Acerca da arquitetura moderna”, em 1925, publicado primeiramente em italiano, com o título *Futurismo?* no jornal da

colônia italiana *Il Piccolo*, em 14 de junho de 1925, republicado em novembro do mesmo ano com o título pelo qual ficou reconhecido, no jornal *Correio da Manhã*. Neste manifesto, Warchavchik faz uma crítica contundente à maneira como se vinha tratando a arquitetura no período. A engenharia já havia avançado, possibilitando estruturas delgadas para a sustentação das construções, no entanto arquitetos insistiam em colocar consoles postiços e cariátides suspensas simplesmente para “embelezar” de certo modo a edificação. Este defendia que o arquiteto moderno deveria *sim estudar a arquitetura clássica, para desenvolver seu sentimento estético e para que suas composições reflitam o sentimento de equilíbrio e medida, sentimentos próprios à natureza humana* (WARCHAVCHIK, 2006 p. 35); mas não deveria simplesmente aplicá-la às novas edificações, uma vez que isto já não representava o espírito do tempo que estavam vivendo.

Para que nossa arquitetura tenha seu cunho original, como o têm as nossas máquinas, o arquiteto moderno deve não somente deixar de copiar os velhos estilos, como também deixar de pensar no estilo. (...) Construir uma casa o mais cômoda e barata possível, eis o que deve preocupar o arquiteto construtor de nossa época de capitalismo incipiente, onde a questão de economia predomina sobre todas as demais. A beleza da fachada tem que resultar da racionalidade do plano da disposição interior, como a forma da máquina é determinada pelo mecanismo, que é a sua alma (WARCHAVCHIK, 2006 p. 36-37).

Este ainda finaliza utilizando-se de uma frase quase manifesto propriamente dito: *Abaixo as decorações absurdas e viva a construção lógica, eis a divisa que deve ser adotada pelo arquiteto moderno* (WARCHAVCHIK, 2006 p. 38).

Gregori Warchavchik, em 1927, dá outra grande contribuição ao início da arquitetura moderna no Brasil, com o projeto para a Casa Modernista da Rua Santa Cruz (ou Casa do Arquiteto), em São Paulo, com um jardim projetado pela sua própria esposa; concluída em junho de 1928. A casa apresentava-se com uma divisória interna bastante clássica, mas uma fachada muito limpa, desprovida de qualquer tipo de decoração, a simetria ainda está presente, e os cactus no jardim anunciam a aproximação com a terra brasileira. Na realidade, como aponta Bruand (2008 p. 66), a casa apresentava certas contradições em relação ao manifesto publicado dois anos antes, sendo as principais delas: a não correspondência em planta à fachada, uma vez que a ala direita da casa estava tratada de igual maneira à esquerda, quando esta era

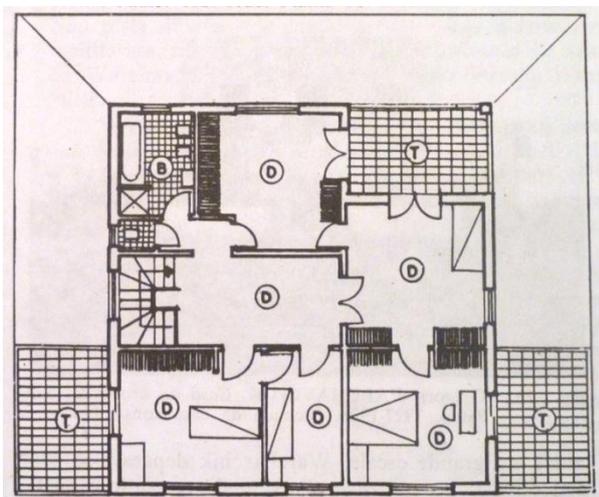
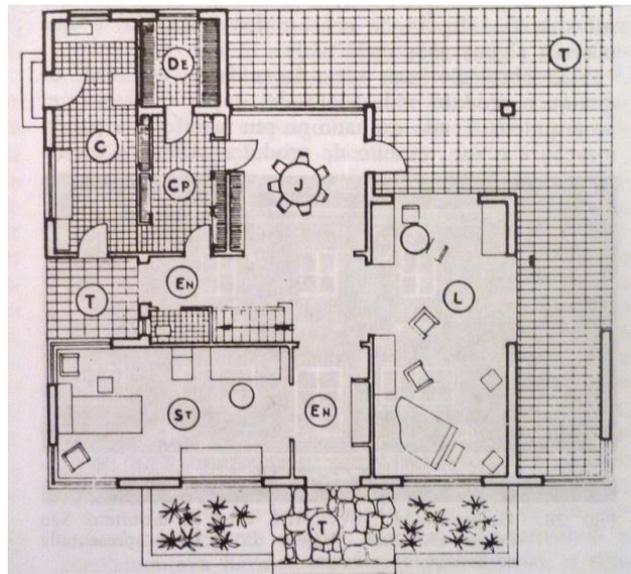
um espaço fechado e aquela um espaço aberto; a cobertura do corpo principal resolvida com um telhado inclinado de telhas coloniais, escondidas por uma platibanda, ao invés do terraço proposto na arquitetura pretendida; e a materialidade da edificação, que no manifesto propunha-se estrutura em concreto armado quando na residência este aspecto foi concebido a partir de tijolos rebocados e pintados de branco.

Apesar de algumas inconsistências, a casa modernista da Rua Santa Cruz teve a sua importância no princípio da arquitetura moderna no Brasil. Warchavchik passou, a partir de então, a ter um vasto número de clientes, tendo edificado mais várias residências em São Paulo e também no Rio de Janeiro, nas quais passou a utilizar o concreto armado e foi aprimorando seu estilo, deixando de utilizar a simetria e passando a adotar os planos, abrindo mão das varandas e substituindo-as por marquises, e adotando o *pilotis* como resolução de desníveis no terreno. No ano de 1929, Gregori Warchavchik projeta uma segunda Casa Modernista, na Rua Itápolis, Bairro do Pacaembu, em São Paulo; na qual organiza uma exposição inaugurada em março de 1930, que contava com a própria casa e com uma decoração de interiores que incluía objetos fabricados pelo próprio arquiteto. *A obra de Warchavchik era qualitativa e quantitativamente suficiente para que, numa primeira visita ao país, Corbusier o nomeasse delegado dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, instalados em La Sarraz no ano anterior* (COMAS, 2002a p. 58). A produção de Warchavchik, no entanto, caracteriza-se como episódio isolado, uma vez que *o neocolonial segue de vento em popa* (COMAS, 2002a p. 57).

Outro personagem importante para a história da arquitetura moderna no Brasil, como não poderia deixar de ser, é Le Corbusier. Este faz sua primeira visita ao país em 1929, quando também visitou a Argentina. Em Buenos Aires, ele realiza dez conferências, e no Rio de Janeiro apenas duas, uma sobre urbanismo e outra sobre arquitetura. O que teria impressionado Le Corbusier nesta primeira visita ao Brasil teria sido a paisagem exuberante do Rio de Janeiro, para o qual este propõe viadutos curvilíneos habitáveis, permeando a paisagem montanhosa da cidade; o que seria logo reproduzido nas propostas para o Plano Obus de Argel.



Figuras 17 e 18: fotos da Casa Modernista (1937-38), de Warchavchik, no momento em que a mesma acabara de ser inaugurada. (FONTE: <http://blog.surfacetoair.com.br/misc/a-casa-modernista/>, acessado em 01 de julho de 20911)



Figuras 19 e 20: planta do pavimento térreo e do pavimento superior da Casa Modernista. (FONTE: BRUAND, 2008 p. 65)

Neste período, Rino Levi também já iniciava as proposições voltadas à linguagem moderna, *o racionalismo à italiana (...) transparece nos estudos para os apartamentos Columbus e outras casas econômicas* (COMAS, 2002a p. 67). No entanto, esta manifestação de Rino Levi, a presença de Le Corbusier no país e o êxito de Warchavchik em seus projetos, acabam tendo repercussão restrita. *Mais que vista com hostilidade, a arquitetura moderna é vista com indiferença ou desprezo pelos arquitetos e professores de arquitetura prestigiosos, tratada como moda passageira* (COMAS, 2002a p. 67).

Em 1930 é Lucio Costa que dá a sua primeira contribuição à arquitetura moderna no Brasil. Neste ano, este elabora um projeto em estilo “eclético-acadêmico” para a Casa Ernesto Fontes, que já apresentava uma limpeza de adornos, superfícies brancas e lisas, no entanto ainda carregava muito da carga neocolonial dos trabalhos até então realizados pelo arquiteto. No mesmo ano, logo depois, Lucio Costa apresenta um projeto para a mesma residência, porém com traços modernos. O grande telhado colonial é transformado em um terraço, pilotis apoiando marquises de traço reto fazem às vezes de uma varanda, e aberturas tradicionais são substituídas por rasgos horizontais e grelhas para proteção solar e ventilação; inclusive com aberturas de canto – como já havia aparecido na primeira casa modernista de Warchavchik. É claro que esta segunda proposta é menosprezada pelo cliente, que acaba adotando e edificando o projeto eclético-acadêmico de Lucio Costa.



Figuras 21 e 22: foto da Casa Ernesto Fontes, em seu estilo eclético-acadêmico; e croqui da proposta moderna de Lucio Costa para a mesma residência, proposta rejeitada pelos clientes (FONTE: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.022/798>, acessado em 02 de julho de 2011).

Este primeiro traço modernista de Lucio Costa tem muito a ver com aquela sua aproximação com Diamantina, em 1924, que fez com que este, desde então, passasse a se questionar qual seria a arquitetura de seu tempo. Além disso, já em, 1930, este passa a entrar em contato com vários de seus amigos que estavam chegando de países europeus, com experiências diversificadas;

provavelmente conversa com o amigo Burle Marx, recém chegado de Berlim, com o amigo e pintor Ismael Nery, recém chegado de Paris, leitura de Vers une Architecture, Précisions, L'Architecture Vivante, Moderne Bauformen, o catálogo da exposição do Weissenhoff e o livro de Bruno Taut na biblioteca dos Roberto (COMAS, 2002a p. 68)

1.3.3. A REVOLUÇÃO NO ENSINO DA ARQUITETURA

Ainda em 1930, outro episódio marca de forma definitiva a arquitetura moderna brasileira e o ensino da arquitetura no país. A partir da Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, através da aliança entre as oligarquias gaúchas e mineiras, ocorreram diversas transformações políticas no país, que acabaram afetando diretamente a população brasileira, principalmente no setor social. A Revolução, no entanto, também teve grande influência no setor educacional, com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, logo depois da posse de Getúlio, em outubro daquele ano. Getúlio nomeia o mineiro Francisco Campos para assumir o comando da pasta, e este, por sua vez, nomeia Lucio Costa para assumir a direção da Escola Nacional de Belas Artes, em dezembro de 1930. A partir deste momento, a própria arquitetura brasileira teria sua base reorganizada, Lucio Costa assume o cargo de Diretor com um discurso de crítica à arquitetura que vinha sendo ensinada, afirmando que a arquitetura não mais coincidia com a construção, o que seria uma falha, já que *em todas as grandes épocas, as formas estéticas e estruturais identificam-se* (COSTA, 1930 In: XAVIER, 2003 p. 57).

Em entrevista ao jornal O Globo, em dezembro de 1930, Lucio Costa deixa clara a sua opinião a respeito do que deveria ser feito em relação ao ensino de arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes.

Embora julgue imprescindível uma reforma em toda a Escola, aliás como é do pensamento do governo, vamos falar um pouco de arquitetura. Acho que o curso de arquitetura necessita de uma transformação radical. Não só o curso em si, mas os programas das respectivas cadeiras e principalmente a orientação geral do ensino. A atual é completamente falha. (COSTA, 1930 In: XAVIER, 2003 p. 57)

Este ainda completa a sua crítica veemente em relação a maneira como vinha sendo feita a arquitetura, a partir de uma estrutura pura e limpa de concreto armado, que depois ia sendo disfarçada com arcos, colunas, tudo para esconder a materialidade verdadeira da construção.

(...) se a estrutura pede cinco, a arquitetura pede cinqüenta. Procedemos da seguinte maneira: feito o arcabouço, simples, real, em concreto armado, tratamos de escondê-lo por todos os meios e modos (...). Fazemos cenografia, "estilo", arqueologia, fazemos casas espanholas de terceira mão, miniaturas de castelos medievais, falsos coloniais, tudo, menos arquitetura. (COSTA, 1930 In: XAVIER, 2003 p. 57)

Completa ainda relatando como pretende proceder diante da reforma proposta para a Escola, principalmente em relação ao ensino de arquitetura:

Os clássicos serão estudados como disciplina; os estilos históricos como orientação crítica, e não para aplicação direta. Acho indispensável que os nossos arquitetos deixem a escola conhecendo perfeitamente a nossa arquitetura da época colonial (...) aprender as boas lições que ela nos dá de simplicidade, perfeita adaptação ao meio e à função, e conseqüente beleza. (COSTA, 1930 In: XAVIER, 2003 p. 57-58)

Para começar a reforma propriamente dita, Lucio Costa inicia com os convites aos novos professores, que passam a ocupar importantes disciplinas dentro da escola. Este chama Alexander Buddeus, Gregori Warchavchik (que tem como assistente Affonso Eduardo Reidy), na arquitetura; Leo Putz, para a pintura; e Celso Antonio para a escultura.

Buddeus introduziu as revistas Form e Modern Bauformen, com novo vocabulário plástico de sólidos geométricos e elementares (...). Ele era partidário da escola racionalista ou funcionalista. (...) Warchavchik trazia para o ensino o prestígio das casas "modernas" que desde 1927-28 construía em São Paulo, e o de ter sido escolhido por Le Corbusier representante dos CIAMs para toda a América do Sul. (SANTOS, 1966 p. 2 In: XAVIER, 2003 p. 61)

Os alunos ficam eufóricos com o novo ensino acadêmico, e iniciam eles próprios uma revolução modernista, chefiada por Luiz Nunes, então presidente do diretório acadêmico, afastado posteriormente por motivo de doença, assumindo então seu lugar Jorge Moreira Machado, outro importante arquiteto da história da arquitetura moderna no Brasil. São também alunos da ENBA deste período Alcides da Rocha Miranda, Carlos Leões, Ernani Vasconcellos, Oscar Niemeyer, Milton Roberto, Hélio Uchoa, todos arquitetos de reconhecimento na arquitetura brasileira. *A revolução do ensino de arquitetura foi total. Passamos de uma longa fase de cópias de*

modelos e fórmulas arquitetônicas para a criação. O Vignola² foi solenemente queimado e suas cinzas espalhadas pelas praias do Rio (SOUZA, 1978 p. 5 In: XAVIER, 2003 p. 67). Estes primeiros arquitetos modernos formados teriam sido os verdadeiros pioneiros da nova arquitetura brasileira, uma vez que o que Warchavchik e Rino Levi faziam ainda era uma importação da arquitetura européia. São também alunos, um pouco mais tardios, da mesma ENBA, os arquitetos Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti, responsáveis pelo Plano Piloto da UFSM.

Toda esta revolução provocada por Lucio Costa e apoiada pelos estudantes, no entanto, sofreu grande contestação por parte dos antigos professores da Escola Nacional, já que muitos deles inclusive foram demitidos. Esta discussão provocada em torno das grandes alterações na ENBA teve duas consequências diretas, sendo a primeira delas a colocação em evidência deste movimento renovador, inclusive perante a sociedade, que de outra maneira poderia ter passado quase despercebido; e a segunda consequência foi a retirada de Lucio Costa da direção da escola em 1931, pelo conflito de pensamentos e pelo não cumprimento, por parte deste, do recém aprovado Estatuto das Universidades Brasileiras. Mesmo com a rápida passagem de Lucio Costa pela direção da Escola, este deixou marcas definitivas no ensino de arquitetura na mesma.

1.3.4. A EXPERIMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA

A partir de junho de 1931, Lucio Costa e Gregori Warchavchik firmam sociedade no Rio de Janeiro, sendo responsáveis por reformas e construção de casas e apartamentos. Em uma das casas projetadas por eles, a casa Shwartz, é onde Roberto Burle Marx faz seu primeiro projeto de paisagismo. Como não poderia deixar de ser, seus projetos primam pela rejeição ao ornamento aplicado, pela composição de volumes a partir de planos, pela regularização e horizontalidade em oposição à simetria; ou seja, a linguagem moderna propriamente dita e aplicada. A sociedade é desfeita em 1933.

Neste período também estão produzindo arquitetura moderna Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro, com o Abrigo da Boa Vontade, de 1931;

² Vignola era o “livro sagrado” dos arquitetos no período, um ditador supremo das proporções, da composição de fachadas, das ordens gregas e romanas.

Paulo Camargo, com o primeiro prédio de apartamentos com pilotis do Rio de Janeiro, na Avenida Delfim Moreira; Marcelo e Milton Roberto; Vital Brazil; Adhemar Marinho; e Carlos Leão, todos estes com experimentações em residências no Rio de Janeiro.

A primeira metade da década de 1930 é marcada por uma certa experimentação da arquitetura moderna, com um número cada vez maior de arquitetos trabalhando baseados nos princípios que estes mesmos estavam ajudando a formalizar.

Em 1934, Gustavo Capanema, um mineiro ligado ao modernismo na literatura, toma posse como Ministro da Educação e Saúde Pública, este que viria a ser um personagem muito importante na consolidação da arquitetura moderna brasileira. Neste mesmo ano, Capanema dá início ao processo de elaboração dos projetos para a Cidade Universitária da Universidade do Brasil e para a sede do próprio Ministério da Educação e Saúde Pública; dois projetos de grande importância como legados da arquitetura brasileira e do que esta era capaz de produzir; tornando-se este o marco do modernismo brasileiro e aquele tendo deixado dois projetos de muita relevância para o urbanismo deste país, influenciando várias propostas urbanas desde então, inclusive o objeto de estudo desta dissertação, o *Campus* da Universidade Federal de Santa Maria.

É de grande importância nos episódios do Ministério e da Cidade Universitária, a participação de Le Corbusier, que volta ao Brasil em 1936. Esta segunda viagem de Le Corbusier tem mais de uma versão, sendo a mais difundida a de que o próprio Lucio Costa, depois de incumbido pelo próprio ministro para a realização dos estudos para os dois projetos, teria solicitado pessoalmente ao Ministro, e posteriormente ao Presidente, a vinda de Le Corbusier ao país, para que este servisse como consultor aos projetos. Esta versão é difundida em livros e artigos importantes da arquitetura brasileira, como o *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, de Yves Bruand, publicado originalmente em 1981 (2008 p.83).

Nesta primeira, e mais difundida versão, Lucio Costa teria ficado encarregado de conversar com o Ministro, que foi convencido de que a presença de Le Corbusier seria o único meio capaz de assegurar o objetivo de realização de uma obra realmente monumental. O Ministro teria acertado então a vinda de Le Corbusier ao Brasil, mas para justificar os gastos, o mesmo também seria utilizado como consultor para o

projeto da Cidade Universitária do Brasil, que era outro sonho do ministro. Além disso, Le Corbusier ainda iria proferir seis conferências no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Porém, em tese mais recente, Comas (2002a p. 110) afirma não ter ocorrido exatamente assim este episódio. Segundo este,

Em 21 de março (de 1936), o engenheiro Monteiro de Carvalho escreve a Le Corbusier, propondo-lhe conferências no Brasil; acena com uma consultoria no projeto da Cidade Universitária e menciona que Lucio e Carlos Leão, seus admiradores, estavam projetando o edifício do Ministério da Educação. Le Corbusier responde a 30 de março que para vir seria imprescindível uma participação no projeto do Ministério. A 8 de abril, Monteiro de Carvalho fala da escolha do terreno da Cidade e da contratação de Lucio para o projeto. Le Corbusier responde em 17 de abril, reiterando a exigência de consultoria nos projetos da Cidade e do Ministério, além de pedir entrevista com o presidente para financiamento do Viaduto Habitável de 1929. Em 5 de maio Le Corbusier escreve a Monteiro de Carvalho e a Capanema pedindo notícias.

Depois da intensa troca de correspondências, finalmente é acertada a vinda de Le Corbusier, que chega ao país em 13 de julho de 1936. Durante um mês e meio os dois projetos foram sendo trabalhados alternadamente, sendo dedicado um dia para cada um deles.

Colocadas as versões, fato é que Le Corbusier esteve no Brasil em 1936 e desenvolveu projetos tanto para a Cidade Universitária como para o Ministério da Educação e Saúde Pública. As propostas brasileiras e do franco-suíço destes dois projetos são apresentadas a seguir, devido sua grande importância para a arquitetura brasileira, tendo influenciado também, certamente, o Plano Piloto para o *campus* da UFSM.

1.3.4.1. O ministério

Em 1935 é realizado o concurso de anteprojetos para o edifício do Ministério da Educação e Saúde, que tinha como objetivo a seleção de cinco projetos, dentre os quais seria feita a escolha definitiva. O júri acabou apontando apenas três projetos, os de Raphael Galvão, Gerson Pompeu Pinheiro e Archimedes Memória, professor da Escola Nacional de Belas Artes, sendo este declarado o vencedor, com uma proposta decorada com o estilo marajoara. O projeto do pequeno grupo identificado com as teorias funcionalista foi deixado de fora.

Gustavo Capanema, como presidente do júri, que na realidade não tinha direito a voto, não tinha a mesma opinião dos jurados; este queria afirmar-se diante das futuras gerações com um edifício que marcasse pelo seu tempo, e já havia compreendido que os estilos históricos já faziam parte do passado, e não representavam em nada as necessidades do presente. Assim sendo, o concurso não foi anulado, uma vez que os prêmios foram pagos corretamente, mas os projetos foram descartados, e o Ministro acaba chamando Lucio Costa, um dos participantes já desclassificados, para elaborar um novo projeto. Lucio Costa aceita a missão a ele concedida, mas pede ao Ministro que os outros participantes do concurso que haviam apresentado propostas modernas, também participassem da elaboração do novo projeto. Estes arquitetos foram então convidados por Capanema, sendo eles Carlos Leão, Affonso Eduardo Reidy e Jorge Machado Moreira. Juntaram-se a esta equipe ainda Ernani Vasconcellos, por reivindicação de seu parceiro Jorge Moreira; e Oscar Niemeyer, por reivindicação própria, já que este já havia estagiado com Warchavchik e Lucio Costa anos antes. Dessa maneira, o grupo estava montado, sendo todos eles formados pela Escola Nacional de Belas Artes e tendo todos participado da tentativa de reforma da Escola nos anos de 1930 e 1931, detentores de prerrogativas para a execução da missão a eles atribuída. *Todos enfim comungavam das mesmas preocupações e dedicavam uma admiração ilimitada à obra de Le Corbusier* (BRUAND, 2008 p. 82).

A equipe logo iniciou os trabalhos, primeiramente lançando os princípios sobre os quais estes iriam trabalhar. A primeira proposta dos brasileiros, elaborada antes da chegada de Le Corbusier, vinha ao encontro com o que estes arquitetos já estavam fazendo. Os escritórios se organizam em alas dispostas em U, na parte norte do terreno. As barras que conformam o fechamento, as laterais do U, são compostas por esqueleto de concreto armado e lajes em pequeno balanço na fachada leste, a qual abriga as salas de trabalho; na fachada oeste estão as circulações, sendo esta uma empena revestida com granito e pequenas perfurações dando lugar às aberturas. Estas alas possuem cinco pavimentos e estão dispostas sobre pilotis que liberam o solo. O corpo principal da edificação possui sete pavimentos, sem pilotis, e apresenta as maiores fachadas voltadas a norte e sul, sendo a sul completamente envidraçada e a norte coberta por brises. O auditório fica disposto em um volume fora do corpo da

edificação principal. O projeto é submetido à avaliação de uma comissão formada por engenheiros, arquitetos e diretores do Ministério; que entrega um parecer ao ministro seis dias depois da chegada de Le Corbusier ao Brasil, em 18 de julho de 1936. O parecer, de uma maneira geral, dá crédito e confiança ao aspecto externo do edifício, mas contesta alguns aspectos em relação à utilização do pilotis – os diretores temem a ocupação do mesmo por mendigos e ambulantes. A colocação da comissão de avaliação contesta o partido em U, e sugere a adoção de um partido em T, que seria realmente adotado posteriormente – não necessariamente por sugestão da comissão, mas cabe aqui esta colocação. (...) *poderíamos acrescentar o partido em T, com hall central no cruzamento das hastes do T e com anfiteatro incorporado numa dessas hastes* (COMAS, 2002a p. 127).

A partir da chegada de Le Corbusier, este elabora um primeiro estudo, desenvolvido a partir do zero, rejeitando a proposta dos brasileiros. Ele propõe uma barra horizontal sobre pilotis, liberando o solo e o aproveitando como áreas verdes. Uma barra transversal ao volume principal intercepta este à altura do térreo e segundo pavimento, dando espaço na ala norte ao auditório e na ala sul a uma galeria de exposição, que pode ser utilizada como salão de festas e banquetes, em um volume retangular sobre pilotis. Esta proposta foi facilmente aceita pela equipe brasileira e pelo Ministro, no entanto apresentava proporções que não se encaixavam ao terreno que lhe foi oferecido, em uma quadra da esplanada do Castelo – resultante do desmanche do Morro do Castelo. Le Corbusier vai então a busca de um terreno que comportasse o edifício com a proposta que ele havia desenvolvido, encontrando um terreno da prefeitura do Rio de Janeiro na beira do mar, na Aterro do Flamengo. Capanema tentou negociar a permuta deste terreno com a Prefeitura, mas logo viu-se que este não atingiria o objetivo.

Le Corbusier vê-se então obrigado a desenvolver um outro projeto para o terreno da Esplanada do Castelo. Este acaba elaborando um croqui e o entrega dois dias antes de sua partida de volta à Europa, propondo uma barra menos horizontalizada, com os mesmos elementos do projeto anterior, no entanto com partido em L, com o deslocamento do volume do auditório para o mesmo lado do volume da sala de exposições. O croqui e os esboços de plantas para esta segunda

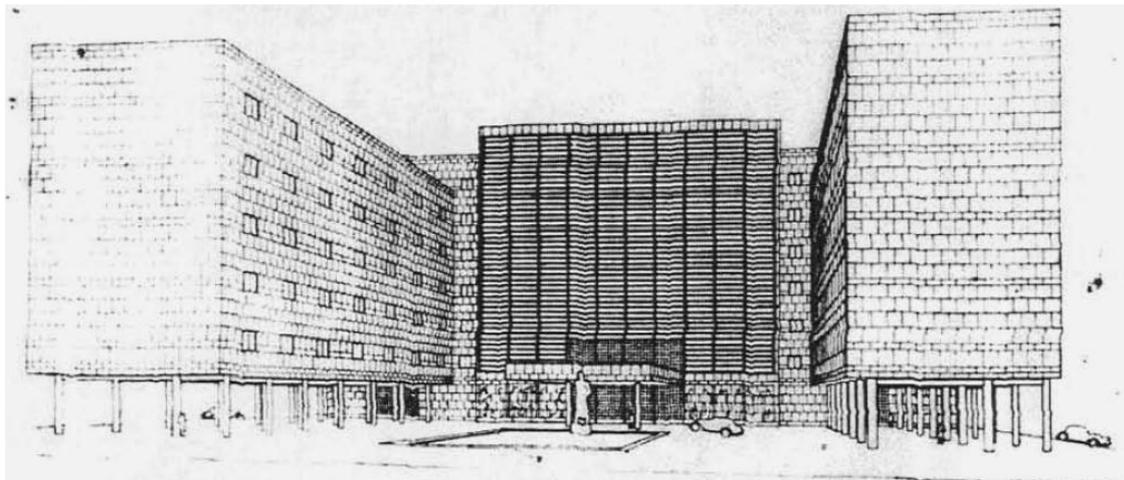
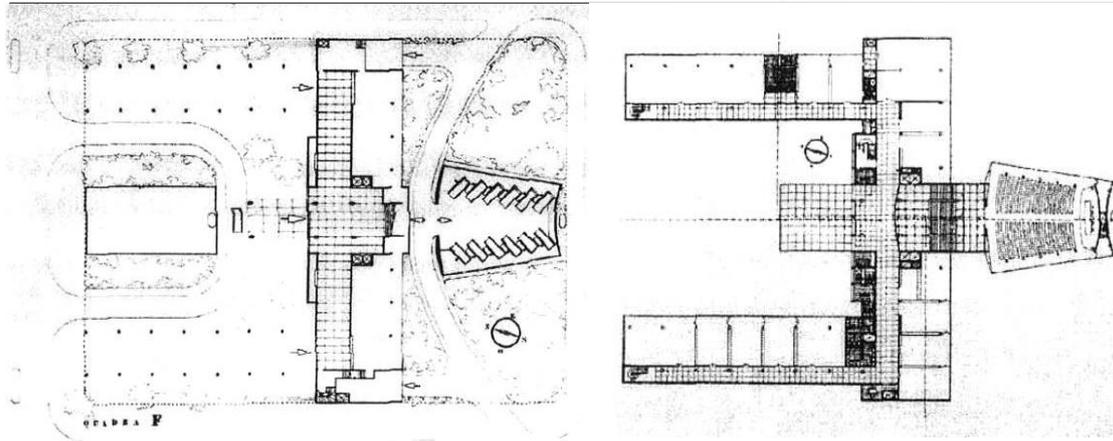


Figura 23: plantas e perspectiva da primeira proposta da equipe brasileira para o Ministério da Educação e Saúde (FONTE: COMAS, 2002a).

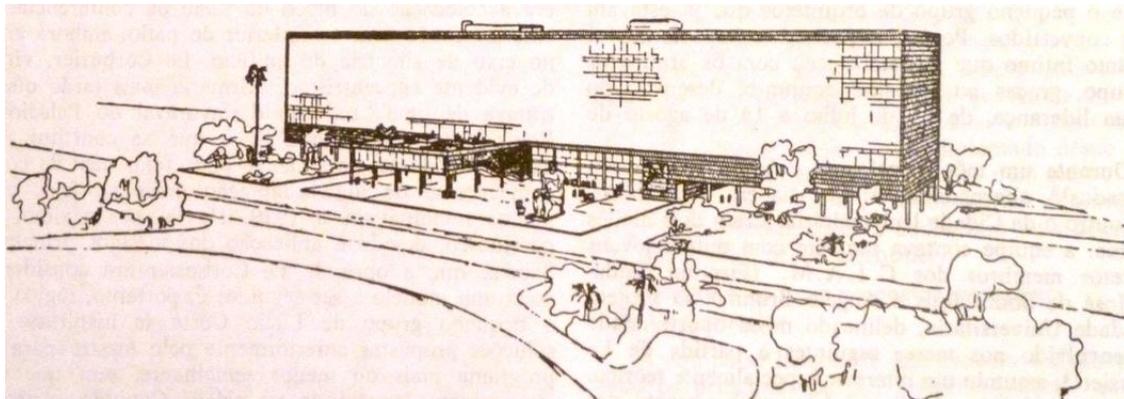


Figura 24: croqui da primeira proposta de Le Corbusier, para o terreno à beira-mar (FONTE: COMAS, 2002a).

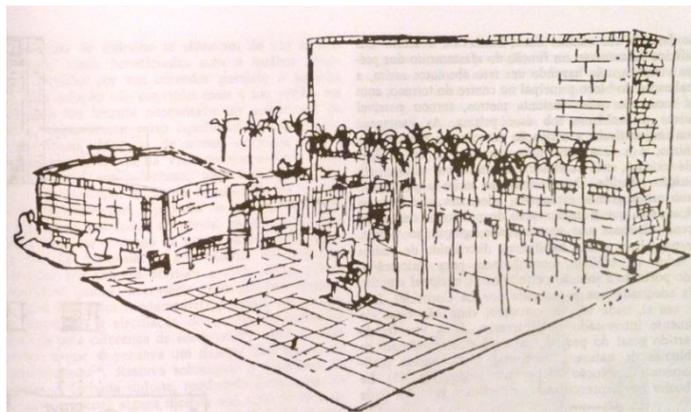


Figura 25: croqui da segunda proposta de Le Corbusier, para o terreno da esplanada do Castelo (FONTE: COMAS, 2002a).

proposta são visivelmente adaptados da proposta anterior, sem maiores cuidados em relação à orientação e imposições do terreno.

As propostas de Le Corbusier são utilizadas como base de linguagem para a equipe brasileira, tendo esta consciência de que o croqui apresentado pelo franco-suíço para o terreno definitivo não contemplava as necessidades por ele mesmo levantadas nas primeiras reuniões. Estes esboços servem então de ponto de partida para Lucio Costa e equipe, reexaminando *o problema, empenhando-se em aplicar os princípios que haviam orientado Le Corbusier quando da elaboração do primeiro projeto* (BRUAND, 2008 p. 85).

Depois do retorno de Le Corbusier, de outubro de 1936 a janeiro de 1937, a equipe brasileira apresenta um projeto que resgata a melhor orientação solar e a vista para a Baía de Guanabara – diretrizes do primeiro esboço de Le Corbusier. O partido em T proposto pela comissão de avaliação e que aparece também no primeiro projeto de Le Corbusier, é aqui adotado. O corpo principal da edificação caracteriza-se por um volume prismático verticalizado com dez pavimentos, com as fachadas maiores voltadas a norte e sul. A fachada sul apresenta-se envidraçada, com vista para a Baía, enquanto a fachada norte é recoberta por um detalhado brise-soleil, que permite a proteção solar e a qualidade da ventilação nos compartimentos internos. Este volume pousa sobre pilotis de dupla altura, abertos na parte central, e com fechamento na porção oeste, dando espaço a salas de apoio. Assim como na primeira proposta de Le Corbusier, o volume principal é interceptado por um bloco transversal ao principal, horizontalizado, de dois pavimentos, que acomoda o auditório trapezoidal e abobadado, a norte, a galeria retangular sobre pilotis, a sul, e a concentração das circulações verticais na intercepção das duas barras.

O gabinete do ministro ocupa todo o primeiro andar acima do pilotis e tem acesso ao teto ajardinado da galeria de exposições. A biblioteca ocupa o andar seguinte. O andar tipo de trabalho se subdivide por tabiques de madeira a meia altura. O bloco é estruturado por lajes planas e uma grelha de colunas e pilares disposta ao longo de onze linhas transversais e três longitudinais, as colunas exteriores recuadas em relação aos bordos das lajes e às fachadas. (COMAS, 2002a p. 130)

Em abril de 1937 é lançada a pedra fundamental da construção da tão sonhada edificação do Ministério da Educação e Saúde Pública. Em abril de 1938, o Ministro Capanema solicita o aumento do número de andares administrativos para quatorze (ao invés dos dez

anteriores), e consegue a autorização da Prefeitura para elevação do gabarito. No final de 1938 a estrutura já está praticamente pronta, momento no qual Burle Marx faz o projeto de paisagismo para o quarteirão onde se insere a edificação, e para o terraço jardim sobre a galeria. No final de 1943 o edifício já passa a ser ocupado, mas a sua inauguração oficial só ocorre em outubro de 1945. Outra alteração ao projeto ainda foi feita antes de sua inauguração oficial, segundo Comas (2002a p. 132), *entre junho de 1944 e a inauguração, a galeria se expande mais um intercolúnio, acessível diretamente por escada fechada.*



Figura 26: foto do Ministério recém inaugurado (FONTE: <http://www.papodearquitecto.com/2010/01/25/a-vida-de-le-corbusier-obras-teorias-e-projetos/>, acessado em 02 de julho de 2011)

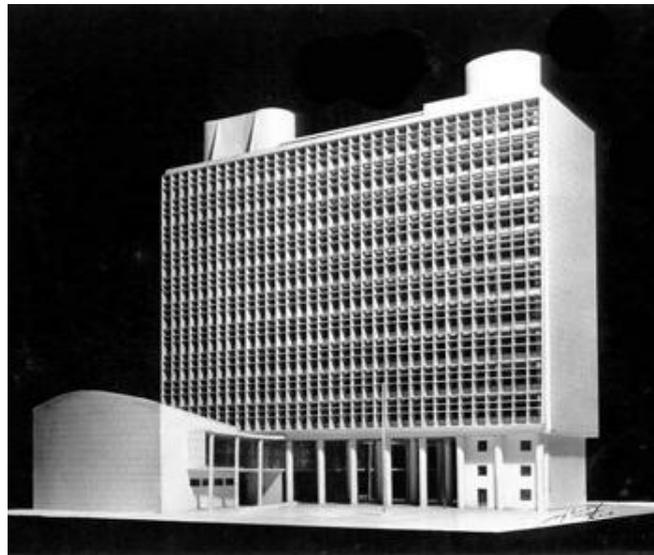


Figura 27: maquete do Ministério, com a barra projetada de 10 pavimentos sobre pilotis (FONTE: <http://www.educacional.com.br/reportagens/niemeyer/>, acessado em 02 de julho de 2011)

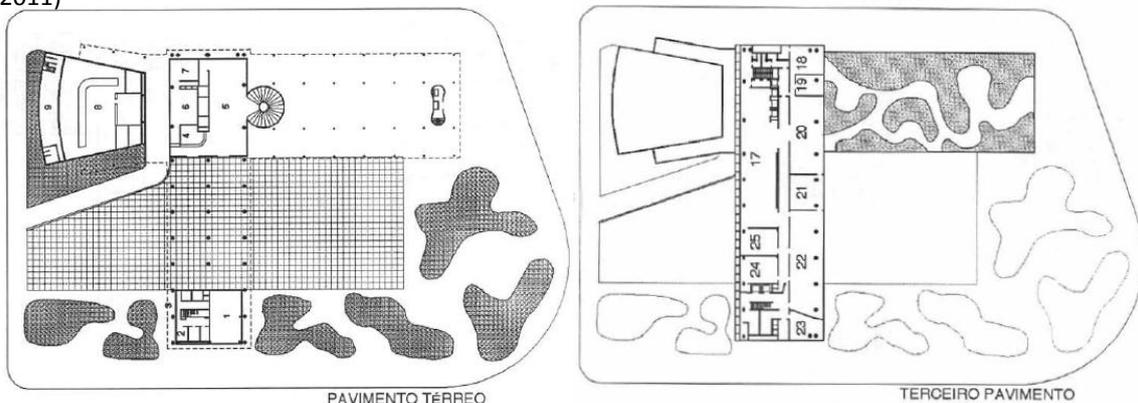


Figura 28: plantas do pavimento térreo e terceiro pavimento da proposta definitiva para o Ministério (FONTE: COMAS, 2002a)

1.3.4.2. *A universidade do Brasil*

Em 1930, antes de Gustavo Capanema assumir o Ministério da Educação, o urbanista francês Alfred Agache apresentou seu plano de urbanização para o Rio de Janeiro, e nele constava a primeira ideia de localização da Cidade Universitária, na Praia Vermelha. Na realidade nunca foi consolidado um *campus* neste local, mas alguns dos institutos de ensino, antes de serem transferidos para a localização definitiva da Cidade Universitária, a Ilha do Fundão, concentraram-se na Praia Vermelha. Em 1935, Gustavo Capanema toma posse como Ministro da Educação e Saúde, e uma de suas primeiras ações no cargo foi pedir informações sobre as Cidades Universitárias de Madri e de Roma, que estavam em construção; já pensando no projeto para a Cidade Universitária do Brasil, um dos principais objetivos deste no comando do Ministério.

Em junho de 1935, Capanema convida Marcelo Piacentini, autor do projeto do *campus* da Universidade de Roma, para vir ao Brasil como consultor na escolha da localização da cidade universitária, e também para que este desenvolvesse um primeiro estudo para o *campus* brasileiro.

A discussão sobre a localização se polariza entre a Praia Vermelha, a indicação de D. Pedro II ratificada por Alfred Agache no plano de 1928, na Zona Sul; e as imediações da Quinta da Boa Vista, na Zona Norte, contendo o antigo Palácio Real e Imperial de São Cristóvão convertido em Museu Nacional e abrigando uma valiosa coleção etnográfica. (COMAS, 2002a p. 109)

Piacentini teria aprovado a localização inicial da Cidade Universitária, na Praia Vermelha, mas teria constatado que a mesma era muito pequena para a construção de todo o *campus*. Em junho de 1936, Lucio Costa elabora uma proposta de estudo para a Cidade Universitária, localizando-a sobre a Lagoa Rodrigo de Freitas, com as construções edificadas sobre grandes estacas, ligadas umas às outras por pontes. O Escritório do Plano da Universidade rejeitou a proposta de Lucio Costa, alegando dificuldades técnicas e o alto custo necessário para tal construção.

Ainda em 1936, Capanema pede para que a Comissão Geral de Professores e o Escritório do Plano da Universidade, criados e formulados por ele em julho de 1935, definam a localização definitiva da Universidade, frente às indecisões entre a Praia Vermelha e a Quinta da Boa Vista. Após uma análise detalhada e comparativa, a respeito das questões financeiras e de ordem prática, a Comissão chegou à conclusão

de que a Universidade deveria ser implantada nos terrenos da Quinta da Boa Vista, uma vez que esta era uma área mais extensa e quase sua totalidade já pertencia à União, dispensando gastos e tempo com desapropriações. O Palacete da Quinta seria incorporado às instalações da Cidade Universitária. A Comissão elabora então o programa de necessidades, considerando as escolas organizadas em departamentos, equipamentos centrais como Biblioteca, Aula Magna, Museu, Reitoria, Hospital, setor esportivo e setor residencial.

Em julho de 1936 Le Corbusier chega ao Brasil, com o objetivo de prestar consultoria e elaborar projetos para a edificação do Ministério da Educação – já relatado aqui - e para a Cidade Universitária do Brasil. A proposta apresentada por Le Corbusier para a Cidade Universitária acaba não sendo aprovada pela Comissão Geral de Professores, por razões específicas de projeto, e também por razões políticas, já que a comissão queria que o responsável pelo projeto fosse Marcello Piacentini, com quem o ministro Capanema já haveria se comprometido.

Já em 1937, após o retorno de Le Corbusier à Europa, Lucio Costa e sua equipe apresentam o seu projeto para a implantação da Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista, levando em consideração alguns dos aspectos levantados por Le Corbusier e adicionando outros de caráter local, e elementos ponderados pela Comissão na avaliação do projeto de Le Corbusier. Mais uma vez a proposta é recusada pela Comissão. *Em 12 de julho (de 1937), Lucio escreve a Capanema reconhecendo que a partida foi perdida* (COMAS, 2002a p.111).

De 1937 a 1944, a resolução dos problemas em relação à Cidade Universitária é deixada um pouco de lado. Em 1944 foi assinado um decreto pelo Presidente Getúlio Vargas que extinguiu a Comissão do Plano da Universidade do Brasil e criava o Escritório Técnico da Cidade Universitária da Universidade do Brasil (ETUB), dirigido pelo engenheiro civil Luiz Hildebrando de Barros Horta Barbosa. As questões em relação à localização da Cidade Universitária são retomadas.

Em 1948, finalmente decidiu-se pela localização definitiva da Cidade Universitária da Universidade do Brasil. Para a consolidação da mesma seriam interligadas nove ilhas nos arredores de Manguinhos, através de aterros que consolidaram a Ilha da Cidade Universitária, mais conhecida como Ilha do Fundão. De

1949 a 1952 foram feitos os trabalhos de terra na Ilha, e apenas em 1955 iniciou-se a construção das edificações do *Campus* da Universidade do Brasil.

A seguir serão apresentados os projetos de Le Corbusier e Lucio Costa para a Cidade Universitária do Brasil, quando esta ainda seria localizada na Quinta da Boa Vista; uma vez que estes são de grande importância para a arquitetura brasileira, mesmo enquanto somente projeto, e ainda são projetos que influenciaram muito os arquitetos Oscar Valdetaro e Robeto Nadalutti quando da elaboração do projeto para o *campus* da Universidade Federal de Santa Maria.

O projeto de Le Corbusier

A abordagem de Le Corbusier ao programa e à área de intervenção da Cidade Universitária se dá de uma maneira bastante particular. Através de seus croquis para o projeto e de seus relatos, percebe-se a importância que este dá à conexão do terreno da Quinta da Boa Vista com o restante do país, com o interior, através da Estrada de Ferro que corta este terreno. *Seu centro é, portanto, atravessado pela totalidade das circulações ferroviárias que penetram no interior do Brasil* (CORBUSIER, 1947 apud OLIVEIRA, 2002 p. 154).

Em contrapartida a esta preocupação de ligação com o restante do país, percebe-se a falta de importância dada às conexões do *campus* com a cidade tradicional circundante à Quinta da Boa Vista. Le Corbusier adota visuais que devem ser priorizadas, e assim orienta as edificações a fim de salientar panoramas interessantes e ocultar outros menos importantes. A principal visual adotada por Le Corbusier é a norte-sul, privilegiando as vistas para a Baía de Guanabara. Como maneira de salientar este ponto focal, ele direciona todas as edificações neste sentido, como se apontassem para a baía, além disso, libera o eixo da composição de edificações de grandes proporções, possibilitando a continuidade da visualização; e ainda utiliza a barra em altura do Hospital Universitário como barreira visual da cidade à norte da Quinta da Boa Vista, como se esta não o interessasse. *O projeto evita deliberadamente o contato da nova estrutura urbana com a tessitura do entorno (imediato)* (OLIVEIRA, 2002 p.157).

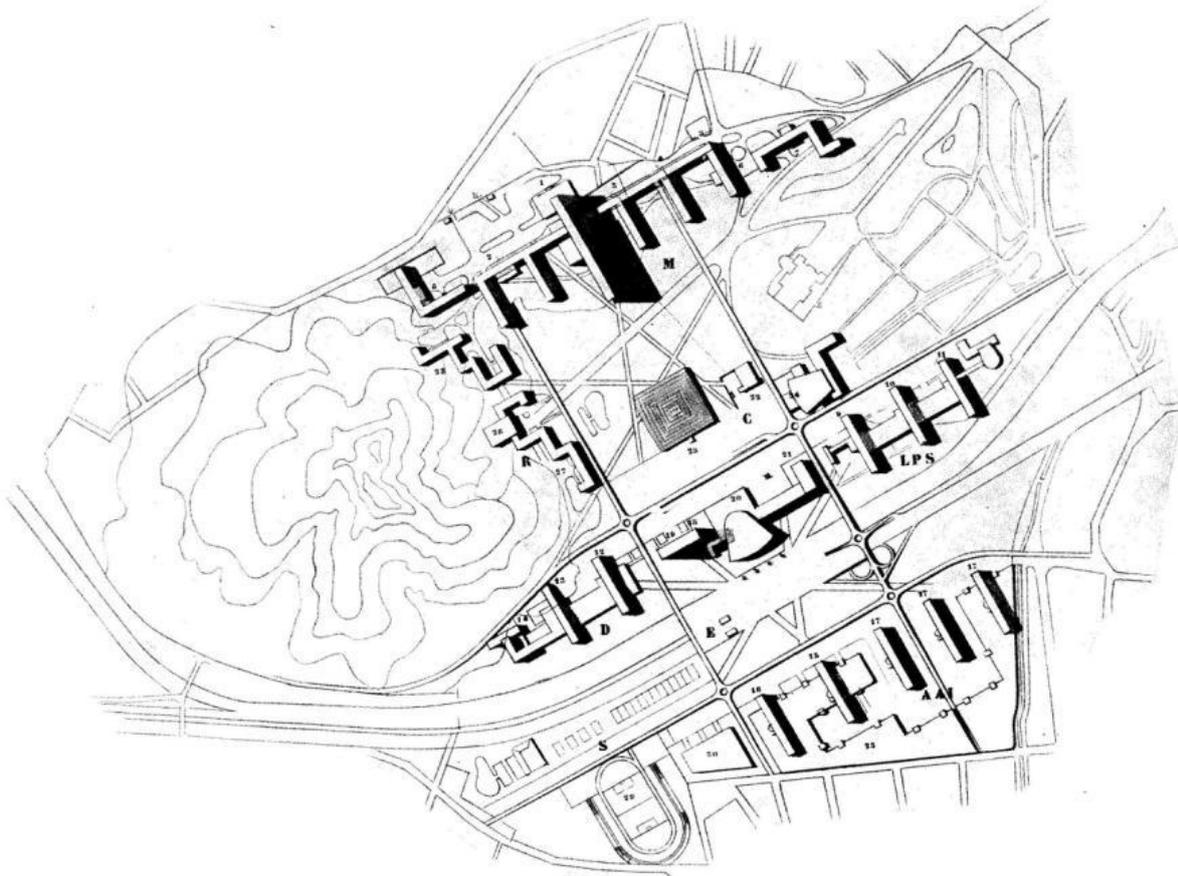


Figura 29: implantação da proposta de Le Corbusier para a Quinta da Boa Vista (FONTE: OLIVEIRA, 2002)

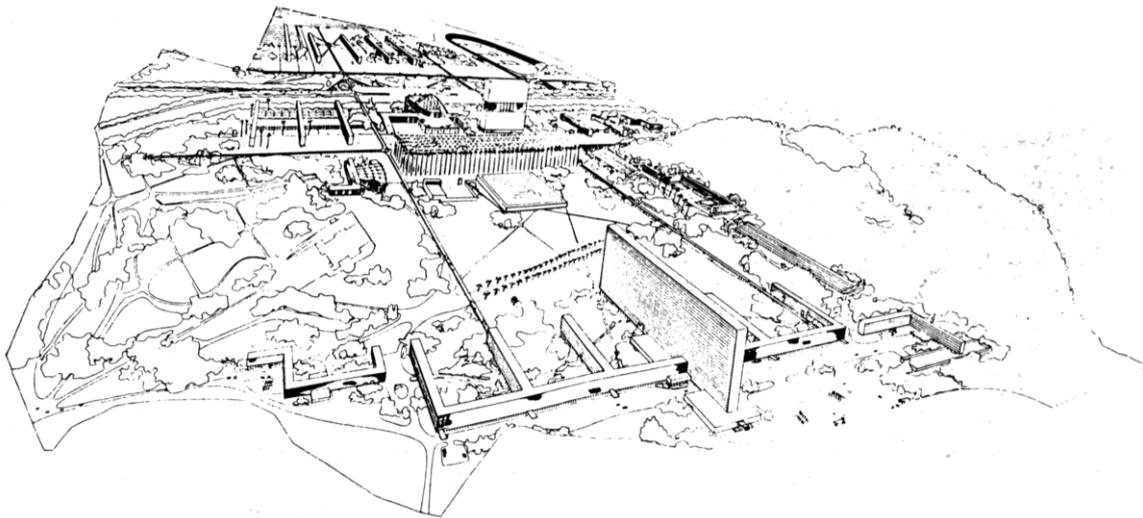


Figura 30: vista geral da proposta de Le Corbusier para a Quinta da Boa Vista (FONTE: OLIVEIRA, 2002)

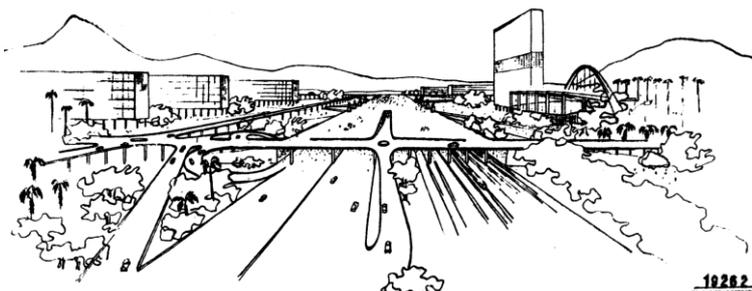


Figura 31: vista da plataforma de distribuição de circulações e vias paralelas (FONTE: OLIVEIRA, 2002)

Por essa razão, seu projeto é criticado posteriormente, pois privilegia visuais em relação à orientação solar dos blocos de estudo, deixando de lado preocupações com a habitabilidade e o conforto térmico, como afirma Alberto (2003): *A sua opção se baseou no uso do ar condicionado em todas as salas. Essa crença no poder das máquinas, e nas revoluções que elas poderiam causar na arquitetura, é uma das principais características do pensamento do arquiteto nestes anos.*

O acesso à Cidade Universitária, tanto de veículos como de pedestres, se dá pela plataforma de distribuição de circulação, *no nível do solo as grandes circulações de trânsito para o Brasil – trem e estrada – estão encobertas sob a grande plataforma de distribuição de circulação da cité* (CORBUSIER, 1947 *apud* OLIVEIRA, 2002 p.155). A auto-estrada une-se a vias elevadas através de um trevo de acesso, vias estas que levam até estacionamentos localizados junto aos principais edifícios; já a circulação de pedestres parte da estação às demais instalações a partir de uma série de caminhos diagonais, que entremeiam o parque que dá continuidade ao *campus* como um todo. As circulações de veículos e pedestres ficam separadas, bem delimitada uma da outra.

Paralelamente à estação de acesso, há duas vias que configuram eixos secundários e estruturam as edificações dos institutos de ensino, que organizam-se perpendicularmente a estas vias. *Estas edificações que concentram as atividades de ensino, as Faculdades, são conformadas por prismas edificadas de cinco pavimentos sobre pilotis, dispostos lado a lado e quase sempre interligados por plataformas contínuas* (OLIVEIRA, 2002 p.156).

Transversalmente a esses eixos secundários e às vias de acesso, configura-se o eixo principal da composição, conformado por duas vias paralelas entremeadas por um grande tapete verde onde estão dispostas as edificações diferenciadas figurativa ou programaticamente, sendo elas o grande auditório (réplica do Palácio dos Soviets, de 1931), o Museu do Conhecimento (similar ao *musée d'art contemporain*, de 1931), a “Esplanada das dez mil palmeiras imperiais”, o Hospital Universitário, a Biblioteca e o conjunto das Faculdades “dos engenheiros, dos artistas, dos músicos e dos arquitetos”.

Além desses dois eixos compositivos, há a presença, na porção sul, do estádio e do complexo esportivo, um teatro e outro pequeno auditório para música. Nas encostas dos morros, as residências de alunos e professores aparecem compostas pela forma dos *rédents*, já utilizados na obra de Le Corbusier.

O projeto de Lucio Costa

O projeto que Lucio Costa desenvolve e apresenta em 1937 demonstra uma maneira de encarar a área de intervenção bastante diferente da abordagem de Le Corbusier. Lucio Costa analisa sistematicamente o amplo terreno e seus arredores, estuda a orientação solar mais adequada para implantar os edifícios das faculdades, define o acesso principal à Cidade Universitária através do entroncamento de duas vias já existentes, e assume a presença da estrada de ferro que corta o terreno como um ponto negativo, procurando diminuir seu impacto a partir de sua intervenção.

Na memória justificativa de seu projeto, Lucio Costa deixa claro quais eram as suas principais preocupações e pontos a serem respeitados. Para ele, o partido deveria atender a uma localização do hospital em um local sossegado e que possibilitasse acesso independente; o centro esportivo deveria estar localizado em uma zona mais isolada e que também possibilitasse acessos independentes; deveria tentar-se aproveitar, dentro do possível, a parte plana do terreno; a entrada principal da Universidade deveria ser um ponto de destaque; e a orientação solar das edificações de ensino deveria seguir um amplo estudo por ele desenvolvido, que levava em consideração a inclinação do sol para a área de intervenção, cálculo de elementos de proteção solar, entre outros. *Para Lucio Costa, os três elementos principais que compõem o seu partido são a orientação, a circulação e a localização dos edifícios principais* (ALBERTO, 2003).

Lucio Costa adota uma composição axial, onde a praça de acesso marca o ponto inicial do eixo principal e o Hospital Universitário o ponto final, estando ao meio do eixo as edificações destinadas às Faculdades, na parte mais plana do terreno. *Primeiro um conjunto de edifícios de caráter monumental, ricos de expressão plástica; a seguir, entre a Quinta e o morro, em cadência, as escolas; e, fechando a composição, a massa imponente do hospital* (COSTA, 1936 In: XAVIER, 1962 p.81). Apesar de terem partido de prioridades diferentes, os dois projetos apresentam também muita similaridade, afinal, Lucio Costa assume a inspiração em Le Corbusier:

[O projeto] se inspira – embora seguindo partido oposto – nas sugestões deixadas por Le Corbusier, atendidas, porém, na medida do possível, as restrições que as mesmas motivaram, restrições estas infelizmente fundadas – na sua maior parte – em um equívoco inicial (COSTA, 1936 In: XAVIER, 1962 p. 85).



Figura 32: implantação da proposta de Lucio Costa para a Quinta da Boa Vista (FONTE: OLIVEIRA, 2002)

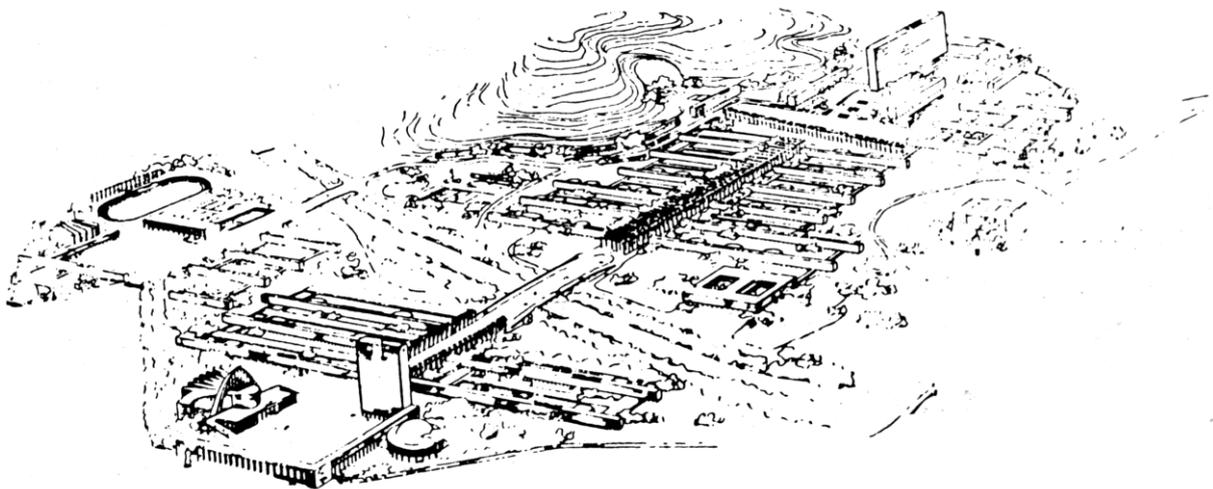


Figura 33: vista geral da proposta de Lucio Costa para a Quinta da Boa Vista (FONTE: OLIVEIRA, 2002)

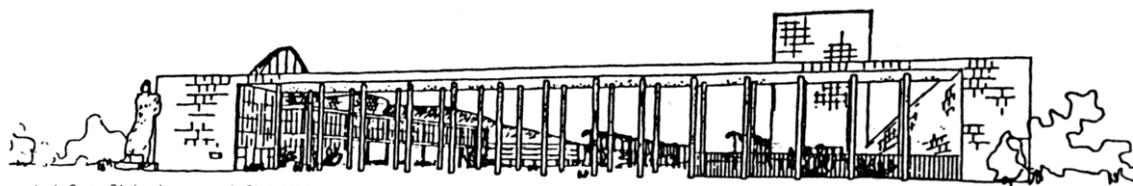


Figura 34: vista do pórtico de acesso principal (FONTE: OLIVEIRA, 2002)

O projeto como um todo se configura a partir de uma composição axial. O eixo principal tem início a partir do entroncamento da Rua Derby com a Avenida Maracanã, local pelo qual se dá o acesso principal à Cidade Universitária. Este acesso é marcado por um imponente pórtico, seguido de uma praça onde estão localizadas a Reitoria, o Auditório e a Biblioteca. Ao longo do eixo principal, no qual se desenvolve as circulações de veículos e pedestres, estão distribuídas as Faculdades, transversalmente a este eixo, as quais o acesso de veículos se dá através de vias secundárias. Ao final do eixo, como fecho da composição, está localizado o Hospital Universitário, composto por uma placa em altura. Além dos edifícios que compõem o eixo principal e os eixos secundários, há o Centro Esportivo, que completa o programa do *campus*. Ele foi disposto em um braço lateral, formando uma configuração em “L”, separado um pouco do restante da Cidade Universitária, uma vez que este deveria ter um acesso independente e facilitado. A presença da estrada de ferro é tratada de maneira oposta à de Le Corbusier. Enquanto este tira partido da mesma, Lucio Costa a transpõe através de um viaduto, permanecendo a mesma em um nível abaixo, encoberta por vegetação, como forma de diminuir o barulho ocasionado pela sua presença.

Uma questão bem importante abordada no projeto de Lucio Costa é o uso de diferentes escalas. No grande eixo principal, com cerca de cem metros de largura, a escala monumental é notória; porém na medida em que se afasta do mesmo, a escala vai diminuindo, através dos eixos secundários. Próximo às edificações onde estão localizadas as Faculdades, Lucio Costa utiliza o artifício de pátios como maneira de criar escalas menores, próprias de cada um das Faculdades, proporcionando diferentes áreas de convivência. Para ele estes pátios são elementos representantes de uma expressão local.

(...) essa ideia de criar para cada escola uma área murada, fechada e tendo o corpo da escola solto, atravessado e ao longo desses muros (...), construções térreas para uma série de comodidades e de conveniências dos alunos e de interesse de cada escola, (...) eu acho que isso é uma coisa bem mentalmente filiada à nossa tradição(...) (GOROVITZ, 1989 apud ALBERTO, 2003).

1.3.5. O PERÍODO DE CONSOLIDAÇÃO E EFERVESCÊNCIA

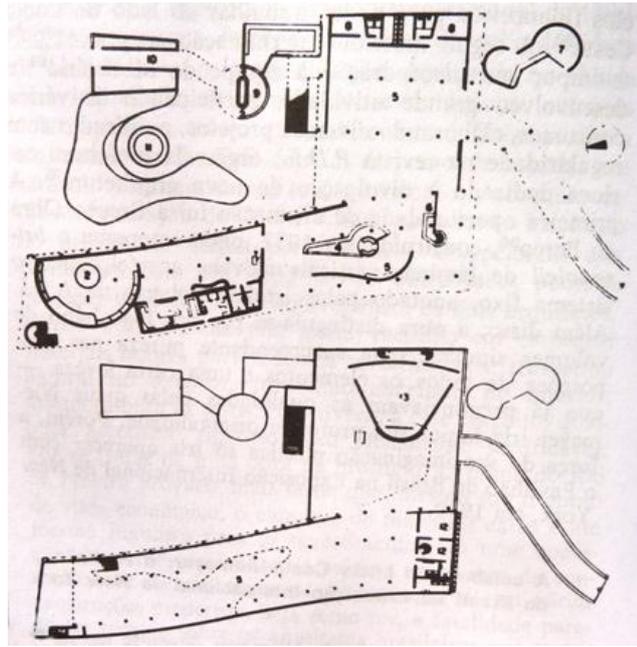
Em 1939, outro episódio importante marca a arquitetura brasileira, agora com repercussão direta no exterior. É neste ano que ocorre a Exposição Internacional de Nova York, para a qual foi realizado um concurso de escolha do projeto para o Pavilhão Brasileiro desta exposição. Para ser ter uma ideia da mudança de pensamento no meio arquitetônico e cultural, agora constava nos atributos pretendidos pelo júri, que a edificação deveria ter uma forma arquitetônica que pudesse traduzir a expressão do meio brasileiro; *chegava-se mesmo a recomendar que essa forma devia estar preferencialmente baseada nas preocupações atuais de modo a corresponder ao programa da Exposição de New York, que pretendia oferecer uma visão do “mundo de amanhã”* (BRUAND, 2008 p. 105); diferentemente do que ocorreu três anos antes, no concurso para o Ministério, onde as propostas de linguagem moderna foram desprezadas pelo júri.

Levando-se em consideração que a arquitetura moderna brasileira ainda estava em fase de experimentação, e que não se havia uma linguagem propriamente brasileira muito bem definida, ficava difícil que um projeto correspondesse exatamente ao que o júri requisitava. *A escolha recaiu sobre o de Lucio Costa por ser ele que apresentava mais forte dose de brasilidade, ficando o projeto de Niemeyer em segundo lugar por seu caráter econômico e funcional* (BRUAND, 2008 p. 105). Lucio Costa, no entanto, considera o projeto de Niemeyer muito valioso, e solicita que este se una àquele para a realização de um terceiro projeto, o que é acatado e liberado pela comissão, sendo os dois os responsáveis pela elaboração do projeto final para o Pavilhão. O projeto contou ainda com a participação do arquiteto americano Paul Lester Wiener.

Lucio Costa e Niemeyer decidiram chamar a atenção do público por meio de uma construção simples, harmoniosa, e equilibrada, expressão tão pura quanto possível da arte contemporânea. O projeto foi estudado em função do contexto no qual seria inserido. (BRUAND, 2008 p. 106)



Figuras 35: acesso ao pavimento superior do Pavilhão (FONTE: SEGAWA, 1999 p.95)



Figuras 36: plantas do pavimento térreo e superior do Pavilhão (FONTE: BRUAND, 2008 p.106)



Figuras 37 e 38: vista do jardim e do interior da ala de exposições (FONTE: SEGAWA, 1999 p.95)



Figura 39: foto do Pavilhão Brasileiro da Exposição Internacional de Nova York, 1939 (FONTE: http://constelar.com.br/blog/index.php/dimitri/cat15/aniversariante_do_mes_oscar_niemeyer_par, acessado em 04 de julho de 2011)

O projeto resultante *adota, grosso modo, o partido em L de Niemeyer, mas com o contraste entre horizontalidade e verticalidade propostos por Lucio* (COMAS, 2002a p. 177). O edifício organiza-se sobre pilotis de aço, com uma ala sinuosa e longa, nos limites deste com a rua lateral, e uma ala com maior largura e menor comprimento, de linhas retilíneas, na fachada de acesso, voltada à via principal. O pátio resultante da conformação em L é fechado na outra lateral pelo Pavilhão Francês, composto por uma grande empena na divisa entre este e o Pavilhão Brasileiro. Este pátio interno é bastante trabalhado, com lago artificial coberto por vitória-régia e composto por uma vegetação bastante tropical. O pilotis sob os volumes principais é conformado a partir de volumes menores, soltos, ocupados por café, restaurante, salão de dança e depósitos. O acesso ao pavimento superior é feito através de uma escada já no pátio interno, acessada depois da transposição do pilotis; ou por uma rampa sinuosa, que dá acesso ao espaço fluido do pavimento superior. A partir do acesso principal – pela rampa – chega-se em um espaço aberto no segundo pavimento, com o auditório localizado à direita, solto em relação aos planos que definem o corpo principal da edificação; e a sala de exposições principal à esquerda, no volume de maior comprimento, sinuoso, com superfície opaca na fachada voltada à rua, e envidraçada na fachada voltada ao pátio interno. Toda a edificação é entremeada por painéis, esculturas, pinturas, elementos da arte brasileira, tanto a moderna – quando incorporadas à edificação, como painéis – como clássicas, coloniais – quando expostas na mostra.

Logo após a inauguração do Ministério de Educação e Saúde, é findado o Estado Novo, com a deposição de Vargas e, conseqüentemente, o afastamento de Capanema. A arquitetura moderna que havia sendo desenvolvida por Lucio Costa, Niemeyer, Eduardo Reidy, irmãos Roberto, Jorge Moreira, Carlos Leão, e demais, não desaparece com a mudança do regime governamental do país. Esta arquitetura ainda estava longe de ser a preponderante no Brasil, mas a mesma já tem espaço garantido na prática e no ensino, por meio das Faculdades de Arquitetura a pouco criadas, que unificavam os cursos de Belas Artes e de Engenharia.

No governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1950) o número de projetos vinculados à arquitetura moderna e de porte considerável, diminui. Em contrapartida, a clientela privada acaba aumentando. Neste período, Niemeyer ganha o concurso

para o *Campus* do Centro Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos, em 1947; e Affonso Eduardo Reidy projeta o Conjunto Habitacional do Pedregulho, para funcionários da Prefeitura do Distrito Federal. Jorge Moreira é instalado como arquiteto-chefe da Universidade do Brasil, que neste momento já havia sido decidido pela edificação do *campus* na Ilha do Fundão.

*(...) 1945 é o momento de “consagração”, começa a haver uma aceitação maior da nossa arquitetura moderna: o que era exceção começa a ser referência para os próprios brasileiros. É importante observar que o governo Dutra é, na verdade, a transição. Os grandes projetos e as grandes propostas de habitação vão acontecer nesse governo. Depois, em 50, tem-se Getúlio, que é uma referência. Há, de fato, consolidação e hegemonia. Em 54, começa a haver a “mutação”: os concorrentes, as críticas, começam a aparecer. Há, portanto, uma série de fases que acompanham, quase pari passu, a evolução dos regimes presidenciais brasileiros. **E isso é uma peculiaridade na arquitetura brasileira, onde se tem o estado como um patrono da arquitetura.** Primeiro o estado, depois a burguesia.* (COMAS, 2002b p. 13, grifo nosso)

Em São Paulo, neste mesmo período, Rino Levi se destaca com o edifício de apartamentos Prudência, entre outros. Vilanova Artigas começa a chamar a atenção com projetos como o edifício Louveira e a casa do arquiteto, e o Terminal Rodoviário de Londrina. Começam a aparecer novos nomes no cenário da arquitetura no Brasil, como Oswaldo Bratke e os italianos Giancarlo Palanti e Lina Bo Bardi.

Em 1950, Getúlio volta à presidência através do voto popular, e Kubitschek é eleito governador do estado de Minas Gerais. Neste momento, a presença da arquitetura moderna em edifícios públicos de grande porte ganha envergadura novamente. Em São Paulo, a fim de dinamizar a vida cultural da capital econômica do país, Ciccilo Matarazzo monta a Bienal de Arte de São Paulo, baseado no modelo da Bienal de Veneza. Na ocasião, a arquitetura passa a ter um evento próprio dentro da Bienal, e a I Bienal Internacional de Arquitetura ocorre em 1951.

Durante o governo de Getúlio, portanto, a arquitetura moderna desenvolvida pelos cariocas se difunde e acaba se cristalizando efetivamente como o estilo nacional adotado no país. Neste período, Oscar Niemeyer projeta edificações em Minas e o Parque de Exposições do Ibirapuera, em São Paulo, datado de 1954; no Rio de Janeiro é responsável pelo Hospital Sulamérica. Internacionalmente, Niemeyer projeta o Museu de Arte de Caracas e o bloco residencial da Interbau de Berlim, com projeto

inicial de 1955. No mesmo período, Jorge Machado Moreira conclui o edifício e a casa Antônio Ceppas, e inicia o Instituto de Puericultura, o Hospital de Clínicas, a Faculdade de Engenharia e a Faculdade de Arquitetura, todos no *campus* do fundão da Universidade do Rio de Janeiro. Reidy finaliza o conjunto do Pedregulho. Lucio Costa projeta a Casa do Brasil para a Cidade Universitária de Paris, e edifica três dos blocos projetados para o Parque Guinle. Data deste período também a casa do arquiteto, de Oswaldo Bratke, no Morumbi, que ilustra uma *obra correta de afinidade miesiana* (COMAS, 2002a p. 14).

Em 1955, Juscelino Kubitschek é eleito presidente. Neste período, a arquitetura moderna brasileira começa a ser criticada pela falta de preocupação social do que estava sendo produzido. Segundo Comas (2002a p. 17) são várias as correntes que iniciam esta crítica, desde a ala gaúcha do Partido Comunista, liderada pelo Demétrio Ribeiro, que defendia uma arquitetura que pudesse ser compreendida pelas massas; passando por Giedion, que inclusive escreve haver “alguma coisa irracional no surgimento da arquitetura moderna brasileira” no prefácio do livro de Mindlin *Modern Architecture in Brazil*, de 1956; e o próprio Mindlin, que lamenta a falta de habitações populares, hospitais, escolas, urbanismo de sentido social.

Superficialidade é uma das críticas correntes à arquitetura moderna brasileira, mas (...) é provável que não seja senão superficialidade do analista. (COMAS, 2002a p. 25)

Neste mesmo momento, em 1956, Lucio Costa realiza três trabalhos importantes no Rio de Janeiro, como a sede do Jockey Club do Rio, a sede do Banco Aliança e o agenciamento da encosta da Igreja do Outeiro da Glória. Em 1958 é inaugurado o Museu de Arte Moderna (MAM), no aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, de autoria de Affonso Eduardo Reidy. Niemeyer começa a elaborar uma autocrítica, por ter se envolvido em uma tendência maior para a originalidade, crítica esta que fica clara em um Depoimento que este dá à revista *Módulo* em 1958, no qual afirma que esta característica pela originalidade teria prejudicado muitas vezes “a simplicidade das construções e o sentido da lógica e economia que muitos reclamavam”. Ele mesmo declara ter ingressado em uma nova etapa de “concisão e pureza” a partir do Museu de Caracas, passando a se interessar por:

soluções compactas, simples e geométricas: os problemas de hierarquia e caráter arquitetônico; as conveniências de unidade e harmonia entre os edifícios e ainda, que estes não mais exprimam por seus elementos secundários, mas pela própria estrutura, devidamente integrada na concepção plástica original (NIEMEYER, 1958 apud COMAS, 2002a p. 18),

o que vai refletir-se nitidamente nas construções da futura capital brasileira, Brasília.

1.3.6. O EPISÓDIO DE BRASÍLIA

Já em 1892 foi demarcada, pela Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, a área inicial que viria a compor o Distrito Federal. Em 1946 a Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil voltou à área, ampliando-a de 14.400 m² para 77 mil km². Em 1955 foi finalmente definida a área correspondente ao Distrito Federal, englobando 50 mil Km².

Em 20 de setembro de 1956 é publicado no Diário Oficial o edital para o concurso público para o Plano Piloto de Brasília. Sessenta e duas equipes foram inscritas nos vinte e cinco dias correntes a partir da publicação do edital. O prazo para entrega dos trabalhos era de 120 dias, a contar da abertura das inscrições. O edital exigia que as equipes participantes fossem dirigidas por arquitetos, engenheiros ou urbanistas domiciliados no país e devidamente registrados no Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura. O edital previa premiação para os cinco primeiros colocados no Concurso³.

Apenas vinte e seis equipes apresentaram suas propostas para o Plano, e as premiadas foram as de: Lucio Costa, com o primeiro lugar; Boruch Milman, João Henrique Rocha e Ney Fontes Gonçalves, com o segundo lugar; Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz Roberto Carvalho Franco, em terceiro e quarto lugar; junto da equipe formada pelos irmãos Roberto; Henrique Mindlin e Giancarlo Palanti em quinto lugar; juntamente com a equipe liderada por João Batista Vilanova Artigas⁴ e a Construtécnica S.A., sob responsabilidade do arquiteto-chefe Milton Ghiraldini.

A análise de todas as propostas premiadas permite notar que os projetos

³ Informações relacionadas ao concurso retiradas do livro “O Concurso de Brasília”, 2010, de Milton Braga.

⁴ Faziam parte da equipe de João Batista Vilanova Artigas, Carlos Cascaldi, Mário Wagner Vieira da Cunha e Paulo de Camargo e Almeida.

denotavam uma ligação em comum, a presença das ideias do urbanismo racionalista de Le Corbusier, já colocadas em prática no projeto para Chandigarh.

O momento do concurso poderia ser caracterizado como o último de um período de forte consenso em relação aos preceitos arquitetônicos e urbanísticos, com uma geração quase inteira de urbanistas brasileiros desenvolvendo suas ideias com base no modernismo racionalista de Le Corbusier. Os projetos elaborados para o concurso refletem, até certo ponto, esse quadro. (BRAGA, 2010 p. 200)

Todos os planos pilotos apresentados baseiam-se em princípios funcionalistas como: separação de funções em zonas rigidamente demarcadas; áreas de moradia organizadas em unidades de vizinhança; cidade configurada como cidade-parque, com edifícios dispostos sobre um tapete verde; delimitação do perímetro da cidade, ou de unidades, por cinturões verdes; a organização da circulação em vias especializadas; a separação do trânsito de pedestres do tráfego de veículos; e a independência da organização das edificações em relação ao sistema viário, o que acaba resultando na dissolução da rua tradicional. Maior parte dos Planos apresenta soluções a partir de edificações de baixa altura, concentrando-se edifícios em altura em locais estratégicos, previamente definidos – como a torre de televisão e o edifício do Congresso Nacional, na proposta de Lucio Costa. A exceção a esta regra fica por conta do projeto de Rino Levi e equipe, que propõe uma verticalização radical, em gigantescas lâminas verticais edificadas como contraponto à horizontalidade do cerrado.

Outra característica comum a quase todos os planos premiados, é o desenho muito mais voltado a princípios abstratos de uma linguagem desenvolvida e que estava sendo apresentada, do que às relações com o terreno, conforme afirma Braga:

Todos os planos pilotos conceberam esquemas fortemente marcados por princípios abstratos, sem maior vinculação com as características do sítio onde seriam implantados – cujo suave relevo apresentava-se, de qualquer forma, muito pouco determinante (2010, p. 204).

Dentre as propostas, a que mais leva em consideração a topografia, é realmente o projeto vencedor de Lucio Costa. Outro elemento renegado a segundo plano nos projetos, é o lago Paranoá, resultante da represa do Rio Paranoá. Nas propostas este nunca é o centro do esquema compositivo, parecendo também uma repulsa à cidade tradicional, na qual a água, quando existente, normalmente é o centro de parte ou do todo da cidade.

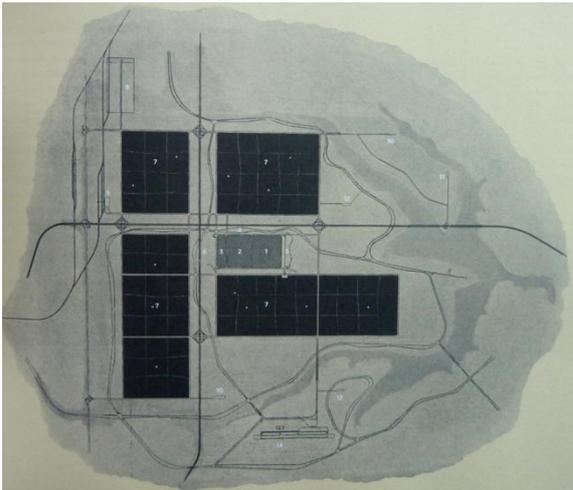


Figura 40: proposta de Milton Ghiraldini e equipe – 5º colocado (FONTE: BRAGA, 2010 p.53)

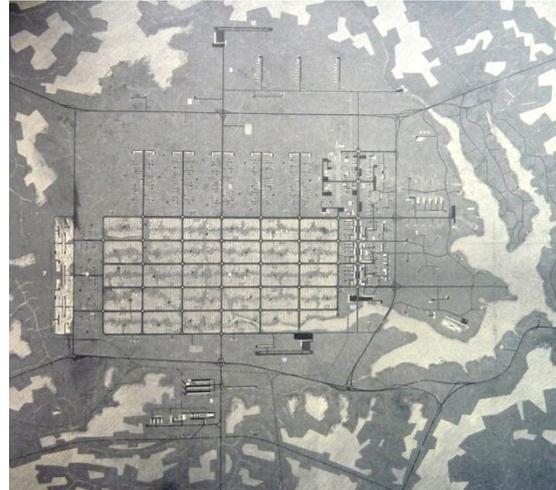


Figura 41: proposta de Vilanova Artigas e equipe – 5º colocado (FONTE: BRAGA, 2010 p.73)

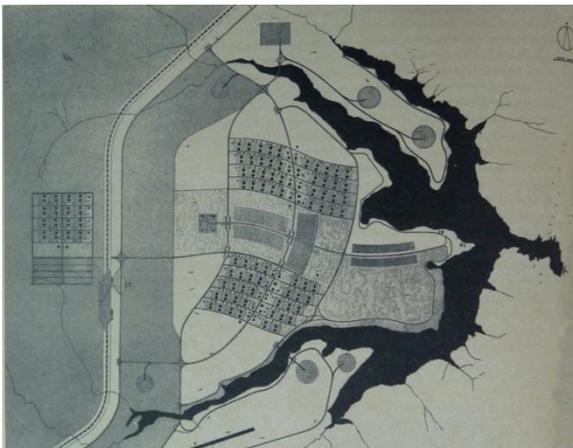


Figura 42: proposta de Henrique Mindlin e Giancarlo Palanti – 5º colocado (FONTE: BRAGA, 2010 p.90)

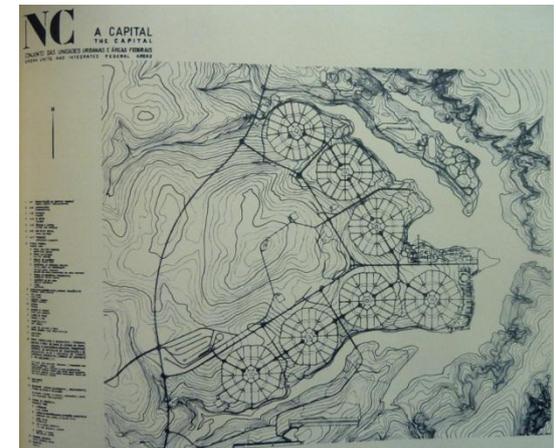


Figura 43: proposta de MMM Roberto e equipe – 3º e 4º colocado (FONTE: BRAGA, 2010 p.105)

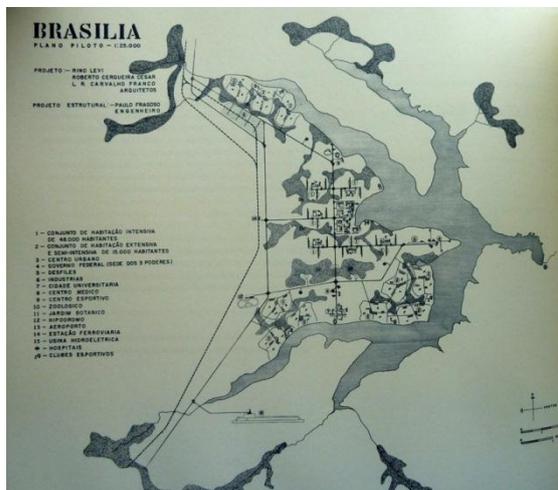


Figura 44: proposta de Rino Levi e equipe – 3º e 4º colocado (FONTE: BRAGA, 2010 p.126)



Figura 45: proposta de Boruch Milman e equipe – 2º colocado (FONTE: BRAGA, 2010 p.141)

1.3.6.1. O Plano Piloto de Lucio Costa

Lucio Costa inicia seu memorial justificativo do Plano para a nova capital desculpando-se pela singela apresentação que este fazia.

Desejo inicialmente desculpar-me perante a direção da Companhia Urbanizadora e a Comissão Julgadora do Concurso pela apresentação sumária do partido aqui sugerido para a nova Capital, e também justificar-me. (...) E se procedo assim candidamente é porque me amparo num raciocínio igualmente simplório: se a sugestão é válida, estes dados (...) já serão suficientes, pois revelarão que, apesar da espontaneidade original, ela foi, depois, intensamente pensada e resolvida; se o não é, a exclusão se fará mais facilmente, e não terei perdido o meu tempo nem tomado o tempo de ninguém. (COSTA, 1957 In: XAVIER, 1962 p. 264)

Lucio Costa apresenta, na realidade, uma única planta do Plano Piloto, e um texto muito bonito e explicativo que a acompanha, ilustrado por desenhos elaborados à mão livre, pelo próprio arquiteto, que têm por intuito exemplificar e demonstrar as palavras deste em seu texto. Parece ser justamente o pouco material fornecido, porém de uma clareza única, que fez com que o júri acreditasse no trabalho que este teria a desenvolver. É justamente isto que deixa claro o relatório apresentado pelo júri, que elabora:

(...) seus elementos podem prontamente ser apreendidos, o plano é claro, direto e fundamentalmente simples (...) um centro conduz a outro, de modo que o plano pode ser facilmente compreendido. Inúmeros projetos apresentados poderiam ser descritos como demasiadamente desenvolvidos; o de nº 22, ao contrário, parece sumário. Na realidade, porém, explica tudo o que é preciso saber nessa fase; e omite tudo o que é sem propósito. (In: BRAGA, 2010 p. 176)

A proposta de Lucio Costa parte de dois eixos que se cruzam, sendo um deles arqueado, como forma de se adaptar à topografia local, ao escoamento de águas e à melhor orientação solar. Este eixo arqueado, o norte-sul, é descrito como eixo rodoviário-residencial, no qual está distribuída a maior parte do setor residencial, organizado em super quadras intercaladas por quadras comerciais, que conferem autonomia aos moradores. O outro eixo, leste-oeste, é denominado eixo Monumental, e é onde estão inseridas as edificações de caráter especial, os setores de administração do governo e os setores identificados com a vida pública.

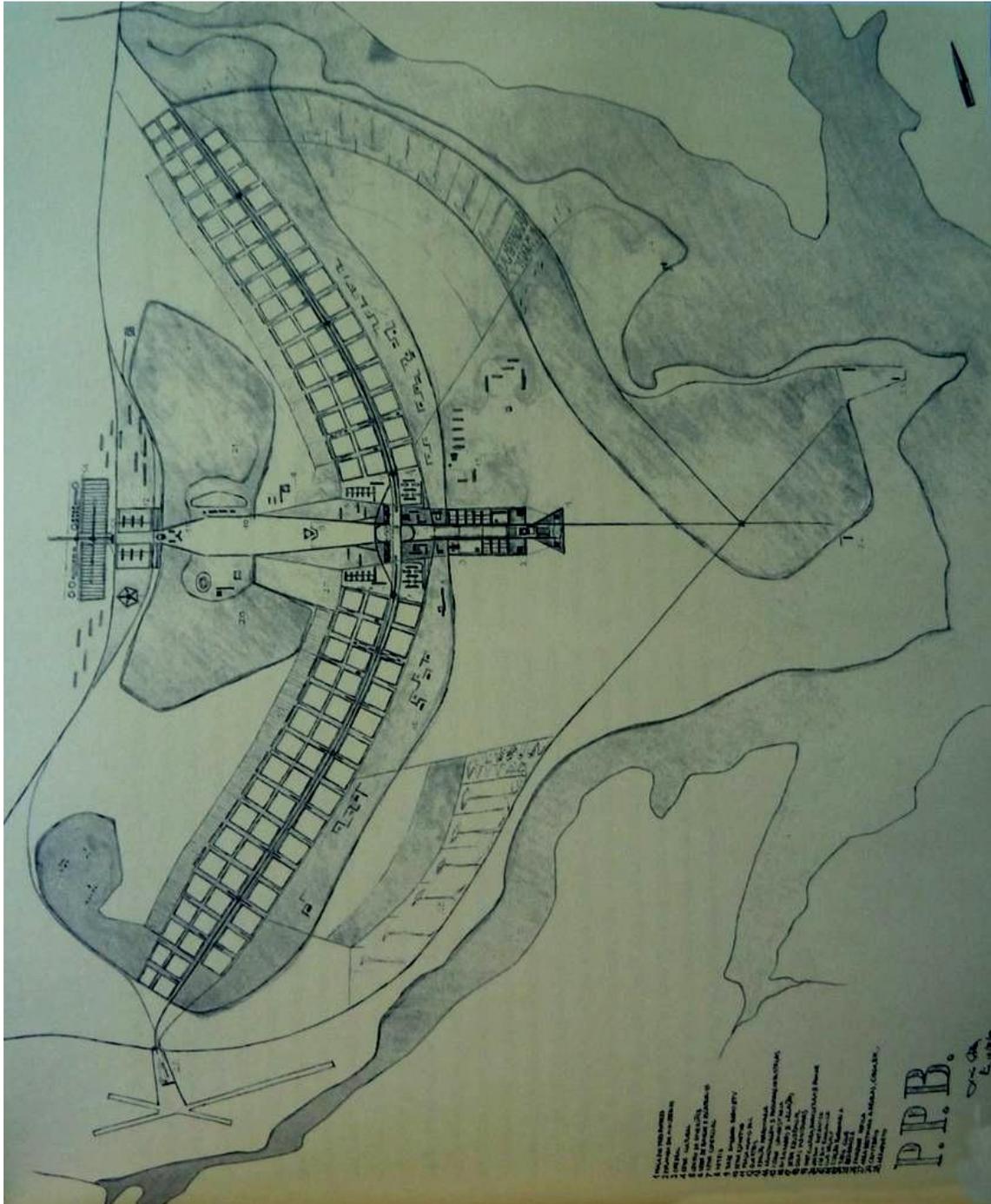


Figura 46: Plano Piloto de Lucio Costa conforme apresentado por este ao júri do Concurso. O eixo rodoviário-residencial aparece na vertical, arqueado, e o eixo Monumental aparece na horizontal, com a Praça dos Três Poderes na extremidade leste. (FONTE: BRAGA, 2010 p.157)

A descrição de Lucio Costa sobre o zoneamento por ele proposto no eixo monumental é bastante clara:

Os centros cívico e administrativo, o setor cultural, o centro de diversões, o centro esportivo, o setor administrativo municipal, os quartéis, as zonas destinadas à armazenagem, ao abastecimento e às pequenas indústrias locais, e, por fim, a estação ferroviária, foram-se naturalmente ordenando e dispendo ao longo do eixo transversal que passou assim a ser eixo monumental do sistema. Lateralmente à interseção dos dois eixos, mas participando funcionalmente e em termos de composição urbanística do eixo monumental, localizaram-se o setor bancário e comercial, o setor dos escritórios de empresas e profissões liberais, e ainda os amplos setores do varejo comercial. (COSTA, 1957 In: XAVIER, 1962 p. 266)

A preocupação com a circulação de veículos é muito marcante em todo o plano. Lucio Costa deixa isso explícito em seu memorial, no qual está presente a ideia do não cruzamento em nível de pistas de grande fluxo, lançando mão de um sistema rodoviário composto por níveis diferentes, vias centrais de alta velocidade e pistas laterais para o tráfego local. Os acessos e trocas de pistas se dão por um sistema de retornos que mais tarde acabou ficando conhecido por “tesourinhas”.

O Eixo Monumental desenvolve-se sobre diferentes patamares, respeitando a topografia do terreno, sendo a cota mais baixa a leste e a mais elevada a oeste do cruzamento entre os eixos. No patamar mais baixo está a Praça dos Três Poderes, composta por um triângulo equilátero que concentra o Poder Executivo e Judiciário na base e o Poder Legislativo no vértice do mesmo. A segunda plataforma do Eixo corresponde a uma grande esplanada destinada aos ministérios federais, constituídos por edificações tipo barra apoiadas diretamente no chão. A terceira plataforma no lado leste do Eixo corresponde ao eixo cultural, abrigando museu, biblioteca, planetário, catedral e Ministério da Cultura – o último ministério, ao lado da catedral.

A interseção entre o eixo monumental e o eixo rodoviário-residencial resulta em uma edificação-viaduto que dá espaço à rodoviária, sendo acessada pelos pedestres pela plataforma em nível com o eixo rodoviário-residencial. Ao redor desta plataforma desenvolve-se o centro comercial e de diversões da cidade, caracterizado por Lucio Costa como *uma mistura em termos adequados de Picadilly Circus, Times Square e Champs Elysées* (COSTA, 1957 In: XAVIER, 1962 p. 269).

Ao oeste do encontro dos eixos, situa-se primeiramente a torre radio emissora, com base triangular em concreto e corpo em estrutura metálica, dando espaço a um mirante a partir do qual pode ser visualizada todo o eixo monumental. Depois da torre, está situado o setor esportivo, com o estádio, ginásio e demais dependências em um lado, contíguo ao Jardim Botânico; e do outro lado o hipódromo e vila hípica, contíguos ao Jardim Zoológico, (...) *constituindo estas duas imensas áreas verdes, simetricamente dispostas em relação ao eixo monumental, como que dois pulmões* (COSTA, 1957 In: XAVIER, 1962 p. 272).

Após estes, está localizada a Praça Municipal, com as edificações da Prefeitura, Polícia Central, Corpo de Bombeiros e Assistência Pública. Além desta, estão instaladas as garagens de viação urbana, os quartéis, e o setor destinado ao armazenamento e à instalação das pequenas indústrias de interesse local, contando este com um setor residencial autônomo. Esta zona é arrematada pela estação ferroviária, que fecha a composição do Eixo Monumental.

A solução adotada por Lucio nas quadras residenciais é habilmente descrita por este em seu memorial. Ele propõe a criação de uma sequência contínua de quadras dispostas de ambos os lados do eixo rodoviário. A delimitação das quadras dar-se-ia por um maço de vegetação de grande porte localizada no perímetro da mesma, complementada por uma cortina de arbustos e folhagens, *a fim de resguardar melhor (...) o conteúdo das quadras, visto sempre num segundo plano e como que amortecido na paisagem* (COSTA, 1957 In: XAVIER, 1962 p. 273). Outra vantagem da utilização da vegetação, segundo o próprio Lucio Costa, seria a manutenção da unidade das quadras mesmo que estas fossem alteradas em seu miolo pela densidade ou qualidade arquitetônica, com o passar dos anos; além de oferecer aos moradores *extensas faixas sombreadas para passeio e lazer, independente das áreas livres previstas no interior das próprias quadras* (COSTA, 1957 In: XAVIER, 1962 p. 273).

A organização das edificações dentro das super quadras poderia ser da maneira mais variada, devendo obedecer à separação do tráfego de veículos e pedestres. A tipologia sugerida por Lucio Costa para as edificações seria de blocos de até seis pavimentos e pilotis, possibilitando a circulação de pedestres sob o *pilotis* e a visualização da quadra através destes. Entre uma quadra e outra residencial, seria disposta uma quadra de comércio e serviço.

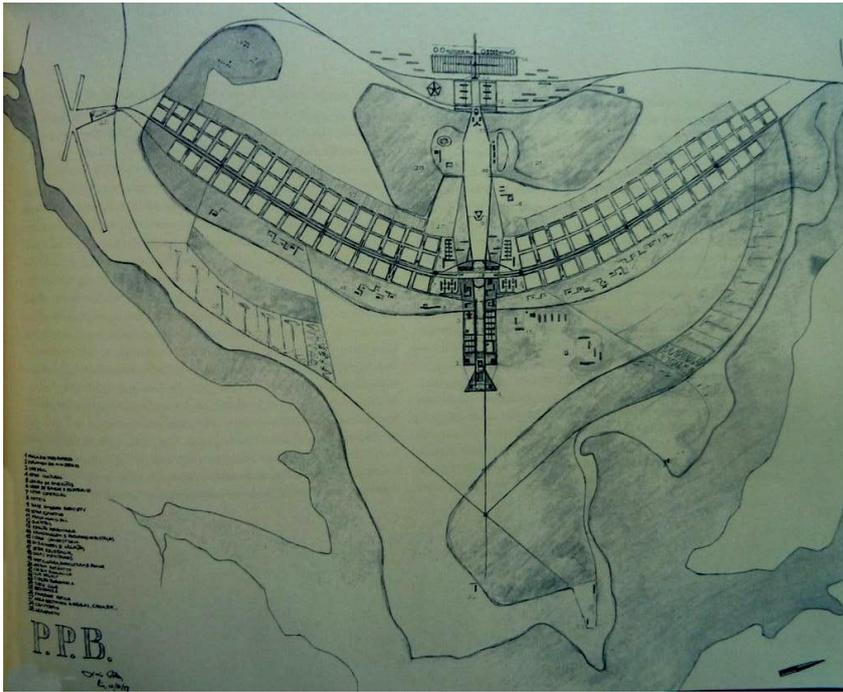


Figura 47: Plano Piloto de Lucio Costa conforme apresentado ao júri do Concurso. (FONTE: BRAGA, 2010 p.157)

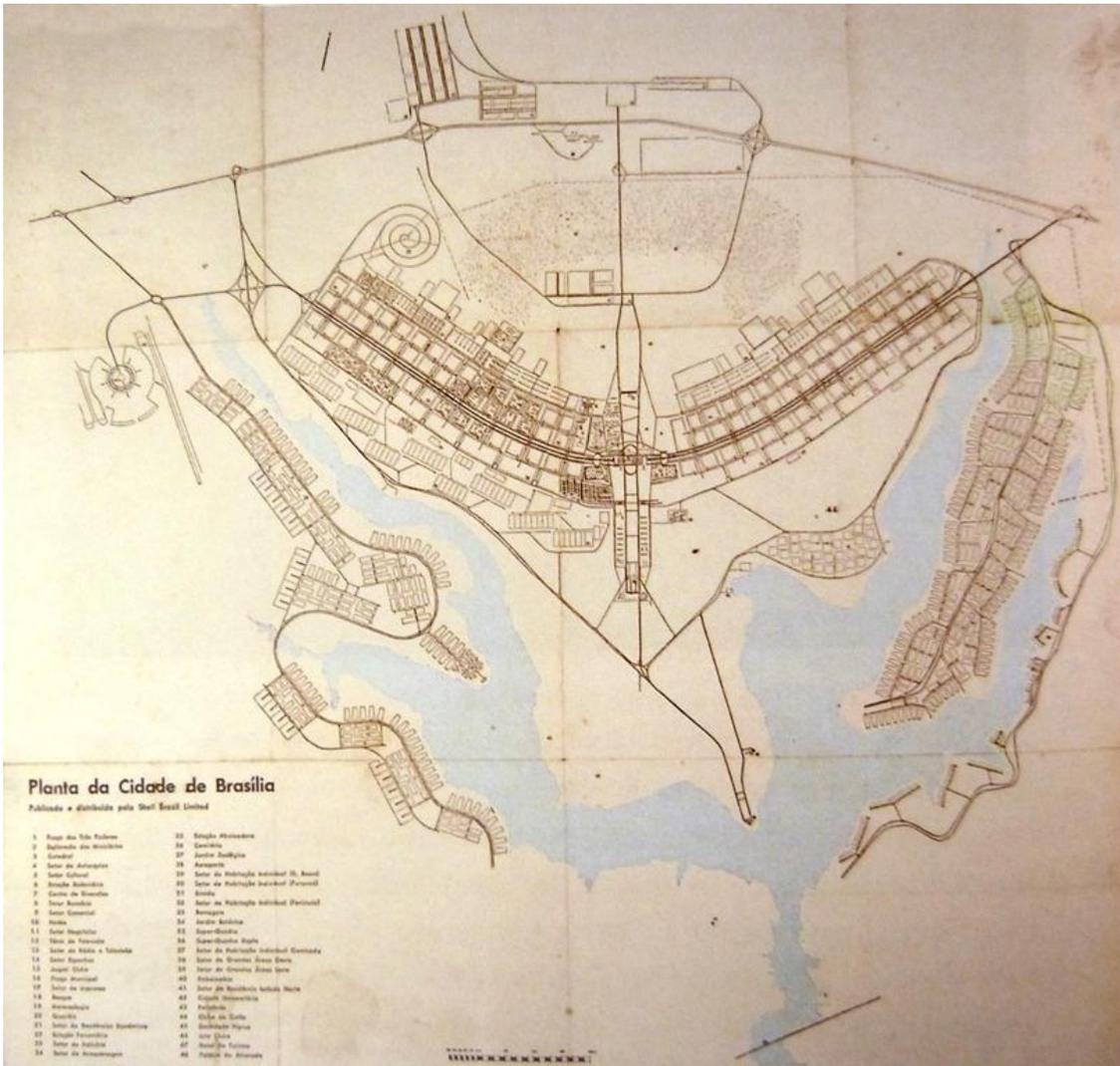


Figura 48: Planta de Brasília quando inaugurada (1960), depois das alterações do Departamento de Arquitetura e de Urbanismo da Novacap (FONTE: BRAGA, 2010 p.230)

A cidade construída

Conforme Lucio Costa já adiantava em seu memorial, este não seria responsável pela elaboração do projeto executivo de Brasília, ele seria apenas um consultor da equipe que o elaboraria. *Compareço, não como técnico devidamente aparelhado, pois nem sequer disponho de escritório, mas como simples maquis do urbanismo, que não pretende prosseguir no desenvolvimento da ideia apresentada senão eventualmente, na qualidade de mero consultor* (COSTA, 1957 In: XAVIER, 1962 p. 264). E assim o fez, ficando o desenvolvimento do projeto executivo ao encargo do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da Novacap, dirigido por Oscar Niemeyer. A equipe do Departamento de Urbanismo era chefiada por Augusto Guimarães Filho, que havia sido nomeado pelo próprio Lucio Costa; e composta por um grupo de jovens arquitetos no qual constava Maria Elisa Costa, filha de Lucio Costa, e alguns poucos desenhistas e auxiliares.

Algumas alterações foram feitas em relação ao Plano original, a partir de ponderações do próprio júri do concurso ou dos componentes dos departamentos da Novacap; sendo algumas delas decorrentes dos ajustes do partido espacial, mas a maior parte devido à ampliação do programa da cidade.

A principal mudança realizada foi o deslocamento da cidade em direção ao lago em cerca de 800m, tendo como referência o cruzamento dos eixos. Este deslocamento está muito vinculado a uma recomendação do júri, que temia que a grande distância existente entre a orla do lago e as asas habitacionais, fosse atingida por uma pressão para ocupação imobiliária. Esta decisão fez com que outras duas alterações na geometria do plano fossem necessárias, sendo a primeira um maior arqueamento do eixo rodoviário-residencial; e a segunda o encurtamento deste em duas super quadras. Ainda no setor residencial, foi acrescida uma fileira de super quadras, as 400, que no Plano de Lucio Costa não existiam.

Outra alteração considerável foi no comprimento do eixo monumental, que foi aumentado de 5,5 a 9,0 Km, isto devido à inserção da linha de superquadras 400 e ao distanciamento da rodovia e da estação ferroviária na porção oeste do eixo. O setor residencial teve ajustes para adequar o Plano à nova demanda da capital, que passava de uma capacidade populacional de 500 mil para 700 mil habitantes. A diretriz de Lucio Costa não adotada, e que este mais lamentou posteriormente, em relação às super

quadras, foi a não adoção do paisagismo por ele sugerido, da criação de cinturões de massa de vegetação que ajudariam a compor o espaço urbano.

O Eixo Monumental, além do aumento de sua extensão, teve outras modificações realizadas nos setores desenvolvidos ao longo deste. O próprio canteiro central, a faixa gramada do eixo, foi aumentado de 150 para 200m, *para ajustar-se ao projeto arquitetônico do Congresso Nacional* (BRAGA, 2010 p. 243). Os edifícios dos ministérios também tiveram a sua geometria alterada, sendo diminuídos em seu comprimento de 150 para 100m, e o distanciamento entre eles foi aumentado de 220 para 310m, alterando substancialmente a proporção entre o volume edificado e a área vazia, diminuindo a densidade e aumentando a área ajardinada. Já no setor hoteleiro e no centro de negócios houve um adensamento em relação ao plano original, o que resultou em uma série de edifícios em altura bastantes próximos um dos outros.

Brasília, seja esta entendida como o Plano original de Lucio Costa, ou como a cidade construída, é e continuará sendo um marco da arquitetura e do urbanismo brasileiros. Ela marca o fim de uma fase que foi sendo constituída desde a década de 30, da consolidação de uma arquitetura moderna genuinamente brasileira. Esta também denota o início de um período de questionamentos desta arquitetura que vinha sendo feita, e de um urbanismo que na realidade se iniciava aqui e já estava posto em prova. Da mesma forma, Brasília é fonte de inspiração para outros projetos urbanos que viriam depois deste grande marco. Tanto é assim, que uma análise mais detalhada, que será realizada em um momento posterior nesta mesma dissertação, mostrará que o Plano Piloto para o *campus* da Universidade Federal de Santa Maria tem muito dos ideais propostos por Lucio Costa em seu memorial para o Plano da nova Capital Federal.

O que se lamentou por muitos arquitetos deste período, foi a pouca participação de outros arquitetos no desenvolvimento do Plano final, seja como consultores ou como executores. Foi um pouco frustrante, pois todos queriam participar do que ficaria marcado como o urbanismo de uma época, e que acabou ficando concentrado muito nas pessoas de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Este na resolução de todas as edificações marcantes, e aquele na resolução do Plano, seja por ele próprio ou por pessoas por ele indicadas, e de sua inteira confiança.

A formação e o desenvolvimento da UFSM



***Campus da Universidade Federal de Santa Maria:
um testemunho, um fragmento***

O presente capítulo aborda de maneira específica a criação da Universidade Federal de Santa Maria e a concretização de sua Cidade Universitária. Além disto, pretende-se relacionar este acontecimento a demais situações e referências que fizeram com que a mesma se consolidasse como tal; bem como os personagens que a influenciaram e a fizeram acontecer.

2.1. A criação da Universidade Federal de Santa Maria

Conforme já tratado no capítulo anterior, maior parte das primeiras universidades brasileiras foi fundada a partir da reunião de faculdades isoladas já existentes. Em Santa Maria não foi diferente.

Em 1904 a história da educação no município começa a ser incrementada, a partir da chegada dos Irmãos Maristas, neste mesmo ano, e das Irmãs Franciscanas, no ano seguinte. Estas duas instituições foram posteriormente responsáveis pela criação de algumas das faculdades que viriam a integrar a UFSM. Já em setembro de 1931, é criada a primeira faculdade do município, a Faculdade de Farmácia. Em 1945, Dr. José Mariano da Rocha Filho, médico visionário que tinha por maior objetivo a criação de uma Universidade no município, passa a lecionar nesta Faculdade, e inicia seus trabalhos em busca de seu principal objetivo.

Em 1945, como maneira de combater as dificuldades financeiras da instituição, Dr. Mariano promove uma campanha que busca a incorporação da Faculdade de Farmácia à Universidade de Porto Alegre. Em 1947, através da Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, ocorre a incorporação das faculdades do interior (Direito e Odontologia de Pelotas e Farmácia de Santa Maria) à Universidade de Porto Alegre, passando esta a ser intitulada Universidade do Rio Grande do Sul. A partir deste momento, foi dado um passo decisivo na interiorização do ensino superior federal.

Em março de 1948 é criada a Associação Santa-mariense pró Ensino Superior (ASPES), que tinha como objetivo apoiar permanentemente as iniciativas de incremento ao ensino superior na cidade de Santa Maria. A instituição passa a ser presidida pelo Dr. Mariano da Rocha. A ASPES e o Dr. Mariano seriam de fundamental importância na consolidação da Universidade Federal de Santa Maria, em 1960.

A partir da fundação da Associação, diversas outras faculdades foram sendo instituídas na cidade. Em dezembro de 1953 foi criada a Faculdade Católica de Ciências Políticas e Econômicas de Santa Maria, tendo como entidade mantenedora a Sociedade Meridional de Educação (SOME), comandada pelos Irmãos Maristas. Em 1955 iniciam as obras de construção da edificação que iria abrigar esta faculdade, na esquina das Ruas Floriano Peixoto e Coronel Niederauer, em terreno vinculado ao Colégio Santa Maria, da mesma Sociedade Meridional de Educação. Em 1953 inicia-se

a construção da nova sede da Faculdade de Farmácia⁵, a localizar-se no centro da cidade de Santa Maria, na Rua Floriano Peixoto, em frente ao Colégio Santa Maria, portanto próxima da Faculdade de Economia. A construção desta edificação ficaria a cargo da Universidade do Rio Grande do Sul, uma vez que aquela já tinha sido incorporada a esta. Quando da construção desta edificação, Dr. Mariano já solicitou junto da URGS, que a nova sede da Faculdade fosse grande o suficiente para abrigar uma outra Faculdade futuramente – este já tinha em mente e lutava pela criação da Faculdade de Medicina.

Em maio de 1954 foi então criada a Faculdade de Medicina de Santa Maria, uma extensão da faculdade de medicina da Universidade do Rio Grande do Sul. A primeira turma de alunos foi formada por 51 acadêmicos que haviam sido aprovados, porém não classificados, no vestibular da URGS, para Porto Alegre. A estrutura de ensino da Faculdade de Medicina foi montada baseada na experiência que Mariano da Rocha teve no ano anterior, 1953, em viagens de estudos e avaliação de instalações de instituições na Europa e Estados Unidos. Logo o modelo de ensino adotado em Santa Maria passou a servir de referência às reformas de ensino de medicina no país como um todo. Ainda em 1954, inicia-se a busca por recursos para a edificação do Hospital Universitário. Enquanto este não era edificado, o Hospital de Caridade funcionava como hospital-escola. Em 1962, foi doada pelo Estado do Rio Grande do Sul à Universidade a estrutura em fase inicial do que deveria ser o Hospital Regional de Tisiologia, localizado na Rua Floriano Peixoto, próximo do Hospital de Caridade; construção que havia sido abandonada há alguns anos. Este Hospital Universitário só seria inaugurado em 1969, quando o *campus* da UFSM também já se encontrava em construção. Em janeiro de 1960 formou-se a primeira turma de médicos da Faculdade de Santa Maria, mesmo ano no qual foi finalmente criada a USM.

Em 1953 inicia a história de mais uma faculdade em Santa Maria. Neste ano, Dr. Mariano pede à Irmã Consuelo Silveira Netto que esta considerasse a possibilidade de criação de uma Faculdade de Filosofia pelas Irmãs Franciscanas. Em 1955 é criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC), tendo como entidade mantenedora a congregação das Irmãs Franciscanas. No primeiro ano, dois cursos são ofertados, o de Pedagogia e o de Letras Anglo-Germânicas. No ano

⁵ Edificação que posteriormente daria lugar à instalação de outras faculdades e a primeira sede da Reitoria da UFSM, e que até hoje é uma das sedes da Universidade.

seguinte, mais dois cursos são criados, o de História e Letras Neolatinas. As fundações destas primeiras faculdades de Santa Maria tiveram como escopo o mesmo ideal, a preocupação com a formação dos moradores da cidade e arredores, conforme afirma a própria Irmã Consuelo, em um relato datado de 1995:

Aquela sugestão deveria concretizar-se. Era uma necessidade inadiável, a criação de imediato de Escolas Superiores em Santa Maria. Anualmente, enorme era o número de jovens que daqui partiam para a Capital, em busca de um Curso Superior. E Santa Maria ficava deserta... se assim se pode dizer: a juventude com seus sonhos, com seu encanto, com sua alegria, deixava sua terra natal, deixava seus familiares, deixava seus amigos e colegas. E os que não dispunham de recursos? Como resolver este problema? (NETTO, 1995 Apud ISAIA, 2006)

A partir da fundação da Faculdade de Medicina, em 1954, passa-se a sentir necessidade de um serviço de enfermagem qualificado para o campo hospitalar de Santa Maria. Isto acaba resultando em um pedido da Direção da Faculdade de Medicina, da Direção do Hospital de Caridade e do Bispado de Santa Maria; para a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte (SCALIFRA-ZN); da criação de uma Escola Superior de Enfermagem.

Em 16 de maio de 1955, o Ministro da Educação, Cândido Mota Filho, pela Portaria n° 144/55, autorizou o funcionamento do Curso de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira, mantido pela SCALIFRA-ZN, único de nível universitário no interior do Estado. A Escola foi reconhecida pelo Decreto n° 41.570, de 27 de maio de 1957, e em 10 de setembro de 1968, pelo Decreto n° 63.231, passou a denominar-se Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira (FACEM). (ISAIA, 2006 p. 99)

No mesmo ano de 1955, a partir de junho, tem início um movimento pela criação da Faculdade de Direito. Estando o prédio da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas em franco desenvolvimento, partiu dos diretores desta faculdade a sugestão da edificação abrigar uma segunda faculdade, a de Direito, devendo ser isto acertado com os responsáveis da SOME. Em junho de 1955, a ASPES, ainda sob o comando de Dr. Mariano, promove uma reunião com a SOME, representantes da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas e da Ordem dos Advogados do Brasil, para tratar do desenvolvimento e criação da Faculdade de Direito. De 1955 a 1958 este assunto acaba ficando fora de pauta, pouco foi feito pela faculdade. Porém em agosto

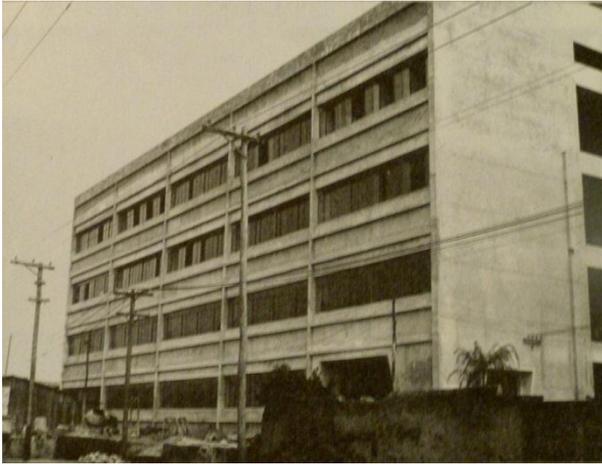


Figura 49: foto da edificação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição – 1955. (FONTE: ISAIA, 2006 p.115)

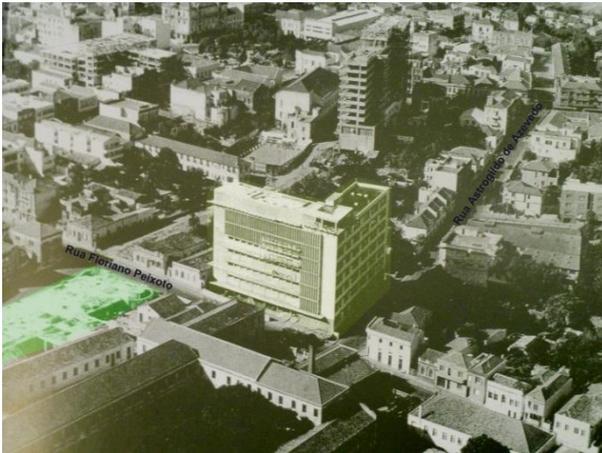


Figura 50: foto aérea de 1956, com o prédio da Faculdade de Farmácia em final de construção - destaque em amarelo - e o prédio da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas em início de construção – destaque em verde. (FONTE: MARCHIORI, 2008 p.77)

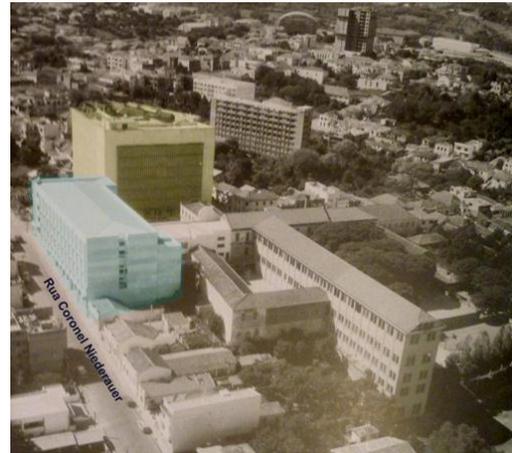


Figura 51: foto aérea de 1963, com as edificações das duas Faculdades finalizadas (FONTE: MARCHIORI, 2008 p.90)



Figura 52 (acima): Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas em fase de finalização - 1963 (FONTE: Acervo da UFSM, 2010)

Figura 53 (ao lado): prédio das Faculdades de Farmácia e de Medicina pronto - 1958 (FONTE: Acervo da UFSM, 2010)

de 1958, a Sociedade Meridional de Educação comunica a sua intenção em ser também mantenedora da faculdade de Direito, reabrindo o processo de criação da mesma, dependendo agora da aprovação do Conselho Nacional de Educação para a autorização de funcionamento da Faculdade. Em meados de 1959 o processo de criação da Faculdade de Direito de Santa Maria foi protocolado no Conselho Nacional de Educação.

Nota-se a importância das instituições religiosas nesta fase de implantação de faculdades em Santa Maria. Desde 1931, seis Faculdades foram criadas no município, e destas, quatro estavam vinculadas às instituições católicas – Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas e Faculdade de Direito, tendo como mantenedoras a SOME; e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Escola Superior de Enfermagem, mantidas pelas Irmãs Franciscanas. Somente as Faculdades de Farmácia e Medicina não tinham vínculo com estas instituições, uma vez que uma foi criada junto ao Hospital de Caridade e a outra já com vínculo direto com a Universidade do Rio Grande do Sul.

2.1.1. O CENTRO POLITÉCNICO E O INSTITUTO ELETROTÉCNICO

Em 1958 Dr. Mariano da Rocha começa a busca mais propriamente ao seu objetivo maior, a criação da Universidade de Santa Maria. E é através da implantação do Centro Politécnico que Mariano acredita que possa começar a implantação da própria Universidade. Neste ano, Mariano solicita um projeto para o Centro Politécnico, que no momento nem verba nem terreno para construção tinha, mas o objetivo era ter o projeto em mãos para então conseguir o financiamento para o mesmo.

O projeto para o Centro Politécnico é solicitado aos arquitetos Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti, representantes da empresa Fomisa. Estes mesmos arquitetos seriam os responsáveis pela elaboração do Plano Piloto da Cidade Universitária da Universidade de Santa Maria.

Em junho de 1958, o professor Mariano da Rocha Filho faz uma apresentação do ante-projeto executado por Valdetaro e Nadalutti, aos membros da Associação Santa-mariense Pró Ensino Superior. Na ocasião o Prof. Mariano apresentou o projeto de forma detalhada, este que seria constituído por treze edifícios com o intuito de atender ao ensino e à pesquisa do Centro Politécnico. Estas edificações seriam:

Instituto de Mecânica; Instituto de Física e Química; Instituto de Matemática; Museu; Planetário; Instituto de Hidráulica; Instituto de Eletrotécnica; Instituto de Arquitetura e Urbanismo; Administração; Ginásio Clube; Residências; Física Nuclear; e Horto de Plantas Medicinais.

O projeto já apresentava os conceitos que depois seriam consolidados no *campus* da USM. As edificações eram organizadas em um espaço único, a partir de princípios do urbanismo moderno, já adotados por Le Corbusier em Chandigarh, por Lucio Costa em Brasília, e por ambos nas propostas para a Universidade do Brasil. O projeto baseava-se em um zoneamento de funções; a abolição do parcelamento do solo; hierarquia viária; a adoção do parque como base para a construção das edificações; edificações com expressão plástica de composição a partir de sólidos prismáticos; e a aparência de monumentalidade a partir do afastamento das edificações, de uma caixa viária ampla e de outros artifícios comuns ao tema.

Embora na época não houvesse nem uma área específica para a construção do Centro, nem recursos financeiros para tanto, os Conselheiros da ASPES manifestaram-se a favor do Plano proposto, apresentando confiança ao projeto; sendo o mesmo definitivamente aprovado. A primeira edificação a ser erguida seria o Instituto Politécnico.

O regimento interno do Instituto Politécnico é aprovado em 28 de junho de 1960, a partir de uma reunião onde também foi instalada a Congregação dos Professores, eleitos os integrantes do Conselho Técnico-Administrativo, e elaborada a lista tríplice a ser submetida ao presidente da ASPES, para a escolha do primeiro Diretor do Centro Politécnico. A fundação propriamente dita do Centro Politécnico de Santa Maria é dada por um ato solene no salão nobre da Escola Hugo Taylor, no dia 30 de junho de 1960⁶. Neste momento, a ASPES, como mantenedora do Centro, já havia conseguido terras para a edificação das instalações do Centro Politécnico, e as construções da primeira edificação, o Instituto Eletrotécnico, já haviam iniciado em março deste mesmo ano. Ainda no final de 1960, a Universidade de Santa Maria é criada (conforme será explicado posteriormente), e o Instituto Eletrotécnico passa a fazer parte da mesma. Assim, o ano seguinte -1961- é de reorganização da estrutura da escola e da própria universidade. A partir de um decreto de setembro de 1961, o

⁶ Informações que constam em artigo publicado em MULLER, 2002 p. 3

Instituto Politécnico passa a ser denominado como Faculdade Politécnica, mesma denominação utilizada para as outras unidades de ensino da nova instituição.

A primeira turma da agora Faculdade Politécnica inicia suas aulas apenas no primeiro semestre de 1962, sendo as aulas teóricas temporariamente ministradas no primeiro andar da Escola Hugo Taylor, na Avenida Rio Branco, centro de Santa Maria; uma vez que a edificação que daria espaço às instalações da Faculdade Politécnica ainda não estava completamente pronta, apenas o seu bloco central tinha sido finalizado. A exceção ficou por conta da disciplina de Desenho à Mão Livre, que por necessitar mobiliário especial, acabou sendo desenvolvida, desde o início, no edifício ainda em construção no futuro *campus* universitário. Desta forma, as aulas desta disciplina acabaram constituindo-se nas primeiras atividades didáticas do *campus*.

2.1.2. A PROCURA POR UM LOCAL PARA O CENTRO POLITÉCNICO E A USM

Em setembro de 1959, um grande impulso financeiro foi dado às Faculdades Santa-Marienses. O então Deputado Tarso Dutra, um entusiasta do ensino superior, e nome muito importante na consolidação da Universidade Federal de Santa Maria, anunciou uma verba de Cr\$ 10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros) para a ASPES e Cr\$ 6.000.000,00 para as Faculdades particulares.

Correspondente à primeira parcela do convênio firmado, em 1958, com o MEC, no valor de Cr\$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões de cruzeiros), para ser pago em cinco anos – para as obras do Instituto Eletrotécnico, do Centro Politécnico e Cr\$ 6.000.000,00 (seis milhões de cruzeiros) para as obras das Faculdades de Filosofia, Enfermagem e Economia (dois milhões para cada uma das escolas). (ISAIA, 2006 p. 107)

O dinheiro oferecido às Faculdades de Filosofia, Enfermagem e Economia já tinham uma destinação definida, as edificações que já se achavam em construção no centro da cidade. Porém a instalação do Centro Politécnico não tinha local definido, era preciso então encontrar um terreno para a localização do mesmo e depois concentrar os esforços em sua edificação. No momento, as buscas já se voltavam a um terreno que pudesse abrigar toda a futura Universidade, que no ideal de todos, estava prestes a ser consolidada, e era importante que as coisas andassem e fossem sendo resolvidas em conjunto.

A primeira tentativa do Prof. José Mariano da Rocha Filho para conseguir um terreno para a futura Universidade foi apelar ao Estado do Rio Grande do Sul, na pessoa do então Governador Leonel Brizola. Mariano solicitava ao mesmo, em janeiro de 1959, a cedência à ASPES de um terreno do Estado no qual localizava-se a Estação de Silvicultura da Boca do Monte (Distrito de Santa Maria), afim de instalar ali uma Escola Agrotécnica e a Faculdade de Agronomia e Veterinária. O pedido foi negado pelo Governador, afirmando que a Estação brevemente aumentaria de tamanho, necessitando dos terrenos ainda vagos.

Na realidade, Mariano da Rocha estava certo de que o primeiro grande passo para a consolidação da Universidade de Santa Maria seria mesmo através do Centro Politécnico. Foi então que este foi ao encontro de Evaldo Behr, na primeira semana de outubro de 1959, conversar sobre uma porção de terra que a família Behr e a família Tonetto haviam comprado no então Distrito de Camobi. Esta gleba de terra correspondia a 400 ha, área muito além dos 50 ha almejados por Mariano na ocasião. Da conversa, Mariano saiu com um compromisso de Evaldo de este tratar com os demais donos da grande gleba para ver o que seria possível fazer.

Dias depois desta visita a Evaldo Behr, esteve em Santa Maria o Deputado Tarso Dutra, para oficializar a entrega dos primeiros dezesseis milhões de cruzeiros, referidos anteriormente. Neste dia, Tarso Dutra, junto de Mariano da Rocha, foi ao encontro dos proprietários das terras em Camobi. Chegando à residência de Evaldo Behr, um dos proprietários afirmou que os mesmos doariam uma parcela das terras à ASPES, cerca de 40 hectares, manifestando que seria uma satisfação muito grande as duas famílias poderem participar de tão grandiosa obra⁷.

Do encontro, partiram todos a uma visita aos terrenos onde seria edificado o Centro Politécnico – primeiramente o Instituto Eletrotécnico; e posteriormente o próprio *campus* da USM.

⁷ ISAIA, 2006 p. 131

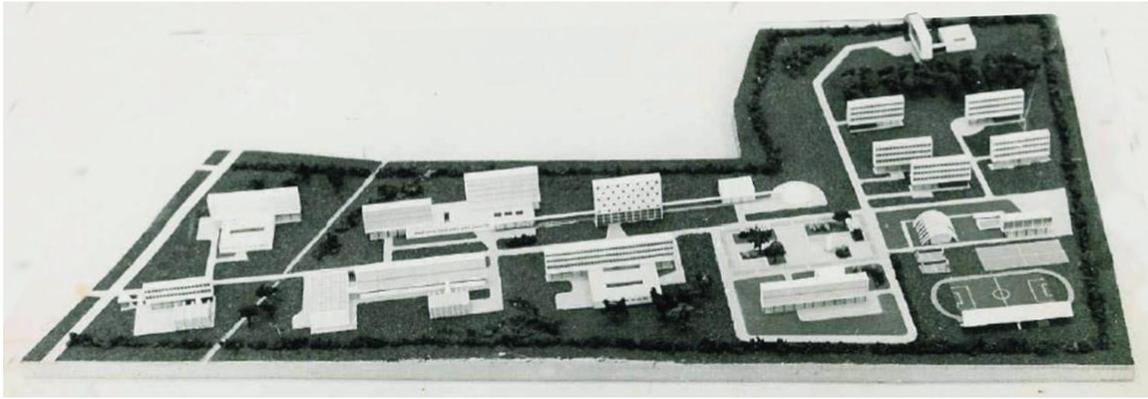


Figura 54: maquete do Plano para o Centro Politécnico, apresentada e aprovada em 1958 (FONTE: SCHLEE, 2003 p. 4)



Figura 55: bloco Central do Instituto Eletrotécnico em fase de acabamentos (1962), no qual era ministrada a disciplina de Desenho, enquanto o restante das disciplinas eram dadas em uma edificação no centro da cidade (FONTE: CARDOSO, 1962 p. 29)



Figura 56: Instituto Eletrotécnico finalizado, em 1970, quando este já era denominado como Faculdade Politécnica (FONTE: Acervo da UFSM, 2010)

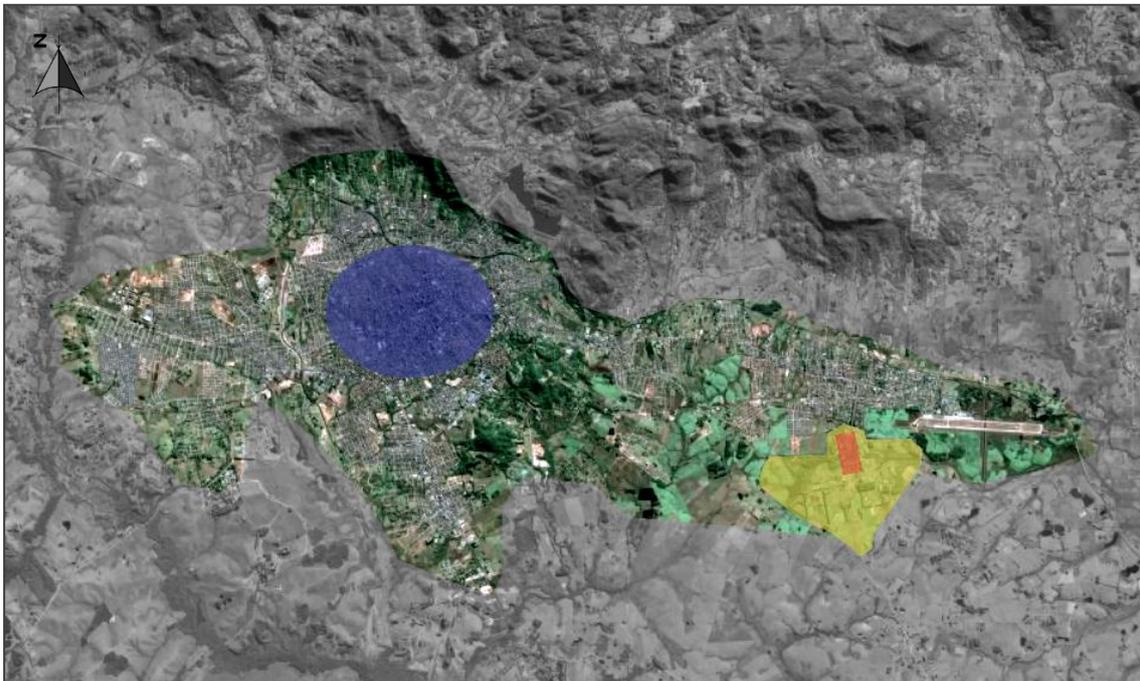


Figura 57: imagem de satélite atual, com a sede do município de Santa Maria colorida; com a parte central da cidade destacada em azul; a área correspondente ao atual *campus* da UFSM destacada em amarelo; e a área aproximada das terras doadas pelas famílias Behr e Tonetto, em laranja (FONTE: Google Earth, manipulado pela Autora, 2011).

2.1.3. A CRIAÇÃO DA USM

No final do mês de outubro de 1960, o Deputado Tarso Dutra teria entrado em contato com o Prof. Mariano da Rocha Filho, comunicando-o sobre um Projeto de Lei encaminhado pelo Presidente da República, Juscelino Kubitschek, à Câmara dos Deputados, tratando da criação da Universidade Federal de Goiás. A intenção do Deputado era transcrever uma emenda ao projeto de Lei que incluísse a criação da Universidade de Santa Maria no mesmo, aproveitando-se da situação que estava sendo criada.

Em novembro de 1960, Tarso Dutra voltou a Santa Maria e convocou, junto com Mariano, uma reunião com os representantes de todas as Faculdades de Santa Maria para comunicar a possibilidade que se vislumbrava. A intenção da reunião era consultar a ASPES e, principalmente, as entidades mantenedoras das Faculdades particulares, se estas desejavam integrar a Universidade de Santa Maria. Para tanto, as entidades mantenedoras (Irmãs Franciscanas e Irmãos Maristas) deveriam transmitir seu patrimônio à futura Universidade. A sugestão foi considerada inviável pelas instituições. Como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação previa que para a criação de uma Universidade era preciso ter uma Faculdade de Filosofia, também era de interesse da ASPES que as Faculdades particulares já existentes fizessem parte da nova Universidade. A nova sugestão dada por Tarso Dutra foi então de se criar duas modalidades de faculdades vinculadas à Universidade, sendo uma delas as Faculdades Integrantes (Faculdade de Farmácia e de Medicina) e a outra, Faculdades Agregadas (Faculdade de Filosofia, Enfermagem, Direito e Economia). Esta solução foi aceita por todas as Faculdades, desde que as mesmas mantivessem sua independência administrativa, didática e financeira.

No final do mês de novembro de 1960, o Prof. Mariano recebe um telegrama do Deputado Tarso Dutra informando que o projeto da USM havia sido aprovado em todas as comissões da Câmara. Faltava agora apenas a sanção do Presidente da República, que não deveria tardar.

A Lei nº 3.834-C, que criou as Universidades de Goiás e de Santa Maria, é datada de 14 de dezembro de 1960. Os artigos 1 a 14 tratam da Universidade de Goiás, e os artigos de 15 a 19 tratam da criação da Universidade de Santa Maria, a primeira

Universidade do país em uma cidade sem o status de Capital. Os artigos referentes à mesma estão transcritos a seguir:

Emenda Legal da USM – Lei nº 3.834-C

Art. 15 – Fica igualmente criada a Universidade de Santa Maria, situada em Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul, e que será integrada no Ministério da Educação e Cultura.

Art. 16 – A Universidade de Santa Maria será constituída dos seguintes estabelecimentos federais de ensino superior, com sede na referida cidade:

- a) Faculdade de Medicina;*
- b) Faculdade de Farmácia;*
- c) Faculdade de Odontologia;*
- d) Instituto Eletrotécnico, do Centro Politécnico;*

Art. 17 – A Universidade de Santa Maria será integrada, ainda, dos seguintes estabelecimentos particulares de ensino superior ou de alto padrão, na situação de agregados:

- a) Faculdade de Direito;*
- b) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição;*
- c) Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas;*
- d) Escola de Enfermagem Nossa Senhora da Medianeira.*

Art. 18 – Até serem previstas legalmente as dotações próprias da Universidade de Santa Maria, todos os encargos dos Institutos Federais continuarão sendo custeados pela Universidade do Rio Grande do Sul, na forma do orçamento desta autarquia educacional.

Parágrafo Único – Dentro de sessenta dias, o Ministério da Educação e Cultura designará uma Comissão, constituída de três membros, sendo um indicado pela reitoria da Universidade do Rio Grande do Sul, outro pela Direção das Faculdades Federais de Santa Maria e o terceiro pela Divisão de Orçamento do Ministério, para levantar as verbas que, a serem destacadas da Universidade do Rio Grande do Sul, devem ser transferidas para a Universidade de Santa Maria.

Art. 19 – Enquanto a Universidade de Santa Maria não tiver estatuto próprio, rege-se-á, no que couber, pelo estatuto da Universidade do Rio Grande do Sul, da qual serão desmembrados alguns dos institutos de ensino de que trata a presente lei.

Parágrafo Único – Até ser criado e provido o cargo de Reitor da Universidade de Santa Maria, as referidas funções serão exercidas pelo Diretor mais antigo dos atuais estabelecimentos federais de ensino ali sediados, e as direções destes serão desempenhadas pelos professores designados pelo Reitor.

Art. 20 – Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 14 de dezembro de 1960.

*138º da Independência e 72º da República. Juscelino Kubitschek -
Clovis Salgado - S. Paes de Almeida. (In: ISAIA, 2006 p. 160)*

Em 18 de dezembro de 1960 foi realizada cerimônia simbólica de assinatura da Lei nº 3.834-C, em Goiânia, na sacada do Palácio das Esmeraldas, sede do Governo de Estado de Goiás. Na solenidade estiveram presentes importantes representantes das entidades de Santa Maria, entre eles Dr. Mariano da Rocha, como presidente da ASPES. Em 20 de dezembro deste ano foi publicada no Diário Oficial da União a presente Lei, passando a mesma a vigorar, portanto, a partir desta data. Na realidade a data comemorativa da criação da Universidade continua sendo, até os dias de hoje, o dia 14 de dezembro, quando a mesma foi anunciada.

Como pode ser percebido através da transcrição da Lei, no momento em que a Universidade foi criada, foi também instituída a Faculdade de Odontologia, que funcionaria nas mesmas instalações das Faculdades de Farmácia e Medicina. No ano seguinte, 1961, foram criadas ainda as Faculdades de Agronomia; Veterinária; Filosofia, Ciências e Letras (agora diretamente vinculada à Universidade, não mais como agregada); e Belas-Artes. Foi neste mesmo momento que o Instituto Eletrotécnico transformou-se em Faculdade Politécnica, com os Cursos de Engenharia Elétrica e Engenharia Civil⁸. Em 1965, a partir da Lei nº 4.759, de 20 de agosto, que dispôs sobre a denominação e qualificação das universidades federais, passou a USM a ser denominada Universidade Federal de Santa Maria, adotando a sigla UFSM.

A criação da Universidade marca o fim de um período de intensa luta pela interiorização do Ensino Superior no Brasil. A busca por uma Universidade em Santa Maria esteve sempre muito relacionada às necessidades que a própria comunidade sentia de poder continuar os estudos profissionalizantes na sua cidade de origem, ou próximo de suas cidades, quando percebemos a dimensão regional da cidade de Santa Maria.

Até o final da década de 50, as universidades brasileiras se restringiam basicamente às grandes capitais, como São Paulo e Rio de Janeiro; mas a partir do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960) dá-se início à interiorização das universidades brasileiras, visando promover o desenvolvimento do interior do país. A criação de mais universidades, e principalmente a interiorização das mesmas, possibilitando um alcance maior da educação superior, está ligada ao lema do

⁸ Informações retiradas do livro organizado pela Universidade Federal de Santa Maria, em 1995, em comemoração ao 35º aniversário da instituição. (UFSM, 1995 p. 7)

mandato de Juscelino, “50 anos em 5”, que pretendia um grande crescimento da nação, baseado nos avanços técnico-industriais. Para tanto, era imprescindível o investimento em ensino técnico e superior, uma vez que era grande o déficit de pessoal com formação profissional adequada. Foi no mandato deste presidente que foram criadas as Universidade de Brasília (UnB), a Universidade de Goiás e a Universidade Federal de Santa Maria.

A luta pela criação de uma Universidade no interior do estado começa muitos anos antes da própria criação da UFSM. Através da leitura do livro “USM – A Nova Universidade”, organizado em 1962 por Edmundo Cardoso; percebe-se a grande carência de ensino superior que se tinha no interior do país. Nele consta que até a criação da Universidade em Santa Maria, as universidades se concentravam apenas nas capitais e algumas cidades litorâneas, o que acabava por criar um colonialismo educacional do interior em relação ao litoral brasileiro. Como a oferta de ensino superior só ocorria nas capitais, eram inúmeras as pessoas que se deslocavam das cidades interioranas para ter a possibilidade de se formar em um curso superior. Uma vez saídas de suas cidades, dificilmente retornavam para as mesmas, e assim sendo, o interior acabava ficando cada vez mais atrasado em relação ao restante do país, o que acabava por prejudicar o desenvolvimento econômico de toda uma região, e da própria nação brasileira.

A Universidade de Santa Maria é a primeira instituição de Ensino Superior no interior do país, e a partir deste exemplo, várias outras foram criadas, levando o desenvolvimento a outras regiões brasileiras, carentes de educação e cultura.

Finalmente a Universidade estava criada. A luta a ser vencida a partir de então era pela construção do espaço universitário para abrigá-la. As terras para a construção de um *campus* já tinham sido doadas à ASPES, para o então Centro Politécnico, e inclusive já contavam com a construção da primeira edificação, o Instituto Eletrotécnico.

Com a criação da Universidade, o projeto do Centro Politécnico foi descartado para dar lugar ao projeto da Cidade Universitária, com substancial ampliação da área, obtida por desapropriações. Entretanto, as obras do edifício principal do Instituto Eletrotécnico tiveram prosseguimento de acordo com a proposta original de seu projeto de arquitetura, constituindo-se, com seu complexo viário, no

embrião da atual Cidade Universitária. O edifício abriga hoje as instalações do Centro de Tecnologia. (MULLER, 2002 p. 3)

Agora os trabalhos voltavam-se ao desenvolvimento do projeto urbano do *campus* como um todo e dos projetos arquitetônicos das edificações que constituiriam o mesmo.

2.2. A consolidação do espaço físico da Universidade de Santa Maria

Desde o início dos pensamentos acerca da Universidade de Santa Maria, a Associação Santa-Mariense Pró Ensino Superior, liderada por José Mariano da Rocha Filho, idealizava uma universidade que se pretendia modelo, tanto do sistema educacional quanto da organização espacial. A maior preocupação do Dr. Mariano era que a nova Universidade não repetisse os mesmos erros das universidades existentes, erros estes muito provenientes da própria concepção inicial das universidades, a partir da reunião de faculdades completamente independentes entre si.

A organização de uma Universidade nova como a de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, não pode incidir nos defeitos da maioria, senão da totalidade das instituições universitárias do Brasil; não poderá ser uma simples reunião nominal de um certo número de escolas isoladas. (ROCHA FILHO, 1962 In: ROCHA FILHO, 1993 p. 31)

A Universidade de Santa Maria, na realidade, também foi composta a partir de Faculdades já existentes. Mas conforme já foi explicitado neste capítulo, todas as Faculdades foram sendo criadas a partir dos mesmos princípios, pelos mesmos grupos de pessoas, que tinham, na realidade, um ideal em comum, que era a própria criação de uma Universidade. Outra ponderação do Prof. Mariano, que este seguidamente levantava, era a preocupação com o excesso de infra-estrutura demandada pela separação física das faculdades componentes de uma mesma Universidade.

Criada às pressas pela simples reunião de unidades, até então independentes, ela guardou durante os anos que decorreram, esses característicos básicos que ainda contribuem para dificultar a solução do problema universitário do Brasil. (...) faltava muito para que esse organismo se constituísse num todo homogêneo. A Universidade era formada da conjugação de Faculdades, completamente independentes umas das outras (...). Existiam laboratórios idênticos para cátedras que ensinavam uma mesma disciplina e isso se repetia não só entre diferentes Faculdades, mas ainda dentro de uma mesma

Faculdade. (...) Dessa forma, a Universidade Brasileira foi sempre extremamente onerosa, existindo unicamente em leis, porquanto, na realidade, era formada por um grupo heterogêneo de Faculdades, sem nenhuma racionalização. (ROCHA FILHO, 1968 In: ROCHA FILHO, 1993 p. 25)

Por todas estas razões, desde o princípio, idealizava-se a construção de uma Cidade Universitária que abrigasse todas as edificações compreendidas pela Universidade. A própria organização do plano pedagógico orientava para este fim. A ASPES, e depois a própria Reitoria da Universidade, apontavam iniciativas inovadoras no meio acadêmico brasileiro, tais como: o regime de tempo integral para os docentes; a criação dos institutos universitários, unidade Universitária que reuni disciplinas afins pertencentes a duas ou mais Faculdades; o aumento de tipos de laboratórios e a diminuição de vários laboratórios iguais, podendo um mesmo espaço ser utilizado por estudantes e professores de diversos cursos superiores afins. Para isso, era imprescindível que todos esses cursos estivessem próximos, podendo usufruir de uma mesma estrutura física, ou seja, tornava-se indispensável a reunião das Faculdades e dos Institutos em um *campus* universitário.

Entendeu o Conselho Universitário, ao aprovar o plano da Reitoria, que o objetivo da Universidade só poderia ser atingido através da construção de um campus universitário, onde professores e alunos viverão numa comunidade efetiva.

Este contato permanente só será possível com a construção da Cidade Universitária, cuja primeira fase é o estabelecimento de um plano diretor, um plano piloto, que disciplinará todas as construções a serem feitas, ordenando-as e integrando-as em um conjunto racional, de modo que, em poucos anos, esteja a Cidade Universitária já com o seu núcleo principal construído e com possibilidade de funcionar. (ROCHA FILHO, 1962 In: ROCHA FILHO, 1993 p. 31)

Pretendia-se a elaboração de um plano piloto baseado na arquitetura moderna, que já alcançara seu auge neste período no Brasil. A intenção da criação de uma cidade universitária moderna estava também coligada com a intenção da própria universidade querer ser uma instituição avançada, conectada com os preceitos de sua época; não mais relacionada a um passado no qual a educação superior brasileira tinha, de certa forma, estagnado.

Neste momento, o espaço físico para a edificação do pretendido *campus* já estava garantido, a partir da doação de terra inicial das famílias Behr e Tonetto, para o

Centro Politécnico, e das posteriores desapropriações, resultando no espaço final de quase 600 hectares no Bairro de Camobi. O próximo passo para a consolidação desta aspiração da reitoria e dos principais representantes da Universidade de Santa Maria deveria então ser a escolha dos arquitetos responsáveis pelo Plano e pelas edificações do mesmo, que deveria demandar um cuidado especial, para que os mesmos pudessem colocar em prática tudo o que era almejado.

2.2.1. OS ARQUITETOS RESPONSÁVEIS PELO PLANO PILOTO

A escolha dos arquitetos que projetariam o *campus* da Universidade de Santa Maria esteve muito ligada a algumas questões de cunho estratégico e político. Desde o início do pensamento acerca de uma Universidade em Santa Maria, as concepções indicavam para a criação de um *campus* que por si só refletisse uma ideia de modernidade pretendida pelos seus idealizadores. Seria também uma maneira de demonstrar aos outros municípios, que Santa Maria estava sim conectada ao que havia de mais atual no país como um todo. Para tanto, apesar da arquitetura da cidade no momento não representar uma real paridade com a capital do Estado e com outras cidades brasileiras importantes, era necessário um projeto moderno para esta Universidade que se pretendia a frente de seu tempo, desde o projeto político pedagógico até os instrumentos utilizados em laboratórios, passando pelas instalações da Universidade. Para a concretização dos ideais de criação da UFSM, o papel dos arquitetos era de fundamental importância, seriam eles os agentes idealizadores das pretensões desejadas pelo grupo de pessoas que liderava a idealização da Universidade em Santa Maria.

Para o desenvolvimento do plano piloto da Cidade Universitária da UFSM foram convidados dois arquitetos mineiros radicados no Rio de Janeiro, Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti. Ambos formaram-se na Escola Nacional de Belas Artes, pós Reforma do Ensino realizada por Lucio Costa; já vinham trabalhando com arquitetura moderna no Brasil; e tiveram um papel importante na história da normatização do edifício hospitalar no país.

Na história da normatização dos processos projetuais e do edifício hospitalar, os arquitetos Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti têm um papel importante como precursores, participando dos primeiros esforços de normatização, quando introduziram, no país, os

conhecimentos sobre normatização hospitalar que trouxeram dos Estados Unidos. (TOLEDO, 2002 p. 53)

Nota-se o fato de que os arquitetos não eram profissionais de primeira linha da arquitetura moderna brasileira, eram sim idealizadores de uma arquitetura moderna, trabalhavam baseado nesta, porém não eram líderes nem pessoas de renome. O que importava nesse momento não era a importância carregada pelo nome dos arquitetos responsáveis pelo Plano Piloto, mas sim a arquitetura que estes viriam a desenvolver, que deveria refletir as aspirações da sociedade santa-mariense, principalmente do grupo de pessoas envolvidos na criação da instituição de ensino superior.

Valdetaro e Nadalutti foram sócios por muitos anos, e tinham como característica a busca pelo conhecimento, e a proliferação dos ensinamentos adquiridos através de seus próprios projetos e dos documentos a respeito de arquitetura hospitalar que os dois desenvolveram no decorrer dos anos que trabalharam em conjunto.

Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti, juntamente com Jarbas Karman (...), darão uma importante contribuição, divulgando e incorporando em seus projetos os conhecimentos adquiridos em um curso de especialização que fizeram em 1952 no Public Health Service na Division of Hospitals Facilities, em Washington. (TOLEDO, 2002 p. 32)

Durante sete meses, entre os anos de 1951 e 1952, os dois arquitetos teriam participado deste curso de atualização em arquitetura hospitalar, em Washington, o que acabou conferindo uma base muito importante para ambos. Neste momento os dois eram funcionários do Serviço Especial de Saúde Pública, do qual se retiraram em 1953 para fundar o escritório *Oscar Valdetaro & Roberto Nadalutti Arquitetos*, que se tornaria um dos mais importantes escritórios especializados em arquitetura hospitalar (TOLEDO, 2002 p. 54).

Os dois arquitetos em conjunto projetaram vários hospitais pelo país inteiro, entre eles a Maternidade Escola Assis Chateaubriand, da Universidade do Ceará (1956); o Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto (1956); e o Hospital Santa Mônica, em Belo Horizonte (1962). Trabalharam também em conjunto com outros arquitetos, como colaboradores ou consultores. Desta forma, participam do projeto para o Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul⁹, Porto Alegre

⁹ O Hospital de Clínicas teve seu projeto desenvolvido por Jorge Moreira. Nadalutti e Valdetaro assumem, em 1958, a execução e adequação do projeto original (SILVA, 2006).



Figura 58: Maternidade Escola Assis Chateaubriand – 1956 – foto da época. (FONTE: <http://www.meac.ufc.br/>, acessado em 18 de julho de 2011).



Figura 59: Maternidade Escola Assis Chateaubriand, foto da edificação atualmente (FONTE: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=709918>, acessado em 18 de julho de 2011).

Figura 60: Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, da USP – 1956 – tipologia usualmente adotada pelos arquitetos, de uma placa vertical sobre uma base horizontal (FONTE: TOLEDO, 2002 p. 54).



Figura 61: Hospital Santa Mônica, em Belo Horizonte – 1958/1962 (FONTE: <http://www.hospitalbelohorizonte.com.br/o-hospital/historia-do-hbh>, acessado em 18 de julho de 2011).



Figura 62: Hospital Santa Mônica, em Belo Horizonte – 1958/1962 – foto da época (FONTE: TOLEDO, 2002 p. 35).



(1958), juntamente com Jorge Moreira. Teriam trabalhado inclusive com Oscar Niemeyer, no projeto do Hospital Distrital 1, em Brasília.

Na entrevista que fizemos com Oscar Niemeyer, ficamos sabendo que, ao longo de sua carreira, Oscar havia projetado poucos hospitais. Disse-nos que, em sua opinião, a arquitetura hospitalar exige a presença de profissionais especializados e lembrou que, ao projetar o Hospital da Lagoa, procurara a colaboração de Hélio Ushoa, (...), assim como a contribuição de Roberto Nadalutti ao projetar o Hospital Distrital 1 (HD1), em Brasília. (TOLEDO, 2002 p. 97)

Além do importante trabalho desempenhado nos edifícios hospitalares, Oscar e Roberto realizaram alguns outros projetos, em outras áreas da arquitetura. Em conjunto, participaram do concurso para o Centro de Instrução Almirante Sylvio Camargo, no início da década de 1950; e sagraram-se campeões do mesmo. Este era uma espécie de *campus* de instrução da Marinha do Brasil, e o concurso englobava o projeto urbano e arquitetônico para o mesmo, sendo o projeto vencedor baseado no modernismo de Le Corbusier, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, com quem Nadalutti e Valdetaro teriam estagiado na época de faculdade. Nota-se a presença do elemento urbano e arquitetônico no projeto, assim como aconteceria anos mais tarde com o *campus* da Universidade de Santa Maria. Sem a companhia um do outro, também projetaram edificações importantes e de caráter moderno.

Oscar Valdetaro de Torres e Mello nasceu em outubro de 1924, filho do militar João Valdetaro de Amorim e Mello e de Maria Julia Torres. Seu pai foi Chefe do Gabinete Militar e Ministro da Viação e Obras do Governo de Eurico Gaspar Dutra, de 1948 a 1951; ou seja, Oscar Valdetaro fazia parte de uma família relativamente influente da época. Este faleceu em agosto de 1976, aos 51 anos. Valdetaro fez parte do grupo vencedor do concurso para o Estádio do Maracanã (1948-1950); juntamente com Waldir Ramos, Raphael Galvão, Miguel Feldman, Orlando Azevedo, Pedro Paulo Bernardes Bastos e Antônio Dias Carneiro. Este também teria realizado algumas outras obras menores no Rio Grande do Sul; como o projeto de uma residência para a sua filha, também configurada por elementos da arquitetura moderna.

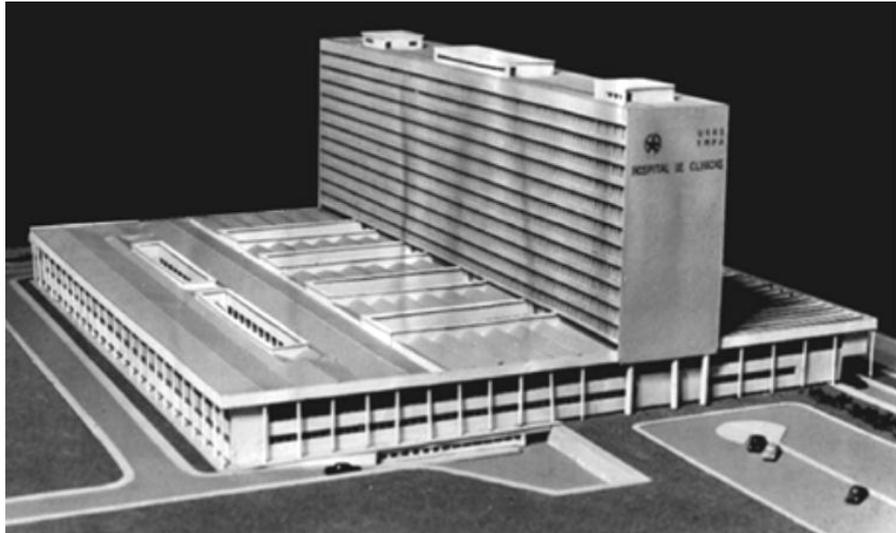


Figura 63: foto da maquete do Hospital de Clínicas da UFRGS, depois do projeto deste ser assumido por Valdetaro e Nadalutti, em 1958 (FONTE: SILVA, 2006 p.161)



Figura 64: Hospital Distrital de Brasília, projeto de Oscar Niemeyer, com consultoria de Valdetaro e Nadalutti (FONTE: <http://www.flickr.com/photos/gihsanches/4953167328/in/photostream>, acessado em 18 de julho de 2011)



Figura 65: foto da área central do Centro de Instrução Almirante Sylvio Camargo, localizado na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, parte de um conjunto urbano deste Centro (FONTE: http://bp0.blogger.com/_H2QiDKx03fQ/SH6AAZGLmWI/AAAAAAAAAF0/QN0Gx3lw9G0/s1600-h/For.+Ciasc-1998.jpg, acessado em 18 de julho de 2011)

Roberto Nadalutti nasceu no ano de 1922 e faleceu em maio de 2002, aos 80 anos de idade. Ele projetou algumas obras importantes relacionadas à área da saúde quando funcionário do Serviço Especial de Saúde Pública, como o Pavilhão Henrique Aragão, da Fundação Oswaldo Cruz (1954-1960), no Rio de Janeiro; e o Pavilhão Santa Maria, do *campus* hospitalar da Beneficência Portuguesa, no Rio de Janeiro, também em princípios da década de 1950. Nadalutti ainda exerceu a profissão de professor, dando aulas em um curso de arquitetura hospitalar, na Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP, nos anos 60.

Não se sabe ao certo o porquê da escolha de Valdetaro e Nadalutti para a elaboração do projeto do Plano Piloto, mas com certeza a experiência dos dois com a arquitetura hospitalar está diretamente relacionada a isto. A aproximação dos dois ao estado do Rio Grande do Sul, em 1958, quando deram continuidade ao projeto do Hospital de Clínicas da UFRGS também parece ser uma razão pela qual o nome deles foi escolhido para o desenvolvimento do projeto em Santa Maria. Fato é que neste mesmo ano de 1958, Dr. Mariano da Rocha entra em contato com os dois para que os mesmos elaborem os estudos para o Centro Politécnico, pedido ao qual eles acatam e acabam elaborando o primeiro estudo de um projeto urbano para o que depois acabaria transformando-se na Cidade Universitária da Universidade Federal de Santa Maria.



Figura 66: Foto de Roberto Nadalutti (FONTE: <http://www.fortunecity.com/oasis/seychelles/732/historia.htm>, acessado em 27 de outubro de 2011)



Figura 67: Foto de Oscar Valdetaro (FONTE: Caderno UFSM 50 anos, 2010 p. 44)

2.2.2. O PROJETO PARA O CENTRO POLITÉCNICO

Em 1958, o Dr. Mariano da Rocha Filho chama Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti para que os mesmos projetem o futuro Centro Politécnico, centro criado antes mesmo da própria Universidade de Santa Maria. O Centro seria composto por treze edifícios, sendo eles o Instituto de Mecânica; Instituto de Física e Química; Instituto de Matemática; Museu; Planetário; Instituto de Hidráulica; Instituto de Eletrotécnica; Instituto de Arquitetura e Urbanismo; Administração; Ginásio Clube; Residências; Física Nuclear; e Horto de Plantas Medicinais.

O projeto apresentava conceitos gerais do urbanismo moderno, aplicado ao tema do *campus* universitário, como o zoneamento de funções a partir da adoção do parque como base para a construção das edificações; a abolição do parcelamento do solo; hierarquia viária; a adoção de volumes prismáticos simples para edificações com programa de ensino e diversificação formal das edificações com programas específicos; e de outros artifícios comuns ao tema. Estas mesmas diretrizes gerais seriam adotadas depois para o Plano do *campus* da UFSM.

Enquanto o projeto para o Plano da Cidade Universitária da UFSM, elaborado posteriormente, teria uma inspiração clara nos projetos de Le Corbusier e Lucio Costa para a Universidade do Brasil (ambos de 1936); o projeto para o Centro Politécnico parece estar baseado de maneira geral em um outro importante projeto de *campus* universitário brasileiro. A resolução formal urbana adotada, ou seja, o arranjo das partes componentes do Centro Politécnico, assemelha-se à solução tomada por Jorge Machado Moreira para a Cidade Universitária da Universidade do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão; arquiteto este com quem Valdetaro e Nadalutti tiveram a oportunidade de trabalhar pouco tempo antes, no mesmo ano de 1958, no projeto para o Hospital de Clínicas da UFRGS.

O projeto do Centro Politécnico desenvolve-se sobre uma malha viária regular, composta por uma via principal, longitudinal à área de intervenção; e uma via secundária, transversal à principal, no topo da composição. As demais ruas que compõe o sistema viário são de curto trajeto, apenas para acesso veicular aos institutos e demais edificações. As edificações são dispostas em ambos os lados da via principal, paralelamente à mesma, porém não se constituindo como uma composição simétrica. O acesso principal se dá a norte, sem nenhuma demarcação específica.

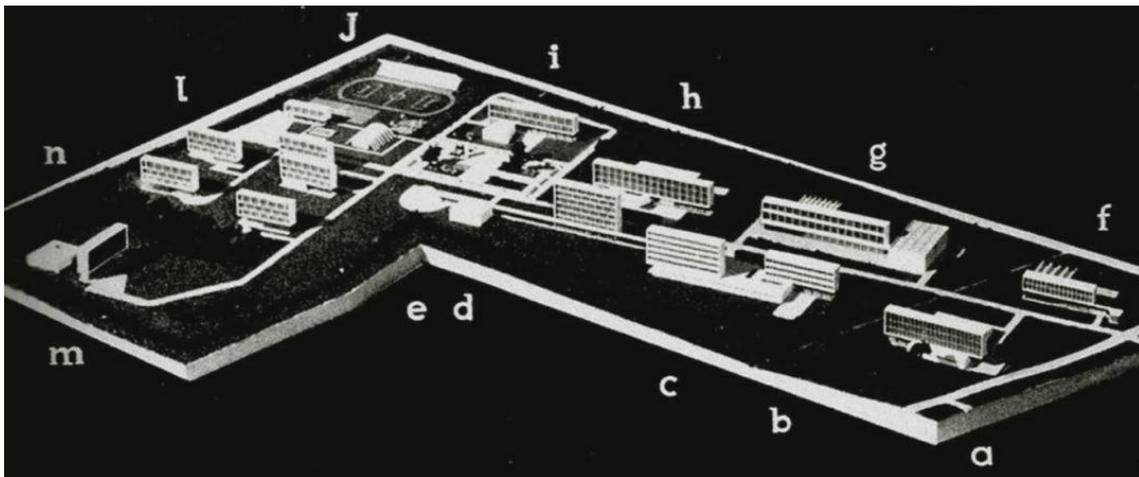


Figura 68: Foto 01 da Maquete do Plano para o Centro Politécnico, de Roberto Nadalutti e Oscar Valdetaro. Identificação das edificações: a) Instituto de Mecânica; b) Instituto de Física e Química; c) Instituto de Matemática; d) Museu; e) Planetário; f) Instituto de Hidráulica; g) Instituto Eletrotécnico – único edificado; h) Instituto de Arquitetura e Urbanismo; i) Administração; j) Ginásio; l) Residências; m) Física Nuclear; n) Horto de Plantas Medicinais (FONTE: ARRUSUL, 2009 p. 92)

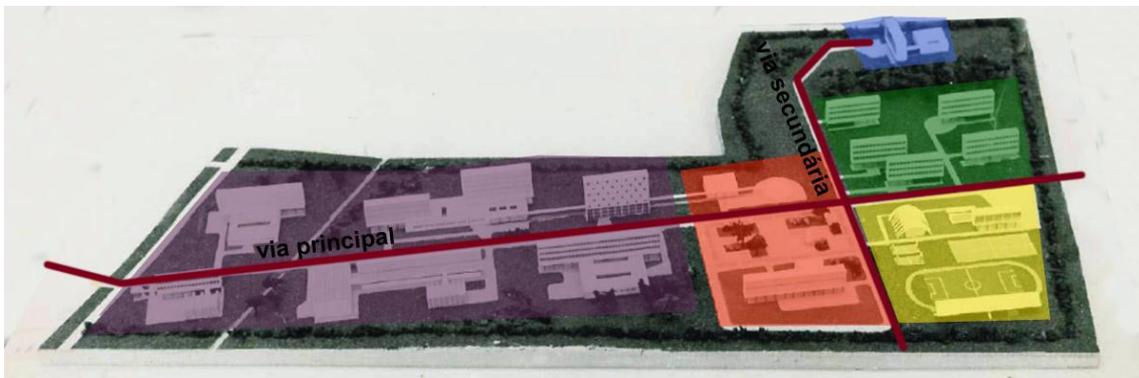


Figura 69: Foto 02 da Maquete do Plano para o Centro Politécnico, com a zona de ensino em roxo; a zona cultural e administrativa em vermelho; a zona esportiva em amarelo; zona residencial em verde; e zona educacional especial em azul (FONTE: SCHLEE, 2003 p. 4; modificado pela Autora, 2011)

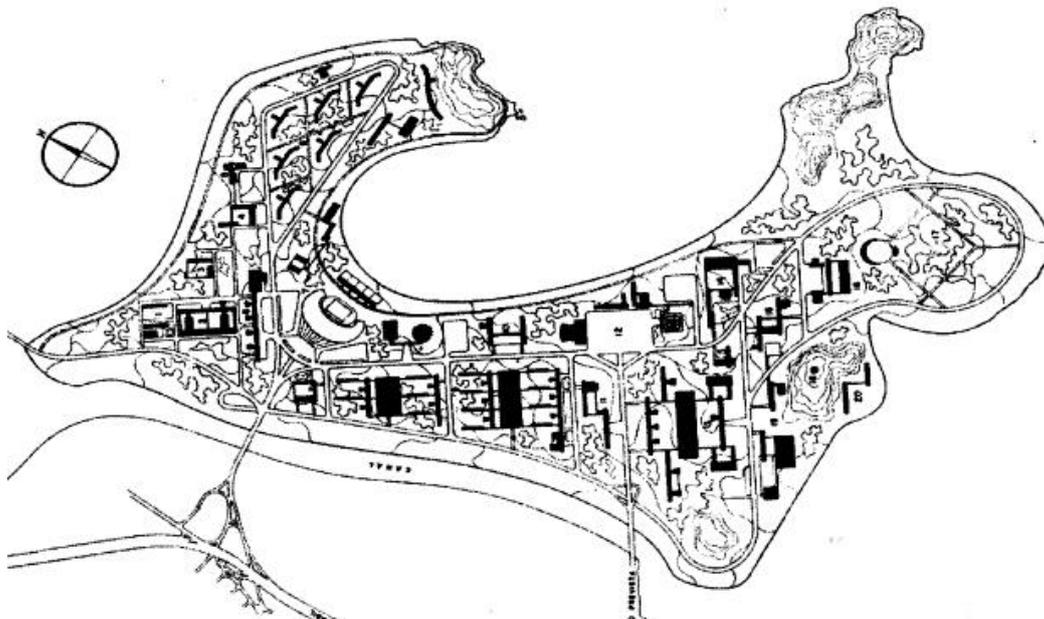


Figura 70: Implantação do Campus do Fundão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, projeto de Jorge Moreira (FONTE: SEGAWA, 2006 p. 41)

O zoneamento de usos é bastante rígido, ficando dividido pelos setores de ensino, cultural e administrativo, esportivo, e residencial. O setor de ensino concentra-se logo no acesso ao *campus*, em ambos os lados da via principal, composto por seis barras de diferentes dimensões, sendo algumas delas apoiadas diretamente no solo, e outras sobre uma plataforma horizontal. O setor cultural e administrativa fica junto ao encontro dos dois eixos, configurado a partir de uma praça em frente à administração central, que organiza as demais edificações – planetário e museu. Esta praça acaba conformando um espaço aberto em frente à administração central, dando ênfase à visualização da mesma. O setor esportivo está localizado na porção sudoeste do encontro dos eixos, e é composto pelo ginásio e pelo campo de futebol, com toda a área de apoio necessária aos dois. Na porção sudeste do encontro das duas vias, está concentrado o setor residencial do conjunto, conformado por cinco barras de três pavimentos sobre pilotis. Completa a composição, na extremidade leste do eixo secundário, a edificação correspondente à Física Nuclear, que pertence à zona de ensino, porém fica separada da mesma provavelmente em razão dos distanciamentos mínimos em relação a outras edificações que o programa exige. Entre a Física Nuclear e o setor residencial, situa-se o Horto de Plantas Medicinais.

A semelhança deste plano com o projeto de Jorge Moreira para o *Campus* do Fundão fica perceptível pela presença da malha viária simplificada. Guardando as devidas proporções em relação à dimensão dos dois projetos, ambos resolvem a estrutura viária a partir de uma via principal estruturadora, e outras vias transversais à esta. Nos dois casos as edificações são organizadas nos dois lados desta via principal, sem que haja uma composição simétrica no conjunto. Outro aspecto em comum é a não marcação do início e do final destes eixos principais. Nos dois casos, não há nenhuma praça, edificação ou marco visual que delimite o começo e o final das vias – conforme acontece nos projetos para a Universidade do Brasil, e no Plano Piloto de Brasília, por exemplo.

A proposta arquitetônica para as edificações também é similar. Em ambos os planos, as edificações são todas plasticamente expressivas, não havendo repetição de tipologia básica para os institutos de ensino, como ocorre em outros projetos urbanos modernos. No caso do Centro Politécnico, todas as edificações são compostas a partir de volumes prismáticos, porém com arranjos diferenciados, resultando em diferentes

tipologias. A exceção fica por conta do setor residencial, que é composto por um conjunto de edificações de igual tipologia, conforme já destacado aqui.

Do projeto como um todo, apenas o Instituto Eletrotécnico foi construído, uma vez que dois anos após o início das construções, a Universidade de Santa Maria fora criada, razão pela qual o projeto do Centro Politécnico foi deixado de lado, dando espaço aos estudos para o *campus* da nova Universidade.



Figura 71: Foto do Instituto Eletrotécnico em fase de conclusão, quando já havia iniciado a implantação do *campus* da UFSM – foto de 1968. (FONTE: PAVEZI, 2010 p. 57)

2.3. O Plano Piloto para o *Campus* da UFSM

A elaboração dos estudos e do Plano Piloto definitivo da Cidade Universitária de Santa Maria, conforme já transcrito nesta dissertação, também ficaram a cargo de Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti, uma vez que estes já haviam criado um vínculo com as pessoas responsáveis pela consolidação da Universidade, e com o próprio projeto para esta. Os estudos elaborados para o *campus* na realidade podem ser considerados como uma evolução do plano urbano que já havia sido aprovado para o Centro Politécnico, uma vez que os princípios gerais eram mantidos, e inclusive uma edificação deveria ser considerada, uma vez que já estava em construção.

O Centro Politécnico já planejado, com o Instituto Eletrotécnico já em construção, com a sua via principal já aberta, condicionou em parte o plano diretor da Cidade Universitária (...). Esta foi uma premissa a ser considerada no planejamento, isto é, integrar o Centro Politécnico no plano da Cidade Universitária. (VALDETARO e NADALUTTI, 1962 In: CARDOSO, 1962)

Ao todo foram desenvolvidos cinco estudos de Planos Pilotos para a Universidade de Santa Maria. O primeiro estudo considerado é o próprio Plano do Centro Politécnico; o segundo, terceiro, quarto e quinto estudos foram desenvolvidos ao longo de ano de 1961, depois que a lei que criava a Universidade de Santa Maria havia sido sancionada pelo Presidente da República, Juscelino Kubitscheck. O quinto plano piloto foi o aprovado pela reitoria e executado a partir de 1962, no conjunto de terras resultante da doação das Famílias Behr e Tonetto, e de desapropriações que foram feitas a partir de então.

Antes da elaboração dos estudos urbanos propriamente ditos, foi feito um planejamento da própria Universidade como um todo; desde a organização político-pedagógica que seria adotada, a capacidade de alunos que esta deveria absorver, os cursos e faculdades que seriam criados, e finalmente a elaboração do programa arquitetônico.

Ficou definido pelo conselho universitário, que a Universidade de Santa Maria seria organizada a partir de Faculdades, Institutos, Departamentos e Cátedras. A definição de cada um destes organismos componentes da Universidade fica explicitada no livro “USM – A Nova Universidade”, organizado por Edmundo Cardoso, em 1962, e que é importante fonte bibliográfica para conhecimento de todo o processo que levou à fundação e consolidação da UFSM.

FACULDADE: é a unidade universitária responsável pela orientação do ensino, no sentido de formar profissionais em diferentes atividades liberais ou técnicas;

INSTITUTO: é a união em uma mesma unidade universitária de disciplinas afins pertencentes a duas ou mais Faculdades, com a finalidade de assegurar melhores condições para o ensino e a pesquisa.

DEPARTAMENTO: é a reunião dentro de uma mesma Faculdade de disciplinas afins, que não tenham afinidades com disciplinas de outras Faculdades, visando a melhora do ensino, sua unificação e evitar as repetições inúteis.

CÁTEDRA: é constituída de matéria privativa de uma determinada Faculdade sem afinidade com disciplinas outras da mesma ou de outras Faculdades. (CARDOSO, 1962 p. 11)

Ficou estabelecido também que os professores deveriam ser contratados mediante concursos públicos, e que eles deveriam ser regidos por um sistema de dedicação exclusiva às atividades da Universidade, podendo estes se dedicar, além das

aulas, à pesquisa, extensão e acompanhamento dos alunos. A leitura do livro acima referido deixa explícita novamente a ideia da presença da cidade universitária como o único meio para a consolidação de uma verdadeira nova Universidade. *Para que possamos realizar estas finalidades, indispensável se torna a reunião das Faculdades e dos Institutos em campos universitários, realizando o que se denomina a Universidade propriamente dita* (ROCHA FILHO, 1962 In: CARDOSO, 1962 p. 12).

A Universidade deveria ser planejada para um universo de 5.600 alunos, 800 professores e 1.000 funcionários, prevendo uma possibilidade de expansão em até 150%, o que resultaria em 14.000 alunos, 2.000 professores e 2.500 funcionários. O que se viu com o passar dos anos, é que mesmo com esta previsão de expansão, atualmente a Universidade apresenta uma quantidade bastante superior de alunos e cursos, o que acabou resultando em um aumento exagerado das instalações, contribuindo para a descaracterização urbana do conjunto arquitetônico como um todo. Este assunto será mais bem tratado e discutido no capítulo três desta mesma dissertação.

A partir do estabelecimento da organização da Universidade, de suas unidades de estudo, população atendida e instalações necessárias, foi elaborado o programa de necessidades para o Plano Piloto do *campus*, sendo este entendido como um espaço com vida própria.

Quando inteiramente realizada a Cidade Universitária, será uma comunidade com vida própria, devendo pois o seu plano urbanístico permitir o seu funcionamento de modo racional prevendo e provendo todas as facilidades e serviços exigidos pela vida em comum numa cidade moderna. (VALDETARO e NADALUTTI, 1962 In: CARDOSO, 1962, grifo nosso)

O programa foi dividido em sete setores diferentes, que foram reproduzidos como tal inclusive na organização espacial da Universidade, sendo que todos os quatro estudos posteriores ao projeto do Centro Politécnico mantiveram a mesma setorização, apenas diferenciando a localização e relação entre os setores. Os setores definidos foram:

- a) *Setor Cívico, Cultural e Administrativo*: composto pelo edifício da Reitoria, Biblioteca Central, Museu, Planetário, Salão de Atos, Rádio e Televisão Educativos, Centro Cultural e Casa das Nações.
- b) *Setor de Ensino*: o setor de ensino é ainda subdividido em quatro sub-setores, a saber:
- b.1) Centro Politécnico: correspondente à Faculdade Politécnica (Instituto de Eletrotécnica e Engenharia Civil), aos Institutos Básicos de Física, Química, Matemática e Ciências, e ainda a Escola Técnico-Profissional de nível médio.
 - b.2) Centro Médico: abrange as faculdades de Medicina, Odontologia, Hospital de Clínicas, Hospital de Neuro-Psiquiatria, Escola de Enfermagem, entre outras instalações afins ao tema da saúde.
 - b.3) Setor dos Institutos: compreende todas os Institutos com exceção dos das cadeiras básicas. Seriam um total de 23 Institutos, organizados em cinco ou seis edificações, de acordo com suas afinidades.
 - b.4) Setor das Faculdades Isoladas: composto pelas Faculdades Agregadas (consolidadas no momento de fundação da Universidade) e ainda o Instituto de Planejamento e Administração.
- c) *Setor Residencial*: compreendido pelas habitações de alunos, professores e funcionários.
- d) *Setor Comercial*: composto pelas lojas, agências bancárias, posto de combustível, mercado, correios e telégrafos, entre outros.
- e) *Setor Esportivo e Recreativo*: corresponde ao Estádio Universitário, clube universitário, e demais instalações esportivas.
- f) *Setor de Manutenção ou Serviços Gerais*: é formado pelas garagens, oficinas, almoxarifados, e afins.
- g) *Setor de produção*: abrange o Centro de Ciências Rurais, a Granja Universitária, as Faculdades de Agronomia e Veterinária, a Escola Agrotécnica (de nível médio), e o Hospital de Clínicas Veterinárias.

2.3.1. OS PRIMEIROS ESTUDOS

Desde os primeiros estudos elaborados para o Plano Piloto da Cidade Universitária de Santa Maria, posteriores ao projeto para o Centro Politécnico, a

preocupação com um trabalho completo ficava latente. É isso que fica claro no memorial que os arquitetos escrevem, que está publicado no mesmo livro “USM – A nova Universidade”. No memorial, os arquitetos Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti explicam como o trabalho seria desenvolvido.

O plano diretor compreenderá, além do projeto de urbanização, a programação da universidade, sua capacidade e esquema de organização, bem como o projeto e detalhamento de todo o sistema viário, praças, jardins, estudos de zoneamentos, os projetos das redes externas de instalações e estudos que disciplinem a execução do plano. (...) No projeto do sistema viário ou arruamento, além do sistema de circulação, traçados das ruas, seções e grades, serão estudados os tipos de pavimentação, passeios, meios-fios, etc. (VALDETARO e NADALUTTI, 1962 In: CARDOSO, 1962)

Está presente neste parágrafo, a ideia de projeto completo, de elaboração de estudos desde a escala global, até detalhes que fariam a diferença no conjunto como um todo. O projeto seria então composto pelo anteprojeto de urbanização propriamente dito, acompanhado por um planejamento e programação; com estudos da capacidade da cidade universitária, a determinação dos cursos a serem ministrados e suas capacidades, determinação das unidades arquitetônicas a serem construídas com a previsão de suas áreas, e um esquema indicando a construção progressiva das diferentes unidades da cidade universitária.

A ideia do planejamento das etapas de implantação estava sempre muito presente. Uma importante premissa a ser levada em consideração, além da presença do Instituto Eletrotécnico já em construção, era a distribuição das edificações em relação ao terreno da Universidade. A área geral para a implantação do *campus* seria de 578 hectares, sendo que 40 destes hectares já pertenciam à Universidade no momento em que iniciaram os estudos (área doada pelas famílias Behr e Tonetto), e o restante ainda seria incorporado aos poucos ao patrimônio da Universidade, através de desapropriações, que demandariam um certo tempo. Isto interferia muito no partido arquitetônico adotado, uma vez que as edificações que precisassem ser erguidas logo no começo da implantação, deveriam localizar-se dentro do perímetro dos 40 hectares já pertencente à USM; enquanto as edificações que não tinham muita urgência, e que pudessem ser construídas posteriormente, poderiam estar localizadas em todo o restante da área do *campus*, inclusive nos terrenos que ainda necessitariam de acerto legais, até serem incorporados definitivamente à área geral da Universidade.

Esta premissa, inclusive, foi uma das principais razões para que os três primeiros estudos de Planos Pilotos fossem abandonados, em detrimento do quinto estudo, este que foi o aprovado e implantado a partir de 1962.

Os planos de nº 2, 3 e 4 já apresentam diretrizes urbanas muito semelhantes ao alcançado no plano definitivo. A presença de referências aos projetos de Lucio Costa para a Universidade do Brasil e para Brasília, e do projeto de Le Corbusier para a mesma Universidade do Brasil, já é perceptível. É adotado um eixo principal que coincide com a principal via, através do qual se estruturam as edificações, primeiramente as unidades de ensino, com os institutos e faculdades, seguidas pelo setor cívico, cultural e administrativo, e sendo finalizado pelo edifício da Administração Central, como fecho de perspectiva do eixo principal. Como que em um braço secundário, está o centro esportivo, a oeste da via principal. As edificações são tratadas a partir de barras simples para os institutos e faculdades, ou seja, para o programa relacionado ao ensino; enquanto as demais edificações, de destaque programático, são resolvidas com diferenciação volumétrica e arquitetônica, que não fica explícita em perspectivas, mas é perceptível através da implantação geral.

Dois elementos importantes destacam-se do conjunto. Um deles é a praça cívica que finaliza o eixo principal, na qual fica claramente perceptível a presença da referência da Praça dos Três Poderes, projetada por Lucio Costa para Brasília. A lógica de composição da mesma é diferente, porém a presença desta como elemento arquitetônico do conjunto permite a comparação. Nos planos para Santa Maria, o desenho triangular da praça se dá exclusivamente pelo desenho das vias, e a edificação julgada principal – a administração central – é colocada no meio da praça, compondo a praça com um grande elemento edificado, não como uma plataforma aberta; enquanto em Brasília, a situação é completamente oposta, sendo a praça também determinada por vias e desenhos de piso, porém delimitada em seus vértices por edificações, deixando o meio da praça configurado por um vazio. No entanto a presença como elemento urbano, é muito similar, inclusive simbolicamente. Em ambos os casos, a praça funciona como o fechamento do eixo principal do sistema, é a cabeça da composição, local onde está presente o poder central, a administração do conjunto como um todo.

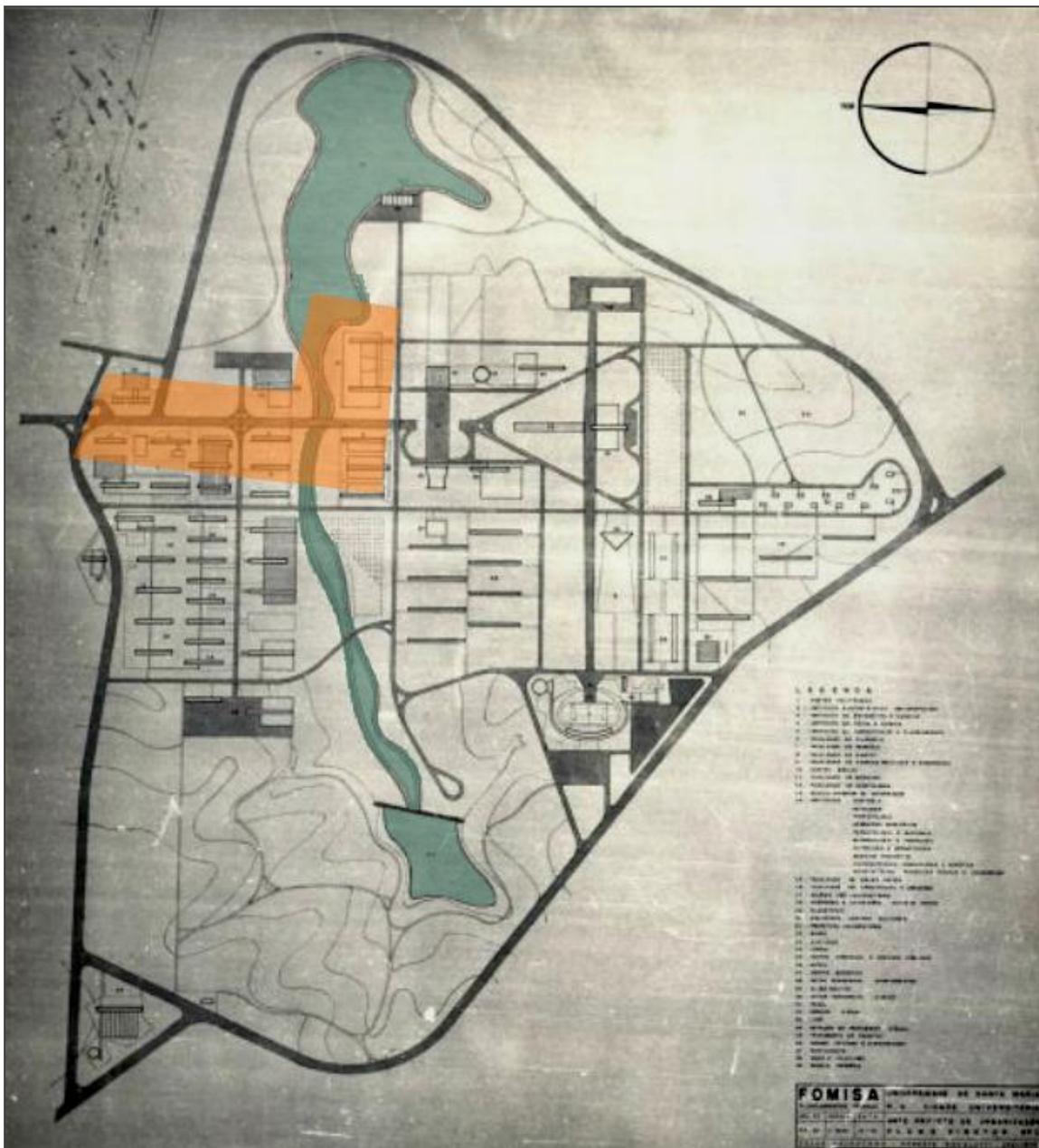


Figura 72: Planta do Primeiro Plano Piloto para o *campus* da UFSM (segundo se considerarmos o Plano do Centro Politécnico como o primeiro), planta datada de 10 de julho de 1961. Destaque para o lago que permeia a proposta (em azul), e para a projeção aproximada da área já pertencente à Universidade no momento de início dos estudos – área doada pelas famílias Behr e Tonetto (em laranja). (FONTE: PAVEZI, 2010 p. 33, modificado pela Autora, 2011)

O outro elemento de grande destaque na composição é a presença do lago na parte central do esquema urbano. Ele está presente nestas três propostas, e reaparece no Plano definitivo, porém em proporções menores. A analogia com a estrada de ferro que corta a Quinta da Boa Vista, nos projetos para a Universidade do Brasil, é perceptível, cria-se um elemento que divide em duas partes o *campus*, e que é transposto a partir de três pontos, nas vias longitudinais do plano.

Todas estas três propostas são muito similares entre si, apresentando diferenças apenas nas localizações dos programas arquitetônicos, mas a composição como um todo é mantida. Segundo o memorial exposto pelos arquitetos, o Centro Politécnico e o setor de ensino, os setores esportivos, cívico e administrativo, de manutenção, e o de produção; ocupam as mesmas posições nas três propostas. A diferença estava na posição relativa dos demais setores (Centro Médico e residências).

Assim, o plano nº 2 tem a vantagem de ter o setor residencial mais junto do Centro Politécnico e com parte dele dentro do terreno da ASPES, mas tendo a desvantagem de ter o setor do Centro Médico fora daquele terreno (...). E sendo o Centro Médico e parte do Setor de Institutos das obras a serem iniciadas em primeiro lugar, já com verbas previstas, há a desvantagem de exigir maiores obras iniciais de urbanização e dependerem da solução de providências relativas à aquisição de áreas de terreno, que são conhecidas pela sua morosidade. (...) Nos planos 3 e 4 (...), a situação é inversa ao exposto acima para o plano 2, o que nos parece ser bem mais vantajosa. (VALDETARO e NADALUTTI, 1962 In: CARDOSO, 1962)

Outra diferença entre os três planos é a dimensão do lago, formado pela canalização das águas do açude situado a oeste do terreno, e a dimensão da área urbana do *campus*. Ambos os fatores foram diminuindo a partir da evolução das propostas. A proposta de número dois possui dimensões bastante superiores às outras, a área urbana do *campus* ocupa 133 hectares, além do lago, com cerca de 70 hectares. Na proposta de número três, a área urbana fica em torno de 110 hectares, e o lago com 33 hectares. A quarta proposta é a mais enxuta das três, com 100 hectares de área urbana e os mesmos 33 hectares de lago. Nas três propostas, as áreas resultantes são ocupadas pelo Setor de Produção.

O maior problema encontrado nestes planos foi justamente a extensão da área urbana do *campus*, provocada pelo grande distanciamento entre as partes componentes, acarretando em maiores gastos de implantação da infra-estrutura viária

e de instalações. Outro grande problema foi o já mencionado anteriormente na citação dos próprios arquitetos, que seria a dificuldade e encarecimento da implantação inicial, acarretada pelo mau posicionamento de algumas edificações importantes, como o Centro Médico e o setor residencial.

Levando em conta estas considerações, foi então elaborado o quinto plano piloto, que acabaria sendo o aprovado pelo Conselho Universitário, e passaria a ser implantado a partir do ano de 1962.

2.3.2. O PLANO PILOTO APROVADO

O Plano que acabou sendo o aprovado pelo Conselho Universitário da Universidade de Santa Maria, foi o quinto estudo elaborado pelos arquitetos Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti. Este plano mantém a organização setorial proposta para os planos anteriores, reorganizando a localização dos mesmos, a fim de deixá-los mais próximos e garantir o posicionamento das edificações a serem construídas primeiro dentro da área já pertencente à Universidade.

Esta solução tem como principal característica a maior concentração de edifícios dentro da atual área de terreno já de propriedade da ASPES. O Centro de Produção envolve todo o conjunto da Cidade Universitária. (VALDETARO e NADALUTTI, 1962 In: CARDOSO, 1962)

Outra pequena alteração foi feita em relação ao setor residencial, que acabou sendo subdividido em dois, ficando uma parte do setor localizada dentro do terreno da ASPES, possibilitando um início de construção mais rápido, independente da demora relativa à desapropriação dos terrenos limítrofes. Segundo os autores do projeto,

O plano diretor n° 5 engloba quanto à localização de setores, as vantagens das outras soluções isoladamente, sendo assim quase uma conclusão dos outros planos. (...) Permite ainda um grande plano de obras, melhor que o previsto para o plano n° 4 e ainda com a vantagem de situar os edifícios a serem construídos nos próximos 5 anos em terreno já livre e desembaraçado. (VALDETARO e NADALUTTI, 1962 In: CARDOSO, 1962)

O Plano , assim como os demais, foi planejado para uma população inicial de 5.660 alunos, 800 professores e 1.000 funcionários, sendo possível uma expansão em até 150% da população total. As áreas residenciais foram estudadas para que pudessem atender à 60% da população de estudantes, e 50% da população de professores e funcionários, com suas famílias.



Figura 73: Planta do Ante-projeto de urbanização da Universidade de Santa Maria, apresentada no livro *USM: A nova universidade*, de 1962, em destaque a área que já pertencia à ASPES no momento da elaboração deste estudo, que acabou sendo o definitivo. (FONTE: CARDOSO, 1962).

As análises aqui realizadas, em relação ao Plano Piloto, foram feitas baseadas nos materiais acessíveis a partir do livro “USM: a Nova Universidade”, de 1962; da maquete resultante do projeto, da qual há registros fotográficos da época, e que hoje se encontra exposta no Museu Gama D’Eça, desta Universidade, no centro da Cidade de Santa Maria; além da consulta ao acervo da Prefeitura Universitária da UFSM, o qual conta com diversas plantas originais, algumas com melhor estado de conservação, outras com a qualidade um pouco inferior, dificultando a representação aqui.

As primeiras imagens aqui publicadas (figuras 73 e 74) correspondem a uma implantação e uma perspectiva que estão presentes no citado livro, de 1962; e demonstra o projeto como foi inicialmente aprovado e apresentado à comunidade, sendo que depois foram ocorrendo algumas pequenas alterações, conforme aparecem nas demais figuras. A planta publicada a seguir (figuras 76 e 77) é datada de 04 de abril de 1966, e foi conseguida a partir do arquivo geral da Universidade. A mesma é aqui publicada para ilustrar justamente estas pequenas alterações que foram feitas ainda no início da implantação do *campus*. Na realidade teve-se acesso a uma planta anterior, datada de 26 de julho de 1962 (figura 75), ou seja, logo do início da implantação do *campus*; porém a reprodução desta acabou ficando com uma qualidade de imagem bastante baixa, dificultando a identificação das partes componentes do projeto. A escolha pela publicação da planta de 1966 no local da planta de 1962, só foi feita depois de uma análise minuciosa dos dois desenhos, onde se constatou que a única diferença que aparecia entre ambos, era da dimensão do Centro Agrotécnico, que assume proporções maiores nesta planta de 1966, o que não interferia na interpretação do conjunto arquitetônico como um todo. Assim, julgou-se válida a publicação desta para análise, uma vez que ilustra de igual maneira o projeto que estava sendo implantado, desde 1962, e possui qualidade de reprodução superior.

Feitas as explicações acerca das fontes bibliográficas das imagens do plano piloto aprovado, e do projeto de implantação do *campus*, aqui reproduzidas; partiremos agora para a análise formal do projeto definitivo para a Cidade Universitária da UFSM. Procederemos a partir de uma visão urbana, seguida por uma breve análise referente aos elementos arquitetônicos projetados que o compõe. Posteriormente será feita uma relação entre o Plano de Santa Maria e projetos antecedentes a este, que de alguma maneira ou de outra acabaram o influenciando.

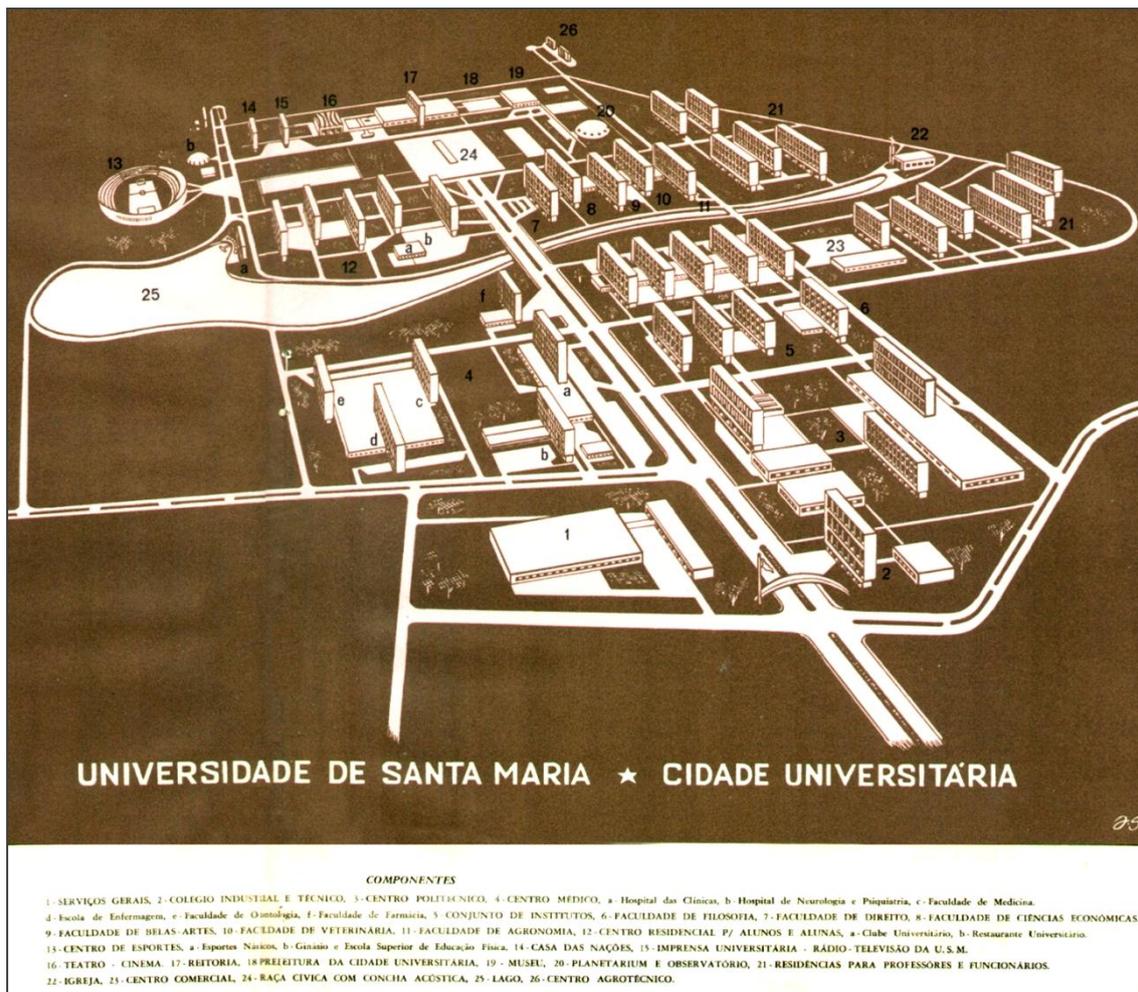
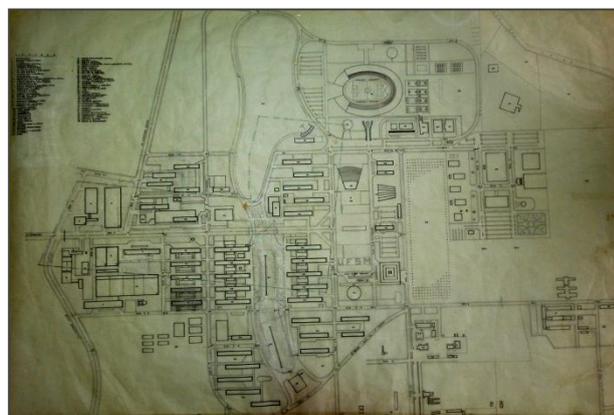
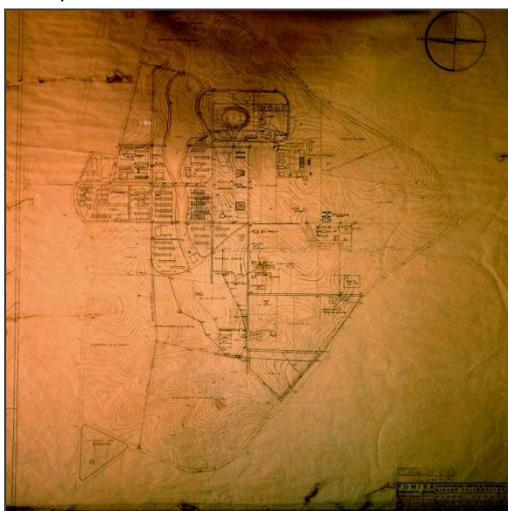


Figura 74: Perspectiva geral do Plano Piloto da Universidade de Santa Maria. Descrição da legenda: 1- Serviços Gerais; 2- Colégio Industrial e Técnico; 3- Centro Politécnico; 4- Centro Médico (a- Hospital de Clínicas, b- Hospital de Neurologia e Psiquiatria, c-Faculdade de Medicina, d- Escola de Enfermagem, e- Faculdade de Odontologia, f- Faculdade de Farmácia); 5- Conjunto de Institutos; 6- Faculdade de Filosofia; 7- Faculdade de Direito; 8- Faculdade de Ciências Econômicas; 9- Faculdade de Belas-Artes; 10- Faculdade de Veterinária; 11- Faculdade de Agronomia; 12- Centro Residencial para alunos e alunas (a- Clube Universitário, b-Restaurante Universitário); 13- Centro de Esportes (a- Esportes Náuticos, b- Ginásio e Escola Superior de Educação Física); 14- Casa das Nações; 15- Imprensa Universitária - Rádio e Televisão da USM; 16- Teatro e Cinema; 17- Reitoria; 18- Prefeitura da Cidade Universitária; 19- Museu; 20- Planetário e Observatório; 21- Residências para Professores e Funcionários; 22- Igreja; 23- Centro Comercial; 24- Praça Cívica com Concha Acústica; 25- Lago; 26- Centro Agrotécnico (FONTE: CARDOSO, 1962).



Figuras 75 e 76: Plantas do projeto de implantação do campus, à esquerda datada de 26/07/62, e acima datada de 04/04/1966 (FONTE: Acervo UFSM, 2010).

Enquanto o Plano elaborado por Valdetaro e Nadalutti para o Centro Politécnico estava bastante ligado ao projeto urbano de Jorge Moreira para a Cidade Universitária do Rio de Janeiro; o Plano Piloto definitivo para o *campus* da UFSM está vinculado às propostas de Le Corbusier e Lucio Costa para a Universidade do Brasil, na Quinta da Boa Vista, e aos projetos dos mesmos para Chandigarh e Brasília. *Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti propuseram um projeto que transita entre as propostas de Lucio e Corbusier, atestando filiação e respeito* (SCHLEE, 2003 p. 5).

A proposta organiza-se baseada em uma composição axial, com um eixo compositivo que coincide com o eixo viário principal, desenvolvido no sentido norte-sul. A via principal articula as edificações, que são dispostas em “espinha de peixe”, paralelamente a esta. O trajeto pela via principal, atual Avenida Roraima, permite um passeio arquitetônico que tem início em um pórtico de acesso ao *campus*, a norte, e é finalizado pela praça cívica, rodeada de edificações expressivas do conjunto arquitetônico, que apresenta como fecho de composição o edifício da Reitoria, uma placa em altura com sua empena cega lateral voltada à Praça. Aproximadamente na metade do eixo principal, há a presença de outro elemento compositivo marcante, o lago que corta a extensão urbana no sentido leste-oeste, e que serviria de espaço de contemplação e de práticas esportivas.

Avançado a partir do pórtico de acesso, o percurso pelo eixo principal expõe o Colégio Industrial e Técnico à direita, e a Zona de Serviços Técnicos e Gerais, à esquerda. Ao lado do Colégio Industrial, a oeste da via principal, está situado o Centro Politécnico, com o Instituto Eletrotécnico, que no momento já estava em construção, e outras edificações para a Faculdade de Arquitetura, laboratórios, e demais centros de ensino a este relacionado. Em frente ao Centro Politécnico, do outro lado da Avenida, está o Centro Médico, composto pelo Hospital de Clínicas, Hospital de Neurologia e Psiquiatria, Faculdade de Medicina, Escola de Enfermagem, Faculdade de Odontologia e Faculdade de Farmácia. Este é um dos setores que há diferenças entre o Plano apresentado em 1962 e as plantas posteriores, com o projeto de implantação do *campus*. Na perspectiva apresentada anteriormente (figura 74), o Centro Médico ocupa toda a parte leste da Avenida Roraima, desde a primeira rua transversal a esta, até o lago. Nesta proposta, não há, em nenhum local do *campus*, a previsão de uma Biblioteca Central. Na planta a seguir (figura 77), datada de 1966, a preocupação com a

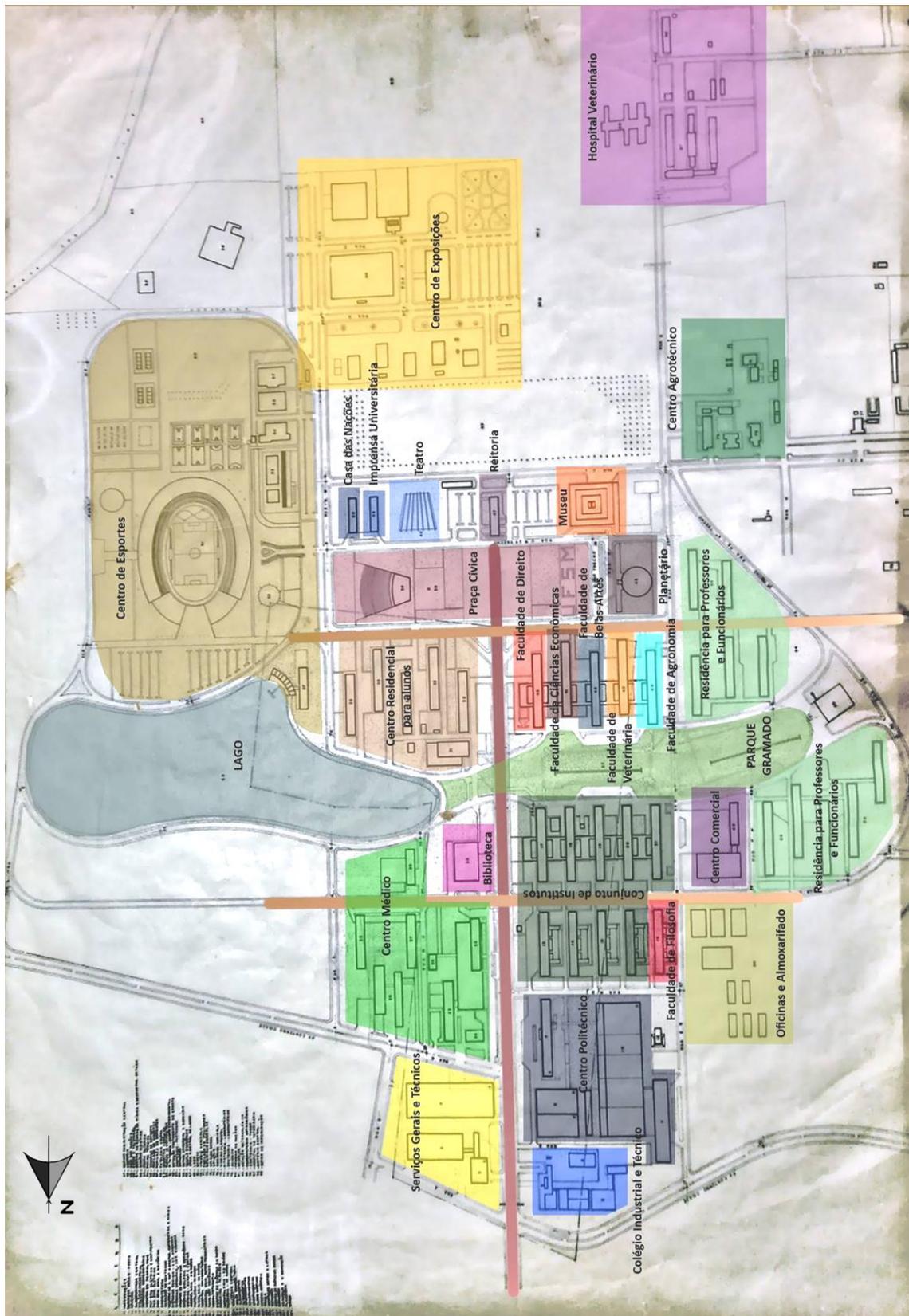


Figura 77: Implantação do projeto para o *campus* de Santa Maria; planta datada de 04 de abril de 1966, e que representa o detalhamento realizado em julho de 1962, sendo que o Plano se mantém. Demarcação dos setores do projeto através da diferenciação de cores e nomes subjacentes. (FONTE: Acervo da UFSM, 2010, modificado pela Autora, 2011).

edificação de uma Biblioteca Central aparece, e esta é situada junto à Avenida Principal e ao lago, ou seja, a Faculdade de Farmácia, que antes era disposta junto da Avenida, é afastada da mesma, dando lugar à Biblioteca. Esta solução é a que persiste e acaba sendo consolidada e implantada.

Em frente ao Centro Médico e à Biblioteca fica localizado o Conjunto dos Institutos, composto por dois conjuntos de edificações. O primeiro conjunto, junto ao Centro Politécnico, é configurado por quatro edificações de três pavimentos. Atrás deste conjunto de edificações, fazendo parte do mesmo como elemento formal, está a Faculdade de Filosofia. O outro conjunto de edificações é composto por cinco barras horizontais de dois pavimentos, com pilotis em meio-pavimento voltado ao lago; cada uma das edificações possui um auditório pequeno que é colocado fora do corpo da edificação, conforme ocorre em projetos emblemáticos da arquitetura moderna. Atrás deste Conjunto dos Básicos, em direção a oeste, está concentrada uma parte das edificações residenciais para professores, funcionários, e suas famílias. A outra parte dos edifícios residenciais situa-se do outro lado do lago, junto ao conjunto de Faculdades. Entre a residência de professores a norte do lago, e o Conjunto de Institutos, há a previsão de um Centro Comercial, composto por uma praça e duas edificações, sendo uma delas em altura e a outra uma barra mais baixa.

Continuando o passeio arquitetônico, pela Avenida Principal, cruza-se o lago a partir de uma ponte. Ainda sobre a ponte, avista-se, à direita, um espaço ecumênico no final do lago, entre os dois conjuntos de edifícios para professores e funcionários. Transposta a ponte, tem-se o conjunto de Faculdades, a oeste. Este conjunto é composto pelas Faculdades de Direito, Ciências Econômicas, Belas-Artes, Veterinária e Agronomia. Ao molde do Conjunto de Institutos, as edificações das Faculdades também são constituídas por edificações de três pavimentos, além de um meio-pavimento sobre pilotis, voltado ao lago; formando um conjunto bastante interessante com os Institutos, do outro lado do mesmo. No outro lado da Avenida, em frente às Faculdades, está situado o Centro Residencial para alunos, composto pelas edificações de habitação, pela Restaurante Universitário e pelo Clube Universitário, uma espécie de área de convívio para alunos.

Deixando para trás o Centro Residencial para Alunos e as Faculdades, finalmente chega-se ao auge da composição urbana, a Praça Cívica. A Praça Cívica é

um elemento arquitetônico que foi deixado de lado nos primeiros estudos de cidade ideal moderna de Le Corbusier, estando aí incluídas a Ville Contemporaine para três milhões de habitantes, de 1922, e a Ville Radieuse, de 1935. Neste momento, a praça como maneira simbólica deixa de existir, e é todo o espaço urbano que é liberado pelas edificações suspensas sob pilotis, que funciona como espaço de ocupação, manifestação e centro cívico da cidade. Porém no período pós-guerra, a Praça Cívica volta a ter a sua importância, e reaparece no urbanismo moderno do mesmo Le Corbusier e de seus discípulos, como Lucio Costa. E destes é trazida ao programa do *campus* da UFSM, e torna-se um dos principais elementos arquitetônicos do conjunto.

No pós-guerra, volta a ser discutida a importância do coração da cidade, ou centro cívico. Conseqüentemente, há um reingresso da monumentalidade e das instituições no zoneamento da cidade. Em Chandigarh, Le Corbusier, 1951 -- símbolo da Nova Índia -- ou em Brasília, Lucio Costa, 1957, os edifícios institucionais que correspondem aos poderes federais localizam-se fora e no encabeçamento da trama principal viária, de maneira antropomórfica e constituem um centro cívico. Organizam-se em torno de um espaço aberto que pode ser considerado uma praça amorfa, com características comuns à praças do século XVIII e XIX, nas quais a paisagem e as perspectivas que integram a cidade à natureza estão incluídas na composição, completando o grande vazio existente entre os mesmos. (MACHADO MAHFUZ, 1996 p. 297)

A Praça Cívica da Cidade Universitária de Santa Maria, aos moldes das praças de Le Corbusier em Chandigarh e de Lucio Costa em Brasília e na Universidade do Brasil, é rodeada por edificações de expressão arquitetônica, e abriga o setor Cívico, Cultural e Administrativo, composto pelo edifício da Reitoria, Biblioteca Central, Museu, Planetário, Salão de Atos, Rádio e Televisão Educativos, Centro Cultural e Casa das Nações. Segundo Schlee (2003), a praça:

(...) é delimitada pelas quatro vias e pelos prédios isolados que a rodeiam. Ao sul, temos a sequência de empenas cegas das faculdades e dos blocos residenciais. A leste encontra-se o centro de esportes, composto de um estádio para 40 mil espectadores e de um ginásio (com a forma de uma calota – cúpula semi-esférica). A oeste, o planetário (outra calota). E ao sul, nova sequência de edificações, só que desta vez, possuidoras de caráter e volumetria especial: Casa das Nações, Imprensa Universitária, Teatro/Cinema, Reitoria, Prefeitura e Museu (SCHLEE, 2003 p. 9)

Completa ainda a composição urbana do conjunto o Centro Esportivo, localizado em um eixo secundário, a leste do eixo compositivo principal. Este Centro é composto pelo Estádio, pelo Ginásio, por campos e quadras complementares, e ainda com área de piscinas cobertas. Nota-se que na perspectiva datada de 1962, só aparece a representação do estádio e do ginásio; porém nas plantas de julho de 1962 e abril de 1966, está presente a implantação do conjunto completo, representado pelos elementos acima citados.

Há ainda elementos periféricos à área principal compositiva do *campus*, mas que ainda pertencem à área urbana do mesmo. Estes elementos são compostos por conjuntos de edificações que dão lugar ao Centro Agrotécnico, a sudoeste do eixo principal, próximo ao planetário e museu; às oficinas e almoxarifado, a noroeste da composição, junto à Faculdade de Filosofia; ao Hospital Veterinário, a sudoeste do eixo, próximo ao Centro Agrotécnico; e ao Centro de Exposições, próximo ao Centro Esportivo, a sudeste da composição como um todo. Estes três últimos elementos destacados aparecem somente nas plantas mais detalhadas de 1962 e 1966, não sendo ilustrados na perspectiva e na implantação do livro de 1962. Nos desenhos de início de 1962, o Hospital Veterinário estaria localizado junto ao Centro Agrotécnico, sendo deslocado mais a sul posteriormente.

Outra diferença marcante entre os desenhos de 1962 - tanto os publicados no livro como a planta do acervo da Universidade - e a planta de 1966, é a dimensão e desenho do lago. Nas ilustrações de 1962, o lago aparece ocupando toda a depressão do meio da parte urbana do *campus*, em sua extensão leste-oeste; enquanto nas plantas de 1966 e de 1972, também do arquivo da UFSM, o lago situa-se apenas na porção leste da depressão central, ficando a porção oeste configurada por uma área gramada, com canalização da água que alimentaria o lago, transpondo águas do açude situado a oeste do terreno, fora da área urbana do *campus* (que aparece na figura 73). Na realidade, o projeto do lago foi modificado ainda com o passar do tempo, chegando a ser detalhado para implantação, porém acabou nunca sendo implantado, até o presente ano.

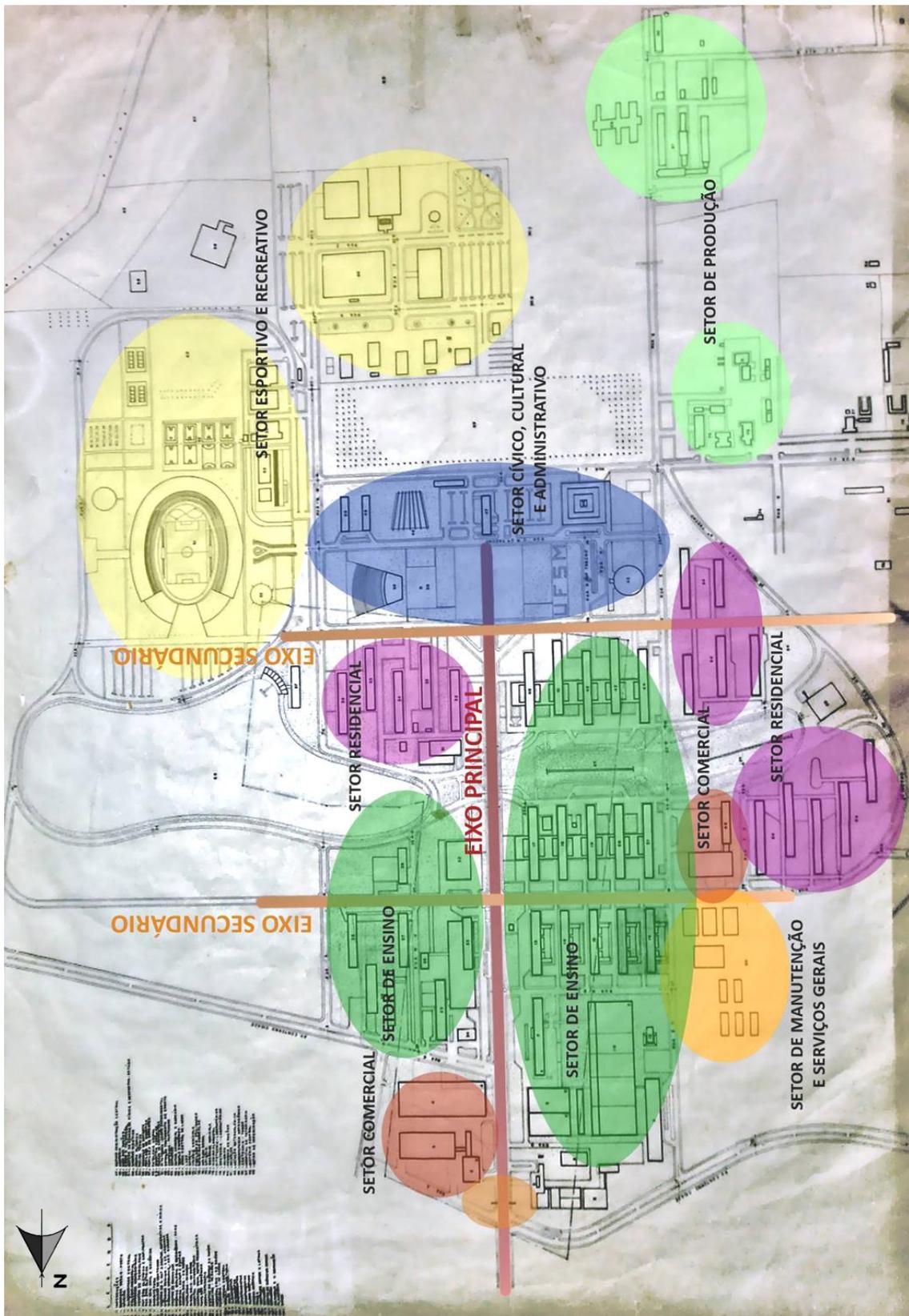


Figura 78: Esquema compositivo do Plano Piloto, sobre planta de abril de 1966. (FONTE: Acervo da UFESM, 2010, modificado pela Autora, 2011).

A composição como um todo resulta, portanto, em um eixo principal, que estrutura o conjunto; e dois eixos secundários, que alimentam os acessos aos diferentes setores do sistema. A composição é fortemente axial, com o eixo principal marcado pelo início em um pórtico, e finalizado pela Praça Cívica, tendo como fecho compositivo o prédio da Reitoria, elemento marcante do conjunto. Dispostos lateralmente ao eixo principal estão os setores de ensino, comercial e residencial, em ambos os lados do mesmo; e o setor de manutenção e serviço, a oeste da via principal. Ao longo do braço lateral, correspondente ao segundo eixo secundário, está o setor esportivo e recreativo, e o setor cívico, cultural e administrativo. Mais afastado em relação ao conjunto urbano situa-se o setor de produção, com o Hospital Veterinário e o Centro Agrotécnico ainda na zona urbana, e o restante do setor abraçando esta mesma, correspondendo a todas as demais áreas do *campus*.

O Plano Piloto da Cidade Universitária de Santa Maria é bastante interessante, ele realmente configura-se como uma mini cidade moderna, e é uma reprodução das ideias do urbanismo moderno de Le Corbusier e Lucio Costa. Ele transcreve soluções urbanas adotadas por ambos em projetos de urbanismo para as cidades construídas de Chandigarh e Brasília, e em estudos urbanos como a Ville Radieuse e as cidades universitárias da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Além disso, é possível perceber no *campus* de Santa Maria soluções arquitetônicas adotadas por Valdetaro e Nadalutti que tem precedentes na arquitetura corbusieana e brasileira. A ligação com a escola carioca é bastante presente, principalmente na relação por esta estabelecida, entre a arquitetura moderna e a composição clássica. Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti deixam claro em sua memória justificativa, a fundamentação das razões da arquitetura por eles formulada: *O nosso trabalho é baseado nas leis imutáveis da Grande Arquitetura de todos os tempos, e nos princípios da arquitetura moderna, frutos da técnica contemporânea: estrutura independente, plano livre, fachada livre* (VALDETARO e NADALUTTI, 1962 p. 24). A análise do conjunto urbano e das edificações projetadas para a Universidade de Santa Maria faz perceber esta aplicação da tradição clássica, através das sequências de colunas com ritmo, a presença da simetria de maneira não explícita em plantas e fachadas, proporções e modulações, além da hierarquia, que também está intimamente relacionada à arquitetura clássica.

Ao mesmo tempo em que o projeto para o *campus* de Santa Maria atua como difusor da arquitetura moderna no âmbito local, devido ao seu caráter institucional e de relevância para o município; ele coloca a cidade de Santa Maria em um panorama nacional da arquitetura, uma vez que adota como sistema projetual a linguagem universal da arquitetura moderna. Por todas estas razões, pode-se dizer que este é um bom exemplo de conjunto urbano e arquitetônico moderno, no entanto a análise do plano projetado e do objeto construído, deixa transparecer alguns aspectos que foram deixados de lado pelos projetistas, estando estes, principalmente, vinculados aos espaços urbanos do *campus*. A composição urbana e a organização das partes componentes do conjunto é muito bem resolvida, porém parece faltar um cuidado maior com a qualidade espacial da composição projetada.

Sigfried Giedion, em seu clássico “Espaço, Tempo e Arquitetura”, salienta a importância que a interação entre volumes assume no urbanismo moderno. A maneira como as edificações são dispostas nos imensos vazios que as cercam, formulam diferentes zonas de utilização, que podem ser tratadas em escalas diferenciadas, a partir do desenho urbano que se faz deste espaço, possibilitando áreas de convívio em pequena escala, ou áreas de grande escala para atividades como protestos e aglomeração de pessoas em geral.

É a interação entre volumes que dá sentido à primeira concepção de espaço arquitetônico. Hoje estamos novamente sensíveis ao poder que os volumes têm de criar espaço (...). Novamente percebemos que os volumes afetam o espaço do mesmo modo que uma parede dá forma ao espaço interno. (GIEDION, 2004, p. 17)

Para que se garantam usos diferenciados com um nível de urbanidade elevado, é necessário que os espaços resultantes da interação entre as edificações sejam tratados de maneira adequada, ou seja, que haja um projeto específico para espaços abertos. Caso isso não ocorra, estes grandes espaços podem tornar-se apenas vazios e áreas de transição, de passagem, sem uso estabelecido e qualidade urbana adequada.

É exatamente este fator negativo da falta de planejamento dos espaços abertos que acaba afetando o Plano Piloto para a Universidade Federal de Santa Maria. A preocupação com a variação de escalas urbanas está presente, e contribui para a qualidade espacial de algumas áreas do plano, principalmente os espaços entre as Faculdades, Institutos e edifícios residenciais, que resultam em áreas de proporções

menores, fazendo lembrar os espaços entre os *rédents* de Le Corbusier. No entanto a falta de um projeto paisagística ou urbano específico é perceptível como contraponto a esta preocupação geral da composição espacial, fazendo com que, possivelmente, a maior carência do projeto como um todo seja exatamente a falta de projeto específico para os espaços residuais e os vazios entre edificações. Um *Campus* Universitário deve primar pela qualidade de espaços, proporcionando ambientes agradáveis aos estudantes, devido aos grandes intervalos que ocorrem entre as aulas ou entre os turnos de estudo. Além disso, há as habitações para estudantes, funcionários e professores, que devem ser amparadas por uma rede de espaços de convívio. O que ocorre em Santa Maria está longe de ser uma situação agradável de espaços abertos. E isso, possivelmente, não é uma questão apenas de execução (ou falta de execução...) de um projeto adequado, na realidade não há projeto específico de uma rede de espaços públicos. Os únicos projetos encontrados referentes a espaços abertos são para a praça cívica e para o lago, ambos não executados. Mesmo o projeto para a praça cívica, não é dotado de um refinamento de elementos e usos; ele, inclusive, reflete um desenho urbano com características apenas de passagem, tornando este um espaço transitório, e não permanente.

Parece ter faltado aos arquitetos mineiros que projetaram a cidade universitária de Santa Maria, a boa referência deixada por arquitetos latinos em projetos para as cidades universitárias de Caracas, na Venezuela, e da Cidade do México. O *Campus* da Universidade de Caracas é um ótimo exemplo de qualidade espacial urbana, onde uma sequência de passeios cobertos compreende uma malha de circulação que, acima de tudo, configura-se como uma malha de espaços de convívio entre a comunidade acadêmica. Rodrigo Arce, em seu artigo a respeito da Universidade de Caracas, relata o caso da Universidade de Bolonha, onde os pórticos assumem um papel importante para o convívio dos estudantes, e os relaciona aos caminhos da Universidade de Caracas:

(...) o pórtico estabelece uma área de transição entre um interior e o exterior correspondente, construindo uma situação urbana abrigada: um espaço sombreado diretamente vinculado aos cenários da vida coletiva. Assim como a praça ou o teatro urbano, os percursos cobertos oferecem ao estudante de Bolonha um domínio complementar às aulas universitárias. (ARCE, 2007, p. 138).

Sobre Caracas este relata: *Sombreado sob eles, alunos e professores os usam como aulas abertas. Com o tempo outros usos neles se abrigam, como o comércio de livros que lhes dá certo ar de bazar* (ARCE, 2007, p. 141). Assim como em Caracas, magnífico projeto de Carlos Raul Villanueva; o *campus* da Universidade Nacional Autônoma do México é outro excelente exemplo de qualidade espacial das áreas abertas. Um simples desenho de piso em um grande tapete verde delimita espaços, qualifica a grande praça central à qual os edifícios convergem, e estrutura uma rede de áreas de convívio extremamente agradável. Esta concentração das edificações de utilização dos alunos ao redor de uma praça central, também se torna um elemento importante para a boa qualidade do espaço gerado, uma vez que garante a presença constante de alunos neste grande espaço aberto; ao contrário do que ocorre em Santa Maria, onde as edificações que se voltam à Praça Cívica são as de menor acesso diário dos estudantes. Outra característica destas duas cidades universitárias é a separação entre pedestres e veículos. Em ambas, os veículos não acessam diretamente as edificações, eles são deixados em bolsões de estacionamento no perímetro das instituições, liberando as áreas próximas aos centros de ensino para utilização dos pedestres; diferentemente do que ocorre em Santa Maria, onde os veículos automotivos são visivelmente privilegiados, deixando os pedestres sem uma assistência específica.

Em uma cidade como Santa Maria, onde o clima é de estações bem definidas, com calor intenso no verão e frio extremo no inverno, seria essencial um cuidado específico com áreas de lazer e de passagem. As passarelas de Villanueva, além de propiciar espaços multiuso seriam essenciais para os dias de sol escaldante de verão e para os dias chuvosos da primavera e do inverno, aos alunos que circulam pelo *campus*. Uma grande área aberta, com desenho urbano cuidadoso e arborização adequada é imprescindível para uma boa área de lazer para os estudantes, o que não foi levado em consideração em nenhum dos espaços entre edificações em Santa Maria.

Essa parece ser uma falha não somente em Santa Maria. Na antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão, esta questão torna-se ainda mais problemática. A falta de um projeto para a imensa área verde resultante da disposição das edificações torna o espaço aberto

completamente desprotegido e muito perigoso, dada a extensão de áreas sem utilização definida e desenho propício. No Plano Piloto da UFSM parece ficar evidente a hegemonia do carro em detrimento ao pedestre. A malha de circulação resume-se às ruas e calçadas que as acompanham. Há uma inversão de valores, uma vez que um *campus* é ocupado por alunos, em sua maioria transitando sem veículo próprio. Talvez isso reflita também a marca de um tempo, onde o carro era visto como um objeto da modernidade, e que deveria estar presente nos projetos arquitetônicos, muitas vezes como agente principal, como ocorre no urbanismo monumental de Brasília.

O projeto para Santa Maria, portanto, é de uma importância fundamental, e apresenta grandes qualidades, porém é importante este destaque em relação a elementos que não foram suficientemente bem resolvidos.

2.3.3. OS ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS SIGNIFICATIVOS

Além do projeto urbano do *campus* apresentar referências a projetos consagrados do urbanismo moderno, conforme já foi citado e será aprofundado ainda nesta dissertação; as propostas arquitetônicas para as edificações também denotam uma filiação à arquitetura moderna brasileira e um respeito a importantes obras ou projetos da arquitetura nacional e internacional realizada até o período.

A composição urbana do conjunto de edificações é resultante da lógica moderna de adoção de tipologias padrão para edifícios com uso comum, a exemplo das edificações voltadas ao ensino; e utilização de uma expressão formal arquitetônica diferenciada para os edifícios que abrigam usos distintos e destacáveis.

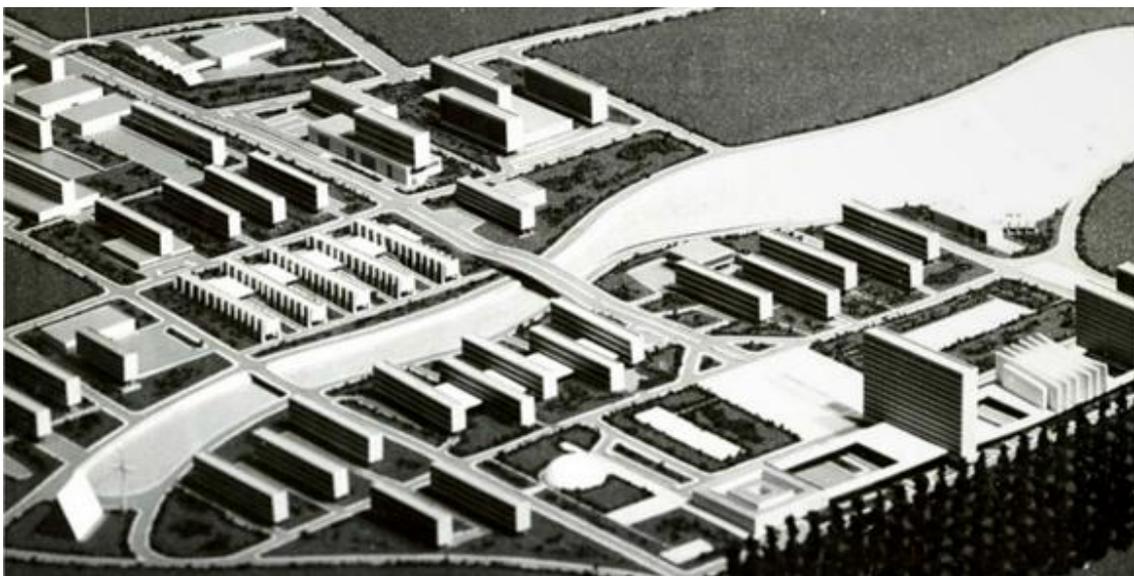


Figura 79: Foto da maquete original do *campus*. (FONTE: PAVEZI, 2010 p. 34).

As edificações projetadas para Santa Maria estão bem representadas na maquete da proposta definitiva, e podem ser separadas em três padrões distintos. O primeiro padrão é o edifício em barra horizontal, de até três pavimentos sobre pilotis, ou diretamente apoiados no chão. Esta tipologia é adotada para as edificações de ensino e residenciais. Outro padrão encontrado nas edificações do *campus* é a barra de três ou mais pavimentos, apoiada sobre uma plataforma horizontal de um ou dois pavimentos. Este padrão é identificado no projeto das edificações do Centro Médico, estando presente tanto no Hospital Universitário e Psiquiátrico, como nas edificações de ensino do mesmo – Faculdades de Medicina, Enfermagem, Odontologia e Farmácia. A terceira classificação possível para as edificações projetadas para a Cidade Universitária de Santa Maria são os partidos de expressão formal diferenciada, que não se enquadram em nenhuma das duas tipologias predominantes, citadas anteriormente, e são assim resolvidas devido à diferenciação do programa que as edificações abrigam. Esta resolução de expressão formal plástica pode ser percebida nos edifícios do Setor Cívico, Cultural e Administrativo; além do Setor Esportivo; da Biblioteca Central; e da edificação que abriga o Clube e o Restaurante Universitário, junto das residências de alunos. Faremos a seguir uma análise destes conjuntos de edificações.

2.3.3.1. Setor de Ensino: o Centro Politécnico

O Setor de Ensino distribui-se em quatro conjuntos de edificações distintos: o Centro Politécnico, o Centro Médico, o Conjunto de Institutos e o Conjunto de Faculdades; e uma edificação isolada, a Biblioteca Central. Além destes, há o conjunto de edificações destinadas ao ensino técnico (Colégio Industrial e Técnico e Centro Agrotécnico), que não serão aqui analisados por não apresentarem grande relevância em relação ao projeto arquitetônico elaborado.

O primeiro conjunto aqui destacado é o Centro Politécnico, composto pelo Instituto Eletrotécnico, Faculdade de Arquitetura, e pavilhões de laboratórios de apoio aos cursos, além de auditório, compondo um conjunto de quatro edificações de maiores proporções e outras pequenas edificações para salas específicas de alguns laboratórios, como um pequeno espaço correspondente ao Gerador de Nêutrons. A maior edificação é destinada aos laboratórios dos cursos de engenharia, localizada ao

fundo do Instituto Eletrotécnico, estando este já em construção no momento de elaboração do plano do *campus* da UFSM. Esta é composta por um pavilhão baixo, com altura relativa a dois pavimentos, e uma barra de três pavimentos apoiada sobre o mesmo. A edificação do pavilhão foi realizada ainda no início da implantação do *campus*, porém o volume mais alto acabou nunca sendo construído. Outra edificação também considerada como apoio, situa-se ao lado do Instituto, e dá lugar aos laboratórios da engenharia elétrica e ao auditório. Esta edificação nunca foi detalhada, mas seria aparentemente de baixa altura, e de planta quase quadrada. Ela também nunca foi edificada.

As outras duas edificações planejadas são destinadas à Faculdade de Arquitetura e ao Instituto Eletrotécnico. O Instituto Eletrotécnico, como já destacado aqui, encontrava-se em construção antes mesmo do início da implantação do *campus* propriamente dito; enquanto a Faculdade de Arquitetura acabou nunca sendo construída. A Faculdade seria composta por um prisma regular de três pavimentos sobre pilotis, aos moldes do Instituto, e abrigaria todas as instalações do curso.

Por último aqui exposto, mas o primeiro a ser planejado e construído, e a mais interessante das edificações deste Centro Politécnico, tem-se o Instituto Eletrotécnico (atual Centro de Tecnologia). Ele é basicamente composto por um prisma de dois pavimentos, apoiado sobre pilotis fechado, em razão do clima da região, intercalando elementos de vedação opacos e transparentes. A edificação do atual Centro de Tecnologia desenvolve-se a partir de uma barra com 123 m de comprimento e 18,5 m de largura, organizada em três pavimentos, nos quais se observa a distribuição das salas de aula e salas administrativas ao longo de uma circulação central, com aberturas nas duas maiores laterais e empenas cegas nas fachadas norte e sul. No pavimento térreo concentram-se auditório; biblioteca setorial; parte do setor administrativo, compreendido pela Direção do Centro, Secretarias dos Cursos e alguns Departamentos; e as áreas de convivência do edifício, com um amplo saguão, bar/restaurante e diretório acadêmico. Nos pavimentos superiores estão concentradas as salas de aula e outros Departamentos de ensino. O edifício está orientado no sentido norte-sul, estando as duas maiores fachadas voltadas a leste e oeste. O acesso principal se dá a partir da fachada leste e é marcado por uma marquise em concreto armado engastada ao corpo principal da edificação.



Figura 80: Zoneamento do Centro Politécnico (FONTE: A Autora, 2011).

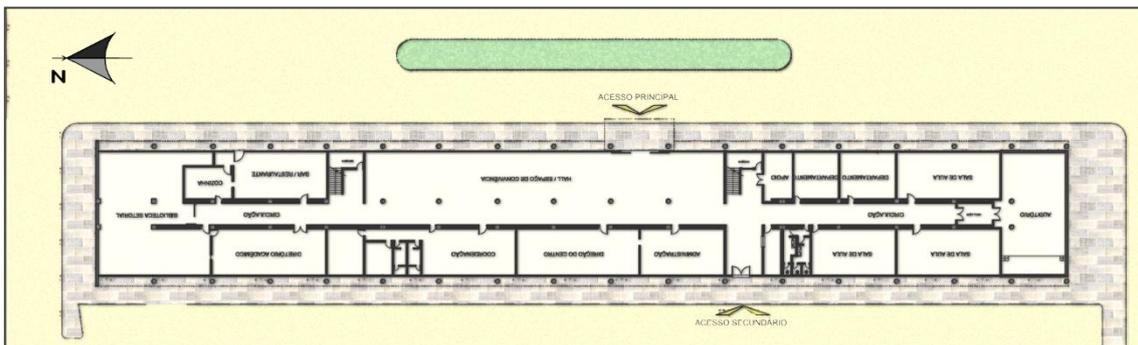


Figura 81: Planta do pavimento térreo do Instituto Eletrotécnico (FONTE: A Autora, 2011).



Figura 82: Foto da construção do bloco central do Instituto Eletrotécnico (atual Centro de Tecnologia), no início da década de 1960 (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).



Figura 83: Vista da fachada principal do Centro de Tecnologia finalizado (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).

A estrutura em concreto armado apresenta-se em quatro linhas de pilares, contidas em duas malhas de 7,25x7 metros, separadas três metros uma da outra – espaço que configura a circulação central da edificação. As linhas de pilar externas ficam aparentes nos três pavimentos do edifício. Os pilares do pavimento térreo possuem seção circular, e estão afastados do plano de vedação, configurando o pilotis fechado. Nos dos demais pavimentos os pilares apresentam seção retangular, transversais à fachada, ficando a face interna alinhada com a estrutura de fechamento, e o restante do pilar aparente pelo lado externo, interrompidos pelas lajes-caixão de forro e piso de cada pavimento, formando um tipo de grelha em concreto nas fachadas leste e oeste da edificação. A laje é do tipo caixão, e a planta configura-se como uma planta livre, possibilitando adequações conforme o programa de cada pavimento.

A edificação como um todo apresenta fechamentos em alvenaria e vidro. No pavimento térreo há uma grande área, correspondente ao saguão de convivência, bar e biblioteca, fechada com um pano de vidro na fachada principal (leste), o que confere uma excelente integração visual entre interior e exterior. Nesta mesma fachada, também neste pavimento, é utilizado o acabamento em pastilha cerâmica sobre a alvenaria, solução também adotada em outros edifícios do *Campus*, como a Reitoria, a Biblioteca Central e o Hospital Neuropsiquiátrico desta Universidade. Isso ocorre nos ambientes mais fechados, onde o uso de vidro em toda a sua extensão não seria possível, como salas administrativas, algumas salas de aula e o auditório.

Os pavimentos superiores são compostos por janela em fita nas fachadas leste e oeste, interrompidas pelos pilares aparentes, com peitoris em alvenaria. As duas circulações verticais, situadas na fachada leste, são configuradas por um pano de vidro protegido por uma malha de cobogó cerâmico, elemento que se repete em outras edificações do *campus*. Na fachada oeste, estes pavimentos são recobertos por brise metálico móvel, protegendo as salas da incidência solar direta. Assim como em maior parte dos exemplares da arquitetura moderna brasileira, é percebida a utilização desses dois elementos de proteção, como uma releitura da própria tradição brasileira

(...) a reelaboração da antiga tradição brasileira de proteger o interior das construções do calor ao reforçar as paredes externas, que assumiam função de suporte. Agora, os arquitetos contemporâneos utilizam de maneira inovadora painéis exteriores vazados, cobogós, azulejos, além do brise-soleil. (GIEDION, 1956 In: XAVIER, 2003 p. 157).

Vale ressaltar aqui, a semelhança apresentada entre esta edificação do Instituto Eletrotécnico com o projeto dos arquitetos Valdetaro e Nadalutti para a Maternidade Escola Assis Chateaubriand, da Universidade do Ceará, projetada por eles em 1956. Percebe-se, portanto, que as referências adotadas pelos arquitetos no projeto do *campus* da Universidade baseiam-se não somente na arquitetura de renomados arquitetos, mas a própria arquitetura por eles realizada em períodos anteriores é repertório projetual.

2.3.3.2. Setor de Ensino: o Centro Médico

Outro conjunto de edificação do Setor de Ensino é o Centro Médico, composto pelos Hospitais de Clínicas e de Neurologia e Psiquiatria, e pelas Faculdades de Enfermagem, Medicina, Odontologia e Farmácia. Se compararmos a perspectiva e a planta apresentadas no livro de 1962, com todos os demais elementos gráficos que tivemos acesso, perceberemos que o Centro Médico apresenta uma pequena variação. Nas primeiras imagens não aparecem a Biblioteca Central, e o edifício da Faculdade de Farmácia ocupa este local, junto à Avenida Principal. Já nas outras plantas, a Biblioteca é colocada junto à Avenida e ao lago, ficando a Faculdade atrás desta, a leste da mesma.

Do conjunto como um todo, foram construídos os Hospitais e o prédio correspondente à Escola de Enfermagem, que acabou abrigando também disciplinas de outras faculdades da área médica, como Medicina e Farmácia. Os demais acabaram não sendo edificados. A Escola de Enfermagem, Faculdade de Medicina e Faculdade de Odontologia, compunham um conjunto de três barras de iguais proporções, unificadas por uma base horizontal. Esta edificação horizontal, com planta quadrada, na realidade só é base da barra central, a Escola de Enfermagem, mas unifica as três edificações, pois os prédios das outras duas Faculdades são implantados ao lado desta, como que ao redor da mesma, sendo esta o elemento organizador do conjunto planejado.

A Faculdade de Farmácia fica afastada do conjunto de edificações de Centro Médico, a única em um quarteirão distinto, próxima à Avenida Principal, no projeto original, e um pouco afastada desta, atrás da biblioteca, nos projetos posteriores. Destaque recebido talvez pela simbologia desta ter sido a primeira faculdade de Santa Maria, inaugurada ainda no ano de 1931, sendo ainda o local onde o grande

idealizador da Universidade, Dr. Mariano da Rocha Filho, iniciou seus trabalhos políticos e de articulação para a consolidação da mesma. Sua edificação também se caracteriza por uma barra de três pavimentos, que nos primeiros desenhos aparece apoiada sobre uma base horizontal com apenas um pavimento, de pequenas proporções, enquanto nas plantas de julho de 1962 e de 1966, aparece apoiada diretamente no solo.

A edificação de destaque do conjunto é o Hospital Universitário, composto por uma barra de cinco pavimentos, apoiada sobre uma base horizontal de dois pavimentos, sendo apenas um pavimento visível a partir da avenida principal, e os dois pavimentos visíveis nas laterais e parte posterior da edificação – fachada leste. Nota-se a presença da referência ao projeto de Jorge Moreira, com colaboração de Valdetaro e Nadalutti, para o Hospital de Clínicas da UFRGS, de 1958. As características da barra do Hospital são similares às do Instituto Eletrotécnico. O Hospital também é composto por janelas em fita em toda a sua extensão leste e oeste, com peitoril em alvenaria, interrompidas por pilares sobressalentes à fachada, de seção retangular. As lajes, também do tipo caixão perdido, são prolongadas além dos fechamentos leste e oeste, inclusive além dos próprios pilares, dando espaço à instalação de brises metálicos nas duas fachadas, o que acabou nunca sendo consolidado. A base de apoio possui proporções de planta bem maiores, e é predominantemente fechada. Sua fachada principal – a oeste – é composta por uma moldura configurada pelas empenas laterais e pela platibanda, e um fechamento em alvenaria recuado em relação a esta moldura, com abertura em fita na parte superior. Este fechamento recebe um painel de esculturas, levando a arte junto da edificação, assim como ocorre em outros edifícios do *campus*, através de painéis pintados, esculturas, e outros elementos artísticos aplicados à arquitetura. O acesso principal de visitantes e usuários se dá pela Avenida Roraima, estando a porta de acesso descentralizada tanto em relação ao volume em altura do Hospital, quanto à base do mesmo. Este acesso se dá através de uma passarela que transpõe o afastamento criado para ventilação e iluminação do pavimento inferior. A placa em altura é disposta de maneira deslocada em relação à base do hospital, criando um espaço coberto, porém aberto, na porção sul, configurando um acesso secundário sob pilotis nesta lateral do Hospital.

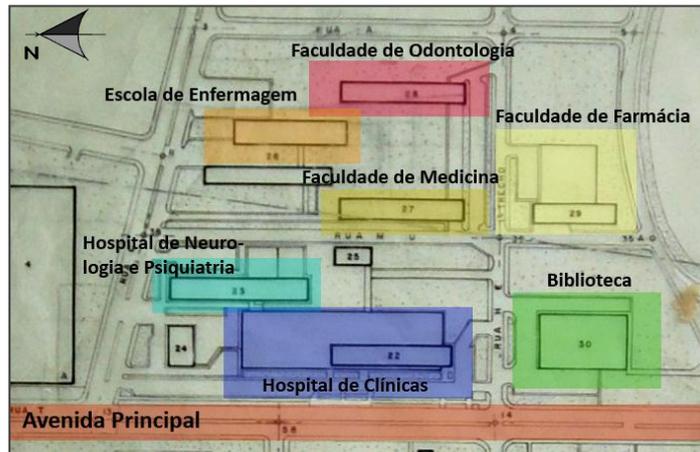


Figura 84: Zoneamento do Centro Médico e Biblioteca (FONTE: A Autora, 2011).



Figura 85: Foto da construção do campus, com o Centro Médico em primeiro plano, tendo o Hospital de Clínicas ainda em construção, o Hospital Psiquiátrico pronto, e o prédio da Escola de Enfermagem em início de construção (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).



Figura 86: Foto da construção do Hospital de Clínicas – atual Hospital Universitário (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).



Figura 87: Foto atual do Hospital Universitário (FONTE: A Autora, 2011).



Figura 88: Foto atual do Hospital Universitário (FONTE: A Autora, 2011).

Completa ainda o conjunto do Centro Médico o Hospital de Neurologia e Psiquiatria, localizado a nordeste do Hospital de Clínicas, edificação que teve o início de execução pouco tempo depois do Hospital principal, mas acabou sendo finalizada antes mesmo deste. Esta edificação apresenta características que se mesclam entre o Hospital de Clínicas e o Centro de Tecnologia, sendo caracterizada por uma barra de proporções em planta similares à placa do hospital, porém com apenas dois pavimentos, apoiados sobre um pilotis aos moldes do Centro de Tecnologia. A estrutura em concreto armado também é marcada, aparecendo nas fachadas leste e oeste, desde o pavimento térreo até o terceiro pavimento, com a diferença de aqui os pilares serem em seção circular do primeiro ao último pavimento; a modulação adotada é a mesma do Instituto Eletrotécnico, com o espaçamento entre malhas para dar lugar à circulação central. O térreo apresenta fechamento em vidro e pastilhas cerâmicas, enquanto os demais pavimentos possuem acabamento em alvenaria pintada e janelas em fita.

2.3.3.3. Setor de Ensino: o Conjunto de Institutos e Faculdades

Os outros dois grupos de edificações do Setor de Ensino são identificados mais como conjuntos propriamente ditos, que adquirem qualidade arquitetônica justamente pelo grupo de edificações que conformam. Na realidade, primeiramente é necessário fazer um esclarecimento em relação a programa e composição arquitetônica. Em relação ao programa, as edificações são divididas nos dois grupos acima citados, Institutos e Faculdades. Porém em relação à composição arquitetônica em conjunto, os grupos de edificações configuram-se de maneiras distintas, resultando também em dois conjuntos, porém sendo um deles conformado pelas Faculdades e um grupo de Institutos e o outro pelos demais Institutos e pela Faculdade de Filosofia. Como a análise aqui pretendida é em relação à composição arquitetônica, adotaremos esta segunda divisão.

O primeiro grupo de edificações é composto por dez edifícios em barra, com proporções de planta iguais às do Instituto Eletrotécnico, estando dividido em cinco edificações na face norte e cinco na face sul da porção oeste do lago projetado. Conformam o conjunto de edificações mais expressivo do *campus* construído, quando assim compreendido como grupo de edificações, e não edificação isolada. Os

arquitetos adotam um partido arquitetônico interessante, composto por um bloco principal de dois ou três pavimentos, com um bloco baixo separado, que dá lugar ao auditório. O grupo de auditórios entre as barras principais, juntamente com um conjunto de marquises, unifica o grupo de edificações, criando uma base única para todas as edificações. Esta estratégia do auditório em volume anexo é bastante utilizada na arquitetura moderna, estando presente nas propostas de Le Corbusier e em todas as propostas da equipe brasileira para o ministério da Educação e Saúde Pública; na proposta de Lucio Costa para os edifícios de ensino da Universidade do Brasil; e no projeto de Jorge Moreira para a Faculdade de Arquitetura da UFRJ; para citar apenas os projetos diretamente vinculados a este.

Os dois conjuntos apresentam o mesmo partido, porém pequenas diferenciações em planta e corte, ocorrentes justamente da variação de uso das edificações. O conjunto a norte do lago, que abriga os Institutos de Ensino, é composto por apenas três pavimentos, enquanto o conjunto sul, das Faculdades, compõe-se de quatro pavimentos. Em ambos os casos, os pavimentos térreo e superiores ocupam toda a dimensão em planta, enquanto o pavimento inferior organiza-se em dois terços da planta, estando parte deste voltada ao lago, sob pilotis aberto, e parte deste semi-enterrado. Com o passar do tempo, estas áreas de pilotis que seriam abertas, foram sendo ocupadas por laboratórios, lancherias, e salas de exposição, variando o uso de acordo com cada edificação. Outra diferenciação existente entre os dois grupos de edificações é a utilização do volume anexo, de apenas um pavimento. Nos dois casos este dá lugar ao auditório, mas enquanto nos edifícios de Institutos têm-se dois auditórios em cada volume, uma vez que cada edifício abrigaria dois institutos; nos edifícios das Faculdades este abriga apenas um auditório, relacionado a cada uma das Faculdades que cada edifício abrigaria. Os acessos também são diferenciados. Nos Institutos há dois acessos principais, um sob cada braço de marquise que unifica as edificações, sendo um para cada Instituto ali instalado; já nas Faculdades, há apenas um acesso principal, em um dos braços de marquise, que cobre o acesso às duas edificações, tanto ao volume principal, como aos auditórios.

A estrutura das edificações, em concreto armado, segue os mesmos princípios adotados no Instituto Eletrotécnico e no Hospital de Neuropsiquiatria, com a mesma modulação e espaçamento entre os dois conjuntos de pilares, dando lugar à circulação

Figura 89: Zoneamento das edificações de Institutos e Faculdades, separadas de acordo com a análise aqui realizada (FONTE: A Autora, 2011).

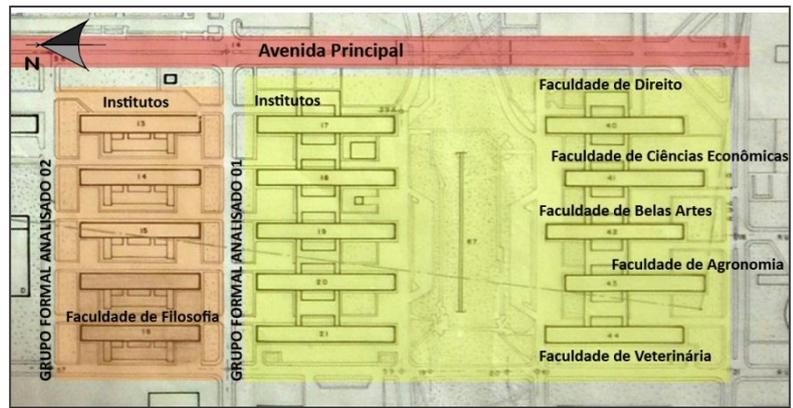


Figura 90: Planta do Conjunto de Institutos mais próximos ao lago (FONTE: A Autora, 2010).



Figura 91: Foto da construção dos prédios dos Institutos (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).



Figura 92: Foto da construção dos prédios das Faculdades (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).



Figura 93: Foto atual do conjunto de edificações dos Institutos (FONTE: A Autora, 2010).

central que distribui o acesso às salas, localizadas nas fachadas leste e oeste. Os pilares também ficam aparentes nas maiores fachadas, estando inclusive destacados do volume prismático principal, ligados a este por vigas tipo consoles de concreto armado. As janelas são dispostas em fita, com duas fileiras em cada pavimento, atrás destes pilares, nas fachadas leste e oeste, enquanto as fachadas norte e sul são constituídas por empenas cegas. A vista deste conjunto de edificações de cima da ponte principal do *campus* da UFSM se assemelha com a vista a partir da plataforma da rodoviária ao ‘exército de ministérios’ da Brasília de Lucio Costa, tendo o lago como entremeio das Faculdades e Institutos – no projeto original, no lugar do grande gramado do Eixo Monumental; com as barras dispostas transversalmente a estes, com suas fachadas cegas a eles voltadas.

As cinco edificações a norte do lago, correspondentes aos Institutos, foram construídas, e funcionam como sede dos atuais departamentos que alimentam diversos cursos – que era a mesma definição atribuída originalmente aos Institutos. Já as edificações do lado sul do lago, que dariam lugar às Faculdades de Direito, Ciência Econômica, Belas-Artes, Agronomia e Veterinária; foram construídas apenas três, que acabaram abrigando, a partir da Avenida Principal, o Centro de Artes e Letras no primeiro edifício, e o Centro de Ciências Rurais nos outros dois edifícios. Os cursos de Direito e Economia até hoje estão alojados nas instalações da Universidade no Centro da Cidade, estando o primeiro no antigo prédio das Faculdades de Farmácia e Medicina, e o segundo no antigo Hospital de Tisiologia. A programação da administração da Universidade é que até o final de 2012 estes cursos já estejam instalados em definitivo no *campus* desta Universidade, em novas edificações que estão sendo construídas.

Por fim, o outro grupo de edificações do setor de ensino é conformado pelas edificações dos Institutos e da Faculdade de Filosofia, que configuram um conjunto de cinco barras de proporções iguais aos edifícios anteriores, porém com uma justaposição ao volume principal. Este volume justaposto fica ligeiramente afastado do bloco principal, a oeste do mesmo, e dá lugar a duas estruturas de rampas, de mesma altura do volume principal, e um volume prismático regular baixo, entre as duas rampas, com espaços de apoio e biblioteca. Esta resolução formal não aparece na perspectiva e na maquete de 1962, porém já está presente na planta de 1966. De todo

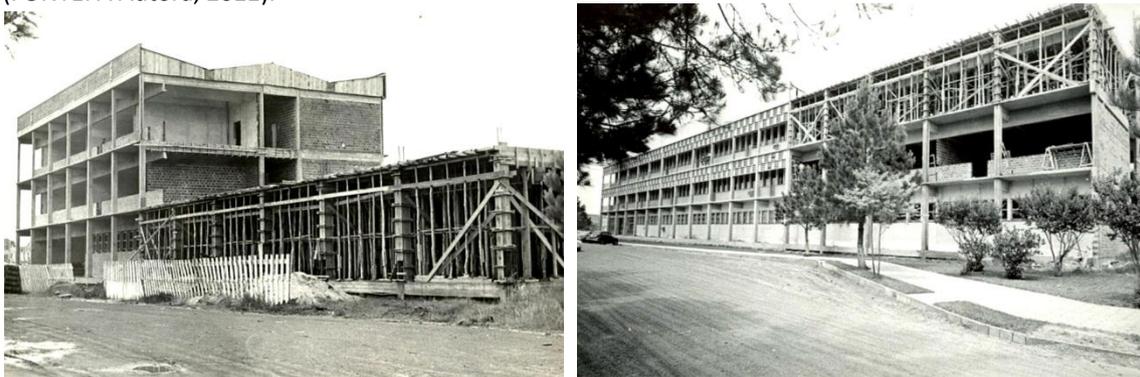
o conjunto, apenas a primeira edificação a partir da Avenida Principal foi construída, dando lugar ao atual Centro de Ciências Naturais e Exatas. O espaço correspondente às demais edificações foi ocupado ao longo do tempo por construções que não condizem com o projeto original do *campus*, prejudicando muito a leitura do conjunto arquitetônico pretendido pelos autores do projeto.

Esta edificação construída apresenta uma resolução formal um pouco diferenciada em relação às outras edificações de ensino, além da própria composição volumétrica. A barra principal da edificação, de três pavimentos, apresenta os pilares em concreto armado mais afastados do corpo da edificação na fachada leste, dando lugar a uma varanda que percorre toda esta fachada no segundo e terceiro pavimentos. A parte superior destas sacadas é protegida por um tipo de brise metálico fixo, composto por módulos retangulares intercalados em cheios e vazados, oferecendo proteção solar aos compartimentos voltados a esta fachada. O pavimento térreo fica igualmente recuado em relação à estrutura, e é fechado por elementos opacos na sua maior parte, diversos módulos de janelas na porção superior do pavimento, e fechamento em pano de vidro apenas nas laterais do acesso principal, diminuindo a continuidade visual entre interior e exterior existente bastante no Instituto Eletrotécnico, e já reduzida nos Institutos e Faculdades. A fachada oeste é marcada pelos volumes das rampas, e também é constituída por módulos de janelas isoladas, não mais as janelas em fita presentes nas demais edificações, porém nesta edificação toda a fachada oeste é recoberta por brises metálicos móveis, garantindo um melhor conforto dos ambientes internos.

Com o passar do tempo, esta edificação acabou sendo desconfigurada, principalmente nesta fachada oeste, onde foram criados outros dois volumes ao lado das rampas, na porção norte e sul da edificação, de mesma altura do volume principal, configurando-se quase como uma outra barra paralela, o que, além de prejudicar visualmente a edificação, acabou diminuindo a iluminação e insolação das salas a oeste.



Figura 94: Planta original do Centro de Ciências Naturais e Exatas, sem os atuais acréscimos a norte e sul (FONTE: A Autora, 2011).



Figuras 95 e 96: Fotos da construção do bloco central e bloco norte do atual Centro de Ciências Naturais e Exatas, datadas de início de 1971 e final de 1972 (FONTE: PAVEZI, 2010 p. 87 e p. 110).



Figura 97: Foto do CCNE recém inaugurado (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).



Figura 98: Foto atual do Centro de Ciências Naturais e Exatas (FONTE: A Autora, 2010).

2.3.3.4. *Setor de Ensino: a Biblioteca Central*

A outra edificação que completa o setor de ensino, e a única que é analisada como objeto isolado, é a Biblioteca Central. Esta também é a única edificação voltada diretamente ao setor de ensino que possui tipologia diferenciada, justamente por apresentar um programa específico, e que atende a toda a comunidade universitária. O projeto arquitetônico da Biblioteca é de 1966, e ela acaba sendo inaugurada em 1972. Conforme já relatado anteriormente, ela não aparece nos planos urbanos apresentados no livro editado em 1962, mas já aparece nas plantas técnicas de julho de 1962 e na de abril de 1966, ou seja, inicialmente o programa de uma biblioteca que concentrasse o arquivo da universidade vinculado a diversos cursos não era pensado, e depois acabou sendo incorporado ao programa arquitetônico do *campus*.

Segundo consta em alguns relatos históricos, esta seria a ‘menina dos olhos’ dos arquitetos, em termos de edificação construída, sendo a que mais agradou aos próprios autores do projeto da cidade universitária como um todo. O projeto é realmente bastante interessante, e resulta de um partido arquitetônico simples, porém expressivo. A edificação é um volume puro de base retangular com pátio central, resolvida em três pavimentos, sendo um subsolo, o térreo e o pavimento superior, além do mezanino. O subsolo não é perceptível a partir da fachada principal, voltada à Avenida Principal, sendo visível apenas nas laterais e na fachada posterior. Este se conforma como uma base onde o restante da edificação apóia-se. O acesso principal é feito em nível, no pavimento térreo, que se apresenta recuado em relação ao pavimento superior, circundado por uma varanda em toda a sua extensão, demarcada pela disposição ritmada dos pilares de seção quadrada do pilotis. O pavimento superior fica elegantemente apoiado sobre estes pilares, conferindo certa leveza à massa edificada.

A estrutura é em concreto armado, com pilares modulados em uma malha de 6,0x6,0 metros, com balanço de 1,25m do segundo pavimento em relação à fileira de pilares mais externa.

As fachadas são tratadas conforme a orientação solar. A base da edificação, composta pelo subsolo, é um volume predominantemente fechado, com aberturas tipo janelas em fita, na parte superior das paredes. Este não está situado exatamente sob a projeção do volume representado pelo segundo pavimento, ele é ligeiramente

maior nas faces leste e sul, configurando um espaço descoberto no terraço do volume nestas porções. Ao subsolo é atribuído o uso de armazenamento das obras literárias. O volume recuado, representado pelo pavimento térreo, possui grandes aberturas envidraçadas nas fachadas norte, sul e oeste, já que a projeção de 3,6 metros do pavimento superior garante a proteção da incidência solar direta. A fachada leste é tratada diferente, com aberturas em fita na parte superior. Estas grandes aberturas envidraçadas predominante no térreo se dão na parte central de cada uma das fachadas, sendo as esquinas, os encontros entre planos de fachadas distintas, composto por alvenaria revestida por pastilhas cerâmicas. Estas superfícies envidraçadas alcançam todo o pé-direito do pavimento, ou seja, configuram planos desde o piso até o forro, cuidado que garante maior elegância ao conjunto. A solução das aberturas deste pavimento está também intrinsecamente relacionada aos usos internos, uma vez que as áreas junto às fachadas norte e sul são de leitura, na fachada oeste está o acesso principal e área de convívio, enquanto na fachada leste estão salas de trabalhos de apoio à Biblioteca. O pavimento superior, de pé-direito duplo, reserva-se ao recolhimento dos estudos individuais, no mezanino, e em grupo, além de uma pequena parte destinada ao acervo da biblioteca. Grandes aberturas envidraçadas são dispostas nas fachadas leste e sul; enquanto as fachadas norte e oeste possuem pequenas aberturas, protegidas por brises verticais em alvenaria, amenizando a horizontalidade deste volume suspenso.

O pátio interno fornece iluminação e ventilação para compartimentos concentrados na parte central da edificação, mais vinculados à administração da biblioteca. Além disso, possibilita uma otimização da ventilação, através de utilização de ventilação cruzada em algumas partes dos ambientes de estudo e de acervo.

A edificação como um todo realmente resulta em uma composição bastante apropriada, comparável a grandes obras da arquitetura moderna. *Na biblioteca da UFSM, a Villa Savoye (Le Corbusier, 1929/31) encontra-se com o ambulatório do Instituto de Puericultura e Pediatria da UFRJ (Jorge Moreira, 1949/53), resultando numa composição correta e apropriada* (SCHLEE, 2003 p. 9).

Atualmente esta edificação abriga, além da Biblioteca, o Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade.

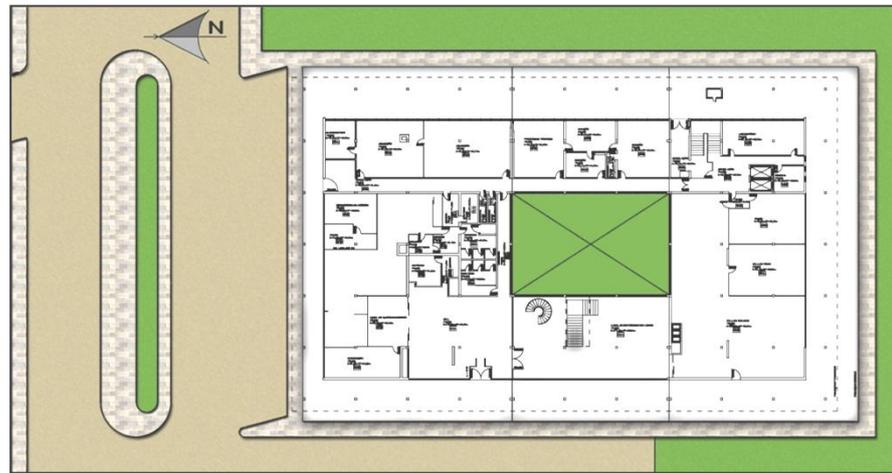


Figura 99: Planta da Biblioteca Central (FONTE: A Autora, 2011).

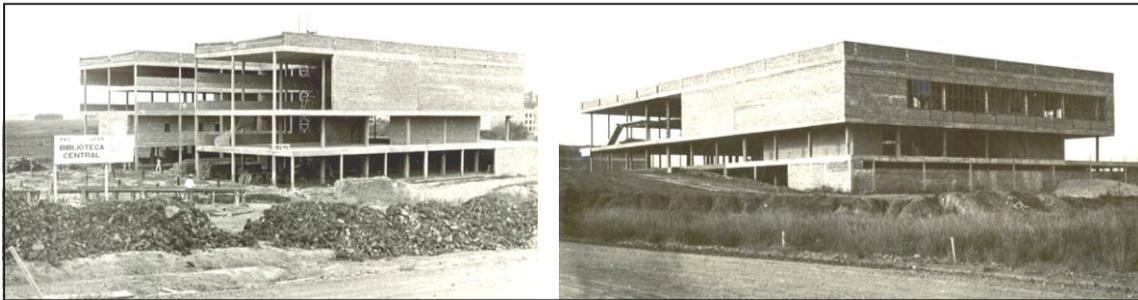


Figura 100: Fotos da Biblioteca em construção (FONTE: PAVEZI, 2010 p.51 e p.70).



Figuras 101 e 102: Fotos da construção da Biblioteca (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).



Figuras 103 e 104: Fotos da Biblioteca recém inaugurada (FONTE: PAVEZI, 2010 p.100 e p.112).



Figura 105: Foto atual da Biblioteca, vista sul, com o Hospital Universitário ao fundo (FONTE: A Autora, 2010).

2.3.3.5. *Setor Residencial*

O setor residencial do Plano Piloto para o *campus* da Universidade de Santa Maria subdivide-se em duas partes, sendo uma delas destinada aos professores, funcionários e suas famílias, e a outra destinada aos alunos de graduação e pós-graduação. Faz parte ainda do setor residencial a edificação que abriga o Clube Universitário e o Restaurante Universitário, posteriormente denominada União Universitária, localizada junto aos blocos residenciais para estudantes. Trataremos primeiramente dos conjuntos de edificações residenciais, e posteriormente do prédio da União Universitária.

O grupo de edificações destinado aos alunos ocupa posição relativamente privilegiada, a leste do eixo compositivo principal do *campus*, tendo como limite norte o lago e limite sul a Praça Cívica. Este foi localizado dentro da área já pertencente à ASPES antes do início da implantação do *campus*, para que pudesse ser edificado no início da construção do mesmo, garantindo moradia para os alunos desde o ingresso na Universidade. O conjunto é organizado em cinco edificações, dispostas em paralelo à Avenida principal, com as fachadas cegas sul confrontando com a Praça Cívica. As edificações são dispostas de maneira desencontrada em relação ao eixo transversal, com três blocos mais próximos ao lago, e dois blocos mais próximos da Praça Cívica.

Já o grupo de edificações para professores e funcionários localiza-se junto à extremidade oeste do lago, nos dois lados do mesmo; estando cinco edificações próximas à face norte e ao centro comercial, três edificações junto à face sul do lago, e ainda outras duas edificações ao lado destas, a oeste do Planetário.

A tipologia adotada no projeto para os dois grupos de edificações é a mesma, barras de três pavimentos apoiadas sobre pilotis, havendo uma pequena diferenciação apenas na dimensão das barras que compõe cada conjunto. Os blocos para professores e funcionários, a norte do lago, possuem proporções similares às edificações das Faculdades e Institutos; enquanto os blocos a sul do lago, e os blocos para estudantes, possuem barras com proporções ligeiramente menores.

De todas as edificações residenciais, apenas as voltadas para os alunos foram construídas, e com projeto bastante alterado em relação às perspectivas e à maquete de 1962. Os blocos acabaram sendo construídos com três pavimentos sem pilotis, o que acabou resultando em alguns problemas principalmente em relação à privacidade,

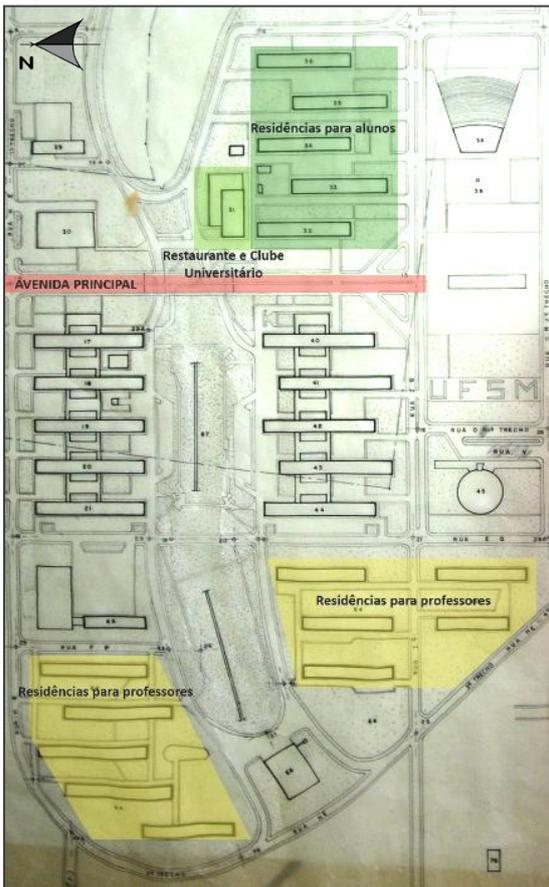


Figura 106: Zoneamento do setor residencial, com as residências para alunos em verde escuro, o Restaurante e Clube Universitário em verde claro, e residências para professores e funcionários em amarelo (FONTE: A Autora, 2011).



Figura 107: Foto aérea da construção dos blocos residenciais para estudantes, edificados em três pavimentos diretamente apoiados sobre o solo (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).



Figura 108: Foto da construção dos blocos residenciais para estudantes, já em finalização, e da União Universitária, com parte já edificada e restante ainda nas fundações (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).



Figura 109: Foto aérea do conjunto dos blocos residenciais e da União Universitária em finalização, com a Biblioteca, os Institutos e as Faculdades também em finalização, e o prédio da Administração Central em início de construção (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).

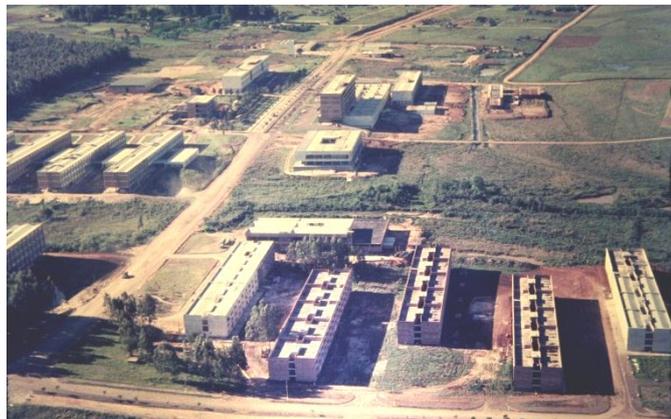


Figura 110: Vista da Cidade Universitária no início da década de 70, com o conjunto do setor residencial em primeiro plano (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).

uma vez que há apartamentos inclusive no pavimento térreo. Internamente, há diferentes tipologias de apartamentos, desde apartamentos com um único compartimento, sem banheiro privativo, que acomoda até duas pessoas; até apartamentos de três quartos, com banheiro privativo, que atualmente comportam até oito pessoas.

Além destes cinco blocos residenciais de estudantes construídos no *campus* da UFSM, a Universidade ainda conta com uma Casa do Estudante no centro da cidade, que começou a ser construída antes mesmo do início da implantação do *campus*, esta tinha como função abrigar os estudantes das já existentes Faculdades, anteriores à fundação da Universidade. Esta Casa do Estudante central fica próxima aos edifícios que antigamente abrigavam a Faculdade de Medicina e Farmácia, e a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas. Atualmente esta Casa de Estudante ainda se encontra em operação, assim como o edifício das Faculdades de Medicina e Farmácia, que atualmente abriga o Centro de Ciências Sociais e Humanas, com cursos como Administração e Direito; e o Curso de Odontologia, pertencente ao Centro de Ciências da Saúde. A edificação onde antes funcionavam as faculdades de Direito e Ciências Econômicas voltou a pertencer à Sociedade Meridional de Educação, e hoje faz parte do Colégio Santa Maria, da rede Marista de Educação.

A outra edificação que pertence ao setor residencial, por servir de amparo aos moradores do *campus*, e aos demais alunos da universidade, é a União Universitária, que abriga o Clube e o Restaurante Universitário. Esta edificação possui diferenciação formal em relação aos blocos residenciais, justamente pelo programa o qual ela abriga. A União configura-se, portanto, por dois blocos de um pavimento cada, sobrepostos e desencontrados um em relação ao outro. O bloco inferior é um prisma regular de base retangular, com 60x39 metros, com uma extensa fachada envidraçada a norte, voltada ao lago projetado. Este abriga o Restaurante Universitário, com o salão de refeições a norte e as áreas de serviço a sul, com o acesso principal na fachada oeste e o acesso de serviço na leste. O bloco superior também possui base retangular, com 55x25 metros. As empenas leste e oeste deste volume são cegas, e possuem o formato trapezoidal, sendo que a parte inclinada do trapézio projeta-se além das fachadas norte e sul do volume, e juntamente com a platibanda, que é levada até o alinhamento dos pontos mais externos das empenas, confere uma proteção às fachadas norte e sul, que são

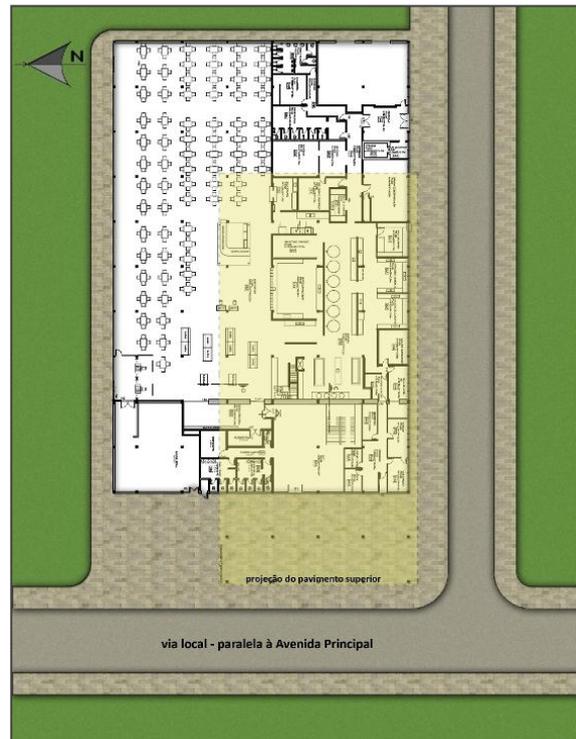


Figura 111: Planta do pavimento térreo – Restaurante Universitário – da União Universitária, em amarelo a projeção do pavimento superior – Clube Universitário (FONTE: A Autora, 2011).



Figura 112: Construção da União Universitária, foto de outubro de 1968 (FONTE: PAVEZI, 2010 p.62).



Figura 113: Construção da União Universitária, foto de 1969 (FONTE: PAVEZI, 2010 p.63).



Figura 114: União Universitária em finalização, foto de 1972 (FONTE: PAVEZI, 2010 p.103).



Figura 115: União na década de 90 (FONTE: http://sucuri.ufsm.br/outros/visita_predios.php, acessado em 30 de julho de 2011).

completamente envidraçadas. Este volume foi projetado para abrigar o clube estudantil, com espaços de reunião e convivência para os estudantes; porém atualmente, além da sua função original, abriga também áreas de alojamento para estudantes que aguardam liberação de vagas na Casa de Estudante.

O volume superior fica deslocado em um metro na fachada sul, e em doze metros na fachada oeste. Este deslocamento do volume superior em relação ao inferior provoca áreas de transição externas bastante interessantes. Na porção norte, sobre o volume inferior, o deslocamento resulta em um grande terraço aberto, voltado ao lago projetado, ligado à parte interna da edificação, que propõe o convívio aos estudantes; enquanto o deslocamento a oeste cria um alpendre protegido, que além de funcionar como identificação do acesso principal da edificação, é um espaço utilizado para pequenos protestos e manifestações, além de proteger da insolação direta o acesso envidraçado. Esta edificação foi construída conforme o projeto, porém com o passar dos anos acabou sofrendo algumas intervenções que a descaracterizaram em parte.

2.3.3.6. Setor Comercial

O setor comercial, assim como o setor residencial, também está subdividido em duas áreas distintas com funções um pouco diferenciadas. Logo à esquerda do acesso principal ao *campus*, está a área do setor comercial mais voltada à prestação de serviços, com a previsão de um posto de gasolina e serviços gerais. O outro espaço reservado ao comércio é mais afastado em relação à Avenida Principal, estando situado entre o último prédio dos Institutos e as Residências para Professores e Funcionários, e volta-se ao comércio propriamente dito, sendo denominado Centro Comercial. Na realidade nenhuma das áreas foi edificada conforme o projeto previa, mas o espaço mais próximo ao acesso acabou sendo ocupado com a função prevista, atualmente dando lugar a um Posto de Gasolina, agências bancárias, correio, espaços de fotocópias e impressão, livraria, entre outros. Enquanto isso, o espaço destinado ao Centro Comercial foi sendo ocupado por outras edificações com utilização diferenciada, ao passar do tempo.

Não há projetos detalhados destas áreas, mas é possível apreender através da perspectiva e da maquete apresentadas em 1962, um refinamento no tratamento

destes espaços. O Centro Comercial é proposto a partir de uma praça configurada por duas edificações que dão lugar aos espaços comerciais. As edificações são dispostas em L, com uma barra de três pavimentos a oeste, e um pavilhão de apenas um pavimento a norte, contribuindo para a composição da própria praça, que no limite sul confronta-se com o lago. A praça acaba configurando-se em um espaço bastante interessante, conferindo uma escala local ao conjunto, e oferecendo um espaço de contemplação do lago que a delimita em uma de suas extremidades.

O outro conjunto de comércio e serviço é composto por duas edificações, sendo uma delas um pavilhão destinado a almoxarifado e serviços gerais; e a outra para um Posto de Gasolina. A partir da maquete do plano piloto, constata-se uma clara inspiração do Posto de Gasolina na Estação Rodoviária de Londrina, projeto de Vilanova Artigas, desenvolvido em 1951. Conforme já afirmado, nenhuma das edificações foi construída, com exceção do almoxarifado, que chegou a ser edificado, mas foi demolido anos mais tarde, e construído em outro local, próximo ao Pavilhão de laboratórios do Centro de Tecnologia.

2.3.3.7. Setor Esportivo e Recreativo

O Setor Esportivo e Recreativo aparece nas primeiras representações do *campus*, estas que estão publicadas no livro de 1962, apenas como um conjunto de quatro edificações voltadas ao esporte, com o estádio, um ginásio, uma edificação de apoio, e outra edificação voltada às práticas esportivas aquáticas. Já nas plantas de julho de 1962 e abril de 1966, este setor é ampliado pela presença de um Centro de Exposições, a sudoeste do Centro de Esportes, além da ampliação das próprias instalações deste, com adição de quadras abertas, piscina olímpica e piscina térmica, pavilhão de ginástica e pavilhão de esportes. O Centro de Esportes deveria, além de servir para a utilização dos alunos da universidade e espaço de recreação, abrigar a Faculdade de Educação Física, que acabaria sendo criada em outubro de 1969. A partir de 1971, com o Plano de Reestruturação da Universidade, criou-se o Centro de Educação Física e Desportos (CEFED), no qual se insere o Curso de Educação Física.

Das edificações representadas na maquete, também de 1962, apenas o Estádio foi construído, e somente uma parte dele. O projeto para o estádio previa uma planta oval, com arquibancadas ao redor de quase todo o campo, sendo a porção norte

desprovida das mesmas, devendo abrigar 40 mil espectadores sentados, e apenas parte delas havia previsão de cobertura. Ao redor do campo haveria ainda uma pista para atletismo. O estádio construído, que começou a ser edificado em março de 1964, na realidade resultou em apenas quatro módulos de arquibancada, todas cobertas. O campo e a pista atlética foram consolidados como previsto. Hoje esta estrutura concluída do estádio abriga o CEFED, com salas de aula, alojamentos, vestiários, departamento médico e de esporte. A estrutura edificada é em concreto armado, com pilares externos à fachada, que sustentam a edificação apoiada no solo e a marquise, ligeiramente afastada do corpo da edificação. Este é composto por três pavimentos escalonados, sob as arquibancadas, que abrigam o Curso de Educação Física.

O Ginásio projetado, uma cúpula semi-esférica, nunca chegou a ser construído. A edificação que daria apoio aos esportes aquáticos, o Clube Náutico, localizada junto ao lago, seria composta por dois volumes, uma barra de dois pavimentos, abrigando vestiários, salas de convívio e espaços de apoio, e outra edificação conformada por um semi-círculo, sendo apenas uma cobertura composta por oito abóbodas, para abrigar os equipamentos aquáticos, como barcos, caiaques, remos, entre outros. Hoje o Centro Esportivo é composto pelo Estádio, campo complementar, quadras abertas e quadras cobertas, piscina térmica, piscina olímpica, e pavilhão de ginástica.

O Centro de Exposições, que também faz parte do Setor Esportivo e Recreativo, foi fundado em 1965, em cooperação da Universidade com a Associação Rural do município, que buscava um local para realizações de feiras agro-industriais, aos moldes das que haviam ocorrido no município nas décadas de 30 e 40. Este Centro não possui edificações de destaque, na realidade este é composto por várias edificações de pequeno porte, além de quatro pavilhões de médio porte e dois pavilhões grandes, que foram edificados mais recentemente. Estes quatro pavilhões de porte médio são os únicos que chegam a formar um conjunto de edificações interessantes, que se percebe o cuidado na implantação e resolução arquitetônica. Os pavilhões possuem a mesma tipologia adotada para os pavilhões de almoxarifado e oficinas da própria universidade, localizados a oeste do Centro Politécnico. O partido adotado resume-se a uma cobertura em abóboda que resulta também nos fechamentos laterais, a estrutura em madeira é bastante interessante, com cobertura em telhas de fibrocimento curvas. Atualmente o Centro de Exposições abriga várias exposições da UFSM e do Município.



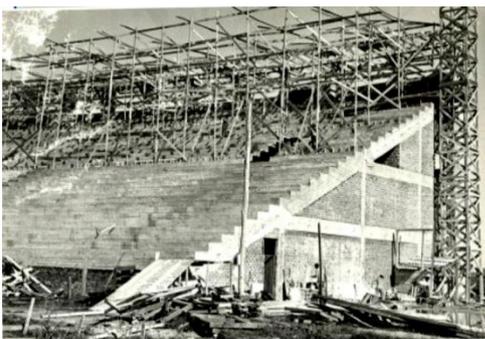
Figura 116: Início da construção do Estádio, com a edificação dos quatro blocos de arquibancada, e as fundações de outros blocos que acabaram nunca sendo edificados (FONTE: Acervo da UFSM, 2009)



Figura 117: Construção do Estádio em primeiro plano, com os quatro primeiros pavilhões do Centro de Exposições ao fundo, no alto da foto (FONTE: Acervo da UFSM, 2009)



Figura 118: Vista do Estádio, do Centro de Exposições e da Reitoria, com o Hospital Veterinário ao fundo, no alto da imagem (FONTE: PAVEZI, 2010 p. 83)



Figuras 119 e 120: Fotos da construção do Estádio Universitário (FONTE: PAVEZI, 2010 p. 72 e p. 85)



Figura 121: Estádio pronto (FONTE: <http://w3.ufsm.br/infocampus/?p=955>, acessado em 30 de julho de 2011)

2.3.3.8. *Setor Cívico, Cultural e Administrativo*

O Setor Cívico, Cultural e Administrativo é o que possui o maior destaque em relação aos partidos arquitetônicos adotados, no entanto, juntamente com o Setor Comercial, é o que teve menor porcentagem edificada. O conjunto que compreende este setor é composto pela Praça Cívica e pelas edificações que a rodeiam, sendo estas os prédios da Imprensa Universitária e da Casa das Nações, Teatro, Administração Central, ou Reitoria, Museu e Planetário. Todas elas são plasticamente expressivas e algumas delas possuem uma composição arquitetônica baseada em edifícios ícones da arquitetura moderna. De todos estes elementos componentes deste Setor, apenas a Reitoria e o Planetário foram edificados, nem mesmo a Praça Cívica chegou a ser constituída como tal.

A Praça Cívica foi planejada baseada em uma base retangular, delimitada pelas quatro vias que a contornam, e pelas edificações que a rodeiam. O desenho paisagístico original é composto por planos geométricos, entremeados por caminhos orgânicos, com uma grande área pavimentada na parte central da praça, para a realização de eventos, e espaços gramados ao lado deste, para contemplação e estar. No projeto urbano original, e na planta detalhada da praça, datada de julho de 1962, havia ainda dentro do perímetro da mesma, a presença de um anfiteatro ao ar livre, na porção leste da Praça Cívica, porém o mesmo não está presente na maquete elaborada também em 1962. A Praça, como dito anteriormente, acabou nunca sendo executada. O que se têm hoje no espaço previsto para a Praça Cívica é uma grande área gramada, com alguns poucos caminhos que a cortam, um bosque a oeste, e recentemente foi edificado parte do Museu que homenageia o fundador da Universidade. Edificação esta que descaracteriza a Praça e a composição urbana do *campus*, uma vez que foi colocada justamente ao final do eixo compositivo principal, em frente à Reitoria, diminuindo a força e importância compositiva da mesma.

As edificações que delimitam e compõem a Praça Cívica são as empenas cegas do conjunto de Faculdades e das edificações residenciais para alunos, a norte; o Centro Esportivo, a leste; o planetário, a oeste, e o conjunto de edificações da Imprensa Universitária, Casa das Nações, Teatro, Reitoria e Museu, todas unidas e unificadas compositivamente por uma marquise vazada de concreto, a sul.

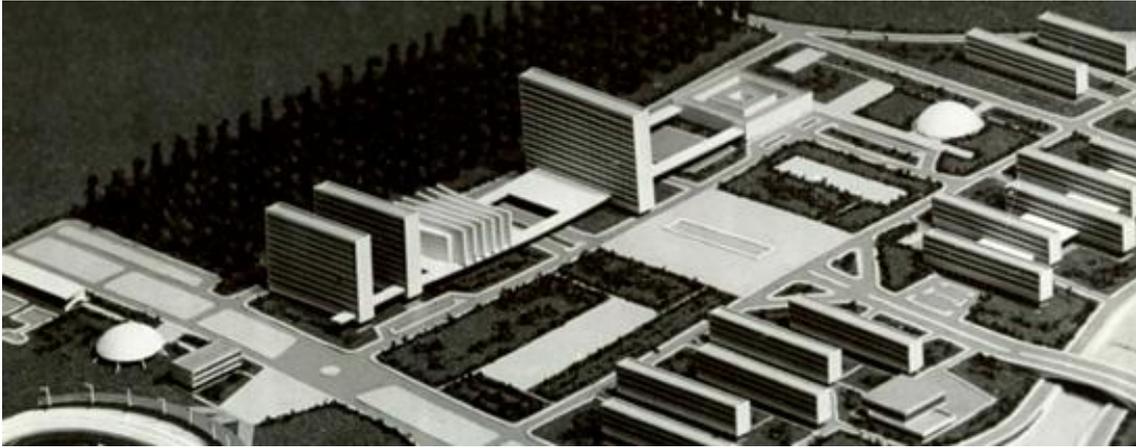


Figura 122: Foto da maquete original do *campus*, com o conjunto de edificações que cerca a Praça Cívica (FONTE: PAVEZI, 2010 p. 32).



Figura 123: Construção do Planetário, setembro de 1970 (FONTE: PAVEZI, 2010 p. 77).

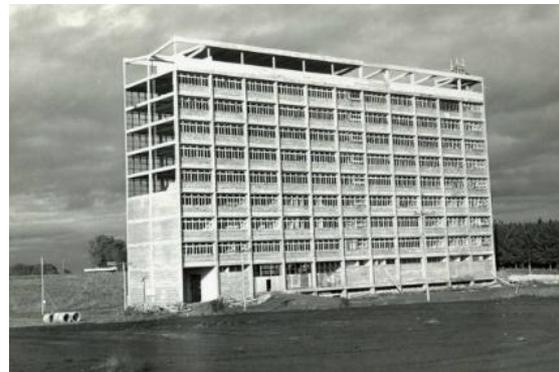


Figura 124: Foto da construção da Reitoria em junho de 1973 (FONTE: PAVEZI, 2010 p. 118).



Figura 125: Foto do Planetário e Reitoria, únicas edificações componentes da Praça Cívica construídas (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).



Figura 126: Foto do Planetário atualmente (FONTE: A Autora, 2011).

Figuras 127 e 128: Fotos da Reitoria atualmente (FONTE: A Autora, 2011).



O Planetário é uma cúpula esférica, uma calota, com uma marquise em concreto, com formato regular, inclinada em relação à fachada, que protege o acesso principal. Este se dá pela fachada oeste, a mesma que faz frente à Praça Cívica. Há relatos de que um esboço inicial do Planetário teria sido feito por Oscar Niemeyer, conforme Schlee relata em uma nota de seu artigo:

Segundo o atual diretor do Planetário, Francisco José Mariano da Rocha (filho do fundador da UFSM), seu pai, por intermédio de Juscelino Kubitschek, solicitou o projeto do planetário ao arquiteto Oscar Niemeyer que, ocupado com a construção de Brasília, recusou o trabalho e forneceu apenas um croqui da calota. Tal desenho teria sido desenvolvido e transformado em projeto – em 1969 – pelo arquiteto Oscar Valdetaro. (SCHLEE, 2003 p. 14)

A Reitoria, fecho compositivo do plano urbano, é a única edificação em altura do campus, resultando em uma placa de nove pavimentos, sendo as empenas norte e sul cegas, a fachada oeste revestida por brises metálicos e cobogós de concreto, e a fachada leste envidraçada em sua maior parte, sendo o restante do fechamento com placas de fechamento leve. A placa da Reitoria possui uma planta retangular com a largura similar aos demais edifícios em barra da universidade, possuindo menor comprimento que os demais. A estrutura, em concreto armado, é organizada em uma malha regular, com três fileiras de pilares no sentido longitudinal, e doze transversais à barra. Os pilares ficam externos na fachada oeste, compondo os módulos de brises e cobogós; e atrás da cortina de vidro da fachada leste, com suas faces externas rentes à esta. A composição resulta, portanto, em um pilotis fechado, assim como ocorre no Centro de Tecnologia, com partes fechadas com elementos de vedação opacos, revestidos por pastilha cerâmicas, e partes envidraçadas.

Os prédios da Imprensa Universitária e da Casa das Nações compõem, na realidade, um conjunto autônomo, sendo duas barras iguais, colocadas lado a lado. As duas edificações possuem as mesmas proporções em planta da Reitoria, porém com sete ao invés de nove pavimentos. A Imprensa Universitária deveria prover as necessidades das diferentes unidades de ensino, além de editar livros nacionais e traduções de livros estrangeiros, barateando a venda destes aos alunos. Apesar desta edificação não ter sido edificada diante da praça cívica, outra edificação de mesma função foi erguida próxima ao Centro Politécnico, a noroeste do mesmo, e até hoje faz impressões para a própria universidade e edita livros através da Editora da UFSM. A

Casa das Nações seria um local no qual seriam estabelecidos centros culturais de diferentes nações, a ideia era fornecer um espaço onde os países pudessem manter mostruários permanentes de suas publicações e bibliotecas especializadas.

As edificações correspondentes ao Museu e ao Teatro são representações de ícones da arquitetura moderna corbusieana. O Museu

reproduz o projeto de 'museu do crescimento ilimitado' desenvolvido por Le Corbusier a partir de 1931 (que está presente também na proposta de Le Corbusier para a Cidade Universitária da Quinta da Boa Vista-1936; no plano de urbanização da Esplanada resultante do desmorte do Morro de Santo Antônio, de Affonso Eduardo Reidy-1948; e no projeto de Jorge Moreira para o Fundão-1949) (SCHLEE, 2003 p. 9).

Já o Teatro é uma clara inspiração na estrutura do Palácio dos Soviotes, de Le Corbusier - 1931, mesma linguagem adotada na aula magna de Le Corbusier e de Lucio Costa para a Universidade do Brasil, na Quinta da Boa Vista. Na UFSM, o Teatro conforma-se por uma planta trapezoidal, com a base maior dando espaço à platéia, e a base menor ao palco. A estrutura é marcada por uma sequência de pórticos em concreto armado que sustentam a cobertura, uma espécie de simplificação dos projetos de Le Corbusier, já que aqui não há a presença do arco como complemento da estrutura dos pórticos, na realidade os pórticos estão apoiados diretamente no chão em suas duas extremidades.

2.3.4. A RELAÇÃO COM AS INSPIRAÇÕES E ANTECEDENTES

Em 1961, momento da elaboração do Plano Piloto para o *campus* da Universidade de Santa Maria, a arquitetura moderna brasileira já alcançara seu auge. Inúmeros eram os bons exemplos de projetos arquitetônicos realizados pelo país inteiro, e o urbanismo moderno tinha sido finalmente posto em prova, a partir do projeto para Brasília, elaborado em concurso de 1957. A reforma do ensino da arquitetura, proposta por Lucio Costa em 1931, já havia se consolidado, formando, há esta altura, um grande número de arquitetos modernos no país, inclusive os próprios arquitetos responsáveis pelo projeto em Santa Maria. O prédio do Ministério da Educação e Saúde já estava pronto e inaugurado, em plena utilização; o conjunto projetado por Niemeyer para a Pampulha também já tinha sido implantado. Outras obras ícones da arquitetura moderna, como o Parque Guinle, o Parque do Ibirapuera, a

ABI, o Conjunto Residencial do Pedregulho, o MAM e o Aterro do Flamengo, entre tantas outras, já haviam sido inauguradas ou estavam em construção. Grandes arquitetos haviam surgido, como os já consagrados Lucio Costa e Oscar Niemeyer; o grupo carioca, composto, entre outros, por Jorge Moreira, Affonso Reidy, e Irmãos Roberto; o grupo paulista, com Vilanova Artigas, Lina Bo Bardi, Oswaldo Bratke, Rino Levi. No campo do urbanismo, além do ápice de Brasília, com a cidade construída e os projetos participantes do concurso, haviam sido elaborados os projetos de Le Corbusier e Lucio Costa para a Universidade do Brasil, na Quinta da Boa Vista; e o da Universidade do Rio de Janeiro, que já estava em implantação desde o final da década de 40, pelo Escritório Técnico da mesma, sob o comando de Jorge Moreira.

Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti tinham, portanto, um grande número de projetos e arquitetura construída que acabaram servindo de base para a formação de um pensamento arquitetônico dos mesmos, o que os fez chegar a uma proposta urbana e arquitetônica com fortes referências na boa arquitetura nacional do período que antecede à fundação da Universidade. Porém a referência a três projetos específicos é mais perceptível, sendo estes os estudos de Le Corbusier e Lucio Costa para a Universidade do Brasil, de 1936; e o Plano Piloto de Lucio Costa para Brasília, de 1957.

A referência à Brasília está na composição axial; na utilização da praça com as importantes edificações do conjunto como finalização do eixo principal; na inspiração no eixo monumental para a composição dos Institutos e Faculdades. Além disso, percebe-se a adoção de diferentes escalas ao longo do conjunto urbano, ensinamento deixado por Lucio Costa em seu projeto para Brasília. Em Santa Maria, a Escala Monumental está presente no eixo principal e na praça cívica; a Escala Gregária de Lucio Costa se faz presente no centro comercial próximo às edificações residenciais para professores e funcionários; a Escala Residencial nos dois conjuntos residenciais; e a Escala Bucólica no lago e granjas da Universidade.

Mas fica claro na análise do projeto urbano para o *campus* de Santa Maria a maior inspiração de Valdetaro e Nadalutti. Esta com certeza está vinculada aos projetos de Le Corbusier e Lucio Costa para a Universidade do Brasil, na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, elaborados em 1936. Estes projetos já foram motivo de análise nesta dissertação devido à importância que tiveram para a arquitetura

brasileira; assim como o projeto para o *campus* de Santa Maria já foi extensamente aqui exposto. Portanto agora partiremos para uma breve análise das relações entre estes três projetos, e a influência daqueles sobre este.

2.3.4.1. O Paralelo com a Universidade do Brasil

A inspiração dos arquitetos cariocas Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti na obra de Le Corbusier e Lucio Costa é percebida desde a composição urbana geral, até detalhes arquitetônicos menores. Um fator muito marcante nos três projetos é a composição axial. Nos projetos de Lucio Costa para a Universidade do Brasil, e de Valdetaro e Nadalutti para o Plano Piloto do *Campus* da UFSM, o eixo principal coincide com a Avenida Principal, que concentra circulações de veículos e pedestres. Já no projeto de Le Corbusier, o eixo principal continua existindo, porém este é marcado por um espaço vazio, correspondente ao intervalo entre duas grandes vias elevadas, espaço destinado à implantação de edifícios de grande importância para a Universidade e para a valorização das visuais dos morros cariocas. Também nos três projetos a presença e a intenção da utilização da escala monumental, principalmente neste eixo principal, é bastante clara. O eixo compositivo de Santa Maria é mais inspirado na composição de Lucio Costa, com a presença de um elemento de marcação do acesso, com uma clara separação entre cidade tradicional e cidade moderna, e o fecho da composição em um edifício em altura. Lucio Costa inicia seu eixo monumental com uma praça bem conformada por alguns dos edifícios mais importantes da Cidade Universitária, como a aula-magna e a Reitoria, e um pórtico bastante opulente; e o finaliza com a grande placa do Hospital Universitário, assim como no projeto de Le Corbusier. Já em Santa Maria, a praça é transferida para o final do eixo compositivo, que também tem como desfecho um edifício em placa, porém a Reitoria ao invés do Hospital; e o acesso acaba perdendo sua força, sendo sinalizado por um arco simples abatido, sem grandes proporções, mas que de igual maneira distingue claramente as duas cidades distintas.

Segundo Schlee, na realidade o projeto para Santa Maria acaba invertendo o partido de Lucio Costa, justamente por esta troca da posição entre as Praças nos dois projetos:

Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti propuseram um projeto que inverte o partido adotado por Lucio Costa em 1936. No Rio de Janeiro,

o eixo principal alimenta naturalmente as escolas, da praça principal porticada até o hospital – que funciona como ‘fecho da composição’ – enquanto um ‘braço secundário’ conduz ao setor desportivo (COSTA, 1962 p. 70). Em Santa Maria, o eixo principal igualmente alimenta as escolas no seu percurso, mas a praça e o prédio da reitoria é que funcionam como pontos focais (o hospital assume posição lateral), enquanto um braço secundário também conduz ao setor desportivo. Na grande praça de Lucio Costa, uma vez vencido o pórtico, a arquitetura se faz presente – marcada pela reitoria, e pelo auditório corbusiano. No projeto de Valdetaro e Nadalutti, uma vez vencido o pórtico, a arquitetura vai sendo revelada aos poucos, para buscar atingir o clímax na praça cívica, marcada pela reitoria e pelo museu – igualmente corbusiano. (SCHLEE, 2003 p. 6)

Schlee ainda completa dizendo que os arquitetos acabam perdendo o elemento arquitetônico forte usado por Lucio Costa no Rio de Janeiro, a praça, e *frente à ausência momentânea da arquitetura, propuseram um pórtico em forma de arco abatido, elemento escultórico capaz de permitir a transição entre cidades distintas – a tradicional e a funcional.* (SCHLEE, 2003 p. 6), ou seja, em Santa Maria o acesso acaba ficando bem mais acanhado que na Universidade do Brasil de Lucio Costa.

O que também chama a atenção é a maneira como as edificações de ensino, as Faculdades, Institutos e Centros de Ensino são implantadas na UFSM. Assim como no projeto de Lucio Costa, as edificações estão dispostas ao longo do eixo principal, porém paralelo a este, como ocorre no projeto de Le Corbusier; ou seja, Nadalutti e Valdetaro utilizam uma mescla dos artifícios de Le Corbusier e Lucio Costa para organizarem a distribuição dos Institutos. Além da posição em relação ao eixo, a orientação solar do Plano da Universidade Federal de Santa Maria também segue a proposta de Le Corbusier para a Quinta da Boa Vista, o sentido norte-sul.

Ainda em relação à composição urbana geral, outra característica se repete nas três propostas, é a maneira como é implantado o Centro Esportivo. Em todos os projetos, este se encontra mais afastado das demais edificações, em um eixo secundário, formando quase que um “L” em relação ao eixo principal, é um braço secundário. Porém no Rio de Janeiro, o Centro Esportivo é colocado mais próximo ao acesso principal, nas duas propostas, facilitando o acesso direto ao mesmo; já em Santa Maria, este é colocado ao final do percurso arquitetônico, sendo mais voltado à própria comunidade acadêmica.

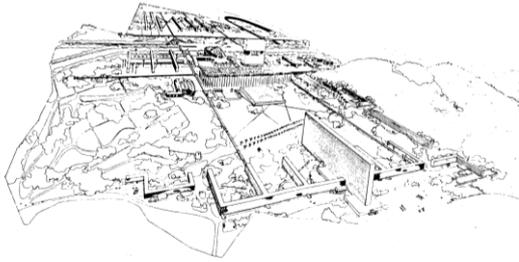


Figura 129: perspectiva da proposta de Le Corbusier para a Universidade do Brasil, 1936 (FONTE: OLIVEIRA, 2002)

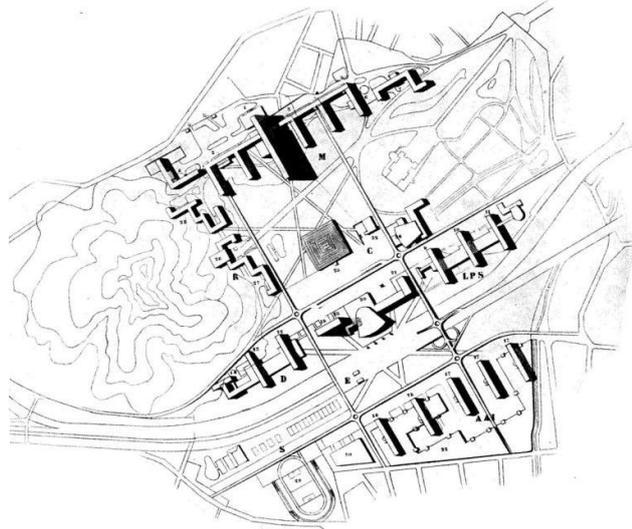


Figura 130: implantação da proposta de Le Corbusier para a Universidade do Brasil, 1936 (FONTE: OLIVEIRA, 2002)

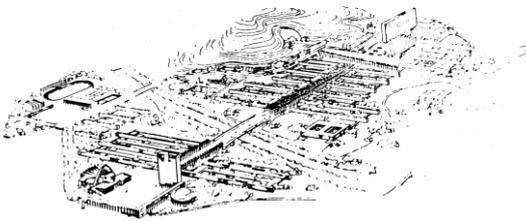


Figura 131: perspectiva da proposta de Lucio Costa para Universidade do Brasil, 1936 (FONTE: OLIVEIRA, 2002)

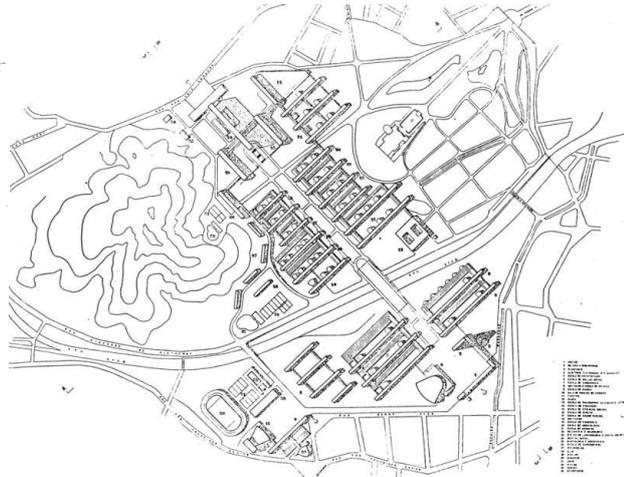


Figura 132: implantação da proposta de Lucio Costa para a Universidade do Brasil, 1936 (FONTE: OLIVEIRA, 2002)



Figura 133: foto da maquete do Plano Piloto de Valdetaro e Nadalutti para a Universidade de Santa Maria, 1962 (FONTE: A Autora, 2006)

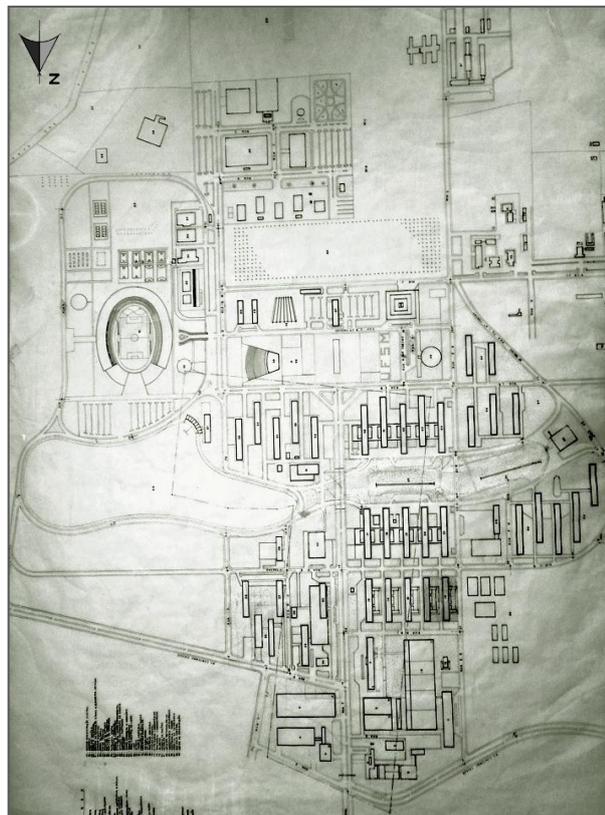


Figura 134: implantação do Plano Piloto de Valdetaro e Nadalutti para a Universidade de Santa Maria, 1962 (FONTE: Acervo da UFSM, 2010).

Em relação às tipologias das edificações, a análise também nos permite traçar alguns paralelos. O primeiro deles é o conceito básico adotado na definição das tipologias arquitetônicas, com a separação do programa de necessidades em unidades com funções repetitivas, que são tratadas de maneira semelhante, e unidades com funções especiais, que são tratadas de maneira individual. Nos três casos, as edificações de ensino são configuradas por barras sobre pilotis, variando o número de pavimentos e o fechamento do pilotis, parcial ou total. A tipologia do Hospital também se repete, de maneira um pouco diferente, mas sempre mantendo a composição a partir de uma placa em altura sobre uma barra horizontal. Há também a presença constante de pelo menos mais um edifício em placa, variando entre Reitoria e Biblioteca, dependendo do projeto. Ainda levando-se em consideração as tipologias, o projeto para o Plano Piloto da UFSM apresenta uma inspiração muito clara na obra de Le Corbusier, é a presença de um museu nos mesmos moldes do Museu do Crescimento Ilimitado, de 1931; também adotado como base para o museu da proposta do próprio Le Corbusier para a Universidade do Brasil; além do auditório das três propostas, que lembram o Palácio dos Soviets, também de Le Corbusier.

Outro ponto que pode ser levado em consideração é a divisão das Cidades Universitárias em duas partes. No Rio de Janeiro, há a já existente estrada férrea que divide a área destinada ao *campus* da Universidade do Brasil em duas partes, sendo que nos dois projetos a transposição desta barreira é resolvida de maneiras diferentes. Na proposta de Le Corbusier esta é o ponto de partida do projeto, com a criação da plataforma de distribuição de circulação, que na realidade configura-se como o acesso à Universidade, Le Corbusier encara a Estrada de Ferro mais como um condicionante do que como um empecilho a ser vencido. Lucio Costa já tem uma outra leitura em relação à Estrada de Ferro, este cria um viaduto de transposição da mesma, e ameniza os ruídos produzidos pela circulação de trens a partir da criação de uma densa massa de vegetação. Em Santa Maria, ao invés do elemento pré-existente do Rio de Janeiro, os arquitetos mesmos acabam dividindo o *campus* em duas partes pela criação de um lago artificial em sua parte central, sendo este um elemento bucólico da composição como um todo. A resolução adotada por Valdetaro e Nadalutti em Santa Maria também é a proposição de um viaduto principal, na Via Principal, e um viaduto menor na via secundária, a oeste, assim como na proposta de Lucio Costa.

Nota-se pela análise apresentada que são grandes as inspirações deixadas por estes dois gênios da arquitetura, Le Corbusier e Lucio Costa, aos arquitetos Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti, configurando-se o projeto para o Plano Piloto de Santa Maria como uma reprodução de valores apreendidos pelos arquitetos.

Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti propuseram um projeto que transita entre as propostas de Lucio e Corbusier, atestando filiação e respeito (SCHLEE, 2003 p. 5).

2.3.5. A CONSTRUÇÃO DO CAMPUS

Desde as primeiras propostas para a Cidade Universitária de Santa Maria, a preocupação com o cronograma de construção desta estava presente, sendo sempre vinculado à implantação em etapas. A principal diretriz seria a construção, primeiro, das edificações localizadas dentro do perímetro já pertencente à ASPES desde a fundação da Universidade, por isso o próprio plano foi organizado para que as edificações essenciais ao desenvolvimento da universidade estivessem situadas nesta área. A proposta nº 5, o Plano Piloto aprovado, foi pensado para que em até 5 anos já estivesse com características de um conjunto urbano organizado. Constando esta preocupação no próprio memorial dos arquitetos: *O Plano Diretor nº 5, contudo é o que permite que em 5 anos esteja a Cidade Universitária com características de um conjunto organizado, pela concentração de suas construções iniciais e com um mínimo de obras de urbanização (VALDETARO e NADALUTTI, 1962 In: CARDOSO, 1962).*

Para isso, a implantação do *campus* foi dividida em três etapas, sendo a primeira delas entre os anos de 1962 e 1965; a segunda entre 1966 e 1968; e a terceira entre 1969 e 1971; estando, com isso, a Cidade Universitária completamente implantada em até dez anos, a contar do início da elaboração do plano urbano. A primeira etapa de implantação foi detalhada no memorial apresentado pelos arquitetos, sendo esta subdividida em três fases. Na primeira fase, equivalente aos anos de 1961 e 1962, seria dado prosseguimento à construção do Instituto Eletrotécnico; e início à edificação do Hospital de Clínicas e de Neuropsiquiatria, dos Institutos de Patologia e de Pesquisas Bioquímicas, e ainda do Centro Agrotécnico. Na segunda fase de construção do *campus*, de 1962 a 1963, seria concluída a obra do Instituto Eletrotécnico; seria dado andamento às obras iniciadas na fase anterior; e seriam iniciadas as edificações dos Institutos de Física, Química, Matemática e

Ciências, reunidos em um único prédio, inicialmente; a Escola Técnico-Profissional; quatro dos edifícios residenciais para alunos, professores e funcionários; o restaurante universitário, as garagens e oficinas, e ainda um outro prédio para Institutos afins. Na terceira fase desta primeira etapa de implantação, correspondente aos anos de 1964 a 1965, o Instituto Eletrotécnico já estaria concluído; seriam terminadas as obras iniciadas na primeira fase, com exceção do Centro Agrotécnico, que ainda ficaria com uma parte a ser concluída em outra etapa, três edificações residenciais, a Escola Técnico-Profissional e o Restaurante; seria dado andamento às outras obras iniciadas; e ainda iniciaria a construção da Reitoria, da Biblioteca e Instituições Culturais, do Instituto de Administração e Planejamento, de mais dois ou três edifícios residenciais, e de mais uma edificação para os Institutos.

Paralelamente à realização das obras de construção civil, seriam realizadas as obras de urbanização dos setores nos quais fossem sendo executadas estas construções. Desta maneira, ao final do ano de 1965, a Cidade Universitária funcionaria com cerca de 3.000 alunos nas suas próprias instalações, além dos que ainda freqüentariam as Faculdades Agregadas e Faculdades Integrantes, localizadas no centro de Santa Maria.

Na segunda etapa de implantação, de 1966 a 1968, a previsão era de que se finalizassem as obras das Instituições Culturais, da Biblioteca e da Reitoria; e que seria dado procedimento à implantação do Centro Agrotécnico. Seriam iniciadas as obras da Escola Superior de Enfermagem; das Faculdades de Filosofia, Belas-Artes, Direito, Ciências Políticas e Econômicas, Arquitetura e Urbanismo; Escola Industrial; Centros de Ensino Elementar, Médio e Técnico-Profissional. Já na terceira etapa, correspondente aos anos de 1969 a 1971, seria dada continuação e término a todas as obras iniciadas; além de dar início e finalização às obras do auditório, da Igreja e do Centro Comercial e serviços públicos.

O planejamento efetuado para a implantação do *campus* da Universidade Federal de Santa Maria acabou não sendo cumprido, por razões financeiras e políticas, que acabaram mudando algumas prioridades e dificultando a execução das obras como planejado: *O ritmo e as prioridades de obras sofreram grave interferência por parte dos militares a partir do Golpe de 64. Neste sentido, não é de se estranhar que o prédio da Faculdade de Filosofia não tenha sido construído (...)* (SCHLEE, 2003 p. 10).



Figura 135: fases previstas para implantação da primeira etapa do *campus* da UFSM, com destaque em vermelho da área pertencente à ASPES desde o início da implantação do *campus* (FONTE: CARDOSO, 1962).

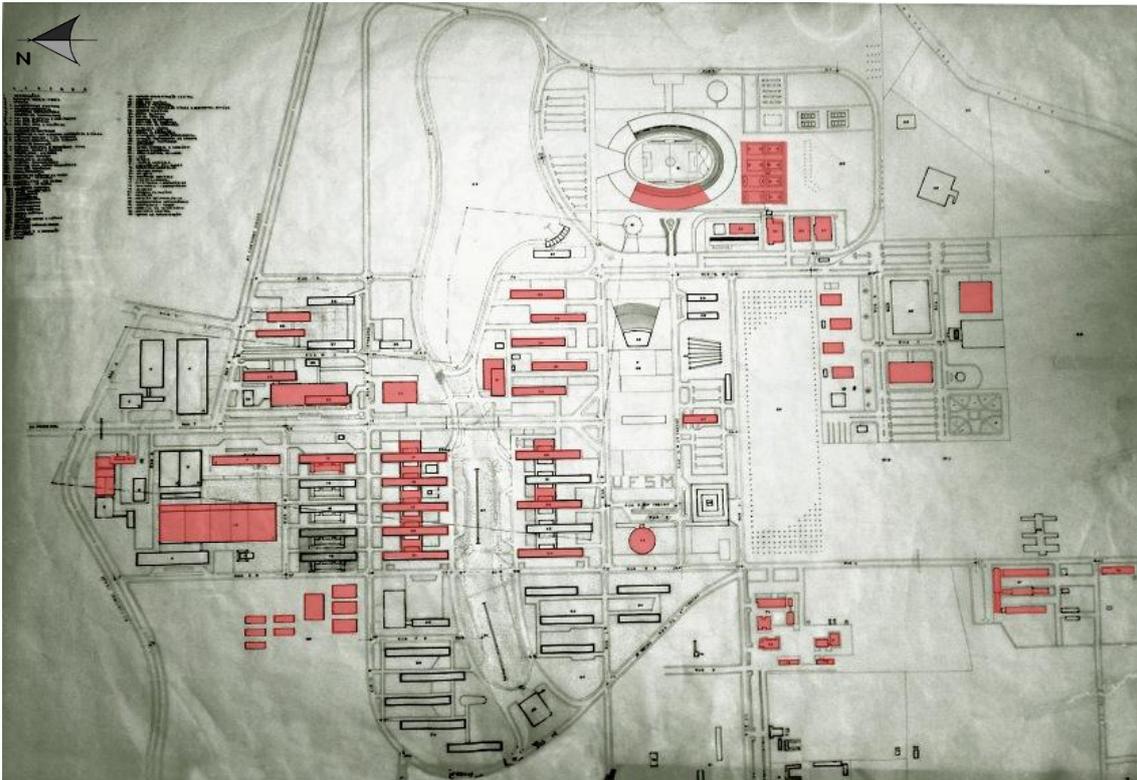


Figura 136: planta do *campus* projetado, com marcação em vermelho das edificações que foram edificadas conforme o projeto original (FONTE: Acervo da UFSM, modificado pela Autora, 2011).



Figura 137: foto aérea do *campus* na década de 70, onde aparecem quase todo o conjunto de edificações que foi executado como previsto no Plano Piloto de Valdetaro e Nadalutti (FONTE: SCHLEE, 2003 p. 10).

A Cidade Universitária acabou nunca sendo completamente implantada, mas o conjunto que foi executado, mesmo sem elementos importantes da composição, como o lago e a praça cívica, demonstra bastante do caráter pretendido pelos arquitetos. A Avenida Principal foi toda urbanizada, e foram edificadas cerca de 60% das edificações previstas, sendo estas o Instituto Eletrotécnico e o pavilhão de laboratórios do Centro Politécnico; o Colégio Técnico-Industrial; o Hospital Universitário e Hospital Neurológico e Psiquiátrico; duas outras edificações do Centro Médico, que dão lugar às Faculdades de Medicina, Farmácia e Enfermagem; seis, dos oito Institutos previstos; três edifícios do conjunto de cinco Faculdades projetadas; cinco edificações residenciais para alunos, e nenhuma para os professores e funcionários; biblioteca; União Universitária; parte do estádio e outras edificações de apoio ao Centro de Educação Física; planetário; Reitoria; Hospital Veterinário e Colégio Agrícola; além de alguns pavilhões do Parque de Exposições, almoxarifado e oficinas, e edificações do Centro Agrotécnico e Granja de Produção Agrícola.

A primeira edificação da Universidade, o Instituto Eletrotécnico, começou a ser edificada em outubro de 1959, antes mesmo da criação da própria instituição, pertencendo este ao Centro Politécnico da ASPES, fundado neste ano. Ao longo do ano de 1961 foram desenvolvidos os estudos e o anteprojeto do Plano Piloto para a Cidade Universitária, e só em 28 de outubro de 1961, dois anos depois do início da construção do Instituto, foi lançada a pedra fundamental que marcava o início das obras da Cidade Universitária propriamente dita.

Ao longo das décadas de 60 e 70 foram sendo executadas as demais edificações do *campus*. Ao final dos anos 70, este já estava com todas as edificações que foram construídas de acordo com o plano piloto original, concluídas. Estas construções eram de responsabilidade de uma equipe de obras da própria universidade. Para garantir a qualidade das obras executadas, os operários responsáveis pela construção do *campus* participavam de cursos de aperfeiçoamento de mão-de-obra, e os engenheiros integrantes da equipe acompanhavam cursos sobre *campi* universitários e sobre assuntos de suas áreas específicas. Além disso, eram realizadas viagens periódicas a outras cidades universitárias do Brasil e do exterior, e professores e responsáveis por obras específicas similares participavam da implantação do *campus* de Santa Maria

através de prestação de consultoria, isso ocorreu com professores alemães, americanos e brasileiros.

Tiveram momentos em que mais de 800 operários trabalhavam na construção da Cidade Universitária, equipe liderada pelo engenheiro responsável pela construção e chefe do escritório técnico da Universidade, sendo este, por todo o período de implantação do *campus*, o engenheiro José Basílio da Rocha Netto. Santa Maria era na época um município de pequeno porte, e havia dificuldades em encontrar matéria-prima para dar vencimento a todas as construções. Para dar suporte à construção da cidade universitária, algumas iniciativas foram tomadas pela ASPES, como a montagem de uma pedreira próxima aos morros da cidade, que fornecia material para a universidade; uma olaria foi montada dentro do próprio *campus*, sendo responsável pela confecção de todos os elementos cerâmicos nele empregados.

Foram montadas também uma fábrica de artefatos de cimento e uma ferraria de apoio para confecção de ferramentas, braçadeiras e parafusos especiais. (...) A marcenaria da ASPES confeccionou, desde o início, os móveis destinados aos órgãos da Universidade. (NETTO In: ISAIA, 2010 p. 268)

No início de 1962, já iniciavam os serviços de terraplanagem nas áreas de implantação dos Hospitais Universitários – de Clínicas e Neuropsiquiátrico. Até o início de 1964, pouca coisa havia sido feita; as vias próximas ao Instituto Eletrotécnico, aos Hospitais e em frente à primeira edificação do conjunto de Institutos (que posteriormente daria lugar ao Centro de Ciências Naturais e Exatas) estavam urbanizadas, o bloco central do Instituto Eletrotécnico já estava finalizado e haviam sido edificadas galpões e pavilhões de apoio à própria construção do *campus*. Ao longo do ano de 1964, parte do Instituto Eletrotécnico entrou em funcionamento, foram iniciadas as construções do Hospital Universitário; da primeira edificação do conjunto de Institutos próximo ao lago; do prédio do futuro Centro de Ciências Rurais, terceira edificação da sequência de faculdades, em relação à via principal; do primeiro bloco residencial; do Centro de Educação Física; e ainda o Hospital Veterinário e Colégio Agrícola.

Em 1965 foi dado procedimento às obras em andamento e à urbanização de seus respectivos entornos, além do início da construção do Colégio Técnico Industrial, das outras quatro edificações que completariam o conjunto de Institutos próximos ao



Figura 138: fotos de alguns lugares visitados pelos funcionários do Escritório de Obras da UFSM: Brasília (ICC da UnB, Catedral e Rodoviária); University of Houston; Rio de Janeiro (Aterro do Flamengo). (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).



Figura 139: lançamento da pedra fundamental da construção do *campus* de Santa Maria, pelo reitor e fundador da instituição, Dr. José Mariano da Rocha Filho, em 28 de outubro de 1961 (FONTE: <http://w3.ufsm.br/50anos/index.php?canal=oprincipio>, acessado em 05 de agosto de 2011).



Figuras 140, 141 e 142: fotos do início da construção do *campus* da UFSM, no ano de 1965, com o Instituto Eletrotécnico parcialmente edificado, com os primeiros blocos residenciais e dos Institutos e os Hospitais já em construção. (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).

Lago e do Centro de Exposições Agrárias. A obra do Instituto Eletrotécnico já se encontrava em finalização do terceiro bloco, neste momento. Em 1966 iniciou-se a construção dos outros quatro blocos residenciais para alunos, e foi finalmente acabado o Instituto Eletrotécnico. No ano seguinte foram iniciadas as construções do atual Centro de Artes e Letras, primeira edificação em relação à Via Principal da sequência de Faculdades; e da União Universitária, que abrigava o Clube e o Restaurante Universitário. A Administração Central começou a ser edificada em 1968, e em 1969 teve início a edificação da Biblioteca Central; do Planetário; do prédio que abrigaria as Faculdades de Farmácia, Enfermagem e Medicina, atrás do Hospital Universitário; e do atual Centro de Ciências Naturais e Exatas, única edificação do segundo conjunto de institutos construída. *Assim, no fim da década de sessenta, era grande o volume de obras no campus* (NETTO In: ISAIA, 2010 p. 268). Em 1970, ainda teve início a construção do segundo prédio do Centro de Ciências Rurais, sendo esta a última obra iniciada de acordo com os projetos previstos a partir do Plano Piloto de 1961. Na década de setenta, o volume de obras era muito grande, e sua execução passou a ser pelo sistema de empreitada global, sendo contratadas empresas terceirizadas para executar as obras, porém o comando geral das construções continuava a cargo dos engenheiros da Universidade. Nesta mesma época, o MEC montou programas para investimentos em *campus*, assim os projetos começaram a ser ajustados para que pudessem ser contemplados com o auxílio do Ministério, sendo refeitos planos de obras e justificativas técnicas.

A fiscalização das construtoras, conforme contratos e especificações, exigiu muito cuidado de todas as equipes do Escritório de Obras da UFSM. Com mais as obras contempladas por dotações orçamentárias, o grande volume de construções representou, para a Assessoria Técnica de Obras, uma enorme atividade ao longo dos anos que se seguiram. (NETTO In: ISAIA, 2010 p. 269)

Em 1972 as cinco edificações dos Institutos começaram a ser ocupadas, e em 1982 o Hospital Universitário foi transferido do centro da cidade de Santa Maria para a Cidade Universitária. Ao longo da década de 80, a Administração Central foi instalada, os demais edifícios foram sendo ocupados, e as diversas áreas do *campus* foram urbanizadas, com instalação de rede elétrica, iluminação pública, telefonia, esgoto, pavimentação e ajardinamento.



Figuras 143, 144, 145 e 146: fotos da construção do *campus* da UFSM, no ano de 1969, com o Instituto Eletrotécnico pronto, os blocos residenciais, os Institutos e os Hospitais com a estrutura pronta, a União Universitária e a Biblioteca em construção. Nota-se a grande presença de áreas livres ao redor do *campus*, sendo parte delas pertencentes à Granja da Universidade, e parte o bairro de Camobi, que no período ainda estava muito pouco urbanizado. (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).

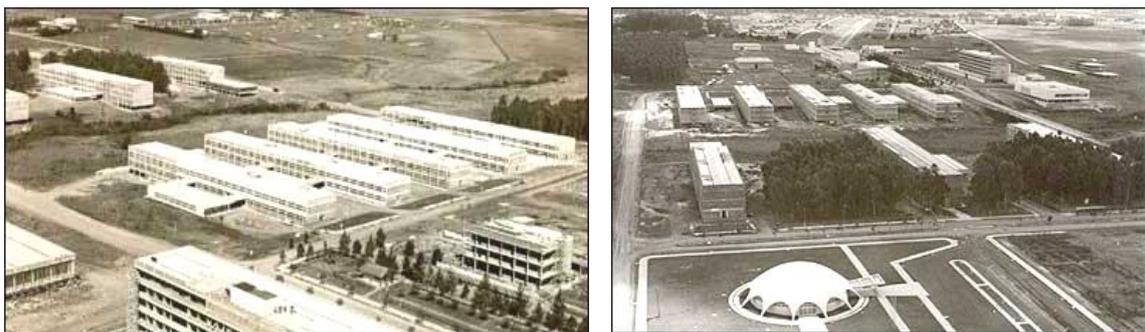


Figuras 147 e 148: fotos da construção do *campus* da UFSM, em 1971, várias edificações em finalização, e o começo das construções do segundo prédio do Centro de Ciências Rurais e do Centro de Ciências Naturais e Exatas. (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).

Figura 149: foto de 1971, com maior parte do conjunto já edificado. Em primeiro plano o pórtico de acesso à Cidade Universitária, em formato de arco abatido (FONTE: Acervo da UFSM, 2009).



Até meados da década de noventa, as edificações construídas no *campus* eram suficientes para suportar o contingente de alunos, professores e funcionários, e correspondiam bem aos diferentes programas de necessidades dos diferentes departamentos. Porém a partir do final da década de noventa, muitas outras edificações começaram a ser erguidas na Universidade, sem que respeitassem volumetria, zoneamento e linguagem do Plano Piloto elaborado inicialmente. A partir de 2009 a construção no *campus* se intensificou ainda mais, e a falta de conexão entre estas e o Plano Piloto persistiu e persiste ainda hoje. Toda esta ocupação desordenada e pouco planejada acabou resultando em uma sequência de edificações de baixa qualidade arquitetônica, localizadas em locais que muitas vezes interferem na interpretação dos objetos arquitetônicos originais do *campus*, prejudicando muito a leitura do conjunto urbano proposto pelos arquitetos Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti. Estas intervenções mal sucedidas ao Plano Piloto serão tema do próximo capítulo desta dissertação.



Figuras 150 e 151: fotos aéreas do *campus* em setembro de 1970 (FONTE: <http://www.ufsm.br/memorialreitormariano/memorial.html>, acessado em 04 de agosto de 2011).



Figura 152: foto do *campus* em 1974, com todas as edificações que foram construídas de acordo com o Plano Piloto já terminadas ou em construção, já apresentando este as características mais próximas ao Plano original que o mesmo alcançou (FONTE: Caderno UFSM 50 anos, 2010 p. 6).

O *Campus* hoje e seu futuro incerto



***Campus da Universidade Federal de Santa Maria:
um testemunho, um fragmento***

Este capítulo pretende abordar a situação do *Campus* da Universidade Federal de Santa Maria na atualidade, através de uma análise acerca das novas edificações construídas pós-implantação inicial do *campus*, que acabaram desconfigurando em parte o conjunto urbano e arquitetônico. Serão ainda relatadas as ações que, de alguma maneira ou de outra, contribuem para o conhecimento deste objeto arquitetônico perante a sociedade, dessa maneira criando um possível pensamento conservacionista.

3.1. A evolução do *campus* de Santa Maria

Conforme abordado no capítulo anterior, a implantação mais intensiva do *Campus* da UFSM se deu entre as décadas de 60 e 70, período no qual se concentrou a construção de edificações de acordo com o Plano Piloto e os projetos arquitetônicos originais de Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti. Neste período, foram edificadas o Instituto Eletrotécnico, o Colégio Industrial e Técnico, parte do Centro Médico, o atual Centro de Ciências Naturais e Exatas, a Biblioteca Central, o conjunto de Institutos e as edificações que hoje abrigam o Centro de Artes e Letras e Centro de Ciências Rurais, o Clube Universitário e as residências para estudantes, Reitoria, Planetário, parte do Centro de Educação Física, o Hospital Veterinário; e ainda algumas edificações de menor porte, como os pavilhões do Centro de Exposições, edifícios da Escola Agrotécnica e edificações de apoio e manutenção do *Campus*.

A década seguinte, de 1980, caracterizou-se como um período de certa estagnação, sendo poucas construções novas edificadas, estando entre elas algumas edificações de apoio e manutenção; a Escola de Educação Infantil, localizada próxima ao Colégio Técnico, a oeste da Avenida Principal, no início do eixo compositivo; e o Posto de Gasolina, na Avenida Principal. Estas edificações, apesar de não representarem fielmente o Plano Piloto, não chegam a desconfigurá-lo, devido ao porte das mesmas, não muito grande; à resolução arquitetônica adotada, que pelo menos preserva a linguagem funcionalista; e à localização das mesmas, que não chega a interferir decisivamente na leitura urbana do *Campus* como um todo.

A década de 1990, por sua vez, inaugura um novo período de construções no *Campus* desta Universidade. Período este que se caracteriza pelo início da construção de edificações não mais relacionadas ao Plano Piloto e aos projetos arquitetônicos originais, característica que, infelizmente, se prolongaria até os dias de hoje. Neste período são implantadas edificações de grande porte ou que assumem lugar privilegiado no *campus* da Universidade Federal de Santa Maria; e que acabam adotando soluções arquitetônicas não condizentes com as propostas originais de Valdetaro e Nadalutti. Nesta década são erguidas edificações como a Incubadora de Empresas Tecnológicas e os espaços comerciais junto ao Posto de Gasolina, ambos localizados logo no acesso da Universidade, a leste da Avenida Principal, com linguagem muito simplificada, sem o mínimo de refinamento nas soluções adotadas.

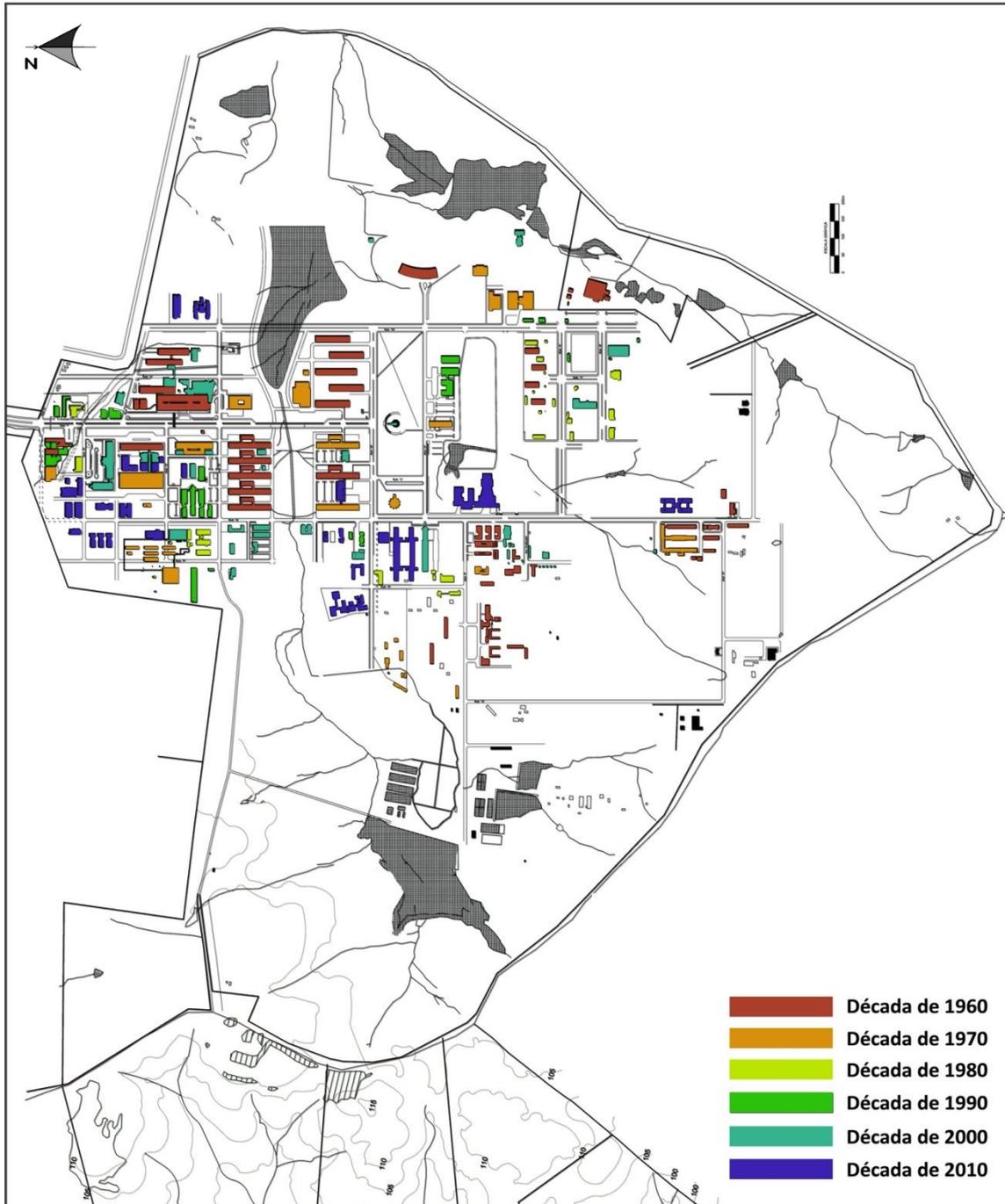


Figura 153: planta com a marcação das épocas de construção das edificações do *Campus* da UFSM (FONTE: Acervo da UFSM, modificado pela Autora, 2011).

São também deste período o Centro de Educação e as edificações dos órgãos de apoio à Reitoria. O Centro de Educação está localizado no espaço destinado aos Institutos e à Faculdade de Filosofia, portanto inserido no zoneamento proposto, no entanto a sua implantação é resolvida de forma completamente contrária às diretrizes constantes no Plano Piloto. A edificação é organizada em três volumes em barra, transversais à Avenida Principal, apoiados diretamente sobre o solo, interligados por passarelas e um volume justaposto de circulação vertical, inclinado em relação aos volumes principais. O pavimento térreo não apresenta integração visual entre interior e exterior, tão pouco a possibilidade de circulação entre a edificação, uma vez que todo o pavimento é destinado a salas de aula, salas de professores e laboratórios. Outra característica perdida em relação às edificações mais antigas da universidade, é o amplo hall de entrada e de convivência entre alunos, que está ausente nesta edificação, não havendo nenhum local de reunião mais amplo, relacionando o espaço interno com o restante do *campus* da universidade. Os acabamentos e a resolução das esquadrias também são bastante insipientes, sendo utilizada a alvenaria e o concreto rebocados e esquadrias do tipo basculante, dificultando a iluminação interna e a visualização das áreas externas a partir das salas de aula.

Os órgãos de apoio à Reitoria, sendo estes o Centro de Processamento de Dados (CPD), e a Comissão Permanente do Vestibular (COPERVES), localizam-se junto ao edifício da Administração Central, em local originalmente destinado à Casa das Nações e à Imprensa Universitária. Ambas as edificações são configuradas por volumes de apenas um pavimento, organizados dois a dois, interligados por outro volume transversal, por onde se dá o acesso às edificações, a partir de um jardim semi-fechado, configurado pelos três volumes baixos. As edificações em si, apesar de simples possuem um certo cuidado compositivo; o problema está na relação destas com o edifício da Reitoria e com a composição urbana do *campus*. Os dois pequenos volumes não compõem de maneira positiva com a placa em altura da Reitoria, e localizam-se em local nobre da composição urbana, local que deveria ajudar a configurar a Praça Cívica, o que não ocorre justamente pelo distanciamento das edificações em relação a esta e pelo pequeno porte das mesmas.

Faz parte ainda deste período, a edificação de anexos ao Colégio Técnico, edificações estas que desconfiguram o partido adotado inicialmente nesta edificação,



Figura 154: Foto da Incubadora de Empresas de Base Tecnológica (FONTE: A Autora, 2011).



Figuras 155 e 156: Fotos do Centro de Educação, edificado na década de 90. Vistas nordeste e sudeste, respectivamente (FONTE: A Autora, 2011).



Figura 157: Foto das edificações de apoio à Reitoria – COPERVES e CPD (FONTE: A Autora, 2011).



Figura 158: Foto da Edificação da Turma do Ique, com uma das agências bancárias ao fundo (FONTE: A Autora, 2011).



Figura 159: Foto das agências bancárias (FONTE: A Autora, 2011).

representado por três barras de um pavimento cada, interligadas por um jardim interno resultante do deslizamento da barra central em relação às outras duas; partido difícil de ser apreendido da edificação atualmente. Também da década de 90 é a edificação das agências bancárias, localizadas na primeira quadra a leste do eixo principal, junto próximas ao Posto de Gasolina e espaços comerciais. Estas duas edificações destinadas aos serviços bancários são de apenas um pavimento cada, e de certa forma discretas, com composição simplificada; contribuindo em pouco para a consolidação do eixo monumental principal.

Na década de 2000 e início da década de 2010 se intensifica a construção de novas edificações na Cidade Universitária, caracterizadas muitas delas pelo desrespeito em relação ao Plano Piloto original; estando localizadas em locais inapropriados, fazendo uso de partidos e linguagem arquitetônica não condizente com os princípios básicos do Plano Piloto de 1961; contribuindo bastante para a descaracterização de partes do *campus* da Universidade Federal de Santa Maria. Neste momento também começam a ser feitas intervenções diretamente nas edificações, seja por adição de anexos ou por alterações substanciais em suas características arquitetônicas. São deste período os anexos do Centro de Tecnologia, do Centro de Ciências Naturais e Exatas, do Centro de Artes e Letras, do Centro de Ciências Rurais, dos edifícios do Centro de Ciências da Saúde, do Hospital Psiquiátrico e o pronto Socorro junto ao Hospital Universitário. Além destes anexos e incorporações às edificações existentes, são criadas muitas outras novas edificações, como os vários laboratórios pertencentes ao Centro de Tecnologia; novos edifícios relacionados ao Centro de Educação; as edificações do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e a Turma do Ique – centro de apoio às crianças e familiares em tratamento contra o câncer; o Centro de Ciências Sociais e Humanas; as duas novas edificações relacionadas ao Centro de Ciências da Saúde, que abrigarão os cursos de Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia, além da administração do Centro; a complementação do Hospital Veterinário; e ainda o Centro de Convenções da Universidade. Estas últimas cinco edificações elencadas ainda não estão concluídas.

Algumas destas intervenções ou novas edificações destacam-se em relação às outras pelo maior ou menor impacto sobre o Plano Piloto original. Os anexos dos Hospitais, por exemplo, resultaram em uma sequência de edificações sem caráter

apropriado, com elementos arquitetônicos pouco elaborados, gerando um adensamento no quarteirão dos hospitais, e uma dificuldade de leitura dos elementos originais. Já a complementação do edifício do Centro de Ciências Naturais e Exatas, beira o desastre; uma vez que é feita uma adição de elementos que desconfigura completamente o partido arquitetônico original, transformando o que eram volumes de circulação vertical por rampas em uma outra barra paralela à original, dificultando o entendimento do que é o elemento de intervenção e qual o partido adotado originalmente; prejudicando ainda a iluminação e ventilação dos ambientes a oeste da edificação principal.

As novas edificações entre o Centro de Tecnologia e seu pavilhão de laboratórios, e entre os edifícios do Centro de Artes e Letras e Centro de Ciências Rurais, são um pouco mais cuidadosas na medida em que afastam a edificação proposta das barras edificadas nas décadas de 60 e 70. As intervenções entre o CAL e o CCR ocupam as áreas anteriormente destinadas às Faculdades de Economia e Veterinária, e ao invés de manterem a volumetria proposta originalmente, adotam uma composição em bloco mais compacto, dispostos transversalmente às barras principais. O que é destacável é a manutenção das edificações originais com suas características principais. Mesmo as alterações feitas anteriormente nestas edificações, como o fechamento de parte dos pilotis voltados ao lago, e a inserção de rampas de acessibilidade, não prejudicam o entendimento do partido e da composição como um todo.

No Centro de Tecnologia, as novas edificações propostas, entre o edifício principal (antigo Instituto Eletrotécnico) e o pavilhão de Laboratórios, também possuem características de implantação similares às do CAL e CCR, porém com maiores proporções. Os anexos do CT são configurados por linguagem e elementos análogos ao Instituto Eletrotécnico, como as esquadrias em fita, a grelha estrutural das fachadas, as empenas cegas, e a utilização da platibanda e paredes laterais como emolduramento do corpo da edificação. Em contrapartida, a volumetria e o partido não condizem com as diretrizes do Plano Piloto - as concepções em barras, placas, ou barras sobre base horizontal; e a sequência de edificações de três pavimentos, que foram sendo anexadas umas às outras, em períodos distintos, acabou resultando em um aglomerado de edificações que adensa de sobremaneira este quarteirão, reduzindo as

Figura 160: Foto dos anexos dos Hospitais, vista sudeste (FONTE: A Autora, 2011).



Figura 161: Foto do anexo ao CCNE, com a barra original à esquerda, e os volumes criados em primeiro plano e ao fundo (FONTE: A Autora, 2011).



Figuras 162: Imagens dos anexos do CT (em primeiro plano), que adotam linguagem similar à edificação principal, porém adensam o quarteirão e confunde intervenção com edifício original (à direita na foto), através da adoção da mesma pintura (FONTE: A Autora, 2011).



Figuras 163 e 164: Imagens dos anexos do CAL e CCR, implantados transversalmente entre as barras originais (FONTE: A Autora, 2011).



áreas de contemplação e convivência antes existentes entre o Instituto e os laboratórios. Outros aspectos negativos destas intervenções foram as alterações realizadas diretamente na edificação principal, também ocorridas ao longo de vários anos; como abertura de esquadrias nas faces norte e sul, que eram originalmente configuradas como empenas cegas; a colocação de película espelhada no hall de entrada, o que interrompe a integração visual entre interior e exterior; e a nova pintura desta edificação, resolvida da mesma maneira dos anexos, o que acaba mesclando as intervenções com o edifício original. De qualquer forma, salienta-se a manutenção da edificação original, sem acréscimos diretamente sobre ela; porém lamenta-se o resultado final dos anexos, que poderiam adotar solução inversa, como a manutenção da volumetria e alteração da linguagem, o que contribuiria para a preservação do espaço urbano do *campus*; ou ao menos a clara distinção entre intervenção e bloco principal.

Estas intervenções relatadas afetam mais propriamente partes específicas do conjunto urbano do *campus*, mas não chegam a interferir decisivamente na leitura urbana do conjunto como um todo, apenas de alguns dos espaços implantados de acordo com o projeto inicial; uma vez que estão localizados em áreas não pertencentes ao caminho arquitetônico principal. Já outras duas edificações implantadas também na década de 2000, chamam a atenção justamente pela sua interferência no projeto urbano como um todo, uma vez que são implantadas em pontos determinantes da composição urbana. Uma delas, a mais antiga, é o edifício do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, situado a direita do acesso principal, entre o Colégio Técnico e o Centro de Tecnologia. Esta edificação, além de não ser de um órgão estritamente relacionado à Universidade, e estar situado justamente no zoneamento proposto para os espaços de ensino, faz uso de linguagem e partido arquitetônico sem diálogo algum com as edificações estabelecidas inicialmente no *campus* desta instituição. O partido arquitetônico apresenta-se em L, com a maior perna disposta transversalmente à Avenida Principal, e a menor paralela à esta; e a materialidade da edificação é composta por revestimento total em pastilhas cerâmicas, e esquadrias com caixilharia de alumínio com vidros fumês pretos. A solução arquitetônica não respeita a tipologia padrão do *campus*, os materiais e acabamentos empregados no restante das edificações, nem mesmo alinhamentos pré-

existentes, como o Centro de Tecnologia. O edifício do INPE, inclusive, põe-se à frente do CT, sendo visualizado antes deste por quem percorre o passeio arquitetônico previsto pelo Plano Piloto. A outra edificação que assume posição de destaque no Plano, e que desconfigura importante característica deste, é o Memorial Prof. José Mariano da Rocha Filho, localizado justamente no final do eixo compositivo principal, em frente à reitoria, em meio à Praça Cívica planejada inicialmente, desviando, de certa forma, o ponto focal da placa da Reitoria para a forma peculiar do memorial. Todos sabemos da importância do Dr. Mariano para a história da Universidade de Santa Maria, e acredito ser a edificação de um memorial uma iniciativa muito boa em nome da perpetuação desta figura tão admirada; no entanto o local escolhido para implantação, e os acabamentos nela empregados, denotam um certo descaso com o *campus* que o próprio professor tanto lutou para ser consolidado. Este memorial não está finalizado, faltando ainda ser implantado um grande museu de planta semi-circular, disposta ao redor deste totem já edificado.

As intervenções mais novas, iniciadas em 2010 e 2011, nas quais foram edificados novos prédios inteiros, isolados em relação aos existentes; apesar de continuarem adotando partido contrário, e acabamentos simplificados, possuem o mínimo de cuidado em relação à localização e zoneamento; além de linguagem similar entre elas. Fazem parte deste conjunto de edificações o Centro de Ciências Sociais e Humanas, localizado a oeste do planetário, próximo ao Centro de Ciências Rurais e do Colégio Agrícola; as novas edificações de laboratórios do Centro de Tecnologia, localizados a norte e oeste do pavilhão principal de laboratórios do CT; e os edifícios que abrigarão parte do Centro de Ciências da Saúde, os cursos de Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, localizados a leste do quarteirão originalmente destinado ao Centro Médico.

O Centro de Convenções da Universidade também assume zoneamento compatível com o Plano Piloto, sendo disposto a oeste da Reitoria, próximo ao espaço destinado ao Museu do Plano original. Esta edificação acaba assumindo proporções bastante amplas, e é afastada em relação ao planetário por duas razões, uma delas pela presença de uma fonte de água, que exige afastamentos mínimos, e para que suas grandes dimensões não conflitassem com o próprio Planetário e a Reitoria. A exceção a esta obediência em relação ao zoneamento original fica a cargo do novo



Figura 165: Imagem do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE, em frente ao Centro de Tecnologia, impedindo a visualização deste por quem percorre o percurso arquitetônico principal (FONTE: A Autora, 2009).



Figuras 166 e 167: Fotos do Memorial em homenagem ao Prof. José Mariano da Rocha Filho, em frente à Reitoria; e do Centro de Convenções, a sudoeste desta (FONTE: A Autora, 2011).



Figura 168: Foto do quarteirão onde está sendo edificado o novo CCSH, a oeste do Planetário (FONTE: A Autora, 2011).



Figura 169: Foto do novo Restaurante Universitário, a oeste do quarteirão do Centro de Tecnologia (FONTE: A Autora, 2011).

Restaurante Universitário, edificação criada para suprir as necessidades de abastecimento da população universitária, uma vez que o antigo restaurante já não comportava mais todo o contingente de alunos. O novo RU é disposto na diagonal noroeste do Centro de Educação, próximo às Oficinas e almoxarifado central. Esta localização não só desrespeita o zoneamento, por localizar-se em um setor de apoio e manutenção, como parece não condizer com o crescimento da Instituição, que se dá justamente no sentido sudoeste.

3.2. O resultado de 50 anos de crescimento

3.2.1. A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA HOJE

A Universidade de Santa Maria, ao completar seus cinquenta anos de fundação, no final do ano de 2010, passava por um dos momentos de maior crescimento da instituição, só comparável à sua própria fundação e à construção de seu *campus* universitário. Este amplo crescimento se deu, principalmente, pela política de ampliação do acesso ao ensino superior, através de diversos programas do Governo Federal. A principal ação promovida pelo governo foi o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o Reuni, que tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. O Reuni foi criado em abril de 2007, e desde então contribui para a abertura de novas instituições federais, além da expansão física, acadêmica e pedagógica das universidades já existentes na rede federal, incluindo a interiorização dos *campi* das universidades existentes.

A Universidade Federal de Santa Maria aderiu à segunda etapa do Reuni, que previa a implantação do Programa a partir do segundo semestre de 2008. A partir deste período, o crescimento da instituição foi intenso. Três novos *campi* foram criados, sendo dois deles pertencentes ao Centro de Educação Superior do Norte do Rio Grande do Sul (CESNORS), e estando localizados nas cidades de Palmeira das Missões e Frederico Westphalen; e o outro a Unidade Descentralizada de Educação Superior da UFSM em Silveira Martins (UDESSM). Além destas extensões universitárias, 34 novos cursos foram criados vinculados diretamente à Universidade, no município de Santa Maria. Atualmente, na graduação, são ofertados 121 cursos presenciais e 11 cursos de Ensino à Distância vinculados à Universidade; além de 10

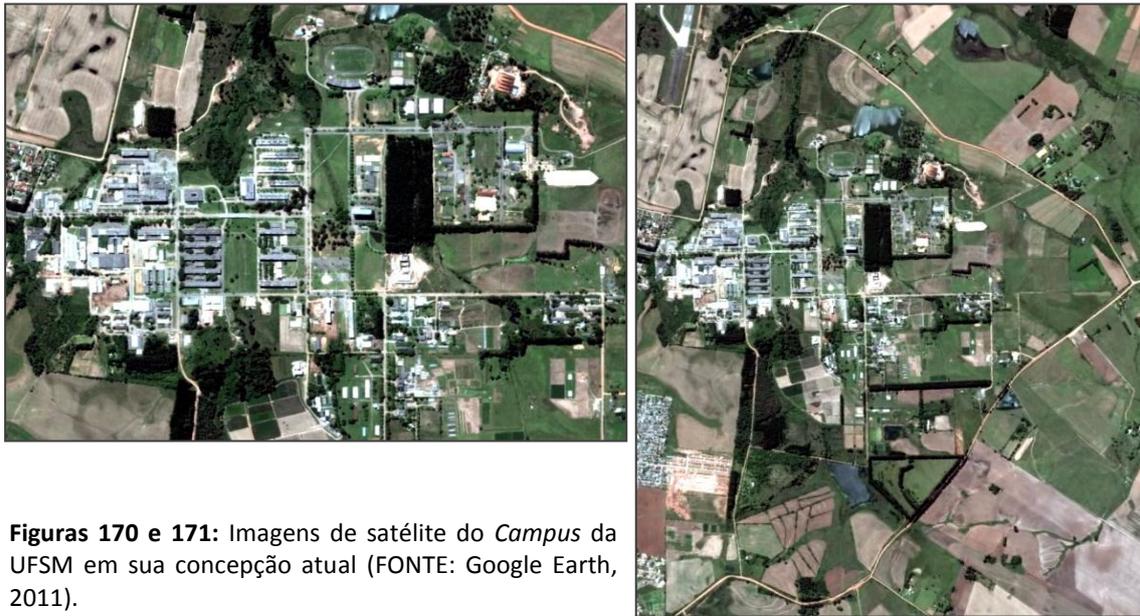
curso de ensino médio; 20 cursos presenciais de pós-médio e 1 curso à distância; e 100 cursos de pós-graduação presenciais e oito à distância; totalizando 271 cursos ofertados em seus quatro *campi* universitários.

O *Campus* Prof. José Mariano da Rocha Filho, objetivo de estudo desta dissertação, atualmente concentra 212 destes cursos, além dos 13 cursos locados no centro da cidade, que acabam utilizando da estrutura física do *campus* eventualmente. Estes cursos totalizam 16.351 alunos, distribuídos em 12.326 acadêmicos na graduação, 2.804 estudantes na Pós-Graduação, 409 no Ensino Médio, e 812 no Pós-Médio. Atualmente a estrutura da Universidade está dividida em oito Unidades Universitárias, sendo estas: o Centro de Ciências Naturais e Exatas (CCNE), Centro de Ciências Rurais (CCR), Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Educação (CE), Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH), Centro de Tecnologia (CT), Centro de Artes e Letras (CAL), e Centro de Educação Física e Desportos (CEFD); além das duas unidades afastadas (CESNORS e UDESSM). A Universidade possui três Escolas de Ensino Médio e Tecnológico, sendo duas delas localizados no *campus* de Camobi, o Colégio Politécnico de Santa Maria e o Colégio Técnico Industrial de Santa Maria.

No primeiro ano de funcionamento oficial da UFSM, 1961, eram 1.788 alunos matriculados em doze faculdades diferentes. Atualmente são oferecidos 96 cursos de graduação apenas em Santa Maria, sendo ofertadas um total de 2.941 vagas por ano, totalizando 12.326 acadêmicos atualmente matriculados nos cursos de graduação dos Centros de Ensino vinculados ao *Campus* de Santa Maria. Ou seja, em 50 anos de funcionamento pleno, a Universidade aumentou em quase sete vezes o número de alunos, e em oito vezes o número de cursos.

3.2.2. A CONFORMAÇÃO URBANA DO CAMPUS DA UFSM ATUALMENTE

Apesar do Plano Piloto contemplar a previsão de crescimento e expansão da Universidade, a sua implantação completa nunca foi concluída, e as edificações que ficaram por ser edificadas posteriormente, acabaram não sendo executadas. Conforme anteriormente relatado, até meados da década de 90 as instalações implantadas nas décadas de 60 e 70 ainda eram condizentes com a população acadêmica e com os usos existentes; tendo sido edificadas apenas edifícios de menores proporções, que não chegavam a alterar de sobremaneira a estrutura urbana do *campus*. No entanto a



Figuras 170 e 171: Imagens de satélite do *Campus* da UFSM em sua concepção atual (FONTE: Google Earth, 2011).



Figura 172: Implantação atual do *Campus* da UFSM (FONTE: Acervo da UFSM, modificado pela Autora, 2011).

partir do final da década de 90, algumas necessidades de ampliação passam a surgir, e em 1998 é construída a primeira grande intervenção no *campus* de Santa Maria, o Centro de Educação; além de edificações menores, mas que também interferem na composição urbana, como os edifícios de apoio à Reitoria. Esta edificação do Centro de Educação (figuras 155 e 156), localizada a oeste do Centro de Ciência Naturais e Exatas, pode ser vista como um marco da mudança de pensamento arquitetônica na universidade; momento no qual de certa forma se deixa de lado o Plano Piloto e são atribuídas nova linguagens e concepções arquitetônicas, tanto no zoneamento e disposição urbana, como na composição arquitetônica propriamente dita. Essa maneira de se resolver as novas edificações acaba perdurando por longos anos, e atualmente parece haver uma tentativa de retomada de alguns valores importantes que constam no Plano de Valdetaro e Nadalutti.

Com o incremento de novos cursos, aumento de disponibilidade de vagas, e orçamento oriundo de grandes projetos federais, a década de 2000 marca o grande crescimento de área construída no *campus*. Em 1995, a área total construída dentro dos limites do *campus* era de 211.923,00 m²; ao final de 2003, esta área já passa para 248.183,16 m²; e no final de 2009, já atinge os 284.285,49 m²; ou seja, em 15 anos apresenta um crescimento de 72.362,49 m², o que representa 34% de aumento na área total construída.

Muita construção, pouca arquitetura! (...) Inúmeros prédios que, por suas características particulares, escala ou qualidade arquitetônica, descaracterizam e comprometem a unidade original da Cidade Universitária. (SCHLEE, 2003 p. 12)

Atualmente a malha edificada do *campus* da UFSM apresenta-se de forma um tanto caótica, com edificações de diferentes granulometrias dispostas lado a lado, adoção dos mais diversos partidos e disposição de implantação, e edificações em sua maioria com baixo padrão arquitetônico e de acabamentos. A característica da cidade moderna, entre outras, é a disposição das edificações em um espaço regular, tratado como parque, no qual os edifícios são distribuídos sem que haja uma definição clara entre frente, fundos e laterais, sendo as edificações apreendidas por todas as suas fachadas. A edificação torna-se figura, e o espaço aberto fundo, invertendo a lógica da cidade tradicional, onde a massa edificada é fundo e as vias e espaços públicos figura.

O formato da cidade ideal moderna pode ser descrito como a acumulação de objetos construídos em um contínuo tratado como parque basicamente indiferenciado, cortado por autopistas e caminhos. Em contraposição, o formato da cidade tradicional pode ser descrito como a acumulação de espaços vazios -- ruas e praças configuradas por fachadas contínuas alinhadas -- dentro de uma massa construída predominantemente indiferenciada, perfurada por pátios e quintais privados. Desde o ponto de vista perceptivo, no formato tradicional, a figura é o espaço, o fundo é construção. No formato modernista, a figura é o edifício, o fundo é paisagem' (COMAS, 1983 p. 22).

O *campus* de Santa Maria foi planejado e configurado inicialmente desta maneira, porém as inúmeras intervenções ao longo dos anos fizeram com que partes do conjunto edificado se descaracterizassem; alterando, inclusive, esta relação entre figura e fundo, transformando partes específicas do *campus* quase que em cidade tradicional, onde o edifício volta a ser fundo e a figura passa a ser as vias, calçadas, e os poucos espaços abertos que o circundam.

O exame comparativo entre os mapas figura-fundo do *campus* planejado e do resultado atingido após cinco décadas de intervenção torna-se bastante interessante, e permite algumas análises que esclarecem o que abordamos ao longo deste último capítulo. O que é mais facilmente perceptível a partir desta comparação é a alteração na conjuntura organizacional das edificações localizadas na “periferia urbana” do *campus* edificado; uma vez que as construções mais novas acabam assumindo partidos e implantações diferenciadas, muitas vezes resultando em uma sequênciade pequenas edificações, alterando substancialmente as relações volumétricas em comparação ao conjunto projetado.

O que é destacável de uma maneira positiva é a até agora manutenção do eixo compositivo principal conforme o projeto elaborado por Valdetaro e Nadalutti; não havendo intervenções que o descaracterizem de sobremaneira em seu trajeto entre acesso porticado e praça cívica. Porém é justamente na projetada Praça Cívica onde se encontra outro grande ponto negativo do *campus* edificado. É facilmente apreendida a partir da relação entre os dois mapas figura-fundo, a perda da força compositiva da Praça na cidade universitária implantada, em contraposição à presença marcante desta no Plano Piloto, resultado de uma sequênciade edificações de grande porte que a configura. No *Campus* consolidado, parte dos elementos projetados ao redor da Praça não foram construídos, o que acabou gerando um vazio de edificações, que não

Figura-Fundo *Campus* planejado



Figura 173: mapa figura-fundo do *campus* planejado, destaca-se a percepção da presença do eixo monumental e da praça cívica, definidos a partir das edificações que os limitam (FONTE: A Autora, 2011)

Figura-Fundo *Campus* atualmente



Figura 174: mapa figura-fundo do *campus* atualmente, com destaque para a não percepção da praça cívica, uma vez que parte de suas edificações limítrofes não foram executadas. (FONTE: A autora, 2011)

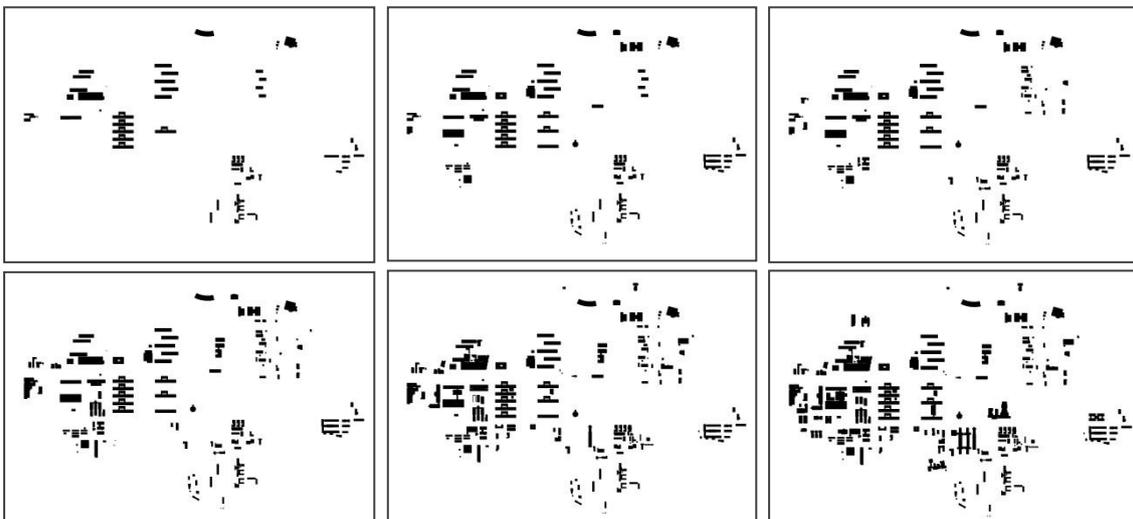


Figura 175: Evolução da ocupação urbana ao longo dos últimos 50 anos. Na seqüência: ao final da década de 60, de 70, de 80, de 90, em 2009 e 2011 (FONTE: A autora, 2011)

caracteriza nem compõe a praça propriamente dita. Na realidade a praça cívica é um elemento que se perde no *campus* construído, tanto pela ausência de parte das edificações que a comporiam, como pela ausência de projeto para a praça propriamente dita, que ficou por muito tempo sem nenhuma edificação, nem mesmo tratamento paisagístico. Em meados da década passada a Praça começou a ser ocupada pelo memorial ao Dr. Mariano da Rocha, que só contribui para a descaracterização do *campus*, e não para o incremento da Praça Cívica.

A visualização do mapa figura-fundo atual permite também a percepção do adensamento de partes do *campus*, o que se intensificou nos últimos dez anos. As principais áreas atingidas por este acúmulo de edificações são as proximidades dos Hospitais – Universitário e Neuropsiquiátrico – e do Centro de Tecnologia. Outro fato bastante claro é a ocupação de áreas não previstas, ou com usos diferenciados dos propostos, principalmente na porção oeste do *campus*, como as ocupações a oeste dos Institutos, das Faculdades e do Planetários; espaços originalmente destinados à áreas de manutenção e habitação para professores e funcionários, que recentemente passaram a ser ocupados por edificações de ensino (CCSH) e pequenas construções para órgãos de apoio ou laboratórios específicos.

No mapa da página seguinte (figura 176), podemos perceber a grande quantidade de edificações construídas em desacordo com o Plano Piloto, seja por adotarem áreas não destinadas para construções, ou por não seguirem a volumetria ou princípios básicos propostos no mesmo. Com isto, percebemos que depois da década de 70, nenhuma das edificações erguidas no *campus* basearam-se no Plano de 1961, todas elas adotaram princípios diferenciados; e muitas em discordância entre elas mesmas. As edificações mais recentes, apesar de continuarem não respeitando volumetria e implantação originais, ao menos possuem linguagem similar entre elas, sendo perceptível como grupo de edificações, mesmo que separadas fisicamente; o que já pode ser considerado como um avanço em termos de composição urbana.

O que se defende aqui não é uma estagnação dos sistemas construtivos, dos acabamentos, e das decisões projetuais. Tanto menos a continuidade de construção das edificações tal como os projetos originais. O que entendemos aqui como uma preservação necessária, é do conjunto urbano proposto por Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti, das relações entre volumes, das conformações espaciais destas resultante; a



Figura 176: mapa figura-fundo do *campus* atualmente, com destaque em amarelo de todos os volumes edificados que não estavam presentes na proposta do plano piloto (FONTE: A autora, 2011)



Figura 177: Espaço destinado, porém não conformado, para Praça Cívica, foto de aproximadamente 2006 (FONTE: <http://jararaca.ufsm.br/websites/xxviiseurs/f4c790430819e0422cb78306d97d5873.htm>, acessado em 22 de agosto de 2011)



Figura 178: Foto aérea do *campus* da UFSM em 2010 (FONTE: Caderno UFSM 50 anos, 2010 p.7)



Figura 179: Foto aérea do *campus* da UFSM em 2010 (FONTE: http://salavipcom.blogspot.com/2011_02_01_archive.html, acessado em 22 de agosto de 2011)



Figura 180: Foto do quarteirão a oeste dos Institutos e Faculdades, o qual vem sendo ocupado por diversas edificações de pequeno porte e linguagem não condizente com o restante do *campus* (FONTE: A Autora, 2011)

manutenção da experimentação espacial presente no Plano Piloto, a possibilidade de transitar pelo espaço universitário e ainda sentir nele presente os princípios compositivos que o geraram; características estas que estão sendo perdidas, e cada vez mais difíceis de serem retomadas. Além disso, julga-se necessária uma política de preservação das edificações em si, as quais apresentam características interessantes, composições singelas, são realmente um testemunho de um importante período de nossa arquitetura nacional, e portanto devem ser mantidas como tal.

3.3. A importância da preservação

A 'restauração' do valor semântico da arquitetura moderna não é possível a partir do valor de antiguidade que, segundo Riegl, provoca um efeito emocional imediato não dependendo nem do conhecimento erudito nem da educação histórica. É preciso trilhar os caminhos do "conhecer de novo" intencional, do aprendizado reflexivo que permita a recuperação de seus "valores". (GONSALES, 2008, p. 10)

O *Campus* da UFSM, conforme pôde ser percebido através da explanação dada ao longo desta dissertação, representa um testemunho de sua época, um plano que soube reproduzir modelos consagrados da arquitetura moderna, ele apresenta-se como legado de um importante período da arquitetura brasileira.

A importância deste *Campus* está muito no que ele representa como tentativa de se fazer uma cidade moderna no interior de um estado como o Rio Grande do Sul, em plena década de 60; além do resultado urbano e arquitetônico atingidos, que apresentam muitas qualidades, porém demonstra certa imaturidade em alguns aspectos. É exatamente isso que o torna um objeto de valor de preservação, a sua importância tanto urbana, arquitetônica, quanto sentimental, econômica e social.

A preservação pretendida não se refere à manutenção do *campus* construído ou à recriação do plano proposto, pois se sabe do crescimento das Universidades no país inteiro, a partir de programas do governo que visam ampliar o acesso ao ensino superior; e para tanto se faz também necessário o crescimento físico das instituições; além da não pertinência da retomada de projetos em defasagem com algumas realidades atuais. O que se defende é o respeito pelo zoneamento proposto no Plano original e pela sua volumetria padrão, obedecendo a tipologias previstas e setores definidos; através da definição de diretrizes de construção, as quais não cabem aqui

serem determinadas, e sim salientar a importância do início de um pensamento neste sentido.

3.3.1. O ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE ACADÊMICA NA PRESERVAÇÃO

A preservação de um objeto arquitetônico como este passa pela aceitação e, principalmente, envolvimento da sociedade como um todo. No entanto, como nos sugere a citação que dá início a este item, as edificações modernas não despertam a atenção direta da sociedade em geral, que não está preparada para reconhecer suas características elementares e importância também histórica. Para tanto, como Gonsales nos anuncia, é necessário um trabalho em conjunto de conscientização e de apreensão do *campus* como monumento. *Um monumento não existe em si, é preciso que alguém diga: “isto é um monumento” e convença os outros da necessidade de sua proteção* (GONSALES, 2008, p. 11).

É imprescindível um conjunto de ações que façam com que sociedade em geral, mas, principalmente, a comunidade acadêmica, entenda o real significado do Plano Piloto da Cidade Universitária de Santa Maria; para isso, é fundamental a compreensão do projeto elaborado, das relações deste com o restante do país, e de seu histórico de implantação e desenvolvimento. Foi justamente este reconhecimento do elemento aqui analisado que se buscou nesta dissertação, sendo um de seus principais objetivos. A partir deste reconhecimento e apreensão de sua real importância podem ser tomadas medidas para a sua efetiva preservação.

3.3.1.1. O Plano Diretor do Campus da UFSM

Algumas atividades que passaram a ocorrer na Universidade nos últimos cinco anos começaram a semear na comunidade acadêmica alguns aspectos da qualidade arquitetônica do seu local de estudo e trabalho. É uma pena que isso tenha iniciado depois de tantas intervenções mal resolvidas e que já descaracterizaram boa parte do Plano Piloto da Cidade Universitária.

O primeiro e principal passo para a preservação do *campus* foi a criação de uma comissão para a elaboração do Plano Diretor para a Universidade. A comissão seria responsável pelo desenvolvimento dos Planos Diretores dos três *campi* da universidade, Santa Maria, Frederico Westphalen e Palmeira das Missões. O Plano

Diretor tinha como objetivo a elaboração de bases concretas para a preservação, ditando diretrizes de intervenção, de manutenção e criação de novas áreas edificadas, especificando as possibilidades e impossibilidades construtivas. Além do objetivo principal do Plano Diretor, de organização das novas ocupações; seu caráter de participação pública e multidisciplinar na elaboração também contribui para a divulgação do projeto do Plano Piloto e de sua importância como elemento construído. A equipe de elaboração do Plano Diretor para o *Campus* é composta por acadêmicos e professores de diferentes cursos da Universidade, estando entre eles Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Florestal, Jornalismo, Ciências Sociais, Geografia, Direito e Engenharia Civil, sendo coordenados pelos arquitetos da Prefeitura Universitária e professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Esta própria integração entre alunos e professores também pode ser considerada como geradora de uma rede de conhecimentos mais aprofundados sobre o *Campus*, instigando a preservação do mesmo.

O Plano Diretor acabou não sendo completamente desenvolvido, tendo sido elaboradas diversas audiências públicas, porém não foi gerado nenhum documento definitivo em relação às possibilidades e orientações para novas construções e para as edificações originais. O Plano, portanto, acabou resumindo-se a diretrizes que estabelecem os conceitos básicos a serem melhores detalhados em um futuro próximo. As diretrizes elaboradas não são definitivas, nem muito aprofundadas, mas já deixam clara a preocupação com a conservação de parte dos elementos edificados, além do perímetro do Plano Piloto. As diretrizes dividem-se em oito eixos temáticos, sendo eles: zoneamento; sistema natural; sistema de espaços livres; sistema viário de infra-estrutura urbana; acessibilidade e mobilidade urbana; edificações; patrimônio cultural; gestão de planejamento. Os eixos Zoneamento, Edificações e Patrimônio Cultural são os mais diretamente relacionados à preservação propriamente dita do *campus*, especificando bases para intervenções urbanas e diretamente em edificações.

Em relação ao zoneamento, fica especificada a determinação de índices construtivos em áreas existentes e a expandir; ocupação prioritária aos vazios urbanos ou zonas de baixa densidade; a concentração da área comercial no espaço já existente e ampliação da mesma, a partir da remoção do posto de abastecimento de combustível; entre outras. Quanto às edificações, nada de muito concreto é

estabelecido, porém são determinadas a criação de áreas de convivência cobertas e descobertas para as novas e existentes edificações; é proposto que as novas construções ou intervenções em edificações existentes sigam as normas do Plano Diretor e em casos específicos sejam submetidas à análise da Comissão do Plano Diretor; além da adoção de projetos padrão para novos edifícios de programas similares. O grande problema é que as normas a que se refere este item anterior ainda não foram definidas, e todas as novas edificações acabaram não sendo julgadas ou aprovadas com base neste Plano Diretor. Ainda em relação ao Patrimônio Cultural, este eixo de diretrizes propõe a delimitação da área de interesse arquitetônico, urbanístico e paisagístico, segundo implantação original do *campus* da UFSM, definindo que todas as intervenções realizadas neste perímetro sejam aprovadas previamente pela Comissão do Plano Diretor, o que sabidamente não foi posto em prática. Além disso, defende a manutenção da morfologia urbana de cidade-parque; a manutenção e valorização do eixo monumental composto pela Avenida Roraima; através da concentração dos elementos importantes da composição na mesma; o resgate do “quarteirão modernista” mesmo nas novas edificações; a preservação das características arquitetônicas, urbanas e paisagísticas do Plano Piloto; e o resgate do valor simbólico do quarteirão da reitoria, através da concentração de edificações com usos compatíveis com as funções cívicas e culturais, além da transposição a médio e longo prazo das edificações ali erguidas que não correspondem a estes usos.

Percebe-se que o Plano assume uma posição de preservação do patrimônio construído e do projeto elaborado por Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti, com diretrizes claras de ações permitidas e proibidas em intervenções e novas edificações. No entanto este Plano Diretor não chegou a ser definitivamente aprovado, e atualmente não rege sobre as normas de edificações do *campus*, o que permite a continuação da construção de edificações sem caráter similar e identificação com o Plano original.

3.3.1.2. Outras ações desenvolvidas

Outra atividade que gerou discussões a respeito do projeto do Plano Piloto da UFSM foi uma Oficina Transdisciplinar do Curso de Arquitetura e Urbanismo, ocorrida no primeiro semestre do ano de 2008, que teve como tema justamente o

desenvolvimento de propostas para a ampliação das instalações do *campus*. A Oficina, assim como o Plano Diretor, além de ter como objeto de estudo final o *Campus*, teve a participação de alunos de diferentes cursos, e como base projetual uma explanação a respeito dos projetos para o Plano Piloto, ou seja, despertou o conhecimento da importância deste Plano para alunos que não o reconheciam como tal. O resultado da oficina também foi utilizado para as discussões do Plano Diretor, que já haviam iniciado naquela época.

Perante a sociedade santa-mariense em geral, a comemoração do cinquentenário da Universidade, ocorrida durante o ano de 2010, foi um grande impulso ao reconhecimento da Universidade, incluindo a sua importância arquitetônica. Duas ações se destacaram, uma delas foi o encarte UFSM 50 Anos, que acompanhou a edição de 14 de dezembro de 2010 do Jornal Diário de Santa Maria, jornal municipal de maior circulação na cidade. O encarte foi uma rica fonte de informações, que contemplava inclusive dados a respeito do projeto do Plano Piloto e sobre Oscar Valdetaro.

Além deste encarte, o mesmo jornal vem distribuindo desde o final de 2010 um conjunto para montagem de maquetes de algumas edificações importantes do município de Santa Maria, entre elas edificações da Universidade, como a Biblioteca Central, o Centro de Tecnologia, a Reitoria, entre outras. Esta iniciativa busca levar informação de uma maneira simplificada inclusive para crianças e adolescentes, e conta com a colaboração de cursos da Universidade, como Arquitetura e Urbanismo e Desenho Industrial. Há ainda diversos livros lançados nos últimos anos relacionados à Universidade de Santa Maria, além de novos estudos como esta dissertação, que visam estudar e aprofundar diversas áreas de estudo acerca do *campus* da UFSM.

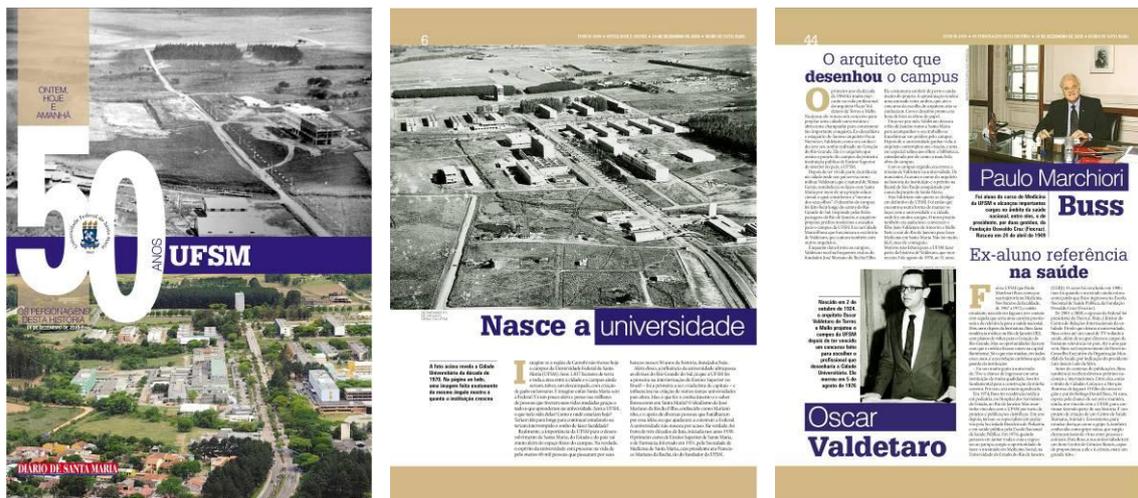


Figura 181: Páginas do Caderno em comemoração ao cinquentenário da Universidade. Na seqüência: capa, uma das páginas sobre o *campus*, página sobre o arquiteto Oscar Valdetaro (FONTE: Caderno UFSM 50 anos, 2010)



Figura 182: Material para elaboração da maquete da Reitoria (FONTE: Projeto Cidade de Papel, encartado no Jornal Diário de Santa Maria, 2011)



Figura 183: Capa do livro 'Concretizando um ideal – a cidade universitária da UFSM de 1960 a 1973', de Neiva Pavezi, editado em 2010 (FONTE: PAVEZI, 2010)

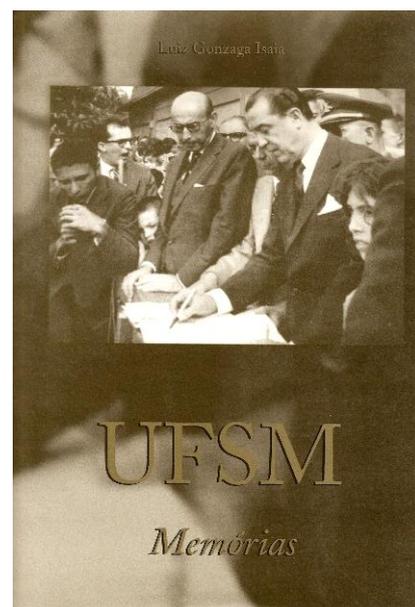


Figura 184: Capa do livro 'UFSM - memórias', de Luiz Gonzaga Isaia, lançado em 2006 (FONTE: ISAIA, 2006)

3.3.1.3. *Algumas barreiras para a preservação*

Em uma instituição pública, na qual os projetos são desenvolvidos e aprovados pelos mesmos órgãos, onde há profissionais ligados à área de arquitetura, inclusive com um programa de pós-graduação voltado à preservação patrimonial; a facilidade para se implantar políticas de preservação deveria ser inerente. No entanto, é um cenário exatamente contrário o que se vê na Universidade hoje em dia. O crescimento do número de vagas na Universidade nos últimos três anos, através de programas instituídos pelo governo, a burocracia e os orçamentos liberados que devem ter sua destinação resolvida em pouco tempo, o excesso de projetos que acabam tendo que ser realizados juntos e em período reduzido; e ainda a falta de um órgão com forças políticas dentro da Universidade para tratar de patrimônio, tem tornado o tema da preservação cada vez mais distante.

Alguns estudos que vêm sendo desenvolvidos por arquitetos egressos desta instituição, em programas de pós-graduação de diversos estados do país, têm feito com que as autoridades universitárias passem a ter certo respeito pelo patrimônio que elas administram, mas a evolução ainda é muito lenta. Nos últimos anos foram construídos milhares de metros quadrados de edificações com linguagem arquitetônica não condizente com o que o Plano prevê. São edificações com tipologias diferenciadas, com implantação contrária ao Plano, que densificam áreas onde eram previstas menores densidades, enquanto sobram áreas que estavam previstas para ocupação.

A preservação de equipamentos como o *Campus* da Universidade Federal de Santa Maria é necessária, pois estes são elementos que testemunham características de um importante período da arquitetura moderna brasileira. Para tanto é imprescindível uma relação interdisciplinar que leve conhecimento e apreensão deste importante objeto arquitetônico às pessoas leigas, fazendo com que um maior número de cidadãos se envolvam com uma busca pela preservação do patrimônio moderno gaúcho e brasileiro.

Conclusão



*Campus da Universidade Federal de Santa Maria:
um testemunho, um fragmento*

Conforme abordado ao longo desta dissertação, a Universidade brasileira, nos moldes em que se conhece hoje, tem um surgimento tardio, atravancado pela própria coroa portuguesa, que de certa maneira tinha por intuito manter as relações de dependência intelectual do Brasil colônia em relação a esta. Mas a verdade é que o ensino superior brasileiro surge antes mesmo da independência do país, a partir das escolas profissionalizantes, colégios jesuítas e seminários, fundados sistematicamente desde 1808, que na realidade tinham como objetivo também a formação profissional, porém nunca teriam sido chamados de universidade. Fato é que,

(...) se considerarmos a universidade como uma instituição específica da civilização ocidental, na forma em que se constituiu historicamente no contexto europeu, essa instituição não foi, ao longo do período colonial, implantada em nossas terras (MENDONÇA, 2000 p. 132).

Na realidade estas mesmas escolas e faculdades isoladas viriam a constituir as primeiras universidades brasileiras, como a Universidade do Rio de Janeiro, a primeira do país, fundada em 1920. Até o início da década de 50, poucas outras instituições de ensino superior foram fundadas. A partir de 1950, o ensino superior passa por seu primeiro surto de expansão no Brasil, aumentando o número de universidades de 5 para 37, em 1964. É neste quadro que se insere a criação da Universidade Federal de Santa Maria, na expansão e interiorização do ensino universitário brasileiro.

O espaço de ensino das universidades, em um âmbito global, passou por um processo evolutivo bastante claro, iniciando em faculdades constituídas por edificações isoladas umas das outras, em meio aos centros das cidades; passando pelos *closed-quadrangles* ingleses, e atingiram a concepção de *campus* universitário americano, sendo o primeiro deles implantado em Charlottesville, em 1819, pertencendo à Universidade de Virginia. Posteriormente este modelo foi sendo largamente aplicado nos Estados Unidos, e acabou servindo de base para a formulação das Universidades latino-americanas.

A partir da década de 1920, diversos *campi* universitários passam a ser implantados na América Latina, em países como Chile, Venezuela, Colômbia, e México. No Brasil, o espaço de ensino das instituições de educação superior na realidade segue de alguma maneira a trajetória internacional. As primeiras instituições organizavam-se em edifícios isolados em meio aos centros urbanos das cidades, abrigando em cada

edificação uma escola diferente, quando havia mais de uma escola na mesma cidade. A criação das primeiras Universidades se deu a partir da reunião destas faculdades pré-existentes e, portanto usufruíam das mesmas instalações. Porém logo que se criou a primeira Universidade brasileira, já se começou a pensar em termos de cidades universitárias, uma vez que os países latinos já vinham empregando este sistema. O conceito de *campus* no Brasil surge a partir de uma conferência de educação, em 1929; e em 1931 é feito um decreto para que a então Universidade do Rio de Janeiro (que passaria a ser Universidade do Brasil, em 1937, e depois voltaria a ser denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro) fosse toda transferida para uma cidade universitária.

Em 1936 iniciam os estudos para este *campus*, que resultam nos importantes projetos de Le Corbusier e Lucio Costa para esta instituição, estes que viriam a ser fruto de inspiração para muitos outros projetos de cidades universitárias, estando aí incluída a Universidade Federal de Santa Maria, objeto de estudo desta dissertação.

Na década de 60, intensificam-se as fundações de Universidades no país, e a maioria delas acaba tendo um objetivo comum, a organização das edificações em um *campus* universitário. Este se consolidou também como um importante momento para a arquitetura moderna brasileira, no qual as cidades universitárias passaram a ser fonte de experimentação dos ideais modernos já postos em prova em Brasília; e é justamente neste cenário de interiorização e expansão do ensino superior e da arquitetura moderna brasileira que se insere o *Campus* da Universidade Federal de Santa Maria.

As reflexões realizadas nesta dissertação procuraram contribuir para o entendimento deste processo de fundação da Universidade de Santa Maria e de seu *campus* universitário, estando muito relacionado aos processos das demais instituições nacionais, podendo traçar paralelos com os sistemas educacionais e arquitetônicos de outras universidades brasileiras e internacionais. O estudo do *campus* da Universidade Federal de Santa Maria torna-se ferramenta importante para o entendimento da expansão da arquitetura moderna brasileira. Destaca-se aqui a importância do estudo dos projetos urbano e arquitetônicos como retomada dos valores de uma época, da real intenção de seus projetistas, além da análise da própria obra construída, que torna-se o testemunho concreto destes ideais. Através destas reflexões, percebe-se o

alcance da arquitetura moderna em terras tupiniquins, não ficando restrita apenas aos grandes centros urbanos ou à elite nacional. As análises aqui realizadas deixam claras as relações entre o Plano Piloto do *campus* de Santa Maria e obras de fundamental importância na arquitetura moderna nacional; demonstrando que, mesmo naquela época, a qualidade arquitetônica poderia ser alcançada nas longínquas terras do interior do estado do Rio Grande do Sul, através da contratação de bons profissionais que estavam muito bem informados sobre o que a arquitetura brasileira produzia de melhor. O *campus* da Universidade Federal de Santa Maria torna-se também fundamental na consolidação da arquitetura moderna no município, que já havia sido iniciada no momento de sua implantação, mas que acaba se difundindo também pela presença deste importante objeto construído.

O que se lamenta de alguma forma, foi a impossibilidade da completa implantação do projeto elaborado, ocorrida por falta de recursos suficientes e empecilhos políticos. O que se viu, com o passar do tempo, foi a descaracterização de parte do conjunto edificado, através da implantação de novas edificações que não respeitam o plano piloto original, e que diminuem a qualidade que este um dia alcançou. Até a década de 90, o espaço urbano do *campus* de Santa Maria encontrava-se em um estado de preservação bastante favorável, havendo poucas edificações novas construídas, mantendo de certa forma as características atingidas ao final da década de 70. Infelizmente a partir da década mais recente, as instalações físicas da universidade passaram a não suportar a dimensão da comunidade acadêmica, necessitando da implantação de novas edificações, que parecem ter perdido a principal característica encontrada no plano piloto original, uma arquitetura de qualidade, que soube reproduzir elementos e modelos da boa arquitetura nacional.

Em última instância, o objetivo principal desta dissertação, foi a divulgação desta importante obra de caráter e identidade, para conhecimento e possível preservação da mesma. Pretendeu-se atingir tanto o meio acadêmico além dos limites desta universidade, como a sociedade santa-mariense em geral, e a própria comunidade acadêmica da instituição. Como nos sugere Schlee,

Trata-se, em último caso, de divulgar este projeto de Cidade Universitária modernista e, assim, contribuir para a sua efetiva preservação. Uma proposta que soube reproduzir modelos... (SCHLEE, 2003 p. 13)

Bibliografia

ALBERTO, Klaus Chaves. **Três projetos para uma Universidade do Brasil**. Dissertação (dissertação de mestrado) – PROARQ / FAU / UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

ALBERTO, Klaus Chaves. **Formalizando o ensino superior na década de 1960: a cidade universitária da UnB e seu projeto urbanístico**. 2008. 337 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ARCE, Rodrigo Pérez de. **Villanueva, os passeios cobertos e a idéia de cidade**. In: Arqtexto 12, Ano VIII, nº 1. Ed: Porto Alegre: Departamento de Arquitetura, PROPAR, 2007.

ARRUSSUL, Luciano Godoy. **ARQUITETURA/URBANISMO/EDUCAÇÃO: O Campus da Universidade Federal de Santa Maria**. 2009. 166 p. (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade / Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

BARROS, Lidia Almeida. A toponímia oficial e espontânea na Cidade Universitária – *campus* Butantã da USP. **Revista USP**, São Paulo, nº 56, p. 164-171, dezembro/2002 – fevereiro/2003.

BELÉN, João. **História do Município de Santa Maria, 1797 – 1933**. Porto Alegre: Ed. Selbach, 1933.

BEVILAQUA, Décio. **Implantação do Campus Universitário de Camobi e Repercussões na Estrutura Urbana na Cidade de Santa Maria**. Dissertação (dissertação de mestrado) – PROPUR / FAU / UFRGS, Porto Alegre, 1994.

BOHRER, Iza N.; PUEHRINGER, Janaina Orso; SILVA, Daniele S.; NAIRDORF, Judith. **A história das universidades: o despertar do conhecimento. Anais da 14ª Jornada Nacional de Educação: a educação na sociedade dos meios virtuais**. In: http://www.unifra.br/eventos/jne2008/fazer_inscricao.asp, acessado em 15 de junho de 2011

BRAGA, Milton. **O concurso de Brasília: sete projetos para uma capital**. São Paulo: Cosac & Naify, Imprensa Oficial do Estado, Museu da Casa Brasileira, 2010.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CASTELLO BRANCO, Alípio Pires. **O “Campus” e a Cidade e o Território Universitário**. In: MEC. Campus Universitário – Textos. Brasília: CEDATE, 1984.

CARDOSO, Edmundo (coord.). **USM: a nova universidade**. Santa Maria: Associação Santamariense Pró Ensino Superior, 1962.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Precisões brasileiras:** sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45. 2002. 341 p. Tese (doutorado) – Disciplina: O projeto arquitetônico e urbano / Universidade de Paris VIII – Vincennes – Saint Denis, Paris, 2002a.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Um depoimento.** Revista ARQTEXTO, Porto Alegre, nº 2 (Ponte Rio-São Paulo), p. 6-17, 2002 b.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. **O espaço da Arbitrariedade.** Revista do Servidor Público, Brasília: FUNCEP, jan/mar 1983, p. 22.

CONDE, Luiz Paulo; KATINSKY, Julio; PEREIRA, Miguel Alves. **Arquitetura Brasileira após Brasília:** Depoimentos. Vol. 1. Rio de Janeiro: IAB, 1978.

COSTA, Lucio. A situação do ensino das Belas-Artes. 1930 *In:* XAVIER, Alberto (org.). **Depoimento de uma geração** – arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 57-58.

COSTA, Lucio. Universidade do Brasil – Memória descritiva. 1936 *In:* XAVIER, Alberto (org.). **Sobre Arquitetura.** Porto Alegre: CEUA, Faculdade de Arquitetura, UFRGS, 1962. p. 67-85.

COSTA, Lucio. Brasília – Memória descritiva. 1957 *In:* XAVIER, Alberto (org.). **Sobre Arquitetura.** Porto Alegre: CEUA, Faculdade de Arquitetura, UFRGS, 1962. p. 264-278.

COSTA, Lucio. O Arquiteto e a sociedade contemporânea. 1952 *In:* XAVIER, Alberto (org.). **Sobre Arquitetura.** Porto Alegre: CEUA, Faculdade de Arquitetura, UFRGS, 1962. p. 230-251.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

CURTIS, William J. R. **Arquitetura Moderna desde 1900.** 3ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

FERNANDES, Ari Vicente. **Campus e meio urbano universitário.** C.J. Arquitetura. Revista de arquitetura, planejamento e construção, São Paulo, n. 4 (Educação), p. 72-91, 1974.

FOLETTTO, Vani Terezinha (org.). **Apontamentos sobre a história da arquitetura de Santa Maria.** Santa Maria: Editora Pallotti, 2008.

GIEDION, Siegfried. **O Brasil e a arquitetura contemporânea.** *In:* XAVIER, Alberto (org.). Depoimento de uma Geração – arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

GIEDION, Sigfried. **Espaço, Tempo e Arquitetura:** o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004

GONSALES, Célia Helena Castro. A preservação do patrimônio moderno: Critérios e valores. *In:* 2º Seminário Docomomo Brasil Norte-Nordeste, 2008, Salvador. **Anais...** Salvador, 2008

GOROVITZ, Matheus. **Os riscos do projeto**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Estudio Nobel, 1993.

GRAEFF, Edgar; RÊGO, Flávio Marinho; GUEDES, Joaquim; LIMA, João Filgueiras. **Arquitetura Brasileira após Brasília**: Depoimentos. Vol. 2. Rio de Janeiro: IAB, 1978.

GRIGOLETTI, Giane; FACCIN, Danielle; ROMANO, Leonora; DIEI, Rocheli. **Campus da Universidade Federal de Santa Maria: história de sua implantação**. anais do seminário ENTECA, Maringá, 2007.

GROPIUS, Walter. **Um vigoroso movimento**. In: XAVIER, Alberto (org.). Depoimento de uma Geração – arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ISAIA, Luiz Gonzaga. UFSM Memórias. Santa Maria: Editora Pallotti, 2006.

LACOMBE, Américo Jacobina. **A cultura jurídica**. In: BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio (org.). História Geral da Civilização Brasileira, tomo II, volume 3. O Brasil Monárquico: reações e transações. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

LIMA, Fabio Jose Martins de. **Maria Elisa Costa**. Entrevista, São Paulo, 10.037, Vitruvius, janeiro de 2009. In: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/10.037/3282>

MACHADO MAHFUZ, Andréa Soler. **Dois Palácios e Uma Praça**: A inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre. 298 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura / Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

MARCHIORI, José Newton Cardoso; FILHO, Valter Antonio Noal (org.). **Santa Maria**: relatos e impressões de viagens. Santa Maria: Editora da UFSM, 1997.

MARCHIORI, José Newton Cardoso; FILHO, Valter Antonio Noal; MACHADO, Paulo Fernando dos Santos (org.). **Do céu de Santa Maria**. Santa Maria: Prefeitura Municipal de Santa Maria, 2008.

MARIANO DA ROCHA FILHO, José. **A terra, o homem e a educação**: universidade para o desenvolvimento. Santa Maria: Editora Pallotti, 1993.

MELLO, Luiz Fernando da Silva. **O espaço do imaginário e o imaginário do espaço**: a ferrovia em Santa Maria – RS. 2002. 160 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional / Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MENDONÇA, Ana Walesca P. C. **A universidade no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, nº 14 (500 anos de educação escolar), p. 131-150, 2000.

MORALES, Neida Ceccim (org.). **Santa Maria**: memória. Santa Maria: Editora Pallotti, 2008.

MULLER, Felipe Martins (org.). **CT 40 anos**: resgate histórico. Santa Maria: Editora da UFSM, 2002.

- NIEMEYER, Oscar. **A Catedral**. Revista Módulo, Rio de Janeiro, nº 11, 1958
- OLIVEIRA, Rogério de Castro. **As Modernidades Eletivas de Le Corbuiser e Lúcio Costa**: Rio de Janeiro, 1936. Revista ARQTEXTO, Porto Alegre, nº2 (Ponte Rio-São Paulo), p. 152-167, 2002.
- PAVEZI, Neiva. **Catálogo seletivo de fotografias**: concretizando um ideal: a cidade universitária da UFSM, de 1960 a 1973. Santa Maria: UFSM, Departamento de Arquivo Geral, 2010.
- PRIETO, Élisson Cesar. **Os desafios institucionais e municipais para implantação de uma cidade universitária**: o campus Glória da Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia / Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.
- RECHIA, Aristilda. **Santa Maria**: Panorama Histórico-Cultural. Santa Maria: Associação Santa-Mariense de Letras, 1999.
- RIBEIRO, André Luiz. **Campi universitários**: desenvolvimento de suas estruturas espaciais. 2008. 220 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.
- ROSSATO, Ricardo. **Universidade**: nove séculos de história. Passo Fundo: UPF, 2005.
- SANTOS, Paulo. A reforma da Escola de Belas-Artes e do Salão. 1966 In: XAVIER, Alberto (org.). **Depoimento de uma geração** – arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 60-63.
- SAURIM, Eduardo. **Crescimento urbano simulado para Santa Maria – RS**. 2005. 140 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional / Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal. **Reproduzindo modelos**: O plano piloto do campus da Universidade Federal de Santa Maria, RS. In: 5º seminário Docomomo Brasil, 2003, São Carlos. **Anais...** São Carlos, 2003.
- SEGAWA, Hugo. Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962. **Revista de urbanismo e arquitetura**, Salvador, v. 5 (Moderno: claro e labiríntico), p. 38-47, 1999.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil**: 1900-1990. 2º edição. São Paulo: Edusp, 1999.
- SILVA, Marcos Miethicki da. **O Hospital de Clínicas de Porto Alegre**: a presença de Jorge Moreira na arquitetura da capital gaúcha. 2006. 222 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura / Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006.
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. 3º edição. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.
- TOLEDO, Luiz Carlos. **Feitos para Curar**: Arquitetura Hospitalar e Processo Projetual no Brasil. Dissertação (dissertação de mestrado) – PROARQ / FAU / UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Pró-Reitoria de Planejamento. Coordenadoria de Planejamento Administrativo. **Evolução da estrutura acadêmica-administrativa da UFSM: 1931-1995**. Santa Maria: editora da UFSM, 1995.

VALDETARO, Oscar; NADALUTTI, Roberto. **Plano Diretor e Urbanização da Cidade Universitária**. In: CARDOSO, Edmundo (coord.). USM: a nova universidade. Santa Maria: Associação Santa-mariense Pró Ensino Superior, 1962.

VILLALTA, Luiz Carlos. **O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura**. In: MELLO E SOUZA, Laura de. História da Vida Privada no Brasil, v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

XAVIER, Alberto (org.). **Sobre Arquitetura**. Porto Alegre: CEUA, Faculdade de Arquitetura, UFRGS, 1962.

XAVIER, Alberto (org.). **Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003

WARCHAVCHIK, Gregori. Acerca da arquitetura moderna. 1925. In: WARCHAVCHIK, Gregori. **Arquitetura do Século XX e outros escritos**: Gregori Warchavchik. Organização: Carlos A. Ferreira Martins. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. p. 33-38.

Sites pesquisados

www.ufsm.br

<http://portal.ufsm.br/indicadores/index;jsessionid=d1ca99a7470f9c7e3b92cfe8aa6f>

<http://jamilair.wordpress.com/2010/07/28/coimbra/>, acessado em 22/06/2011

<http://virtualandmemories.blogspot.com/2010/07/plano-central-do-campus-da-university.html>, acessado em 22/06/2011

<http://virginiasports.cstv.com/school-bio/va-school-bio.html>, acessado em 17 de junho de 2011

<http://www.pr3.ufri.br/pr3/patrimonio.htm>, acessado em 22/06/2011

<http://clubetrekking.wordpress.com/2010/09/05/142%C2%AA-trilha-morro-das-antenas-santa-maria-rs/>, acessado em 22 de junho de 2011

<http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/imprensa/4,1304,3276414,16915>, acessado em 24/06/2011

<http://blog.surfacetoair.com.br/misc/a-casa-modernista/>, acessado em 01 de julho de 2011

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.022/798>, acessado em 02 de julho de 2011

<http://www.educacional.com.br/reportagens/niemeyer/>, acessado em 02 de julho de 2011

<http://www.papodearquitecto.com/2010/01/25/a-vida-de-le-corbusier-obras-teorias-e-projetos/>, acessado em 02 de julho de 2011

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.022/798>, acessado em 02 de julho de 2011

http://constelar.com.br/blog/index.php/dimitri/cat15/aniversariante_do_mes_oscar_niemeyer_par, acessado em 04 de julho de 2011

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/10.037/3282>, acessado em 27 de junho de 2011

<http://www.mar.mil.br/cgcfm/downloads/oanfio/2005anf.pdf>, acessado em 18 de julho de 2011

<http://www.instituicoes.coc.fiocruz.br/index.php/420;jsdiah>, acessado em 18 de julho de 2011

<http://www.fortunecity.com/oasis/seychelles/732/historia.htm>, acessado em 18 de julho de 2011

<http://www.hospitalbelohorizonte.com.br/o-hospital/historia-do-hbh>, acessado em 18 de julho de 2011

<http://www.hcrp.fmrp.usp.br/sitehc/>, acessado em 18 de julho de 2011

<http://nadanovodebaixodosol.blogspot.com/2010/07/hospital-das-clinicas-de-ribeirao-preto.html>, acessado em 18 de julho de 2011

<http://www.flickr.com/photos/gihsanches/4953167328/in/photostream>, acessado em 18 de julho de 2011

http://issuu.com/multiweb38/docs/preview_cat_logo_300dpi, acessado em 12 de julho de 2011

<http://w3.ufsm.br/infocampus>, acessado em 12 de julho de 2011

<http://w3.ufsm.br/infocampus/?p=2915>, acessado em 12 de julho de 2011